O DOM DE SABEDORIA NA MENTE, VIDA E OBRA DE PLINIO CORREA DE OLIVEIRA

II

JUVENTUDE
A SABEDORIA POSTA Á PROVA

LIBRENA EDITRICE VATICANA

A vida do autor desta obra, Mons. João Scognami- glio Clá Dias, EP, esteve inti- mamente relacionada com a de seu protagonista, Dr. Pli- nio Corrêa de Oliveira, líder católico que marcou o século XX de ponta a ponta com o fulgor de sua fé, o brilho in- dom de sabe- mida militân-
dor
cia em prol da Santa Igreja.
No período considerado neste volume, porém, ain- da não se tinha dado o feliz encontro do discípulo com o mestre, que a partir de 1956 marcaria a existência de Mons. João até o falecimen- to de Dr. Plinio, em 1995. Após sua partida para a eter- nidade, a união entre ambos se prolongaria pela sublima- ção dos vínculos com aquele que simbolizou e lhe ensinou a plenitude da catolicidade.

A
Slic
de
or
MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, EP
Volume I:
PLANO GERAL DESTA OBRA
Inocência, o início da sabedoria
Volume II:
Volume III:
O DOM DE SABEDORIA
NA MENTE, VIDA E OBRA DE PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA
- II
JUVENTUDE:
A SABEDORIA POSTA À PROVA
Juventude: a sabedoria posta à prova
Configura-se a missão
LIBRERIA EDITRICE VATICANA
INSTITUTO LUMEN SAPIENTIÆ São Paulo
Volume IV:
Vítima expiatória
Volume V:
Plenitude: "Combati o bom combate"
Cat Ad Vaticano
2016

cana L

187
A vid obra, Mo glio Clá
mament
de seu p nio Cor católico
XX de p Fulgor d
omum
oria e
a em
No
ste
nac
Na Europa:
Libreria Editrice Vaticana
© Copyright 2016 - Libreria Editrice Vaticana 00120 Città del Vaticano
Tel: (06) 69885003 - Fax: (06) 69884716 www.libreriaeditricevaticana.com
No Brasil:
Instituto Lumen Sapientiæ
AL
© Copyright 2016 - Instituto Lumen Sapientiæ Rua Dom Domingos de Silos, n° 238 - sala 11
02526-030 - São Paulo - SP
Tel: (11) 4419-2311
E-mail: lumen.sapientiae@arautos.com.br
ISBN:
978-88-209-9134-0 (Obra completa) 978-88-209-9822-6 (Volume II)
Impressão:
Ipsis gráfica e editora
Tel: (11) 2172-0511

ÍNDICE

PARTE II
JUVENTUDE: A SABEDORIA POSTA À PROVA
O inocente diante da luta
Capítulo 1 - As batalhas espirituais da adolescência e juventude.
14
17
7
A primeira aridez em relação a Da. Lucilia.
17
.23
O custo da fidelidade à visão primeva.
Uma verdade apresentada sob uma falsa luz.
..29
Face às tentações: manter a pureza custe o que custar.
.33
As armas do inocente.
37
Implacável análise da impureza.
.45

"Como é bela a inocência!".
51
Vencidas as tentações, vocação numa sociedade corrompida?....57
Fidelidade ao caminhar entre duas espadas..
62
Nuvens negras no horizonte
.71
Um varão rejeitado, mas enriquecido para o futuro.
.74
Capítulo 2 - Adesão ao Movimento Católico
79
Congresso da Mocidade Católica: aurora de esperanças.....81
Resoluções heroicas.
..87
A Via-Sacra do desafio
.90
Um rosário azul-claro..
.92
Diante da oposição dos mais próximos, reação enérgica.
.92
Acaloradas discussões
.94
Convites à perdição.
.96
Vitória interior e primeira consolação
.98
A sabedoria da Cruz
.100
As convicções e desejos de um jovem de vinte anos.
.102

Sofrimento inenarrável
Volume II
Capítulo 3 - Após a entrega, terrível período
de provação..
Na aridez, a fidelidade. Humildade heroica. Um problema interior
O início de uma provação
A confusão aumenta
Seis meses de tormento.
Índice
107
179
108
"Para Ela tudo é pouco!".
.181
110
Escravo de Maria Santíssima
183

110
112
Livro providencial e profético
Desde a infância, "confiscado" por Nossa Senhora
.186
.189
114
Novena perpétua a Santa Teresinha.
189
116
O abade que precisou de um conselho
195
"Quero ser santo!".
117
A via da imolação e do aniquilamento?.
120
"Faça-se em mim segundo a vossa palavra'
122
A
ora,
o C
me
Uma
Progresso espiritual em meio ao sofrimento.
Interrogações sobre o sacerdócio e a vida monástica
125
127
promessa: a Ordem do Carmo
.129
O profeta, voz de Deus
Especiais dons de intuição
Anúncios, visões e premonições. Dons sublimados com o tempo Prenúncios do profetismo
Capítulo 5 - Profetismo, glória e calvário.
197
198
199
..203
205
.207
Apenas um pedido: a santidade.
.130
O olhar profético de um menino
213
Na Sexta-Feira Santa, uma grande graça.
131
Os três principais objetivos do profetismo
215
seu

C
li
A Confissão e o fim da provação
Por fim, a resposta a uma grande contradição
Enorme consolação em meio aos tormentos O importante auxílio de duas certezas "Fráguas de Amor": um livro providencial. A manteigueira de cristal e as duas lanças. Morte trágica e premonição confirmada Um sorriso do Imaculado Coração de Maria
134
Em 1924, previsões para um futuro próximo. Um aviso ao presidente da República..
.217
220
137
"Não tarda a tempestade...": a carta profética.
222
142
Novas lutas na faculdade
226
143
Um discurso mal recebido
.144
146
Ação Universitária Católica: o choque, a surpresa e a vitória ...230 As discussões com Paxá e os seus resultados
235
.147
.150
Grande surpresa: a força eleitoral dos estudantes católicos....237 A primeira punhalada nas costas: traição na AUC.
.240
.244
151
A Missa de formatura
248
O Céu na terra
Os benefícios da provação...
154
Causas providenciais de um fenômeno
.250
155
As etapas de um plano
Saudades da "transfiguração".
156
Abertura de horizontes, dedicação integral e virgindade
252
254
Capítulo 4
1
Consagração à Santíssima Virgem como

O encontro de duas graças.
255
escravo de amor
Orador, guia e censor dos católicos.
259
159
Uma roda de amigos em torno de Plinio.
.259
Necessidade de construir amplas visões doutrinárias
159
Local muito bem escolhido.
260
Estudo e graças
O desejo de ser mais santo..
Dois pedidos a Santa Teresinha.
"O livro de minha vida"
Um estudo cheio de fervor..
A corte da Rainha-Mãe.
místicas..
161
As conversas do "Grupo do Plinio"
262
164
Excepcional carisma de atração pessoal..
264
164
Na brisa da tarde...
266
.166
Da admiração à comparação.
268
168
Ninguém é profeta em sua própria pátria.
269
174
Inveja da
graça
fraterna, cegueira e rejeição
O Reino de Maria nascendo numa alma
176
Pergunta inesperada e ódio de morte.....
270

Volume II
Índice
Fenômeno místico extraordinário.
Figura simbólica e carisma retirado
339

Um marco na vida espiritual.....
Capítulo 6 - A luz brilha nas trevas.
Os lábios selados e a bênção perdida Início de um martírio em vida Pergunta inevitável.....
.271
..273
..275
..276
As diretrizes de D. Leme: primeira perplexidade A era dos reveses
No centenário do Venerável José de Anchieta
.342
.343
345
..278
A inutilidade da lógica sem a graça.
A verdadeira humildade...
Os perigos da superioridade.
.281
.282
Perspectivas de miséria.
A intervenção que marcou a história da Câmara Perguntas dolorosas.
347
349
.350
.351
.284
No zênite da tragédia.
O tormento da nevralgia.
.352
.285
O grande propósito da despretensão
Um livrinho comprado às pressas.
.354
.287
A obra, glio C
O último chá na Casa Mappin.....
Renúncia categórica a todo egoísmo..
Santidade: deliberação para toda a vida.
..288
Os fundamentos da confiança
"Voz de Cristo, voz misteriosa da graça..."
.355
.359
..291
A maior vitória contra o amor-próprio
.362
.292
A amizade da prima e as lágrimas da irmã.

.294
Cálculo mundano e oferecimento recusado.
.295
mam
de se nio C católi XX d fulgo
Com
As causas e os méritos de uma renúncia.
.297
A Liga Eleitoral Católica
..299
Uma luz oferecida ao Brasil
A irradiação do "lumen Christi"
As vicissitudes da segunda candidatura. Confiança, inocência e profetismo
Fechamento da LEC e convite do Arcebispo
364
.367
369
372
374
A coluna da LEC
.302
"As trevas não conseguiram dominá-la".
Contratempos, interrupção e atividade retomada..
.305
.306
Reivindicações limitadas...
.308
contidos neste volume.
Cronologia dos fatos da vida de Plinio Corrêa de Oliveira
377
387
Viagens, novidades e sucesso.
.308
A LEC na Chapa Única....
.310
Declaração.....
Submissão, obediência e candidatura.
.311
Estupor da família.
313
A dúvida inspirada pela retidão.
314
Ste
a na
Resposta e paz de consciência
Um candidato despreparado?
Humildade e vitória
.315

.318
.319
co
Entre a bênção e a maldição
.323
est arc
Na reunião da Chapa Única, firmeza e ousadia.
.327
Ausente da festa e do banquete
.328
n
A estação de trem,
duas vezes repleta.
.330
O aroma do prestígio, rejeitado.....
.331
Na abertura da Assembleia, gesto de zeio filial
.332
Na apoteose, profundas reflexões.
.335
Um dito inesquecível de Da. Lucilia.
336
Influências benéficas e infortúnios inesperados.
338
10

Dr. Plinio no ano de 1931
PARTE II
JUVENTUDE:
A SABEDORIA POSTA A PROVA

14
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
O INOCENTE DIANTE DA LUTA
riado em estado de graça, o homem foi adornado com dons extraordinários e nada fal- tava a Adão para ser, de fa- to, o rei da criação. Porém, o que se podia comparar à felicidade de um convívio diário, íntimo e amistoso com Deus que "passeava no jardim, à hora da brisa da tarde" (Gn 3, 8)? Qual terá sido o conteúdo das inefáveis "conversas" entre o Altíssimo e sua obra-prima em meio às delícias do Paraíso? Não o sabemos. Certo é que Deus lhe abria a inteligência passo a passo, elevando-o a alturas inimagináveis. Podemos supor versarem muitas dessas considerações sobre as maravilhas da obra dos seis dias, com vistas a fazê-lo crescer no conhecimento e no amor ao Criador.
A criação do homem - Sainte-Chapelle, Paris
Semelhante é o itinerário do inocente. Sempre ávido de admirar as perfeições dos seres que o rodeiam, ele vive à pro- cura de modelos ideais, e se eleva com toda a facilidade, de for- ma quase natural, até Deus. Assim transcorreram os primeiros anos da infância de Dr. Plinio, como já vimos anteriormente. Fiel à sua inocência batismal, a sabedoria lhe abrira os

olhos da alma à para a contemplação dos reflexos de Deus no universo, le- vando-o a admirar tudo quanto é belo, bom e verdadeiro e, em decorrência, a uma firme adesão a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Maria Santíssima e à Santa Igreja Católica.

Como no Paraíso, em certo momento apresentou-se na vida de Dr. Plinio a insidiosa serpente, disposta a arrancar de sua alma as castas delícias da inocência... Se Deus permitiu que o tentador se introduzisse no Jardim do Éden e que o mal se

O inocente diante da luta

estabelecesse na face da terra, foi, entre outras razões, para po- der experimentar a fidelidade dos seus, pois sem combate, no estado de felicidade original, faltaria o heroísmo. Posta a prova, tornar-se-ia patente a veracidade da afirmação de Jó: "A vida do homem sobre a terra é uma luta" (7, 1); luta terrível e constante, da qual advém o mérito àqueles que a vencem. Quanta glória deixaria Deus de receber se o demônio ficasse às portas do "pa- raíso" das almas que vivem na graça de Deus!

Na parte que se inicia conheceremos os aspectos mais sa- lientes das lutas que marcaram a adolescência e juventude de Dr. Plinio, período no qual seu dom de sabedoria enriqueceu-se com um caráter ainda mais combativo, e sua fé multiplicada pela fé manifestou-se na disposição de enfrentar qualquer obstáculo para que o mal fosse derrotado e, sobre seus escombros, implan- tado o Reino do Imaculado Coração de Maria.

+

É nas lutas da vida que Deus experimenta a fidelidade dos seus e lhes dá a oportunidade de serem heróis Ricardo Coração de Leão desembarca com suas tropas em Jaffa, gravura por Gustave Doré

Plinio aos quinze anos aproximadamente,
junto à porta de sua casa

CAPÍTULO 1

AS BATALHAS ESPIRITUAIS DA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

o preparar seus mais jovens discípulos para enfrentar a vida, Dr. Plinio costumava ensinar que certos proble- mas, quando se apresentam, se não forem superados à luz do ensinamento da Santa Igreja Católica voltarão em todas as épocas da existência de modo cada vez mais trágico e insolú- vel. Entre estes destacam-se aqueles que, passada a despreocu- pação dos primeiros anos da infância, surgem com a puberdade.

Nessa idade o menino já não fica satisfeito em seguir sua imaginação pueril, mas começa a refletir sobre certos aspectos da vida humana tais como a necessidade de se preparar para constituir uma família, exercer algum ofício e, sobretudo, formar a sua própria personalidade. Ao mesmo tempo, porque passa a ter uma visão mais ampla do que a concernente a seu pequeno mundo da infância e a se dar conta de que ele é um ser distinto, tende a ver com lente de aumento os defeitos, reais ou supostos, dos próprios pais e, em consequência, a contestá-los.

Surge então a crise da liberdade, que precisa ser superada com acerto, pois senão o jovem poderá escorregar e se entregar às paixões desregradas ou, pelo contrário, ficar aferrado a seus progenitores de modo a não desenvolver sua personalidade. Nessa fase o rapaz deve ser orientado para compreender seu pa- pel na sociedade e, em vista de seu destino sobrenatural, como deve procurar manter o estado de graça recebido no Batismo. De que modo afrontou o jovem Plinio essa nova perspectiva?

A primeira aridez em relação a Da. Lucilia

Como já vimos, na infância de Dr. Plinio sua bondosa mãe fora um verdadeiro espelho vivo a refletir em suas atitudes a

santidade da Igreja e, portanto, um constante estímulo para ele viver sempre à busca de Deus. Porém, em certo período coinci- dente com o desabrochar da adolescência, começou a não mais sentir, no convívio com Da. Lucilia, as consolações de outrora e tinha, às vezes, algumas incompreensões com o modo de ser dela.

Em consequência, embora a continuasse respeitando e reconhecendo suas qualidades, algo mudou em seu relaciona- mento: "Em vez de ser afetuoso e carinhoso ao extremo, como sempre havia sido, passei a ser crítico, sem dizer-lhe desaforos ou impertinências, mas levantando objeções ao que ela dizia e pensava, ou fazendo-lhe perguntas que a penalizavam". Teve, inclusive, umas tantas irritações em relação a ela, das quais não era culpado porque consistiam apenas numa diminuição daque- la primitiva penetração sensível na virtude dela. Da. Lucilia, apesar disso, sempre cuidadosa e segura do melhor modo de educar o filho, manteve-se inalterável no seu trato e, com sábia paciência, preferiu não fazer comentário algum que pudesse vir a agravar a situação.

A tentação de frieza para com sua mãe terminou num dia em que Plinio entrou no quarto quando ela, diante do espelho, penteava-se. Em meio a nova discussão, Da. Lucilia, apreensiva, mas sem perder a calma, deu uma resposta à altura do que seu querido filho precisava.

Ao vê-la tomar tal atitude com tanta elevação de espíri- to, inocência e dignidade, ele pensou, segundo evocaria muitos anos depois: "Mas, olha como ela é boazinha, como é direita! Que encanto de pessoa! Como posso ter me esquecido disso! Afinal de contas, diante dessas aberrações que estou dizendo, ela está me respondendo com firmeza, mas também, com que suavidade! Com quanta bondade, paciência, respeito e carinho! Por que estou fazendo isto, discutindo como um idiota? Quem sou eu, para atormentar dessa maneira uma pessoa tão digna de ser querida, por todas as razões, de todos os modos e a todos os títulos? Ela é a única pessoa que verdadeiramente me quer

1) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2014, v.IV, p.113.

Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude

A doçura e mansidão de Da. Lucilia terminaram
por vencer a tentação que assaltava a alma de Plinio Da. Lucilia em sua residência, aproximadamente aos cinquenta anos
bem! Que afeto ela me tem! E como está chocada com o meu desacordo! A aflição dela é por mim e não por si mesma! Quem tem razão é ela!"2

2) Idem, p.114.

Uma graça especial conquistada pela doçura e mansidão de Da. Lucilia atuara sobre o filho para acabar com qualquer di- ficuldade de trato e, sobretudo, restabelecer a antiga visão. Até o fim da vida dela, já com noventa e dois anos, nunca mais se interrompeu a perfeita harmonia entre ambos. Dr. Plinio, como filho ideal, agiu sempre de modo a se tornar para ela causa de consolo, quando o correr do tempo e sua firme recusa aos ven- tos revolucionários a foram colocando num crescente isolamen- to em seus círculos sociais e até familiares. Sem dúvida, o trans- bordamento de afeto filial compensou com largueza o efêmero desgosto causado nesta fase.

Quantas vezes fatos semelhantes são decisivos na vida de um homem! "Se eu tivesse recusado essa graça e continuasse no caminho em que estava, algo poderia ter cambaleado em minha vida espiritual",3 comentou em certa ocasião Dr. Plinio sobre a correção de rumo nas relações com sua mãe. Diante de uma si- tuação que poderia ter levado a consequências críticas, a sabe- doria o orientou indicando o equilíbrio perfeito entre o afeto devido aos pais e a natural tendência a uma sã autonomia.

Capítulo 1

As batalhas espirituais da adolescência e juventude

Esta era uma preocupante perspectiva aberta, na adoles- cência, a qualquer jovem daquela época: "Quando o rapaz com- pletava quinze anos deixava de usar calças curtas. Os pais man- davam fazer para ele um terno com calças compridas, e esse úl- timo passo no trajar-se como homem era o emblema de que ele havia cruzado um cabo, um marco, um limite que diferenciava o menino do mocinho. [...] Nessa ocasião, o pai lhe entregava a chave da casa [...]. A partir desse momento fazia o que entendia, sem dar satisfações ao pai ou à mãe, e estes não o controlavam mais nem se imiscuíam em sua vida. Assim, essa entrega da chave significava uma espécie de proclamação de maioridade comple- ta, não legal, mas de fato. O menino passara a ser adulto".4

Também nesta etapa, a sabedoria da mãe foi fundamental para preservar a inocência, encaminhar os passos e fazer desa- brochar a pujante sabedoria do filho. Cônscia da grande influên- cia que sobre ele possuía, Da. Lucilia continuou a aconselhá-lo sobretudo no que dizia respeito ao comportamento moral, pois ela nunca teria transigido com a menor falha nesse sentido. Po- rém, ao mesmo tempo, soube respeitar a legítima faixa de inde- pendência que cabia ao jovem Plinio na nova fase:

"Ela acompanhou com muita atenção a minha passagem de menino para adolescente [...]. À medida que eu ia maturan- do, mamãe continuava me acompanhando com bondade e cari- nho, mas tratando-me com certa alteridade, como quem queria ver qual era o fruto da educação dada por ela. [...] Eu via nascer no seu carinho uma nota diferente: o respeito em relação a mim. Ela era mãe de um homem e gostava de respeitar o varão que havia gerado. [...] Eram o amor materno e o bom senso, ilumi- nados pelo amor de Deus".5

Deste modo, Da. Lucilia deixava discretamente o esme- rado cuidado que tivera até então com determinados aspectos da personalidade de seu filho pois, para atingirem sua expressão particular, devia permitir que ele os modelasse por si mesmo. Com muita sabedoria Plinio preservou o necessário, sobretudo

3) Idem, p.124.

Aos quinze anos o jovem deixava de usar calças curtas, recebia a chave da casa e passava a ser considerado adulto Colegas de Plinio no Colégio São Luís, no ano de 1923

4) Idem, p.144.

5) Idem, p.156.

no tocante à Religião e à moral, mas, nunca sem uma razão fun- damentada, mudou em alguns pontos secundários.
No tocante, por exemplo, às convenções sociais, observava que, de maneira bem diferente ao relacionado com os Manda- mentos da Lei de Deus, havia normas de educação consideradas motivos vazios, dando uma antipática nota de ar- invioláveis por tificialidade ao modo de se comportar em público. Nestes casos, sem abandonar em nada a distinção que sempre o caracterizou, Dr. Plinio não titubeava em tomar atitudes contra a corrente, conjugando a lógica e o senso comum nas relações humanas.
"Nessa fase de mocinho, passei a sentar-me com as per- nas cruzadas, o que era estritamente proibido no meu tempo de menino. Não procedia assim diante de senhoras, mas ao con- versar com qualquer homem, por mais velho e respeitável que fosse. Quando muito, dizia: Dá licença? E cruzava as pernas com toda naturalidade. Eu percebia que certas regras de educa- ção daquele tempo haviam tomado um caráter absoluto, quase como princípios de moral que ninguém ousava violar, sob pena de ficar mal. Havia algo de tenso, de esticado e de hostil nesse modo de cumpri-las, que me parecia próprio ao mundo moder- no, e em benefício do qual eram expulsos o amor, a boa vontade e a normalidade.
"Uma dessas normas, por exemplo, era a seguinte: os au- tomóveis de luxo tinham uma pequena lâmpada dentro, para quem precisasse ler. Entretanto, era reputado ridículo andar com essa luz acesa, pois dava a impressão de que a pessoa de- sejava mostrar-se e, então, devia-se circular com a luz apagada. Ora, parecia-me que a vida era mais maleável, mais flexível e mais doce do que tais regras indicavam".6
Também, às vezes, via-se na necessidade de adotar postu- ras mais enérgicas, sobretudo ante os ataques do mal, pois sabia ser isto necessário para sua perseverança: "Nossa Senhora me obteve a graça de perceber que, ou eu lutava como uma fera, ou eu apostatava. Ou eu engolia a Revolução, ou, para não me tor- nar revolucionário e viver numa atitude de tensão com os meus
6) Idem, p.154-155.

colegas revolucionários, eu devia me transformar num batalha- dor. [...] Pensei: 'Ou eu dou vigor ao meu temperamento, ou eu me vendo para a Revolução. Isso eu não quero!'"7
Se Plinio precisasse entrar na liça, com toda a força de sua alma, seria para sair vitorioso, antes de tudo naquela peleja que todo homem deve en- frentar nessa difícil idade: a de manter intacta sua castidade.
O custo da fidelidade à visão primeva
Perdido o dom de in- tegridade pelo qual as po- tências inferiores se sub- metiam à razão, e esta a Deus, quanto mudou a si- tuação do homem depois da expulsão do Paraíso! "Os desejos da carne se opõem aos do Espírito, e estes aos da carne; pois são contrários uns aos ou- tros. É por isso que não fazeis o que quereríeis" (Gal 5, 17). Das conse- quências deste antagonis- mo assinalado pelo Após- tolo, nada há que mais obrigue a criatura humana a letar do que a conserva- ção da virtude da pureza,
7) Reunião, 24/2/1989.

Devido ao pecado original, grande antagonismo se estabeleceu no homem: os desejos da carne passaram a ser opostos aos do espírito Adão e Eva são expulsos do Paraíso, detalhe da Anunciação, por Fra Angelico Museu do Prado, Madri

sobretudo na crucial crise da puberdade. Neste ponto, Plinio de- cidiu resistir de forma irredutível, ainda que em meio a terríveis tentações. Para melhor entendermos o alcance de combate tão esforçado e a profundidade de espírito com que o travou, se- rá preciso que conheçamos sua gênese, voltando um pouco no
tempo.
Para toda criança educada em condições normais, a família projetava uma imagem de grande pureza. Sobretudo no período da Belle Époque, em que, mesmo desconsiderado o aspecto reli- gioso, o ambiente doméstico costumava ser harmonioso e cheio de compostura, o lar dava para um menino juveníssimo a noção de uma existência bem constituída e ordenada. Por isso, Plinio imaginava que o mundo fosse uma ampliação de sua família, na qual o relacionamento era hierático, afável e respeitoso.
Em face disso, e antes de qualquer conhecimento a respei- to da temática concernente à castidade ou impureza, apresen-

tou-se para Plinio o que ele qualificou de "tentação de degustar um mundo sem pecado, aprazível, no qual, entretanto, a inocên- cia estaria presente apenas como uma não-nocência. Quer dizer, um mundo no qual não houvesse pecado, mas que também não possuísse a alvura do sobrenatural".8
Nesse sentido, um fato que ele mesmo qualificou como decisivo deu-se durante uma temporada em Santos com alguns familiares, numa encantadora casa bem próxima à praia. Plinio experimentou verdadeiro contentamento nesse local onde, às tardes, podia tomar deliciosos banhos nas cálidas águas de um mar cujas ondas balouçavam aprazivelmente seu corpo enquan- to contemplava as luzes que, ao cair do sol, iam se acendendo na cidade. Certo dia, este programa vespertino revestiu-se de particular conforto. Ao clima agradável se acrescentava a pers- pectiva de um magnífico risoto de siri no jantar, prato pelo qual Plinio era entusiasta, sobretudo se ele mesmo o tivesse pescado com uma pedrinha, um barbante e um pedacinho de carne como isca. A propósito das impressões tidas naquela ocasião, relem- brava Dr. Plinio: "A vida me pareceu maravilhosa! E a louçania da inocência entrava nisso como um componente, ajudando-me a degustar o mar... Mas, em certo momento, tive uma tentação com o seguinte pensamento: 'Eu tenho aqui absolutamente tu- do quanto basta para possuir uma felicidade perfeita. Se eu me puser a haurir esta alegria, sentir-me-ei perfeitamente feliz. E se a vida só me der isto, ela me proporcionará inteiramente tudo quanto eu quero dela. Sinto-me penetrado pelo bem-estar!"""
É compreensível que alguém tão equilibrado e inocente tivesse a tendência de degustar as legítimas delícias da vida de modo temperante. A princípio, nada de mau havia nisso, pois dar ele ainda não tinha sido convidado pela Providência para maiores passos e, a despeito

dessa "tentação", ele se mantinha fiel às graças recebidas na contemplação do Sagrado Coração de Jesus e da Santa Igreja.
A harmonia, dignidade e compostura da Belle Époque contribuíam para a boa formação das crianças
Da. Lucilia (em destaque) entre seus parentes durante uma quermesse beneficente no Jardim da Luz em São Paulo, no ano de 1908
8) MMF, 28/3/1991.
9) CORREA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.649.
25

Juventude a sabedoria posta à prova
Parte II
su-
Porém, ele logo entendeu que ceder a tal propensão poria uma verdadeira apostasia, não tanto da Fé Católica, mas do altíssimo chamado que sentia dentro de si. Se não resistisse na primeira oportunidade, através de sucessivas concessões em aspectos na aparência inocuos, pois de si não envolviam pecado. terminaria por abrir as comportas de sua alma ao mundo revo- lucionário e deixaria de ser o Plinio que estava nos planos de Deus
Não haveria nessas situações qualquer falta, pois se tratava apenas de deleites comuns, sem transcendência; contudo, a con- cessão a essas atrações, produziria um enfraquecimento em seu pendor pelas sublimidades. Sua reação, portanto, foi categórica e imediata:
"Percebendo confusamente que eu mentiria a mim mesmo e pecaria contra a boa ordem das coisas se renunciasse a essas elevações, pós-se diante de mim uma opção: haurir a felicidade daquele momento, ou reprimi-la por fidelidade a algo de mais alto que eu não via inteiramente, mas que se apresentava a mim como uma privação e um sacrifício.
"E concluí: Não pode ser! Tenho de me privar desse gozo,
a ponto de fazer algumas coisas desagradáveis, senão este riso-
Em certo momento, Plinio percebeu
que as inocentes delícias desfrutadas na praia
de Santos poderiam enfraquecer
sua sensibilidade para o sobrenatural
Uma praia de Santos, na década de 1920
Capitulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
to de siri e este mar, gostosos como são, me arrastarão para baixo e não aguentarei a ex- pectativa do mais alto que me espera.
"Tomei então uma medida interna, dando uma ‘freada' desagradá- vel na minha alma e um ‘arranhão' naquela ale- gria. E resolvi passar a vida inteira com esse ar- ranhão, para não sucum- bir à totalidade de gáudio que se apresentava diante de mim".10
Dando-lhe Deus a gra-
ça de tomar tal resolução, ato de virtude fundamental para o resto de seus dias, Plinio esta- ria em condições de comba- ter essa tendência, tornando mais meritória sua fidelida- de.
Diante da opção entre uma existência cheia de pra- zeres lícitos e uma vida to- mada pelo prisma religioso e metafísico, ele determinou vencer-se a todo momento para não perder a visão mais alta, mesmo à custa de uma crescente incompreensão de seus contemporâneos.

Para manter-se fiel às elevações do espírito, Plinio renunciou a uma vida cheia de comodidades
s tomou a resolução de vencer-se a si mesmo a todo instante
Plinio na praia do José Menino em Santos, por volta do ano de 1922
Assim relatou como, após esse episódio, teve de
10) Idem, p.649-650.
27

Francisco Lecaros
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
enfrentar a batalha: "De vez em quando cessava por completo Por exemplo, eu, que gostava tanto de boas maneiras e do trato em mim o ultramontano" e eu sentia a explosão do contrário. cortês, às vezes tinha gosto de fazer brutalidades com as pessoas. [...] De outro lado, acessos esporádicos de vulgaridade, de lar- gar o corpo e de me entregar a tudo quanto havia de mais banal que passavam, tentações, mas eram também estados de alma em como palhaçadas, brincadeiras bobas, etc. [...] Eram disposições
que o demônio aproveitava para irromper, de repente.
Ao ver a imensa luta que deveria travar ao longo da vida, Plinio teve a tentação de se vender por trinta conivências Judas recolhe as trinta moedas - Capela de Notre-Dame-des-Fontaines, La Brigue (França)
a
"Quando comecei ver, ainda muito menino, que devia lutar contra o am- biente para me conservar eu mesmo, já senti o peso do isolamento e o peso da lu- ta, muito penosos para uma pessoa com o temperamen- to comunicativo e sociável como o meu. [...] De onde vinha a vontade de me en- tregar, de me acovardar, em suma de me vender. Como Judas se vendeu por trinta dinheiros, eu me vende- ria trinta sorrisos, por por trinta aplausos, por trinta conivências. Não era uma objeção, portanto, contra as doutrinas; era pura e simplesmente jogá-las de lado como um fardo, porque elas tornavam a minha vida impossível". 12
11) Dr. Plinio muitas vezes utilizava o termo ultramontano como sinônimo de contra-revolucionário, por referência ao movimento ultramontano que defendeu os direitos do Papado no século XIX, contra o conciliarismo e outros erros doutrinários da época. 12) Reunião, 9/3/1972.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Apesar desses impulsos decorrentes da natureza humana decaída, Plinio, com muito sofrimento, preferiu carregar com amor essa sublime bagagem. Em consequência, não tardou a se acentuarem os choques com seu entorno. Porém, como o ouro é purificado no crisol, esses embates lhe serviram para explicitar ainda mais o altíssimo valor do tesouro de inocência que possuía e sua incompatibilidade com os descaminhos do mundo de sua época. Foi no período das primeiras lides espirituais no interior desse virtuoso menino que uma revelação inesperada acentuou o calor do combate.
Uma verdade apresentada sob uma falsa luz
Tinha Plinio apenas nove ou dez anos quando, mesmo an- tes de sua entrada no Colégio São Luís, um primo mais velho e outros companheiros de infância cometeram um horror. De for- ma violenta e maliciosa como, infelizmente, tantas vezes ocorre entre meninos, revelaram-lhe assuntos que devem ser tratados com toda a delicadeza e prudência. Ele

logo percebeu o que ha- via de repugnante nisso pois, como diria mais tarde, "tal era a impiedade a lhes escorrer pela boca como uma saliva imunda, que no meu juízo eles iriam mentir. [...] De fato, as palavras de- les eram de mentira, embora me dissessem a verdade, por apre- sentarem essa verdade sob uma falsa luz".13 Com autêntica sa- nha contra a inocência de seu interlocutor, aqueles jovens debi- cavam de sua natural ignorância, de maneira a "ficar entendido que o bem contava mentiras lindas, e o mal, verdades feias!"14

Nessas ocasiões, a primeira impressão, não de todo cons- ciente, que costuma assaltar o menino inocente é de uma gran- de decepção com o mundo em torno de si. Para Plinio signifi- cou um choque tremendo pois, em sua simplicidade e candura, seu conceito da virtude parecia ter desabado, não passando de uma bela fachada para ocultar as misérias de uma humanida- de ignóbil e hipócrita. De alguma forma, tudo perdera a bele- za e o colorido, enquanto tal subversão de valores, apresentada

13) Santo do Dia de Sábado, 24/7/1982. 14) Jantar, 21/11/1990.

abruptamente, vinha acompanhada pelo fascínio satânico do absurdo e o convidava com veemência a participar da aparente
alegria que os pecadores ostentam quando andam juntos.

Pior ainda, aqueles meninos, mais velhos e mais experien- tes, sabiam bem que o assunto tratado permaneceria na sua memória e, portanto, voltaria com a fortíssima atração que lhe é própria. Desta forma, era-lhe oferecido "dentro de uma ta- ça asquerosa, um prazer porco mas agradável e até inebriante: Plinio, beba-o!' [...] Outra era havia raiado, em que as conven- ções antigas não tinham mais cidadania e na qual só tinha circu- lação a porcaria. E a nós, meninos de famílias abastadas cabia esse único prazer, não havia outro na vida. Estudos, brio, hon- ra... ah! Tudo passou! Se alguns trabalhavam era a fim ter di- nheiro para praticar a sensualidade; se outros queriam aparecer era para ter títulos para conquistar melhor aquelas com quem eles quisessem praticar a sensualidade. O sentido da vida era a sensualidade, não havia outro". 15

Perplexo diante da "falsa luz" que lhe apresentaram, Pli- nio estava numa situação nova e, longe ainda de entender o problema segundo a doutrina católica, carecia dos meios para desarmar a cilada. Porém, não lhe faltou nessa circunstância o discernimento dos espíritos para penetrar até o fundo a malda-
de
que movia seus interlocutores. Ele os conhecia bem e nunca os vira tão tomados quanto ao levantar esse tema. Dominados pela sensualidade eram, tal como denuncia São Pedro, "levados por suas paixões impuras, [...] insaciáveis no pecar, [...] escravos da corrupção" (II Pd 2, 10.14.19).

Todavia, o mais significativo é que nesse estado de espírito eles manifestavam sua detestação pela inocência daquele meni- no e o desejo de arrancá-la para fazê-lo aderir a eles. Não é des- cabido, portanto, colocar em seus lábios o falso raciocínio dos impios em relação ao justo, recolhido pelo Livro da Sabedoria: "Tornou-se uma censura para os nossos pensamentos e simples- mente vê-lo já é insuportável" (2, 14).

A agudeza de juízo decorrente do dom de sabedoria per- mitiu a Plinio tomar a atitude mais perfeita exigida no momento: de forma peremptória e com indignação, rejeitou ele o estado de espírito daqueles que depois qualificaria com precisão como apóstolos da impureza, pois percebia o quanto a aceitação desse convite o levaria a romper com algo que não era capaz de definir, mas cujo efeito seria "apagar com pedradas uma série de luzes"16 que sentia acesas dentro de si. Eram, segundo sua expressão, luzes da inocência". 17 Afinal, era necessário renunciar ao tesouro inestimável da castidade para, segundo esses jovens insinuavam de modo infame, ser um homem na força do termo.
For St. Louis Tend
AND READ
"as
O modo de ser predominante naquela época contrastava com a educação que Plinio recebera no ambiente familiar
Meninos do início do século XX, em Saint Louis (Estados Unidos)
30
15) Santo do Dia de Sábado, 24/7/1982.
16) Ch, 27/8/1981.
17) (dem.
31
Lewis Hine (NARA)

Plinio manteve-se fiel àquele mundo dourado que vira na infância, e rejeitou com indignação a primeira tentação de impureza Pôr do sol em Amsterdam
Como ficava então aquela concepção ideal da realidade, aquele mundo "dourado" que a inocência lhe revelara na infân- cia? Seria uma quimera? Com um impulso extraordinário, ele respondeu: "O dourado de qualquer maneira existe, não pode não existir. Eu não posso colocar diante dos olhos as coisas não douradas, porque eu quero saber como é o mundo do dourado. O resto eu ponho de lado e depois, um dia, se verá. Mas não é possível que o não dourado tenha destruído o dourado e que o dourado no fundo seja uma fantasia. Isso não é possível" 18 Portanto, ficou-lhe claro ter de haver uma explicação sapiencial para aquele dilema. Ele viria a conhecê-la mais adiante e lhe serviria de arma contra seus adversários, pois Deus não podia ter criado um mundo no qual a virtude fosse inexistente.
18) Conversa de Sábado à Noite, 12/8/1995.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Encerrado este episódio dramático, durante certo período ninguém voltou a levantar-lhe o desagradável assunto, que ficou posto de lado. Ainda mais, ele teve clara consciência de não lhe convir encher a cabeça com aquilo, pois poderia levá-lo a ofen- der a Deus. Afastada assim a primeira tentação, talvez ele não imaginasse ser essa só a batalha inicial da dura guerra que, pou- cos meses depois, arrebentaria às portas do colégio.
Face às tentações: manter a pureza custe o que custar
Como vimos no capítulo precedente," a entrada de Plinio no Colégio São Luís obrigou-o a mudar por completo sua atitu- de face à vida, ao encontrar ali a Revolução disposta a extirpar dele tudo quanto tinha amado até então. Sua natural placidez teve de se mudar em pugnacidade no meio escolar, onde o ódio à virtude tinha sua mais clara manifestação na rejeição da cas- tidade, o que contribuía para distanciar de maneira irremediá- vel Plinio de seus companheiros. A par de todo o cuidado que ele haveria de tomar para manter sua

pureza intacta, deveria combater sozinho a tendência do instinto de sociabilidade de se acomodar ao ambiente hostil que, por força das circunstâncias, tinha de frequentar.
Ao voltar à tona a perplexidade mencionada no subtítulo anterior, Plinio foi procurar esclarecimento onde melhor o po- deria receber: dos lábios de um ministro da Santa Igreja. Um padre jesuíta explicou-lhe de modo conveniente à sua idade, mas perfeitamente claro, toda a doutrina católica a respeito tan- to da excelência da virgindade quanto da honestidade da união matrimonial, especificando qual era a prática da castidade pró- pria a cada um destes estados. Conhecer a inteira verdade lhe demonstrava como ele não tinha errado no julgamento que fize- ra sobre o tema no primeiro momento, e concorreu para avaliar com maior nitidez a situação lamentável em que a impureza ia lancendo todos os seus coetâneos.
Elucidada a questão doutrinária, tratava-se de, na prática, nalecer em nada, sobretudo porque no contexto em que ele vi- 19) Ver Parte I, Capítulo 5.
32
32
33

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Por amor à luz que sentia em seu interior, Plinio pôs-se em guarda contra a sensualidade, arrancando de si uma admirável fortaleza Fotografia da carteira de identidade de Plinio, em novembro de 1925
via as tentações chegavam com grande violência e com facilidade fariam soçobrar a nave de sua alma, como ele relataria: "A ba- talha foi dar de mim mesmo a ideia ilusória quero penosa. Não de um jovem angélico, que nunca teve a baixeza de sentir os estí- mulos da carne. Não me foi fácil preservar a virgindade! Eu, tão pacífico e tão calmo, via em meu caminho uma fenomenal - ta que parecia não acabar mais, para manter o estado de graça. Que enorme e pavorosa dificuldade! Que terrível crise! Tinha a firme resolução de resistir, custasse o que custasse".20
20) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.138.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Esta determinação era árdua, pois, além do aguilhão da própria concupiscência, ele via a cada instante todos os seus companheiros e familiares, ao tomar como ele conhecimento da matéria, sucumbirem às solicitações do pecado e, sem voltar atrás, mudarem logo de mentalidade. Fixados esses meninos no desprezo à Lei de Deus, Plinio, por sua fidelidade, ia ficando cada vez mais excluído de seu ambiente. Em pouco tempo ele deixaria de imaginar que vivia numa sociedade conforme a Nos- so Senhor Jesus Cristo, e passaria a constatar serem no mundo poucos os que não se deixavam escravizar por suas paixões.
De modo análogo aos primeiros combates na vida espiri- tual antes descritos, Plinio sentia-se atraído a, de início, conce- der em pequenas coisas. Era a aparente consequência daquilo que sempre considerara em si uma fraqueza nativa, a preguiça, um dos defeitos mais difíceis de subjugar porque exige justa- mente aquele esforço que se detesta empreender.
Plinio, equilibrado em extremo e amante da ordem, tinha no meio desse entrechoque a inclinação à composição com o mal, ao entreguismo e a não se levantar contra aquilo que per- cebia com nitidez constituir um perigo. Ele ainda desconhecia, pelo menos em relação

à doutrina, o papel da graça na vida espi- ritual. E, ao sentir sua fraqueza, tinha verdadeiro pavor de opor- -se aos estímulos dos instintos desregrados.
Para não ter de lutar e porque, "truculento" como era, quando ele queria algo, o queria por completo, sentia-se insti- gado a dar-se de uma vez ao pecado. Porém, por amor à luz que sentia em seu interior, pôs-se em guarda, arrancou de si aquela fortaleza que The faltava por natureza e praticou a virtude angé- lica sem fissuras:
"Aplicando a norma do agere contra21 de Santo Inácio de Loyola, passei a fazer a análise de tudo quanto era em mim ten- dência velada para a sensualidade, a fim de evitar qualquer con- cessão. Tinha de ser consequente, evitando inclusive as ocasiões mais distantes de impureza e enxotando os estados de espírito
21) o tim: agir contra, ou seja, fazer o contrário do solicitado pelas más tendências do homem.

Parte II
Juventude: a sabedoria posta à prova
Tal foi a combatividade de Plinio nas tentações da adolescência que, quando homem feito, não havia em sua alma qualquer resquício de moleza Dr. Plinio no início da década de 1940 mais remotamente contiguos a ela. Era preciso combater tent ção por tentação, sem nunca conceder absolutamente nada, a transformar a pureza numa segunda natureza".22
É o que anos mais tarde ensinaria a seus jovens discípulos usando a imagem de uma superfície vítrea, lisa, sobre a qual há 22) CORREA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.139.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
uma esfera de marfim, também lisa e regular; e em cima desta, um homem em perfeito equilíbrio. Se este fizer o menor movi- mento, a esfera rola e ele cai. É bem o símbolo da probidade com que ele sabia dever enfrentar quaisquer solicitações impu- ras, e assim o fez até o fim da vida. Maravilha da graça, porque ele chegou a dizer de si que foi a criança mais tendente à moleza que conheceu. Essa combatividade revela, portanto, dois méri- tos: o da virtude em si, e o de praticá-la apesar de tal propensão. Basta olhar as fotografias de Dr. Plinio quando homem feito pa- ra constatar até que ponto, por uma ação do Espírito Santo, ele se venceu, pois nelas não se encontra nem sequer uma sombra da preguiça que ele dizia ter.
As armas do inocente
A firme resolução de manter sua pureza foi, sem dúvida, o fator primordial para Dr. Plinio não escor- lamacentos
regar
pelos barrancos para os quais a maioria dos jovens de sua idade ia-se deixando arras- tar. Mas, para isto, foi-lhe necessário usar de todos os recursos que a Providência pôs a seu alcance, em face da pertinaz determinação do acusador do gênero hu- mano de nos perder, "como o leão que ruge, buscando a quem devorar" (I Pd 5, 8).
"O temor ao Senhor é o principio da sabedoria" (Pr (6) Para evitar o pe- cado, non basta o desejo de andar, bo o temor tem também decisiva influência.
Considerar o castigo eterno daqueles que se condenam pela violação
do Sexto Mandamento foi um incentivo para Plinio não recuar na luta
O inferno, Les très riches Heures du Duc de Berry - Museu Condé, Chantilly (França)

Nesse sentido, o ensinamento recebido dos padres jesuítas a respeito do inferno representou salutar papel. Considerar a fre quência com a qual os homens perdem a graça pela violação do Sexto e Nono Mandamentos e o castigo reservado por Deus aos que morrem na sua inimizade aduziam, na perspectiva daquele adolescente crivado de tentações, um incentivo para não recuar na peleja.

Tal é a atração do pecado que com frequência os homens trocam
sua felicidade eterna por um prato de lentilhas...

Esaú vende a Jacó sua primogenitura, por Matthias Stom

Valia realmente a pena capi- tular e terminar no fogo eter- no? Diante de inesperada morte, ele bem poderia receber como paga não mais o esforço ocasional que lhe era exigido nesta vida, mas um sofrimento intérmino e total. Bem se compreende ter querido Deus mostrar o lugar dos perpétuos tormentos muitos Santos. Porém, Pli- nio deu-se conta de nem mesmo o horror ao infer- no bastar para afastá-lo das tentações, pois a atra- ção do pecado é tal que,
com frequência, leva o homem a trocar sua primogenitura por um efêmero prato de lentilhas (cf. Gn 25, 29-34). Era necessário valer-se de algo a mais...

Quanto maior é a vocação, maior é o risco diante da me- nor condescendência ao pecado. À grande Santa Teresa de Ávi- la,23 por exemplo, foi mostrado o local que lhe corresponderia
no inferno caso tivesse perseverado no caminho mundano, no qual apenas concedera em algo à vaidade. Também Plinio sabia bem que, se tivesse uma queda, o seu pecado teria muito mais gravidade que o dos seus colegas.

23) Cf. SANTA TERESA DE JESUS. Libro de la vida. C.XXXII, n.1-7. In: Obras Comp tas. 4.ed. Madrid: BAC, 1974, p.143-145.

E os efeitos de tal consentimento seriam terríveis, segundo afirmou: "[Isso] quebraria em mim mesmo alguma coisa, à ma- neira de alguém que amputasse um membro; tirar-me-ia aquela bela placidez a que estava habituado e faria cessar o cântico an- gélico que sentia dentro de mim; seria uma pedrada que eu joga- ria nesse paraíso interior, maravilhoso e sapiencial, nesse mun- do de porcelana e de cristal, através do qual se filtrava a própria luz de Deus. Eu me abriria para a ignomínia, degradaria a mi- nha vida, apostataria da minha mentalidade mais cedo ou mais tarde, largaria os meus valores de modo irremediável e perderia minha alma para sempre. [...] Assim, a batalha da pureza me fez entender melhor a relação entre a atmosfera adamantina em função da qual eu me movia desde pequeno - a minha inocência primeva, no fundo - e todo o panorama da Igreja Católica e do mundo sobrenatural, do qual a impureza era o contrário repug- nante, repulsivo e censurável".24

Deste modo, pelo contato com aquele ambiente penetrado de vulgaridade, sujeira e sensualida- de, o amor extraordinário pela ordem do universo que possuía fortaleceu-se e tornou-se mais rutilante.

Da. Lucilia era como um oásis onde Plinio podia respirar essa "atmosfera adamantina" e reconfortar-se. Graças a uma profunda ação santificadora do Espírito Santo, ela praticava a castidade com tal perfeição, que se tinha a impressão de nem sequer um mau pensamento ou desejo ter chegado a configurar- -se na mente ou no coração dela, pois passaria como um relâm- pago, à distância. Ora, o corpo da pessoa que abraça a castida- de torna-se espiritualizado e sua alma, divinizada; por isso, ao aproximar-se dela sentia-se, de alguma forma, a Deus habitando realmente no justo.

Sua mãe espargia em torno de si "uma suavidade, uma bondade e uma amabilidade, aliadas à exigência em matéria de princípios. Mas essa exigência fazia com que os bons princípios sorrissem. Enquanto outras pessoas eram levadas a ter uma fi- sionomia carrancuda, de alguém doente dos nervos, no ambiente

24) CORSA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.149-150.

guerreiros, mas sorri-

Desta forma, só pela ação de presença, Da. Lucilia

pro-

para

tegeu muitíssimo a pureza de Plinio e lhe serviu de exemplo: ao prazer, à tranquilidade e à limpeza de pensamento de uma "Ela pôs em minha alma a ideia de que [...] nada é comparável pessoa pura".26 Portanto, "ao conversar com ela, ou apenas ao permanecer perto dela, qualquer tentação desaparecia! Não por um milagre, mas porque ela possuía tal elevação de espírito que, ao me aproximar dela, sentia-me tão elevado que o assunto saía da minha mente. Nessa fase da adolescência, ela não foi mim como um comandante que dá diretrizes, mas como uma música no campo de batalha. Ela criava o ambiente, a atmosfera dentro da qual eu sentia alento e ia compreendendo a posição que deveria tomar frente aos problemas. De maneira que o con- vívio com Da. Lucilia deu-me um possante auxílio, do ponto de vista da pureza, indefinido e incomparável, sem ter sido ela uma mentora direta e explícita nessa matéria".27

Deste salutar efeito da companhia de Da. Lucilia pode dar fé o Autor, pois teve a ventura de tratar com ela quase diariamen- te nos últimos meses de sua virtuosa vida. Contemplando-a, ou- vindo sua voz, vendo seu modo de gesticular, se percebia um im- ponderável de virgindade. Ora... era uma senhora casada! Como explicar isto? Embora sempre exímia cumpridora de seus deveres de esposa e mãe, ela sentira a vocação religiosa na juventude e só a disposição paterna a fez seguir a via matrimonial. Quiçá por isso, mas sobretudo por ter aquela finura de espírito que implica numa contínua tendência a considerar tudo pelo prisma mais ele- vado, ela tomava em relação a certos aspectos do casamento a dis- tância própria a quem é puríssimo e vive no estado matrimonial com inocência. Penetrada por intensa espiritualidade, possuía ela o hábito de fugir das regiões tenebrosas do pensamento e se vol tar para a consideração das realidades celestes. Daí esse influxo sensível de virginalidade que sua presença produzia.

25) Palavrinha, 15/1/1982.

26) Idem.

27) CORREA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.145.

Até o fim de sua virtuosa vida, a presença de Da. Lucilia produzia um influxo sensível de virginalidade
Uma das últimas fotografias de Da. Lucilia, tirada pelo Autor
João S. Clá Dias
Continua Dr. Plinio: "Ela era o parapeito que me resguar- dava do abismo, era o muro que me separava das regiões obs- curas e nefandas do meu próprio ser, e era, portanto, a minha própria defesa".28
Contemplativo desde a mais tenra infância, não foi difícil ao jovem Plinio compreender que o equilíbrio e a sanidade de pensamento estão intimamente ligados à prática íntegra da vir- tude da castidade. Por isso vigiava com empenho sua imagina- ção para não se extraviar para onde ele não queria. Adolescente novel cas lides do espírito, soube, contudo, com a maestria de um experiente diretor de almas, conceber sozinho os métodos mais sapienciais para isto.
28) Reun, 9/3/1972.

Ele mantinha na memória uma lista de temas honestos nos quais The comprazia pensar na hora da tentação. Este singular estratagema revestia-se, também, de outros aspectos. Dr. Plinio contava que em certas circunstâncias fazia o cómputo mental das delícias castas e inocentes de que podia desfrutar, as quais compensavam com largueza o sacrifício de resistir às más soli- citações. Para ele, por exemplo, tomar um bom sorvete numa tarde quente de verão e saboreá-lo com agrado era um modo de consolidar o amor à pureza, pois desta virtude lhe advinha a capacidade de fruir de modo temperante de sua degustação. Em outras circunstâncias, era-lhe motivo de não pequena consolação a contemplação dos cisnes que deslizavam, limpos e aristocráticos, no lago do Jardim da Luz, como a proclamar a beleza da castidade.
Limpos e aristocráticos,
os cisnes pareciam proclamar
a beleza da castidade
Ao lado: postal do início do século
representando os cisnes
no lago do Jardim da Luz

Por fim, este período foi apro- veitado pela Providência para indu- zir Plinio a dar importantíssimo pas- so adiante em sua vida espiritual, pois uma das fases mais duras de toda a pro- vação veio a coincidir com a graça rece- bida por ele diante da imagem de Maria Auxiliadora no Santuário do Sagrado Coração de Jesus.29 À vista dessa co- municação de Nossa Senhora, que, como vimos, marcou de modo per- manente sua existência, ele com- preendeu só poder obter as forças para perseverar mediante uma fervorosa devoção à Mãe Puríssima.
Ele era muito novo e, embora habituado, sem dar-se conta, à mais alta forma de oração, que é a con- templativa, até esse momento não tomara o hábito da oração vocal. O fragor da batalha o moveu a este avanço, pois tanta era a dificuldade que chegou a pensar que

não con- seguiria vencer: "Comecei a rezar e rezar a Nossa Senhora: 'Os outros são melhores do que eu e não preci- sam de milagre para serem puros; eu preciso, porque eu não me aguento,
"Ela torveio e me deu forças novas" Imag& Nossa Senhora Auxiliadora - Sameny do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo
29) Ver Parte I, Capítulo 5: "Sal- vai-me, Rainha!"
Stephen Nami

44
Colégio São Luís
Juventude: a sabedoria posta à prova
Numa das fases mais duras da vida, Plinio perseverou mediante fervorosa devoção à Mãe Puríssima Plinio no Colégio São Luís, em 1924
Parte II
eu preciso! Dai-me uma força qualquer para eu conseguir a pu- reza"".3
9 30
O socorro d'Aquela que é Consoladora dos Aflitos nache fez esperar: "Ela interveio e me deu forças novas. Aquele racão das tentações foi apaziguado e empurrado de lado, e ed
30) Santo do Dia de Sábado, 18/8/1984.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
comecei a gozar de um período extremamente agradável de tranquilidade, de segurança e de paz no hábito da prática da cas- tidade. [...] A devoção a Nossa Senhora fez-me perseverar na pureza e espero que Ela me conserve assim até a morte! Adquiri para todo o sempre a persuasão de que, sem o auxílio da graça de Deus, é impossível ser puro".31
Ao considerar em seu conjunto a multiplicidade de aspectos deste longo combate pela castidade na fase mais perigosa da vi- da, bem podemos concluir: embora Plinio não percebesse isto, porque lhe tiraria o mérito, ele recebeu uma sustentação espe- cialíssima para manter sua pureza imune às sordidas insinuações do pecado e, sobretudo, enriquecida pela prova. Pureza levada com seriedade e severidade, pureza comprada a ferro e fogo, com muita energia, mas, sobretudo, pureza obtida pela oração confiada à Virgem Santíssima pois, quando as leis inferiores se levantam como um clamor, só é possível vencê-las amparado pe- Ela alcançada. la graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, por
Implacável análise da impureza
por
"O homem espiritual [...] julga todas as coisas" (I Cor 2, 15). Ao lembrar estas palavras do Apóstolo, ponde- ra São João da Cruz: "Aqueles que têm o espírito provado com muita facilidade podem conhecer [...] o que há no coração [...] e as inclinações e aptidões das pessoas; e isto indícios ex- ternos, ainda que sejam muito pequenos, como palavras, movi- mentos e outras mostras".32 Este belo pensamento do Santo re- formador do Carmelo pode-se aplicar com muita propriedade a Plinio quando, acrisolado no cadinho da provação, viu aguçada sua profunda percepção das almas e da luta entre o bem e o mal, que travou desde a mais tenra infância.
Auxiliado pelo carisma de discernimento dos espíritos e por um senso de reversibilidades que lhe permitia estabelecer analogias com toda a facilidade, analisando pequenos sintomas,
311RREA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.209.

32) OÃO DA CRUZ. Subida del Monte Carmelo. L.II, c.26, n.14. In: Obras Com- plats Red Madrid: BAC, 2005, p.385.
45

46
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
a luxúria produzia nas almas e até nas exterioridades de seus co- o jovem Plinio teceu uma análise implacável das devastações que etâneos. Conhecer algumas de suas inúmeras apreciações sobre o modo de ser dos companheiros, dominados pela paixão carnal, revela-nos o quanto a sabedoria "atravessa e penetra tudo, à sua pureza" (Sb 7, 24).
gra-
ças Amante da verdadeira paz, isto é, da tranquilidade da or- colegas dem, Plinio ficava agredido ao ver, por exemplo, seus de colégio correrem uns atrás dos outros, batendo-se e escoj- ceando-se com brutalidade, incapazes de degustar a serenidade. Conexo à impureza, esse estado de espírito convulsionado era contrário àquela harmonia que ele sempre prezara no ambien- te familiar. Observou juntar-se de maneira irremediável a este conjunto de defeitos a sujeira física. Para ele ficava claro ser esta apenas um símbolo sensível do que se passava no interior desses meninos: eles tinham afinidade com a falta de limpeza por ser concorde à impureza que lhes manchava a alma.
De forma análoga, pela procura constante de sensações, todas as suas atitudes ficavam marcadas com o selo da intem- perança. Das alegrias arrebatadoras que mostravam estando em conjunto, passavam à tristeza mais soturna quando se en- contravam consigo mesmos na solidão; mudança de estado de alma própria de quem vive à procura do prazer impuro, mas percebe não estar ali a felicidade infinita ansiada pela natureza humana.
Em consequência, eles viviam se alanhando, revolvendo a consciência e se martirizando, a oscilar entre esses dois ex- tremos. Tal dicotomia passava a influenciar um dia a dia sem- pre mais conturbado, em aspectos tão comuns como o sono, a alimentação ou quaisquer outros. A esse respeito, observava Dr. Plinio: "O impuro, quando era acordado pulava da cama e já começava a querer se mover, dando sinais de uma conscien- cia desassossegada. Ele não tinha os estados de transição, pe- los quais se passa com nobreza e delicadeza, sem excessos. Os meninos impuros não comiam muito durante as refeições, mas depois, em horas malucas, tinham acessos de gulodice e se ser- viam de modo intemperante. As vezes, eu os via em alguma con-
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Alunos do Colégio São Luís, em 1920
feitaria: mandavam vir três, quatro ou cinco empadas de uma vez e comiam precipitadamente, bebendo depois um refresco às pressas. Eu via que eles queriam satisfazer certo vazio interior, o que os levava a se empanturrarem".33
Ficavam, assim, delimitados na mente de Plinio dois mun- dos diametralmente opostos. Tudo isso nada tinha em comum com o ambiente de pureza, elevação de espírito e temperança sintetizados com tanta perfeição em Da. Lucilia e manifestados na limpeza, no bom odor, no trato suave, agradável e acolhedor. Este notável contraste o ajudou a possuir melhor compreensão de um dos principais males do pecado de impureza: a completa desordem do ser! Este era o salário a pagar por um prazer pas- sageiro.

De fato, a luxúria faz estragos na alma de quem se entrega a suas vorazes labaredas e, talvez, uma de suas piores sequelas seja enfraquecer a vontade que, afastada de sua finalidade so- brenatural, acaba escravizada. Perdido o controle daquela que
33) CORREA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.148.

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
48
faz o papel do timão no navio, inevitáveis são os efeitos sobre as demais faculdades do homem.
A inteligência, que deveria indicar o rumo como um farol. se torna embotada, cheia de véus, até desembocar numa ceguej. ra do entendimento.34 Era o que Plinio notava nos meninos im- puros, incapazes de se deter em assuntos sérios, pois viviam com a cabeça, na melhor das hipóteses, povoada de bobagens. Enfim, eles terminavam por deformar de tal maneira sua mentalidade que só se aquietavam na consideração de temas sensuais, como uma monomania a lhes tirar qualquer interesse pelo resto. O ví- cio tinha-lhes deturpado tanto o gosto que reduziam todas as suas apetências ao prazer.
À maneira do navio sem timão, a alma impura perde o controle de sua vontade, com desastrosos efeitos sobre as demais faculdades
O arco-íris, por Ivan Konstantinovich Aivazovsky - Galeria Estatal Tretyakov, Moscou
34) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. II-II, q.153, a.5.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Isto acarretava um tremendo desvio no relacionamento humano. Obcecados na ânsia egoísta de fruir, a impureza os distanciava até do autêntico afeto familiar e, por conseguinte, os fazia ignorar a verdadeira noção de amizade. Esta nasce do amor a Deus, se baseia no desinteresse e consiste em desejar aos outros, sobretudo aos mais próximos, a salvação eterna, dei- tando para isso todo o empenho em lhes fazer o bem. As falsas amizades dos luxuriosos, originadas no sentimento, no egoísmo ou no amor-próprio, se construíam sobre qualidades naturais, afinidades meramente humanas ou razões pragmáticas e, por- tanto, não tinham consistência e se desfaziam com facilidade.
Qual era o tipo de homem adulto que emergia de tanta turbulência? Analisando seu círculo de relações, o sábio e ino- cente olhar de Plinio penetrou no âmago do problema: "De duas, uma: ou um sujeito amolecido medonho, a ponto de ficar uma pasta mole, preguiçoso, lerdo, pensando o tempo inteiro em temas desse gênero, incapaz de estudar, refletir, fazer qual- quer coisa; ou, pelo contrário, uma pessoa frenética, sedenta de ganhar dinheiro, porque vê na fortuna um meio de se impor".35
A aproximação entre o pecado contra o Sexto Mandamen- to da Lei de Deus e o delírio da ganância traz à lembrança as palavras de São Paulo aos efésios: "Quanto à fornicação, à im- sob qualquer forma, ou à avareza, que disto nem se faça pureza, menção entre vós, como convém a santos" (5, 3). Ficou claro para Dr. Plinio que quem vive atrás do dinheiro terá mais difi- culdade em praticar a virtude da pureza, e o impuro terá apreço em demasia ao dinheiro.
Discernir com tanta acuidade o grau de desordem estabe- lecido na alma de quem se entregava à luxúria foi de grande pro- veito para o jovem Plinio pois, se ele rejeitava este vício por ser pecado e ofender a Deus, seu repúdio cresceu ao verificar que lhe introduziria na alma uma inversão de valores perturbadora da verdadeira paz experimentada até então, e romperia "o com- passo da sabedoria, o qual queria acima de tudo".36

35) Santo do de Sábado, 10/12/1983.
36) Santo do Da, década de 1970.
49

50
Sharan Shetty
hages)
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Na pureza ele sabia encontrar o "estado de vida mais feliz que o homem possa ter neste mundo! Antes de tudo, por sentir a boa ordem dentro de si e a prioridade do espírito sobre a ma- téria, da vontade sobre os acessos desregrados da sensibilidade [...]. Tudo ficava diáfano, tudo ficava luminoso, tudo ficava fá- cil, a inteligência abria as asas [...], a força de vontade tomava um voo extraordinário [...], a consciência permanecia alegre, e o indivíduo tinha uma das coisas mais agradáveis que há: ele se respeitava a si próprio!"37
Em síntese, observamos como, por singular desígnio de Deus, Plinio teve, desde que nasceu, um temperamento sereno e tranquilo, adequado à conservação da sabedoria que nele come- çava a dilatar-se. Levado a buscar as razões mais profundas de todas as coisas, percebia com enlevo haver uma harmonia muito grande entre sua retidão interior e a boa ordenação do mundo externo. Assim, após ter resistido ao assalto da impureza e explicitado com suma nitidez seu horror a ela, concebeu uma repulsa categórica a esse vício trepidante e frenético.
A pureza abre as asas da inteligência e faz a vontade tomar um voo extraordinário. É o estado mais feliz que o homem pode ter nesta terra!
37) Almoço, 11/3/1986.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
"Como é bela a inocência!"
Deus prova a quem Ele ama! Tal como o Pai permitiu que o Espírito levasse Nosso Senhor Jesus Cristo ao deserto para ser tentado (cf. Mt 4, 1), todos os batizados temos de padecer tentações enquanto filhos do Padre Eterno, irmãos e coerdei- ros do Verbo e templos do Espírito Santo. A tentação, portanto, não é de si prejudicial, desde que sigamos o exemplo do Divino Mestre, pois através dela adquirimos méritos para a eternidade, além de força, experiência e sagacidade para vencermos o de- mônio no futuro. É por isso que quando a pessoa começa a subir a montanha da perfeição as tentações aumentam, como se pode comprovar na vida de todos os Santos.
Também Plinio, sob o orvalho da graça de Nossa Senho- ra Auxiliadora, viu por fim premiada sua resistência contra os ardores da concupiscência: "Aos poucos as tentações cessaram e originaram uma situação proveniente, creio eu, de um auxí- lio sobrenatural: em nenhuma idade posterior estive sujeito ao aguilhão da impureza. Se quisesse estaria, mas tinha liberdade de estar ou não estar. Dou graças por nunca haver querido, nem cedido, pois não era mais uma decisão difícil. É como quem brinca: se quiser, para de brincar. Mas não era um desastre, não sentia uma torrente em mim. Esse cessar da atração da impure- tenho a certeza de ter sido um favor de Nossa Senhora, com a compreensão simultânea, cada vez mais intensa, da felicidade da alma casta, ao contrário do cortejo de inquietações, agitações e torcidas da tentação contra a pureza".38
za,

Esse período, portanto, tinha significado para Plinio um amadurecimento precoce, a ponto de ele sentir estar resolvido por completo e para o resto de sua vida o problema da pureza. Por ter sabido renunciar com integridade às sugestões pecami- nosas da primeira hora, a prática desta virtude deixara de ser um martírio para se tornar uma segunda natureza, e as muitas cir- cunstancias perigosas que no futuro deveria enfrentar não mais teriam aquela tempestuosa força de sedução que só um milagre da graça permite superar.
38) MNF, 26/6/1986.

Gustavo Kralj
Quem segue o exemplo de Nosso Senhor no momento da tentação, prepara-se para vencer o demônio nas adversidades futuras
A tentação de Jesus - Catedral de Gloucester (Inglaterra)
O Autor se pergunta se essa disposição não é, em certo sentido, superior à confirmação em graça. Com efeito, median- te esta a pessoa é protegida contra qualquer queda, mas pode não ter noção disso. Com Plinio, entretanto, houve uma adesão de alma tão grande à sabedoria que, mesmo se o pecado se lhe apresentasse com todas as suas fatais atrações, percebia em si que sua réplica seria uma recusa terminante por causa do amor a Deus nele infundido.
Um dos fatos mais reveladores de como foi bem-sucedido nessa conquista aconteceu pouco antes de ele começar seus es- tudos universitários. Naquele tempo, as provas dos centros de ensino privado não eram reconhecidas pelo Governo e, por isso, quem os frequentava devia ser avaliado em todas as matérias por colégios públicos. Quando Plinio concluiu o ciclo secundário,

dedicou o ano inteiro de 1925 à preparação para esses exames num curso especializado. Porém, apesar de sua aplicação, havia certas disciplinas, como Física, Química e História Natural, para as quais não tinha pendor por serem incompatíveis com seu fei- tio de espírito e receava não ter o êxito requerido. A fim de evi- tar imprevistos desagradáveis, ocorreu-lhe propor a Da. Lucilia um jeito para se sair bem da situação.
Como, então, as escolas do interior do Estado de São Pau- lo eram bem menos exigentes do que as da capital, entre os jo- vens de sociedade não era raro se inscrever numa delas a fim de lá serem examinados com menor risco. Plinio viu nisto uma garantia para a obtenção do diploma ginasial que lhe abriria as portas para o vestibular da célebre Faculdade de Direito do Lar- go São Francisco. Embora Da. Lucilia fosse rigorosa com os es- tudos, compreendeu sem dificuldade o problema de seu filho e a conveniência de consentir na sugestão.
A cidade escolhida foi Ribeirão Preto, pois em certas oca- siões a família ia descansar em grandes fazendas que alguns parentes possuíam nas redondezas. No entanto, nesse período
Vista panorâmica da cidade de Ribeirão Preto, no início dos anos de 1930

Maria Lúcia de Oliveira Machado (Acervo Particular)

HOTEL
BRAZIL
Hotel Brazil em Ribeirão Preto, onde Plinio se hospedou no ano de 1925
Parte II
o município tinha adqui-
rido muito má
reputação
por seus costumes dissolu- tos e, querendo preservar a inocência de seu filho, Da. Lucilia preferiu evitar
que ele ficasse hospedado num hotel. Ela escreveu a uns contraparentes resi- dentes ali para pedir que o acolhessem em casa du- rante aqueles dias, sendo atendida com a maior be- nevolência.
Chegada a data das provas, no fim de 1925, Ocorreu um imprevisto. Quando Plinio apresentou- -se na casa daquela família, o quarto a ele destinado estava ocupado por outro familiar deveria passar que ainda uma noite na cidade. Não havia outra saída a não ser pernoitar num hotel. Dirigiu-se ao melhor da cidade, mas também ali estavam todos os lugares tomados. Tendo revisado a lista de hóspedes, Plinio verificou en- contrar-se entre eles um moço conhecido seu que não se impor- taria de compartilhar o quarto. Por isso, combinou com o dono de colocar mais um leito nesse cômodo e tudo ficou resolvido.
Cansado da viagem, Plinio jantou e foi se recolher cedo. No primeiro momento, não ponderara que aquele jovem leva- va uma vida completamente devassa, mas, ao constatar que não aparecia, deu-se conta que devia estar em maus lugares com ou- tros rapazes. Uma aflição o assaltou, pois ele bem poderis apa- recer ali em péssima companhia... o que de fato aconteceu.
Já era tarde quando um vozerio vindo do corredor desper- tou Plinio de um sono leve. Logo percebeu que alguém se apro-

ximava... eram passos de duas pessoas e na conversa distinguiu uma voz feminina. Suas piores previsões se estavam realizando, pois seu companheiro e uma mulher de má vida ali ingressa- riam, decerto com intenções indecentes em relação a ele. Por suas palavras, ficou-lhe claro que ela havia sido avisada de sua presença, pois o rapaz estava comentando alguns aspectos de sua personalidade, entre eles o da prática da castidade.
Como se sairia dessa situação sem macular sua pureza nem criar uma cena ridícula e desprestigiante? Se fosse preciso, ha- veria de brigar! Encomendou-se naquele momento a Nossa Se- nhora e, apesar de seu coração palpitar com toda a força, resol- veu fechar os olhos e respirar profundamente como se estivesse dormindo, à espera do que pudesse ocorrer. Quando entraram no quarto, acercaram-se da cabeceira da cama, pois a mulher manifestou o desejo de vê-lo de perto. Parecia quase chegada a hora de intervir quando, de repente, ela exclamou com pronun- ciado sotaque luso:
Veja como ele dorme!
Como se tivesse entendido a razão que motivara essa súbi- ta surpresa, o jovem completou:
- Dorme. Ele é um inocente.

Impressionada com a pureza que entrevia naquele que na realidade não dormia, mas rezava aflito e empenhado, ela não resistiu e exclamou várias vezes:
- Como é bela a pureza! Como é bela a inocência! Como dorme a inocência!
E, não ousando ofender aquele contra quem pouco antes dirigia seus maus propósitos, preferiu abandonar o aposento que, embo- sem deixar de repetir pelo corredor esse testemunho ra viesse do fundo da lama, era franco e certeiro. Uma miserável que vivia no abismo do vício tinha se encantado ao olhar para a pulcritude de alma de quem, à custa de muita luta, era virgem, e por isso saíra reconhecendo e elogiando aquela inocência sobre-maneira bela.
Quando eles se foram, Plinio, aliviado e agradecido a Nossa Benhora, conseguiu retomar o sono com o sossego habitual e no
55

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
OS como se
dia seguinte partiu o mais cedo possível, sem trocar qualquer pa- lavra com aquele que tentara perdê-lo, e ainda dormia. Assim analisou Dr. Plinio, tempos depois, o ocorrido: "Essa recorda- la pobre mulher de Ribeirão Preto, ao chegar ali, viu um rapaz ção jamais saiu do meu espírito, pois o fato dizia muito. Aque- sério que levava uma vida inteiramente casta e, portanto, não fazia senão o mais elementar na vida de um católico: cumprir Mandamentos! Mas ela sentiu algo de imponderável, visse uma representação da pureza, uma gota de lumen Christi Deixou-se comover e recuou, respeitando minha inocência. Era a atitude de quem estava numa situação péssima, mas sentia remorso pela própria inocência perdida, batia no peito e dizia: Como é belo o que eu perdi! Que perda medonha eu tive, e que tesouro ele conserva!' Foi o episódio de minha vida em que a inocência transpareceu de modo mais evidente, numa espécie de auréola de luminosidade". 39
0
De fato, se a pureza é uma virtude de pulcritude sem igual que orna de luz as donzelas que a abraçam, quando pra- ticada por um homem de maneira íntegra exige tanta coragem que adquire características mais perfumadas e grandiosas. Por isso, para Plinio foi um verdadeiro estímulo ver confirmado deste modo o altíssimo valor do sangue que tinha deitado ao que forjar a paz em si mesmo longo dos anos. Diz São Tomás 40 e nos demais, ou seja, estabelecer a tranquilidade da ordem em torno de si, é próprio do sábio. Este atributo pacificador da sabedoria, em especial no que diz respeito à virtude da pu- reza, pôde ser comprovado ao vivo por aqueles que tiveram a felicidade de conviver com Dr. Plinio de perto. O Autor dá fé de que ele criava em torno de si uma atmosfera de castidade. Contemplá-lo, portanto, constituía um refrigério neste mun- do onde estadeia a luxúria e, tal como com sua mãe, acontecia com ele: na sua proximidade as tentações desapareciam. Era o fruto dessa conquista alcançada a ferro e fogo durante meiras tentações da adolescência.
pri-
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Vencidas as tentações, vocação numa sociedade corrompida?
Portador de uma mentalidade que havia entrado em irre- mediável choque com a modernidade, havendo superado, enfim, a fase mais delicada da puberdade, chegava Plinio à juventude com uma interrogação em seu espírito. Deveria ele considerar a possibilidade

de afastar-se dessa sociedade corrompida para vi- ver uma vocação de pura contemplação até o momento de partir para a eternidade? Pelo contrário... apesar da pressão que sofria, ele não sentia em si, de maneira alguma, um chamado desse gê- nero e, embora não tivesse definido qual seria seu futuro, ca- da vez lhe ficava mais claro possuir uma missão providencial a desenvolver em seu próprio meio social. Portanto, não o devia dentro... por abandonar, mas sim transformá-lo

Isto não era tarefa simples. O círculo em que Plinio nas- cera era constituído pelo conjunto das famílias mais tradicio- nais da então pequena cidade de São Paulo, núcleo muito fe- chado onde todos eram mais ou menos parentes e conheciam a vida dos demais, havendo uma série de normas não escritas cuja transgressão implicava numa "excomunhão" ipso facto.

39) CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., v.IV, p.406. 40) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.45, a.6.

Por um absurdo, a virgindade era uma virtude exigida apenas às moças e não aos jovens varões

Moças durante uma festa da sociedade paulista no início do século XX - Fotografia extraída da revista A Cigarra, janeiro de 1915

Se estas fossem apenas regras de comportamento conformes realidade era outra. Não obstante o convívio social ainda fosse à moral não constituiriam para ele o menor problema, mas a O por elevação, distinção e hierarquia, dando a aparên- biente de grande permissivismo moral, sobretudo no que dizia cia de uma sociedade decente, havia nessas famílias um am-

marcado

respeito à castidade.

Por verdadeiro absurdo, esta virtude era exigida com toda a ênfase apenas às mulheres. Elas deviam permanecer virgens até o casamento, e duvidar deste atributo em alguma moça era considerado intolerável afronta. Também as esposas eram me- ticulosamente fiéis e em ambos os estados eram tomados todos os cuidados para preservar a honestidade de costumes. Já os homens, a coisa era bem diferente. Aqueles varões cheios de

Plinio no Hotel Terminus em São Paulo, durante um almoço em homenagem a seu primo Marcos Ribeiro dos Santos, então oficial de gabinete de seu pai Dr. Gabriel, secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, em janeiro de 1926 -
Fotografia extraída da revista A Cigarra, janeiro de 1926

compostura haviam sido meninos impuros e, na intimidade, não escondiam sua vulgaridade nem se envergonhavam de conversar sobre as imoralidades que praticavam.

Todos conheciam esses desvios e não existia a menor re- sistência contra eles. Inclusive do alto dos púlpitos, se era feita a apologia da virgindade como atributo indissociável das mo- ças cristãs, pairava um misterioso silêncio sobre sua exigência para os jovens varões...

Assim, ao transpor o umbral dos quin- ze anos, aqueles meninos, que já eram impuros, começavam a frequentar os mesmos ambientes que seus pais, sem ninguém se escandalizar.

Ora, no seio da alta sociedade circulavam como um coris- co gravíssimas acusações, de todo infundadas, contra os homens que não se deixavam arrastar pela corrente e conservavam a cas- tidade. Segundo elas, o homem puro era fisicamente incapaz, psicologicamente complexado, isento de personalidade e pro- penso a contrair todo tipo de doenças, entre as quais a tão temi- da tuberculose. Por causa disto, a libertinagem era apresentada não tanto como uma opção, mas como a única alternativa válida para ser um rapaz normal... e ai daquele que ousasse se contra- por a esse mentiroso princípio! "Tornava-se um pária, um lepro- so, caçoado, sem prestígio, abandonado... Seria liquidado!"41

Em consequência, "havia um conluio para promover a per- dição dos rapazes. [...] Quando um jovem guardava a castidade, se desatava sobre ele uma investida de incrível selvageria".42 De fato, os moços que demonstravam certa relutância em entrar nas vias da impureza, seja por pudor natural, seja por timidez, eram obrigados pelos amigos a irem a casas suspeitas ou, em casos ex- tremos, para lá eram conduzidos pelo próprio pai, capaz de arti- cular uma cilada para levar à força seu filho a pecar. Dr. Plinio lembrava o caso, especialmente dramático, de um parente longín- quo que tinha autêntica vocação sacerdotal, mas seu progenitor, ateu convicto, fez de tudo para perdê-lo, até conseguir que aban- donasse as vias de Deus e se entregasse a uma vida dissoluta.

41) Santo do Dia de Sábado, 13/8/1988. 42) Ch 6/1/1991.

Plinio, auxiliado pela graça, tinha superado a atração da luxúria; agora, porém, deveria enfrentar uma nova etapa de pro- não mais estaria no resistir à atração interna do pecado, e sim vações, mais violenta que a anterior. Desta vez, a dificuldade nas consequências que esta deliberação lhe acarretaria ao entrar nas perigosas galas da sociedade paulista. Se ele não soubesse conduzir-se bem na conservação de sua pureza, um manto de repulsa cairia sobre ele como a lhe dizer: "Você vai ficar um cre- tino, vai ser um estúpido, todo mundo vai rir de você, não se faz carreira assim, não se fica homem eficiente desse modo, não se fica um homem esperto dessa maneira".43

Quanta gente está disposta a morrer debaixo dos aplausos de todos, pois a sustentação do instinto de sociabilidade faz com que se passe, sem dificuldade, por riscos monumentais. Entre- tanto, imolar-se estando sujeito ao desprezo geral... trata-se de um verdadeiro holocausto. Plinio estava pronto para suportá-lo por amor a Deus. Contudo, como ele vislumbrava em sua vo- cação o aspecto de homem público, se isto acontecesse "nunca poderia fazer nada pela Igreja, porque um homem desmoraliza- do e de quem todo o mundo dá risada é um homem que nunca poderá liderar nada, jamais poderá aparecer, ficará à margem de tudo. [...] Quer dizer, uma perseguição se colaria em mim até o fim de meus dias",44 concluía.

Nesse sentido, não resultará difícil compreender a grande preocupação que assaltou a Plinio ao inscrever-se na afamada Faculdade de Direito do Largo São Francisco, um centro fre- quentado de forma quase exclusiva pelos filhos dessa mesma so- ciedade. Apesar de ser destemido até o heroísmo e estar dispos- to a fazer-se respeitar, quando ali se apresentou a fim de fazer o seu requerimento de matrícula,45 Plinio sentia o coração bater

na garganta. Medo? Sim, o pânico de não perseverar, de ser ven- cido pelas atrações e pela pressão do mundo. Era, portanto, o temor de Deus, o pavor de ofendê-Lo.46 Todo voltado para a gló-
43) EVP, 9/12/1973.
44) Jantar, 22/11/1990.
45) Em março de 1926.
46) A explicação de São Tomás de Aquino sobre o temor filial, baseada nas palavras do salmista "O temor ao Senhor é o começo da sabedoria" (SI 110, 10), pode ajudar-nos a
Acervo da Biblioteca da FAUUSP
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Ao lado: requerimento escrito de próprio punho por Plinio e apresentado como pedido de matrícula na Faculdade de Direito. Abaixo: entrada da Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo
26 Binder de Baculdade de Ermite desato Bautor
Matricule se. Planke, 30 & Mango de 19367.
A alway
Plinio Correa de Olivare, filho dostr. Joud Paulo Corria de Oliveira, natural deste Estado, nascido a is de Bezembro de 1908, niidente à llame der Bares desimeira á vista dos documentos que apuntal requer a V.Epio a sua matricula no primeiro anno desta Faculdade
For deferimento 8. R. Mcê
"'e dos am in seacham nessa Faculdade.. Paulo Thinla deyip de mil noveitore 46la (1924)
Sliniva Plinio lowrira.
20000
ria do Senhor dos senhores e Criador do universo, o valor que de fato lhe interessava era a vida eterna, e só o amedrontava o horror de vir a corromper-se.
Como Dr. Plinio relataria anos mais tarde, o quadro era de um terrível paradoxo: "Eu deveria então andar sobre um fio de corda bamba: manter-me casto, fazendo os outros notarem mi- nha castidade, mas tratar essa questão e também a eles com tan- to jeito, que evitasse cair em cima de mim um mar de ridículo".47 Esta peculiar situação exigiria dele um prodígio em matéria de integridade e diplomacia.
entender o quanto o temor de Plinio era, na realidade, um dos efeitos do dom de sabe- doria em sua alma: "O temor casto e filial é o início da sabedoria, como seu primeiro efeito. De fato, como cabe à sabedoria regular a vida humana segundo as razões divinas, é daqui que se deve iniciar a fim de que o homem reverencie a Deus e a Ele se submeta; e assim, consequentemente, ele se regulará em todas as coisas segundo Deus" (SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.19, a.7).
47) Santo do Dia de Sábado, 13/8/1988.

Parte II
As duas espadas entre as quais Plinio devia caminhar de Mandamentos e o olhar inquisitorial de um público odiento e modo altivo, mas prudente, eram o cumprimento eximio dos tradicional, ele

carregado de preconceitos. Por seu modo de ser se recusara a assumir certas atitudes consoantes com os ventos revolucionários que sopravam.
Cerimonioso, embora de feitio naturalmente afável, sério e pouco amigo da agitação, sua conversa se elevava com facilida- de para temas mais altos na linha da Religião, da cultura ou da História, e nela nunca se permitiria a menor concessão à vulgari- dade. Ora, isto era considerado pedante por uma sociedade fas- cinada com a trepidação que marcava os filmes de Hollywood. O moderno era ser simples e acessível, tratar o tempo inteiro de banalidades, praticar esporte e ter entusiasmo por mecânica.
Join the order of money-makers!
PATHE DISTRIBUTORS
"They're growing more popular with each subject. says the Liberty Amusement Co of Spokone of the inimitable
HAROLD LLOYD
COMEDIES
These comedies are now playing the best theatres of the country They have found their way in on one thing onl-sheer menit. Every theatre that shows them agrees that they are
The Best One Reel Comedies Made One Reel Every wak Produced b Rolin
O fascínio pelos filmes de Hollywood impôs a vulgaridade como moda: era preciso ser simples, acessível, tratar apenas de banalidades
Propaganda de Harold Lloyd,
artista do cinema norte-americano.
48) Chá, 6/1/1991.
Eram, portanto, inúmeros os fatores a contribuírem para destacá-lo mais e mais de seus coetâneos, os quais, sobretudo, observavam sua ausência nos locais de perdição que todos frequentavam e onde todos se conheciam. Sua presença nos círculos sociais, portanto, ter- minava por incomodá-los: "Per- cebia meus piores colegas com o olho posto em cima de mim. Notando minha pureza, espe- ravam a ocasião de fazer uma ofensiva para me desmorali- zar" 48
À vista de tal situação, lembraria anos mais tarde
Capítulo 1
As batalhas espirituais de adoles
Dr. Plinio em conversa com o Autor: "Eu tinha obrigação de vencer uma situação na qual tudo conspirava contra mim".49 Quais táticas usaria para esse fim? Ele deveria adotar em ca- da episódio complicado a solução mais acertada possível, pondo em campo a virtude da prudência, que se revestiu nele de uma especial flexibilidade para adaptar-se a qualquer circunstância, sem ceder em matéria de princípios.
Ele não podia ostentar sua pureza nem, muito menos ain- da, se gabar do contrário, pois ninguém pode se atribuir por vergonha pecados que não cometeu. Teria, então, de "manter uma espécie de neblina a esse respeito".50 Entretanto, como sua conduta deveria ser aceita entre os mais próximos, essa atitude o deixou numa posição tal que, sem cair no descrédito, ele foi ficando sem companheiros.
Por fim, restou-lhe apenas a firme amizade de um primo cerca de um ano e meio mais novo, apelidado Reizi- nho, o qual lhe serviria durante certo tempo de auxílio para se re- lacionar com os demais de modo superficial mantendo, segundo suas palavras, "um espaço entre eles e eu, pelo qual eles perce- biam minha boa orientação, mas sem estar em acentuada fricção a ponto de lançarem uma ofensiva contra mim".52
O maior perigo se dava nos fins de semana. Plinio costumava almoçar na casa de seu tio Gabriel, pai do Reizinho, e já naquele lo- cal começava a batalha. Embora a

49) Jantar, 7/6/1986.
50) Jantar, 29/2/1992.
Biblioteca do Colégio São Luís
José Ribeiro dos Santos, chamado de Reizinho, primo-irmão e companheiro de Plinio, no Colégio São Luís, em de 1921
51) Apelido familiar de José Ribeiro dos Santos, filho de Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, irmão de Da. Lucilia.
52) Santo do Dia de Sábado, 13/8/1988.

refeição transcorresse num ambiente familiar inócuo, ko na sobremesa a roda geral se desfazia e os homens iam con ersar em lugares à parte, quase sempre sobre temas banais que de- sembocavam no relato dos pecados que tinham cometido. Dian- te de Plinio nunca tratavam dessas questões, mas como é bvio, comentava ele, "a roda enfadonha era a roda onde eu estava, porque não podiam contar isso. E a roda deliciosa era a roda onde eu não estava".53 Para atenuar situação tão desvantajosa e se fazer tolerar, ele esforçou-se para desenvolver uma extraordi- nária arte da conversa, aprendendo a tornar agradáveis que não teriam boa acolhida. Desta forma, tal obstáculo coope- rou para fazer crescer uma qualidade que, ao longo de sua vida, The seria sem dúvida uma das mais úteis para o apostolado.
os temas
Contudo, esta dificuldade não era nada em comparação com o martírio que lhe seguia. Terminada a reunião familiar, chegava a hora da diversão para os jovens... e da tortura para Plinio. O primeiro destino dele e do Reizinho era, em geral, um dos locais de reunião da alta sociedade paulista, o Cine Públi-
Cine República em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX
53) Jantar, 7/6/1986.
ca, aonde chegavam tomando um bonde que parava naquela que anos mais tarde ele chamaria “a es- quina das aflições". Enquanto os dois se entretinham a SÓS conversando sobre os temas mais variados, passavam por ali os carros de outros jo- vens da redondeza, constituindo a cons- tante ameaça de um convite à perdição.
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescincio e juventude
O resto da tarde não costumava ter maiores perigos. Aqui- lo que poderia ser considerado um risco para Plinio em outros tempos, como por exemplo o cinema, já não lhe dizia nada. Mas chegava a noite e com ela, o jantar, novamente em casa de tio Gabriel. Terminada esta refeição, os rapazes saíam mais uma vez, desta feita com um destino muito claro. Enquanto eles iam abandonando a casa, Plinio se aproximava com o Reizinho da roda das moças, sua irmã Rosée e algumas primas, e promovia animadas e longas conversas no agradável terraço. Estas lhe serviam de escusa para se manter num ambiente sem pecado e inclusive o distraíam em meio a tanta apreensão, como se respi- rasse ar puro "entre duas espadagadas".54 Quando o horário do risco tinha passado, Plinio voltava para casa na companhia de sua irmã, e podia ter uma reparadora prosinha com Da. Lucilia antes de se deitar.
Da direita para esquerda: Rosée, irmã de Plinio, e suas primas Cornélia (Nélia)

e Gabriela (Yelita), filhas de Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos
54) Chá, 17/5/1984.
65
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Capítulo 1
O fim do domingo, supostamente um dia de descanso e conforto, representava um verdadeiro alívio, pois significava que a situação fora contornada mais uma semana: "Isso é uma vida de campo de concentração. Na aparência de todo conforto, de toda liberdade e de algum prestígio... [...] Uma vida atroz!"ss E mesmo estes cuidados não bastavam... As vezes, até no convívio doméstico, ele teria de ouvir comentários sugerindo, de modo velado, certa estranheza por seu comportamento. Por exemplo, uma prima com a qual Plinio tinha muita sintonia e amizade exprimiu uma noite, durante a conversa, essa perple- xidade. Ora, a corda sobre a qual Plinio balançava era tão frágil que, não esperando uma pergunta assim, foi obrigado a respon- der de modo muito amável e jovial, de forma a evitar o rarear das relações entre ambos, prejudicando o indispensável papel que tinham para ele.
Também não faltaram recados de outros primos insinuando a má acolhida de sua atitude entre os demais jovens ou sugestões indecentes de alguns familiares mais velhos. Era nessas horas que a espada de Dâmocles do escárnio geral deitava seu sinistro resplendor sobre ele...
Piores momentos sobrevinham quando Plinio, por vínculos de família, era obrigado a participar das frequentes festas da vi- da social paulistana, as quais representavam para ele verdadeiro tormento. Estas reuniões ainda conservavam algumas centelhas do esplendor aristocrático de outros tempos. Porém, cada vez mais, o clima caminhava para a clave de irreflexão e alegria va- zia tão bem caracterizada pelas ridículas danças importadas dos Estados Unidos. Mesmo incomparavelmente mais moralizadas que as atuais, Plinio discernia nelas "uma alegria pré-sorbonnia- na de libertação do bom senso, da regra, do dever, soltando o es- pírito por entre os ventos caprichosos da fantasia e da imagina- ção. No aliciamento natural dessa dança existia algo a mais. No fundo, havia uma nota de anarquia, de negação da sabedoria".56
Por causa disto, embora não lhe apresentassem o menor risco para a pureza, rejeitava-as de modo meticuloso, e sabia,
55) Jantar, 7/6/1986.
56) MNF, 26/5/1989.
S
O clima das reuniões sociais caminhava para a clave de irreflexão
e alegria vazia caracterizada pelas danças importadas dos Estados Unidos Baile da sociedade paulista, em meados da década de 1920
com grande habilidade, criar um ambiente contrário a elas, pon- do em relevo todos os charmes que sua esmerada formação lhe proporcionava. De acordo com o testemunho de seus contem- porâneos, Plinio era o "terror" das festas porque, com frequên- cia, formava-se uma roda de jovens em torno da interessante conversa conduzida por ele em alguma sala. Esquecendo-se da orquestra e do baile, os rapazes só queriam saber de ouvi-lo fa- lar, o que obrigava a dona da casa a promover alguma brincadei- ra que os forçasse a entrar de novo no salão.
Ao mesmo tempo, Plinio preservava com afabilidade seu caráter cerimonioso aditando uma nota de distância a impor res- peito e dando a entender sua disposição de brigar em

qualquer eventualidade, quando se tratasse de defender a Fé Católica e seus bons costumes. Isto era um modo de assegurar sua respei- tabilidade, apesar das disparidades, com "uma forma de energia que metesse medo nos outros, antes de levantarem qualquer ob-
66
67

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Capítulo 1
jeção"." Por isso, não era na pista de baile onde se encontrava seu maior temor.
Quando os eventos se aproximavam do término, os rapa- zes se convidavam uns aos outros para sair, pegavam seus au- tomóveis e iam pecar pelos lupanares da cidade. Plinio devia ser muito prudente nessa hora, pois não podia estar disponível para ser chamado, nem também desaparecer sempre. Então, discretamente, ficava mantendo conversa com as primas e irmã, dando a entender que devia acompanhá-las, ou arranjava outro subterfúgio para esquivar-se de ser interpelado por qualquer jo- vem sobre seu destino: “E assim mil pequenos jogos, mil peque- nas artes para evitar uma trombada [...]. As vezes a situação era tão aguda que eu chegava a sentir disparo de coração, mas não queria ceder! Vivendo num verdadeiro martírio a fogo lento, numa guerra travada milímetro a milí-
Dr. João Paulo Corrêa de Oliveira
57) Palavrinha, 6/2/1978.
68
58) Chá, 6/1/1991.
metro, Plinio conseguiu manter in- tacta a sua fidelidade.
Um minúsculo fato ilus- tra de modo peculiar a enor- midade de seu sofrimento. Uns desafortunados negó- cios de seu pai, Dr. João Paulo, ocasionaram sú- bita piora na situação econômica da família, e Plinio viu-se obrigado a procurar um emprego a fim de ter uma quantia razoável para seus gastos particulares, sem pesar no orçamento doméstico. Co- mo um de seus tios, Dr. Ga- briel, era então secretário da Agricultura do Estado de
Prédio da Secretaria da Agricultura,
onde Plinio trabalhou
Ao lado: Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos,
tio de Plinio, na época em que exercia o mandato
São Paulo, não lhe foi difícil obter uma vaga numa repartição pública.
Quando sua nomeação tornou-se oficial, ele se apresentou para assumir o posto. Preenchido o formulário de admissão, o funcionário que o atendia correu os olhos pelo texto para ver se estava tudo em ordem, e exclamou surpreso por não acreditar que Plinio tivesse apenas dezessete anos. Ele esquecera a car- teira de identidade em casa e não pôde ser comprovada a jovem idade que tanto contrastava com a seriedade de sua fisionomia. A reação inusitada desse homem causou-lhe certo espanto. En- tretanto, logo se deu conta de que as numerosas provações de toda ordem pelas quais passava conferiam-lhe uma maturidade de espírito incomum, que acabava se refletindo em seu semblan- te: "Era por causa do sofrimento. [...] De tal maneira eu estava batido por ventos, aflições e tudo o mais".59 Contudo, a conjun- tura ainda estava longe de melhorar, pois a Providência lhe exi- giria um novo tributo.

59) Idem.
69

Registo Civil
DELEGACIA DE TECHNICA POLICIAL
Serviço de Identificação
S. Paulo, (Brazil) de novembro 1925 35.784
Nome lino Corrêa de Oliveira. Idade 16 annos, nascido a 13 dezembro de 1908 Estado Civil Coleiro Dr. your Paulo Cor rea de Oliveira. MD. Loicilia Corrêa de Oliveira. Nacionalidade brasileira.
Natal de Saulo (Capital)
Prosão Estudante Resid cia Haulo, à R. Ba
rad de Luiera, 77Obsações
Cutis...
Notas chromaticas, etc.
branca.
Cabellos castanho-escuro,
Barba feita
Bigodes pas pado
Olhos castanho.
Marcas, cicatrizes, etc.
Teleneje do Serviço de Identificação: Retrato tirado em 20 novembre 1925
O Delegado de Technica Policial:
Assignatura do portador:
Plinio Corrêa de cliveira
Refletia-se no semblante do jovem Plinio a maturidade de quem enfrentara os ventos de numerosas provações Fac-simile da carteira de identidade de Plinio
Não é valido o retrato que não tiver o sinete em relevo
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
Nuvens negras no horizonte
"A minha vida era uma fuga completa e um permanente não poder fugir. E, sozinho no mundo! Só! Eu não conhecia um rapaz que guardasse a castidade, não conhecia um rapaz que não estivesse completamente entregue à impureza".60 Sim, de fato Plinio não conhecia nenhum rapaz puro, porque mesmo quando excogitou sua amizade com o Reizinho, como um recur- so para se resguardar da tormenta, sabia que esta não duraria para sempre. Embora muito íntimo, este primo não comparti- lhava seu modo de pensar e tinha sérios problemas relativos ao Sexto Mandamento; porém, como lhe nutria grande apreço, não entrava em conflito no tocante a esse assunto. Sendo mais novo, ele ainda não começara a frequentar casas de perdição, mas ti- nha determinação de fazê-lo em certo momento e teve acalora- das discussões com Plinio por essa razão.
Ao atravessar o Rubicão, o Reizinho tomaria o rumo dos outros rapazes e acabaria rompendo relações com seu primo, o que, afinal, tornaria patente aos olhos de todos o quanto Plinio Corrêa de Oliveira era um jovem sem amigos por manter sua integridade: "Essa preocupação me punha numa tristeza única: era uma assombração".61 E assim foi... No meio do terceiro ano da Faculdade de Direito, Reizinho o abandonou por completo. Plinio estava sozinho, sem ninguém em quem se amparar, num estado que era propriamente de vergonha, porque não ter ami- gos era incompreensível.

Nesse ínterim, foi amargo receber de sua irmã Rosée o se- guinte recado de uma das irmãs do Reizinho. Segundo ela, Pli- nio, com tanta preocupação no referente à castidade, não estava agindo como um bom amigo, pois deixava seu antigo compa- nheiro à mercê da perdição. Por isso, lhe pedia para acompanhar seu querido irmão nos locais que agora frequentava... como um modo de salvá-lo! O pedido era tão sem propósito que Plinio o mediu bem como mais uma cínica insinuação para abandonar sua vida honesta...
60) Jantar, 7/6/1986. 61) Jantar, 29/2/1992.
71
Fotos: Maro
72
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Um fato de caráter sobrenatural ajudou-o a perseverar contra ventos e marés. Certa tarde, todos os seus primos esta- vam partindo para uma festa de gala e se despediram dele. Fatigado sob o peso da sua provação, Plinio, estando em frente a um espelho que havia na sala de sua residência, imaginou-se ar- rumando o laço da gravata borboleta de seu smoking e prestes a acompanhá-los na saída. São pensamentos que podem passar até pela cabeça de um Santo... Tratava-se de um início de tenta- ção a insinuar que, tendo já suportado tanto, bem podia acabar momentaneamente com seu exílio e sair com os primos para se divertir nessa festa onde descansaria um pouco... Mas quando alguém é muito chamado, a Providência costuma atalhar os ca- minhos.
Ele nem sequer tinha cogitado em circunstâncias que pu- dessem pôr em risco sua salvação quando, de repente, um qua- dro de sua bisavó que ficava acima do mencionado espelho, pois era uma casa com pé di- reito muito alto, soltou-se da parede e caiu sobre o móvel que se encontrava embaixo, atingindo uma bela caixinha de música. A tampa deste singelo bi- belot, feito de louça fina e decorado com graciosas cenas do Ancien Régime, rachou-se de lado a lado. Plinio, sempre sensível à
Capítulo 1
As batalhas espirituais da adolescência e juventude
voz da graça, viu naquilo um sinal da Providência lhe advertindo de que, se ele não continuasse a resistir, talvez lhe adviesse um desastre.
Mas a pressão por vezes aumentava... Só lhe restava, qua- se que desesperadamente, manter as aparências de que tudo prosseguia igual, adiando de alguma forma o advento de uma terrível difamação de sua pessoa: "Eu resolvi esconder-me pa- ra não perceberem isto. Quer dizer, não ir aos lugares sociais aonde eu ia antes, para ver se me esqueciam e isso passava em branco".62 Porém, como ser esquecido naquele contexto social?
Havia poucos meses, Plinio passara de bonde em frente ao pequeno cinema63 de um bairro operário e, inquietado pe- las nuvens negras que assomavam no horizonte, perguntou-se se um dia não deveria se abrigar nesse obscuro local, para fugir do aperto em que se encontraria. Sua previsão cumpriu-se ao pé da letra, pois não lhe restou outro recurso. Terminado o jantar, na hora temida em que os homens abandonavam a casa da família, Plinio se retirava por seu lado e ia sozinho de bonde para esse cinema onde ninguém o conhecia. Ali ele não pecava, e também não podiam criticá-lo por não sair. Enquanto eram projetados uns filmes que não lhe causavam o menor interesse, filosofava ou rezava até passar o tempo para, por mais um dia, ter conse- guido disfarçar a realidade. "Não se pode imaginar o tédio e a tristeza dessas noites num cineminha de bairro [...], sozinho e sem futuro, pois tinha dezenove anos",64 narraria ele. E pensava: "Que noites horrorosas! Que situação medonha! Mesmo assim meus conhecidos ainda descobrirão.

Quando descobrirem, sai um estouro! Essa explosão será contada em toda a sociedade e o meu cartel estará feito..."65 De fato, Plinio ainda levaria mais de dois anos para se formar e a situação era insustentável, a ponto de ele se perguntar: "Meus braços aguentarão essa pedra que carrego em cima de minha cabeça?"66
Espelho em frente ao qual Plinio se arrumava quando o quadro de sua avó caiu sobre a caixinha de música (ao lado)
62) Chá, 18/1/1993.
63) O Cinema Roma, na Rua Barra Funda, no 62.
64) Chá, 6/1/1991.
65) Conversa de Sábado à Noite, 17/9/1994.
66) Chá, 17/5/1984.

Juventude: a sabedoria posta à prova
Um varão rejeitado, mas enriquecido para o futuro
Parte II
Quantas vezes durante esses quatro anos, Plinio, moço com fisionomia de adulto e carregado de preocupações sobre- naturais, cruzava pela rua com familiares e amigos risonhos, que fruíam sem aborrecimentos as delícias oferecidas pela juventu- de. De um lado, possuía ele compaixão pelo destino eterno se não se arrependessem, aguardava aqueles que colocavam seu fim nesta terra; de outro, o desprezo altivo de quem era considerado um verdadeiro desmancha-prazeres, mas estava inteira- mente seguro de si.
que,
Tão completa era sua solidão que só lhe restava sua mãe, Da. Lucilia, cujo delicado estado de saúde lhe fazia temer, com frequência, por sua vida. Tal possibilidade o atormentava e, nes- sa eventualidade, considerava mudar-se para o Rio de Janeiro onde, por ser desconhecido de todos, poderia terminar seus es- tudos e viver com sossego sem ofender a Deus...
Não é difícil conceber como, para quem fora cumulado de dons pela Providência, devia ser terrível querer dirigir-se aos seus para fazer-lhes bem e ser rejeitado com frieza, com repulsa, com a fisionomia de quem não entendeu, não quer entender e não quer aceitar... Sobretudo se consideramos ser o instinto de sociabilidade o mais nobre e o mais entranhado na alma. Nesse sentido, comentaria Dr. Plinio, traduzindo o que ele mesmo experimentou em sua mocidade:
"Há um isolamento próprio a quem é rejeitado por causa de suas qualidades. Certa profundidade de espírito leva o ho- mem em nossos dias a ocultar seus pensamentos e o quanto ele é refletido; caso contrário, é rejeitado. Ele tem de simular ser irre- fletido para entabular a conversa boba necessária para ser acei- to. Se souberem o quanto ele possuiu esta ou aquela qualidade, ele é recusado. Ele tem de fazer o papel de quem não pensa, para poder viver no seu próprio meio. Suas qualidades ficam blo- queadas, sem possibilidade de expansão, isoladas, desprezadas, vivendo dentro de si, só para ele e para Deus... Em seu instinto de sociabilidade, arca com o fardo tremendo de uma recusa to- tal, a mais injusta possível. É a quintessência do isolamento. [...]
Capítulo 1
As batalha dirituais
odolcecéncia e juventude

Fotografia da carteira de identidade de Plinio, em novembro de 1925

A dor que isto produz é o ápice do tormento".67 Era exatamente como ele se sentia: um Robinson Crusoé peculiar, sem Sexta- -Feira, vivendo no ostracismo cercado por uma multidão.

Obrigado a amarfanhar os valores que possuía dentro de si, velando a olhares estranhos os esplendores de um tal reser- vatório de inocência, sob o risco de ser massacrado, não sabia Plinio estar a mão da Providência preparando-o para um futuro não tão longinquo. Além de desenvolver de maneira extraordi- nária qualidades naturais eminentes, seu aperfeiçoamento espi- ritual consolidou-se na prática sofrida da virtude e na valente aceitação da grande cruz que lhe era posta sobre os ombros.

67) EVP, 1/7/1979.

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte II

Confirma isto uma declaração feita por Dr. Plinio no iní- do com aquele que poucos anos antes tinha se tornado seu pai cio da década de 1960 ao Autor destas linhas. Este, entusiasma- espiritual, havia começado a reunir fotografias de toda a vida imagens do período compreendido entre o fim da infância e a dele e lhe perguntou a razão pela qual era tão difícil encontrar primeira juventude. Ele pensou um pouco e, com toda a simpli- cidade e despretensão, respondeu:

- Meu filho, eu, me olhando no espelho com uns doze ou treze anos, notei que havia feito um tal progresso em matéria de virtude, sobretudo eu tinha atingido uma tal seriedade, que me assaltou uma tentação de vaidade. E, por isso, eu não só fu- gia das máquinas fotográficas como também não me olhava no espelho nessa época, para evitar a tentação de me encantar com o estado de alma que eu adquirira. Eu receava ter apego àquilo que a Providência me dera.

De fato, bastaria olhar para a fisionomia dele... Como não se deram conta seus contemporâneos de que aquele jovem era um sábio? Por que não foi acolhido à altura? O para que a sociedade não percebesse ou não quisesse perceber que houve a grandeza que havia nele? Ele atravessou a juventude incom- preendido... Sua principal luta foi contra o silêncio. Mas a mag- nitude da despretensão que lhe foi exigida haveria de ter sua re- compensa!

Mais tarde, olhando para sua experiência nesse período, Dr. Plinio explicitaria: "A inocência lucra com a luta, lucra em bater e lucra em apanhar. Ela cresce em irisações com os ven- davais. E, portanto, eu sentia isso e compreendia quanto essa luta me ajudava a ser mais eu mesmo".68 Deus permite que as pessoas com maior chamado se deparem com todo tipo de difi- culdades, passem em seu tempo como que desapercebidas e in- cógnitas, sejam até injustamente humilhadas e perseguidas para, dessas circunstâncias, tirar maravilhas.... É o que poderemos comprovar no próximo capítulo. +

68) Conversa de Sábado à Noite, 25/4/1981.

Deus permite que as pessoas com maior chamado passem em seu tempo desapercebidas e incógnitas, para, dessas circunstâncias, tirar maravilhas

Plinio num encontro de ex-alunos do Colégio São Luis,
em agosto de 1928. Conforme narrou mais tarde, nessa época ele procurava se esconder das máquinas fotográficas, para evitar a tentação de se encantar com seu estado de alma ao ver sua própria fisionomia

CAPÍTULO 2
ADESÃO
AO MOVIMENTO CATÓLICO
m algumas de suas conversas e conferências sobre as- suntos relativos ao desenvolvimento de uma vocação, Dr. Plinio se comprazia em descrever o percurso da vida espiritual rumo à perfeição e à santidade, à maneira de uma viagem em estrada de ferro pontilhada de túneis longos e tene- brosos, ao sair dos quais o viajante pudesse contemplar, a cada vez, extensas paisagens e grandiosas perspectivas de beleza cres- cente. "Depois de cada túnel o ar está mais limpo, tudo é mais belo", dizia ele. Em certa ocasião, inclusive, Dr. Plinio chegou a mencionar essa expressiva comparação numa oração dirigida a Maria Santíssima, com termos que deixam entrever o quanto a confiança na intervenção d'Ela foi o sustentáculo de sua perse- verança, ao longo das vias trilhou. que
"Senhora, eu aguento esta escuridão, na esperança de que Vós voltareis a qualquer hora: daqui a um dia, daqui a um mi- nuto, daqui a um segundo ou daqui a um mês. E quando Vós voltardes, eu terei saído desta escuridão mais purificado, estarei mais limpo e, sobretudo, Senhora, Vós estareis mais brilhante e mais próxima de mim, porque os meus olhos terão adquirido maior luminosidade e melhor capacidade de ver. A cada noite escura que eu aguente corresponde uma aurora mais bonita, e quanto mais completa e mais longa a noite, mais bela e magnífi- ca será essa aurora que me espera.
"Minha Mãe, eu entrei no caminho de vossas luzes e de vossas trevas. Ajudai-me a atravessar esta treva, porque ela é a véspera de uma maior luz".?
1) Reunião, 27/10/1975.
2) Idem.
64
79

80
da sabedoria posta à prova
Nos seus primeiros anos na Faculdade de Direito, Plinio ainda não tinha encontrado o ambiente que procurava
Ao fundo, Plinio junto aos seus companheiros de turma na Faculdade de Direito, em fins de 1928
Parte II
es-
Terrivelmente cura era a noite em que Plinio se encontrava, en- quanto jovem estudante da Faculdade de Direito, sozinho para enfrentar a luta contra a impiedade que dominava o ambien- te. "O meu isolamento era muito grande e era peno- so, pois eu não tinha um amigo que pensasse como eu".3
Por isso, refletia: "O que vou ser? Eu sei o que desejo ser: um luta- dor contra a Revolução. Encontrarei os meios para isso? Pois, se eu não lutar contra ela, não terei vivi- do".4
Posto diante dessa tremenda perspectiva de isolamento e de persegui- ção, que o martirizava e bem podia ser o programa de toda uma vida, pergun- tava-se: "Encontrarei sobre a face da terra só um homem que me diga: 'Plinio, vamos lutar juntos?"""
Entretanto, longe estava de suspeitar que logo se depara- ria com aquilo que procurava, e seu heroísmo seria premiado.
Capítulo 2
Adesão ao Movimento Católico

Congresso da Mocidade Católica: aurora de esperanças
Em setembro de 1928, passando pela Praça do Patriarca," Plinio viu uma faixa que tomava todo o exterior da Igreja de Santo Antônio, anunciando o Congresso da Mocidade Católica. O que ele sentiu nesse momento? Ficou maravilhado, como se lhe caísse um pedaço dos Céus nas mãos! "Tive a im- pressão de me haver aparecido um Anjo!" Juventude católica? Ele jamais imaginara que existisse algo semelhante! Acredita- va sinceramente ser o último jovem católico em São Paulo! No dia seguinte dirigiu-se ao secretariado do congresso e alistou-se, movido por forte esperança.
BE ST
CONGRESSO MOCIDADE CATHOLICA 29:16 S
MAPPIN STONES!
AT
gris
Uma aurora de esperanças abriu- se diante de Plinio ao ver aquele anúncio: "Tive a impressão de me haver aparecido um Anjo!"
Acima: Praça do Patriarca na década de 1920.
Ao lado: cartaz na fachada da Igreja de Santo Antônio, divulgando o Congresso da Mocidade Católica de 1928
3) Conferência, 22/7/1988.
4) Chá, 10/2/1995.
5) Idem.
6) No centro de São Paulo.
7) MNF, 15/7/1987.
81
Maria Cecilia França Monteir
Silva (Acervo F

2
BR RJ AMSB Acervo Fotográfico
Parte 11
Juventude: a sabedoria posta à prova
Mosteiro de São Bento no início da década de 1930
8
A sessão solene de inauguração estava marcada para a noite do dia 9 de setembro, na Igreja de São Bento. Após o jan- tar, Plinio tomou o bonde que o levaria ao centro da cidade e, ali mesmo, antes de chegar, pôs em seu peito e os- tentou com ufania o distintivo dos congres- sistas, que recebera ao inscrever-se: uma bela medalha do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, pendente de uma fita azul.
D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo
Quando adentrou a igreja, teve um grande impacto: no pres- bitério encontrava-se o majestoso Arcebispo de São Paulo, D. Duar- te Leopoldo e Silva,' ladeado pelos
8) A igreja do Mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo.
9) D. Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), sa- grado Bispo em Roma, em 1904, foi por dois anos titular da vasta Diocese de Curitiba. Em dezembro de 1906 foi nomeado Bispo de São Paulo e em 1908 tomou posse como Arcebispo, ao ser esta sede
Capítulo 2
Adesão ao Movimento Católico

demais Bispos do estado, presidindo uma assembleia de mais de setecentos ou oitocentos jovens católicos cujas vozes ressoavam pelas naves do edifício sagrado. Ele imaginara que iria se in- corporar a uns quinze ou vinte rapazes rezando o Rosário! Um mundo novo surgia diante de seus olhos. Mais tarde ele afirma- ria ter sido aquela a maior surpresa de toda a sua vida.

Plinio tomava contato com a juventude do Movimento Mariano, força nascente a despontar com vigor na sociedade brasileira, mas da qual os integrantes, na sua imensa maioria, não pertenciam à classe aristocrática e, portanto, constituíam para ele um universo desconhecido. Assim, ele não fazia ideia da existência daquela multidão de jovens nas fileiras católicas.

Apesar de o templo se encontrar lotado, Plinio conseguiu chegar até as proximidades do presbitério, junto a uma das pa- redes laterais. O seu primeiro maravilhamento deveu-se à pul- critude e ao élan da Santa Igreja. Aquela atmosfera de ordem e disciplina, a figura imponente do Arcebispo, os Bispos com suas batinas impecáveis, o coro bem afinado, a quantidade de moços cantando com fogosidade e potência; todo o ambiente causou-lhe verdadeiro entusiasmo e a impressão de uma instituição robusta, com futuro promissor.

Encantou-se também com os dois oradores da noite. O primeiro, Prof. Alcebíades Delamare Nogueira da Gama, figura exponencial entre os docentes universitários do Rio de Janei- ro, destacava-se pelo ornato de seu discurso e pelo abrasado de sua eloquência a inflamar o ânimo dos ouvintes. Já o segundo, Prof. Alexandre Correia, representava quase o oposto do pri- meiro: brilhando pela perfeição de sua argumentação, mas sem muitos ornamentos de retórica, cativava o auditório pela sua ló- gica inquebrantável de autêntico filósofo.

Ao fim da sessão, os Bispos se retiraram da igreja ao can- to do Christus vincit, seguidos pelo olhar admirativo de Plinio, que julgava contemplar um desfile de Anjos. É evidente ter--lhe concedido Deus intensas graças naquela noite, o que é

elevada a arquidiocese, pelo Papa São Pio X. Durante seu longo governo, realizou im- portantes reformas na estrutura dessa circunscrição eclesiástica.

83

A Cigarra

CONGRESSO

2. quinze na tember - 1928

DA MOCIDADE CATHOLICA

Photographias, especialmente tiradas para a "Cigarra", du realização do Congresso da Mocidade Catholica, que tão Inavinoses thrges discutiu e abprorou, robustecendo a je. não somente na Foram mocidade catholica de S. Paulo, mas no coração profundamente religioso do sea poro. cerimonias magnificentes, que puzeram de manifesto a elevada posição da Egreja como educa- dora da mocidade. Em cima, instalação do Congresso, na Basilica de 8. Bento, com a presen- ça de x. era, verdma. D. Duarte Leopoldo. Arcebispo de 8. Paulo, e mais altas autoridades cecle- siasticas do paiz. Ao centro, aspecto da assistencia. Em baixo, reunião das crianças do cate- ciamo no largo da 86, antes de sua romaria à Basilica de São Bento.

Capítulo 2

Adesão ao Movimento Católico

testemunhado pelas exclamações proferidas nas diversas opor- tunidades em que relatou tais fatos: "Sentia a minha alma ver- dadeiramente cheia. Trepidava de entusiasmo! Pisava sobre as nuvens!...

9910

No Congresso da Mocidade Católica, Plinio foi informado, com grande surpresa de sua parte, da pujança das Congregações Marianas, ponta de lança do fervor católico entre os leigos de São Paulo. E, ainda durante o congresso, resolveu nelas alistar- -se. É verdade que ele havia integrado outrora a Congregação Mariana Nossa Senhora do Bom Conselho, atuante no Colégio São Luís e dirigida pelos padres jesuítas. Porém seus colegas da- quele tempo, membros de tal sodalício, não consideravam sua própria participação nessas fileiras como um compromisso es- pecial, no sentido de se dedicarem ao apostolado ou à defesa da Causa Católica, e em nada influenciavam o conjunto dos alunos. Por conseguinte, esse providencial encontro constituiu para ele, em rigor, uma novidade.

Assim Plinio entrou para o Movimento Católico. Desfa- zia-se de repente aquele aflitivo isolamento que havia transfor- mado a sua existência num terrível deserto, raiava para ele uma aurora de esperanças, e seus desejos e anseios poderiam, afinal, realizar-se! Depois de um período tremendo, vinte anos de vida, ele se deparava com as portas de ouro que se abriam e os cami- nhos que floresciam ante seus passos.

Mais tarde ele mesmo explicaria o que sentiu nessa ocasião e o cântico de exultação a jorrar de sua alma: "Seria como um cruzado que empreende a viagem, mas não conhece o caminho. Erra por muitos lugares, sem chegar a entender qual seja o sulco a seguir, mas, em determinado momento, avista uma estrada e exclama: 'É por lá que eu chego até o mar, onde estão as naus que me levarão à Terra Santa!' Isso deu-se comigo. E pensei: 'Daqui para a frente, irei para minha Jerusalém! Batalharei com força, mas a via está encontrada: esta é minha luta contra a Re- volução. Agora é só viver e lutar!'"[11]

Ao se deparar com a quantidade de jovens que enchiam o edifício, Plinio teve a maior surpresa de sua vida: era uma potência desconhecida por ele até então, e carregada de promessas do futuro Cenas do Congresso da Mocidade Católica, presenciadas por Plinio - Fotografia extraída da revista A Cigarra, setembro de 1928

10) Cf. Reunião, 1/9/1980; Santo do Dia, 25/6/1993; Chá, 10/2/1995. 11) Santo do Dia de Sábado, 13/5/1989.

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte V

Capítulo 2

Adesão ao Movimento Católico

A alegria de Plinio ao encontrar o Movimento Católico foi semelhante ao contentamento de um cruzado ao divisar a Terra Santa

Os cruzados avistam Jerusalém por primeira vez, por Luc-Olivier Merson Outra expressão categórica de Dr. Plinio mostra o que sig- nificou para ele a descoberta do Movimento Católico: ele decla- ra haver recomeçado sua própria existência. De fato, esse acon- tecimento teria algumas consequências imediatas, que modifica- riam de modo definitivo o rumo de sua vida. Acima de tudo ele rejubilava por achar um ambiente no qual podia mover-se com toda a segurança, e sem a tremenda ameaça de cair na ojeriza da sociedade por causa de sua pureza. Ele agora faria parte de todo um mundo de jovens, ostensivamente católicos e puros.

Com efeito, alguns dias depois do congresso ele se inscre- veu na Congregação Mariana da Legião de São Pedro, atuante na Igreja de Santa Cecília, da qual, aliás, era paroquiano, apesar de frequentar o Santuário do Sagrado Coração de Jesus, mais próximo de sua

residência. Não obstante seu encanto pela nova perspectiva que se abria, o ingresso de Plinio no Movimento Ca- tólico seria para ele ocasião de mais um terrível sacrifício.

Resoluções heroicas na

Ao comparecer à primeira Missa dos congregados, porta da igreja lançou um olhar sobre esses seus futuros compa- nheiros que enchiam os bancos e, com surpresa, percebeu num golpe de vista a mediocridade reinante entre eles, diametralmen- te oposta ao vento de idealismo que soprava em sua alma. Dis- cernia com clareza o convite da Providência a fazer parte dessas fileiras e ele assim o desejava, pois ali encontraria a segurança quanto à salvação eterna, mas, por outro lado, tinha a dolorosa sensação de submergir-se para sempre num oceano de vulgarida- de, onde talvez se tornaria um homem desprestigiado e inutiliza- do para qualquer forma de ação junto ao seu meio social.

Entrar naquele ambiente? Enquanto formulava para si mesmo tal dúvida cheia de perplexidade, e ainda sem forças pa- ra decidir, uma fisionomia conhecida apareceu diante de seus olhos e lhe atraiu a atenção. Tratava-se de um jovem estudante

Congregados marianos durante uma Missa campal no pátio do Liceu do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, por ocasião do Congresso da Mocidade Católica de 1928

Inspetoria Salesiana de São Paulo

de engenharia, de origem dinamarquesa,12 cuja família manti- nha relações com alguns parentes seus. Então, a descoberta des- se congregado mariano, que em algo se elevava acima da trivia- lidade geral, teve o efeito de uma infusão de coragem. Plinio se adiantou e o cumprimentou, sendo por ele acolhido com grande e cordial abraço. Iniciava-se uma amizade que em breve se tor- naria íntima, entranhada e feita de mútuo entendimento, em es- pecial pela consonância quanto a certa virtude que Plinio muito amava, e da qual sentiria uma lamentável ausência na generali- dade dos demais congregados: a combatividade católica.

Pela mediação do amigo, Plinio foi introduzido junto ao diretor da Congregação, Mons. Felisberto Marcondes Pedrosa. Este sacerdote, o mesmo que outrora lhe ensinara o catecis- mo e ministrara a Primeira Comunhão, o aceitou como novico. "Entrei cantando hinos de júbilo no interior de meu coração, pelo fato de ter dado aquele passo",13 narraria ele mais tarde. acrescentando que tal alegria não chegou a ser obscurecida nem sequer pela atitude incompreensível do mencionado pároco, o qual, ostensivamente frio e distante com o novo recruta, exi- giu dele o noviciado completo, apesar da insistência em sentido contrário do jovem dinamarquês. Agindo assim, contrariava o costume da instituição, uma vez que Plinio já havia sido admiti- do como professo, na adolescência, quando ingressara na Con- gregação Mariana do Colégio São Luís.

Qual seria, entretanto, a reação dos seus próximos, diante de fato tão inaudito? Pensariam eles: "O Plinio, participando da Missa da Congregação Mariana?! Ostentando um distintivo ca- tólico?! Cantando com os congregados?! O que dirão dirão parentes e amigos da família a partir do momento em que verifiquem tão súbita mudança de hábitos e atitudes?"

A própria narração não deixa lugar a dúvidas: em seu círcu- lo social, ser visto rezando nas igrejas enquanto congregado era uma desclassificação, como se tivesse um vício indigno. Nada ha- via de mais ridículo para um jovem do que ser católico praticante.

Capítulo 2

Adesão ao Movimento Católico

Grande foi a satisfação de Plinio ao ingressar nas Congregações Marianas: "Entrei cantando hinos de júbilo no interior de meu coração, pelo fato de ter dado aquele passo"

Congregação Mariana de Santa Cecília, em novembro de 1931. Plinio aparece na extremidade direita, de pé, com um envelope na mão. No centro, sentado, Mons. Felisberto Marcondes Pedrosa, e, à esquerda deste, o jovem congregado Svend Kok

Plinio sabia que, ao cabo de pouco tempo, seria de fato desconsiderado pela opinião mundana, mas encontrava-se ple- namente decidido na sua renúncia a tudo quanto pudesse signi- ficar prestígio terreno. Porém, apesar de tão ardoroso propósito de fidelidade, enganar-se-ia quem julgasse tratar-se de uma vi- tória fácil. Ele dizia ter precisado fazer enorme força sobre si mesmo na luta contra o respeito humano, e acrescentava que sentia medo de recuar, depois de haver avançado.

Assim, reconhecendo em si a fraqueza inerente a todo homem e temendo não possuir a coragem necessária para en- frentar as consequências que sua determinação acarretaria, to- mou ele uma resolução heroica: desmascarar-se. De que modo? "Romper com tudo de uma vez e declarar-me congregado ma- riano, católico apostólico romano, aos olhos de todo o mundo, dando um passo que não me permitisse voltar atrás".14

14) Palavrinha, 19/6/1992.

12) Svend Jansen Holger Kok.

13) Reunião de Recortes, 27/3/1993.

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte

"Romper com tudo de uma vez", sim, mas esse "tudo" sociedade em que ele nascera e crescera, e em face da qual iria consistia em seu ambiente, seus primos, tios e conhecidos.. assumir uma posição tida por desprezível, praticando diante de- la ações próprias a se cobrir de ridículo, de modo a comprome- ter-se por inteiro com sua atitude. Segundo sua expressão, era preciso ter "uma forma de coragem em que se vai de encontro ao manto da vergonha". 15

Longe de evitar a explosão do escândalo, Plinio faria tudo para causá-la, e escolheria cuidadosamente a ocasião e o cená- rio da grande ruptura.

A Via-Sacra do desafio

No domingo, às dez horas da manhã, inicia-se na Igreja de Santa Cecília a assim chamada "Missa elegante", por ser a mais frequentada pelas famílias dos bairros Campos Elíseos, Higie- nópolis e proximidades, todas conhecidas entre si. A alta socie- dade de São Paulo enche o pequeno templo.

Já havendo assistido à Santa Missa naquele dia, Plinio volta à igreja e, pouco antes da entrada do celebrante, posta- -se numa das naves laterais, frente à primeira estação da Via- -Sacra. Traz em suas mãos um pequeno devocionário, tremenda ousadia!... E começa a percorrer os passos da Paixão, tranquila- mente, acompanhando a prece não apenas com ostensivos sinais da Cruz, mas também com aquilo que sequer as senhoras mais devotas se atreveriam a fazer em público: ajoelha-se diante de cada estação.

Um moço de vinte anos, membro da aristocracia, dando a volta na igreja e caindo de joelhos frente às imagens, em pre- sença de seus conhecidos! A cena é inacreditável, mas era es- se o efeito desejado por Plinio: um verdadeiro desafio contra a opinião dominante,

que o deixaria irremediavelmente caracte- rizado como carola. Entretanto, é preciso não esquecer que tal atitude lhe custou um enorme sacrifício. Muitas décadas depois,

ainda se recordaria desse momento em que sentia às suas costas os olhares de incompreensão e os risos de desprezo de toda uma sociedade.
"A dificuldade em romper era tão grande, que me sentia transpirando da cabeça aos pés, embora por natureza não seja dado a isso. Sabia que em tal banco estava esse, aquela, aquela outra e aquele outro... E sabia qual seria o comentário de cada um".16 E nem mesmo a respeito de sua família ele alimentava ilusões, pois já previa o estupor que reinaria entre seus parentes ao receberem notícias do acontecido.
Terminaria o desafio, com a décima quarta estação? Não. Faltava a maior das imolações do instinto de sociabilidade: reve- lar-se perante aqueles que ele encontraria no dia seguinte, nos bancos da faculdade.
Plinio percorreu a igreja rezando a Via-Sacra durante a "Missa elegante", inatitude considerada desprezível nos círculos sociais em que nascera Nave central da Igreja de Santa Cecília.
À direita, veem-se algumas das estações da Via-Sacra
15) Hipoteca, 14/5/1989.
16) Reunião, 27/10/1975.

Um rosário azul-claro
Parte
ao
por-
Desejando levar o enfrentamento contra a impiedade seu ponto máximo, Plinio havia comprado um rosarinho de celana azul-claro, mais próprio a uma moça filha de Maria do lar-se como representante da piedade, exatamente nos aspectos que a um rapaz. Por que a escolha de tal objeto? Para assina- em que esta era mais odiada pela opinião pública; com a inten- ção de se fazer ver e receber a alcunha de carola. O suprassumo
da afronta e da quebra do ambiente geral!
Tendo concluído a Via-Sacra, ele viu um dos seus compa- nheiros de turma da Faculdade de Direito, ajoelhado num ban- co nas imediações da capela do Santíssimo Sacramento. Trata- va-se de Martinico Prado, conhecido de Plinio desde a infância e membro de uma das famílias mais mundanas e grã-finas da ci- dade. Em nada piedoso, o colega seguia os movimentos da assis- tência sem formular oração alguma e encontrava-se de joelhos por mera formalidade. Junto a ele Plinio se deteve, ajoelhou-se no mesmo banco e começou a rezar em silêncio, sem olhar para o amigo e ostentando seu tercinho azul-claro. O rapaz deu uma risadinha de escárnio com o canto dos lábios, à qual Plinio res- pondeu estendendo ainda mais o braço e continuando a rezar com o rosário desfraldado.
No término da Missa, uma vez consumada a sua declara- ção de catolicidade militante, Plinio se sentia fortalecido por essa primeira vitória e disposto a travar todas as lutas que seu novo compromisso lhe exigiria, sem jamais recuar um passo. "O Sangue de Cristo e as lágrimas de Maria me ajudaram. Riam de mim como quiserem, escarneçam como

entenderem, eu vou proclamar a minha fé! Vou dizer quem eu sou! E vou fazer isto de cabeça alta, de olhar duro e enfrentando quem for!"17

Diante da oposição dos mais próximos, reação enérgica

Como ele previra, também no seio de sua família se levanta- vam as antipatias e as incompreensões, à medida que se difundia

17) Conferência, 20/4/1973.

Capítulo 2

Adesão ao Movimento Católico

a insólita novidade: o Plinio tornou-se carola! E tais manifesta- ções partiam inclusive dos mais íntimos, como a própria Rosée, que durante alguns dias não cessou de caçoar do rosário de mo- cinha que seu irmão tivera a estranha ideia de comprar, e com o qual ele teimava em apresentar-se em público.

Mas quem iniciaria as hostilidades seria o mais próximo dentre os parentes: Reizinho, o companheiro de todas as conver- sas e todos os passeios, que antes admirava seu primo e dele sem- pre recebera, além de incontáveis favores, o afeto e a amizade de um verdadeiro irmão.

Certo dia em que retornava do trabalho especialmente cansado, Plinio se recolheu ao seu quarto para um breve repou- so. Este consistia numa boa hora deitado, entretido na leitura de algum tema histórico antes do jantar, depois do qual deveria dirigir-se à sede da Congregação Mariana. Foi nesse momento que irrom-

peu o primo, entrando com a liberdade de sempre, e sentou-se junto à cama, na cadeira giratória da escrivaninha. O diálogo se iniciou com a pergunta: - O que você está lendo?

Plinio mostrou o livro: La Rus- sie des Tsars de Maurice Paléologue, obra de orientação anticomunista. O primo continuou, irritado:

- Lendo a essa hora? Por que você não vai ao corso da Avenida Paulista?

Tratava-se justamente de uma dessas diversões da alta sociedade, das quais Plinio já começara a se afastar. A resposta não comportava maiores explicações:

Porque não quero.

Mário Shinoda

Foi então que os olhos do Rei- Imagem do Imaculado Coração de Maria zinho caíram nos objetos religiosos

pertencente a Plinio desde seus primeiros meses como congregado mariano

que agora enchiam a mesa de cabeceira de Plinio: o rosário azul e o Manual do Congregado Mariano, além de uma pequena ima- que ele havia adquirido pouco tempo antes de conhecer a Con- gem do Imaculado Coração de Maria, muito simples e popular, gregação Mariana.

A conversa subiu de tom:

Que é isso?! O que você inventou?

- Eu entrei para a Congregação Mariana de Santa Cecília,

- E esse rosarinho azul?

- Estou rezando, não sabe? É um rosário que eu para dizer a gente como você que eu sou carola!

comprei,

Agora está rezando a Nossa Senhora?! Isso é ridículo! Diante daquele desrespeito a Maria Santíssima, Plinio de- cidiu passar à ofensiva: estando calçado, voltou-se e deu um for- te pontapé no peito de seu primo. A cadeira foi lançada para trás com tanta violência, que bateu na escrivaninha e se quebrou no encosto. Indignado, mas sem atrever-se a revidar, Reizinho se retirou, enquanto Plinio continuou a ler, sem sair de sua cal- ma habitual.
Pouco depois do jantar, os dois ainda se encontraram e trocaram algumas palavras, com profundo ressentimento da parte do Reizinho e inteira normalidade da parte de Plinio, que se despediu do primo antes de sair, sozinho, para a Congrega- ção Mariana. A impiedade se havia manifestado desdenhosa e agressiva em relação aos ideais que ele abraçara, mas o novo congregado mariano soube ganhar essa primeira batalha.

Acaloradas discussões

Entretanto, não se tratava apenas de inofensivas brinca- deiras entre irmãos ou de invectivas e brigas entre primos. Su- cessivamente Plinio foi interpelado por vários dentre os mem- bros mais velhos e respeitáveis da família, com os quais passou a travar acaloradas discussões. Durante estas, aproveitava para defender seu novo amigo, aquele congregado mariano que o ajudara a entrar no Movimento Católico, que também começa-

Capítulo 2

Adesão ao Movimento Católico

va a sofrer pressões familiares e cuja residência Plinio passara a frequentar.
Em certa ocasião, logo após o jantar em casa, um dos tios mais intelectualizados da parentela, homem muito hábil, afas- tou-se um tanto da roda, sentou-se e fez a Plinio um sinal amis- toso, convidando-o para sentar-se também ao seu lado. O sobri- nho aceitou com igual amabilidade, e o diálogo se iniciou com uma inquirição a respeito do escudo das Congregações Maria- nas, que Plinio ostentava na lapela:
Você está muito católico, hein? O que é esse distintivo? - É o da Congregação Mariana de Santa Cecília. Depois de uma risada de bonomia, o tio continuou: Olhe, eu não compreendo algumas coisas da Religião. Você quereria explicar-me?
- Se souber... com gosto.
Não entendo como você, sendo um rapaz inteligente, não percebe o quanto a Religião Católica é criticável.
O senhor faça suas críticas e eu responderei, se souber fazê-lo. Se não souber, perguntarei ao padre e depois voltarei a falar com o senhor.
Esse reconhecimento da autoridade do clero sobre os lei- gos, em matéria de doutrina, deixava o interlocutor de Plinio muito mal à vontade, mas ele lançou sua objeção:
-
Agora no mês de outubro estão celebrando a festa de Cristo Rei.18 Você acha que um homem como Ele lucra em ser qualificado de rei? Ser rei é tão pouco, perto de ser Jesus Cristo! No meu modo de entender a Religião, Ele supera qualquer rei, mas a Igreja parece julgar que ser rei é mais do que ser Jesus Cristo e, então, O coroa para ver se Ele se torna mais importan-
te...
A resposta de Plinio não se fez esperar:
18) A Solenidade de Cristo Rei foi instituída por Pio XI em 1925, sendo comemorada no último domingo de outubro. Posteriormente, esta celebração foi transferida para o último domingo do Tempo Comum.

tinuou tranquilo e pacífico, marcado, entretanto, pela enorme A pressão familiar foi suavizada, e o convívio em casa con- diferença que ele fez questão de assinalar: afastar-se-ia das fes tas mundanas, bailes ou reuniões que antes frequentava. "Eu sentia um chamado intensíssimo da graça para me dedicar ao Movimento Católico, mas compreendi que, para fazer isto, eu tinha de deixar a vida social que levava e me dedicar completa-
mente a esta Causa".20

É verdade que tais divertimentos eram de todo inocentes, não comportavam ocasião alguma de ofensa à moral católica e neles Plinio jamais cometera um pecado. Contudo, segundo suas próprias palavras, "o idealismo de viver para Deus Nos- so Senhor, para a Igreja Católica e para Nossa Senhora só se consegue permanecendo sempre entre aqueles que possuem o mesmo ideal, porque o mundo tem algo que amolece, dando a vontade de viver para si mesmo".21

Sua retidão lhe fazia ver com toda a clareza as consequên- cias de uma semifidelidade a tal propósito: "Se eu tomasse o hábito de passar uma parte do dia nos prazeres, mesmo sem pecado, a moleza mataria o que eu desejava ser, um herói da Contra-Revolução, pois produziria em mim, na melhor das hi- póteses, uma divisão interior e eu não aguentaria. Eu teria uma alma trincada ao meio, incerta e indecisa, fadada ao fracasso" 22

Assim, Plinio percebeu que a sua nova condição não lhe exigia apenas o elemento principal de uma rotina de jovem en- gajado no Movimento Católico, ou seja, o comparecimento à Missa e às reuniões da Congregação Mariana: para ele era uma necessidade vital serem todos os seus lazeres, descansos, pas- seios ou excursões realizados na austeridade, em companhia dos congregados marianos, junto aos quais ele se manteria numa verdadeira clausura religiosa, sem paredes, é verdade, mas tam- bém sem dispensas.

20) Conferência, 20/4/1973.

21) Santo do Dia de Sábado, 20/11/1976.

22) Idem.

Por sua radical entrega à Causa Católica, Plinio passou a ser incompreendido, indesejado e silenciado pelos seus mais próximos

O jovem Plinio na Congregação Mariana de Santa Cecília, em meados de 1932 Entretanto, essa radical atitude não lhe foi perdoada pelos seus mais próximos: a partir de então, passou a ser o parente in- compreendido, indesejado e silenciado. Por coincidência, nesses dias ele se deparou com o seguinte texto sagrado, cujas palavras The causaram profunda impressão: "Prefiro deter-me no limiar da casa de meu Deus a morar nas tendas dos pecadores" (SI 83, 11). pensou: "Ficarei mesmo na casa de meu Deus, o meio católi- co. Quanto aos pecadores, cumprimentamo-nos de longe e... aca- bou-se!' Nossa Senhora me ajudou e obtive essa vitória contra o respeito humano".23 Vitória árdua, esforço incalculável...

E

No entanto, foi também nesse período que Plinio rece- beu uma intensa consolação sobrenatural. Encontrava-se ele no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, genuflexo diante da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora e assistindo à bênção do

23) Santo do Dia de Sábado, 23/6/1990.

Juventude: a sabedoria posta à prova
Santíssimo Sacramento, quando sentiu em seu
Adesão ao Movimento Católico
Parte
interior, sob a for-
Capítulo 2
seria dado experimentar mais tarde, quando fosse favorecido por abundantes graças místicas. Foi a primeira recompensa de Maria Santíssima a seu filho fiel, por sua dolorosa e heroica renúncia:
rezava, veio-me ao espírito um pensamento: 'Este sacrifício es- "Enquanto se desenrolava a cerimônia e eu, ajoelhado,
me
tá feito. Em compensação, é de esperar que Nossa Senhora conceda muitas graças. Dada a imensidade do sacrifício, é difícil
calcular a quantidade dessas graças. Será uma maravilha!""24

A sabedoria da Cruz

De onde vinha, entretanto, tão grande fortaleza? Qual o segredo de tanta decisão, tanta ufania em tomar atitudes incom- preensíveis para o mundo? O que movia esse jovem, ao qual tu- do prometia um brilhante futuro, a eclipsar-se de um meio tão distinto e bem classificado, fugir do esplendor das festas da so- ciedade e afundar-se na penumbra das sacristias? De onde pôde ele haurir tamanha coragem, de modo a enfrentar o martírio da rejeição de seus familiares e conhecidos, os quais não viam tal procedimento apenas como um exagero, mas como uma verdadeira loucura?

Santo Inácio de Loyola, por Gerard Seghers e Jan Wildens - Museus Vaticanos

Só poderá obter resposta para tais interrogações quem se elevar aos altos patamares da Revelação: "A lingua- gem da Cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divi- na" (I Cor 1, 18). Sim, a filosofia do mundo é completamente oposta ao dom sobrenatural que guia os pas- sos dos seguidores das vias de Deus. O que levou um Inácio de Loyola a retirar-se dos ambientes adequados
à sua alta linhagem e partir para a

24) Conversa, maio de 1992.

"A linguagem da Cruz é loucura para os que se perdem" (I Cor 3, 19) São Francisco rompe com sua família e com o mundo, por Giotto di Bondone - Basílica Maior de Assis (Itália)

mendicância, sentindo regozijo e consolação por ser despreza- do? Como explicar a enorme alegria de um Francisco de Assis no momento de ser expulso e deserdado por seu próprio pai? Quem poderá entender o contentamento de um Domingos de Gusmão, muito maior quando ele pregava na cidade de Carcas- sone, onde era rejeitado, do que em Toulouse, onde era queri- do e bem recebido? Todos eles, bem como a imensa plêiade dos Santos que se assinalaram pela oposição aos critérios vigentes no mundo de seu tempo, foram conduzidos pelo dom de sabe- doria. Através dele tornaram-se capazes de esforços e sacrifícios que parecem superar as possibilidades da natureza humana, en- tenderam "a linguagem da Cruz" e convenceram-se de que "a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (I Cor 3, 19).25

25) A esse respeito, escreve o Pe. Lallemant: "Há uma loucura que é verdadeira sabedoria diante de Deus. Amar a pobreza, o desprezo, as cruzes, as perseguições, é ser louco segundo o mundo. E, entretanto, a sabedoria, que é um dom do Espírito Santo, não é outra coisa que esta loucura que não se deleita a não ser naquilo em que Nosso Senhor e os Santos se deleitaram. [...] Como são diferentes os juízos de Deus dos juízos dos homens! A sabedoria divina é uma loucura segundo o juízo dos homens, e a sabedoria humana é uma loucura segundo o juízo de Deus" (LALLEMANT, SJ, Louis. La vie et la doctrine spirituelle. Paris: Pierre Téqui, 1924, p.215; 217).
101

102
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte
na
Foi essa mesma sabedoria o sustentáculo da fortaleza desse jovem, que renunciou aos sentimentos mais legítimos, r imolação do instinto de sociabilidade e dos laços de sangue. De peito erguido, desapegado de tudo e de todos, pôs a cruz aos ombros, abraçou-a com entusiasmo e seguiu Nosso Senhor Je-
sus Cristo passo a passo.
Quem reconheceu o valor sobrenatural da vocação a ele concedida? Quem admirou seu extraordinário exemplo de in tegridade, os sucessivos atos de heroísmo por ele praticados? Não os seus familiares, certamente, exceção feita de Da. Lucilia. Mais uma vez no decurso da História, confirmaram-se as pala- vras do Divino Salvador: "Um profeta só é desprezado pátria, entre os seus parentes e na sua própria casa" (Mc 6, 4). As convicções e desejos de um jovem de vinte anos
na sua
Entretanto, a nova existência de Plinio trouxe outra im- portante consequência: ele via agora diante de si o campo livre para dedicar-se com todo o empenho ao cumprimento de seus anseios. A imensa transformação que almejava para o Brasil e a humanidade deixava de ser um objetivo quase impossível, para tornar-se uma meta alcançável: fortalecia-se assim, pensava ele, "a esperança de que eu estava, por meio do Movimento Católi- co, me aproximando da realização do Reino de Deus".26 E, nes- sa realização, "o Brasil caminharia em linha reta para onde eu julgava que devia caminhar" 27
Torna-se claro o quanto a envergadura dos seus desejos ultrapassava de longe os de qualquer um dos seus contemporâ- neos. Mas quais seriam os métodos para levá-los a cabo? Quase três décadas depois, as palavras dele, as primeiras de sua história a serem gravadas e reproduzidas, começariam a revelar a simpli- cidade grandiosa de seus desígnios, além da profunda religiosi- dade desse estudante de Direito, filho íntegro da Igreja, cuja fé se mantivera intacta e robusta em meio a um cerco de ateísmo e de impiedade: "Quando participei do Congresso da Mocidade
26) Conversa de Sábado à Noite, 7/8/1993.
27) Santo do Dia, 25/6/1993.
Capítulo 2
Católica e entrei na Congrega- ção Mariana de Santa Cecília, eu já era inteiramente um ultramontano. Eu era partidário convicto de uma catolicidade radical. Estava convicto de que um Catolicismo de meias-tintas não resolveria nada; convicto também de que só se é católico sendo-se em tudo fiel ao Papa, bem como de que só nessa ab- soluta fidelidade reside a subs- tância do Catolicismo",28

Adesão ao Movimento Católico

Catolicidade radical! Eis o nome de uma decisão, de um programa e de um avanço irresistível. E tal convicção interior de Plinio vinha carregada de consequências, abarcando hori- zontes vastíssimos e campos de ação ilimitados. Sim, ele estava "profundamente convicto, tam- bém, de outra verdade: a Igreja é a coluna do mundo, da ordem temporal, da ordem civil e da ordem moral. Portanto, só da Igreja e da doutrina da Igreja, dos Mandamentos e dos ensi- namentos da Igreja, poderia de- correr algo de bom para a solução da crise mundial".29

Catolicidade radical, eis o nome da convicção interior de Plinio, que abarcava campos de ação ilimitados O jovem Plinio em meados de 1930

E, dentre esses ensinamentos a que ele se refere com tanto amor, há um ponto que Plinio faz questão de assinalar, com todo o entusiasmo de seu coração católico: "Estava tam- bém convicto da importância da devoção a Nossa Senhora. Eu

28) Conferência, 1954.

29) Idem.

Parte

compreendia bem que esse era, em matéria de piedade, o lado saliente da doutrina católica para a minha vida espiritual" 30

Assim, nessa fase da juventude ele já possuía, vincados em seu espírito, os princípios da relação mútua que deve existir en- tre a Igreja e a ordem temporal, e da importância do aspecto re- ligioso nas questões políticas, sociais ou econômicas. Essa consi- deração sobre o papel central da Santa Igreja nos acontecimen- tos, bem como da graça de Deus e da piedade, enquanto seiva e elementos fundamentais para o perfeito equilíbrio da sociedade, era enriquecida por uma visão sapiencial e teológica de todo o passado da Cristandade, e acrescida de um olhar vigilante em direção ao futuro.

"Convicto igualmente estava de que toda a ordem de acon- tecimentos, decorrentes do processo que foi do protestantismo até o comunismo, era o pior mal possível e representava a des- truição da civilização. Convicto também estava de que nos en- contrávamos muito adiantados nesse fenômeno de decomposi- ção, e de que ainda em meus dias uma grande crise determinaria o fim da civilização contemporânea".31

Entretanto, as mencionadas declarações de Plinio, apesar de lançarem potente luz sobre os métodos que ele desejava pôr em prática sem mais tardar, não respondem ainda à primeira das perguntas: qual era exatamente o seu desígnio, o plano de um jovem de vinte anos, em relação a seu país e ao mundo? Gi- gantesco, sem dúvida, e de uma envergadura que podemos qua- lificar de profética. Porém, antes de considerar esses vastíssimos horizontes de seu espírito, é necessário acompanhá-lo numa curva inesperada de sua nova existência. A Providência lhe pre- para ele parava a surpresa de um terrível martírio, o qual seria como um segundo turno de provações. +

30) Idem.

31) Idem.

Um jovem convicto do papel central da Igreja nos acontecimentos, dotado de uma visão religiosa de todo o passado da Cristandade e de um olhar vigilante em direção ao futuro Plinio na Congregação Mariana de Santa Cecília, em novembro de 1931

Phinto em meados de 1929,
quando servia a Linha de Tiro
CAPテ控ULO 3
APテ鉄 A ENTREGA, TERRテ昂EL PERテ弘DO DE PROVAテ・グ
omo dito anteriormente,' na primeira etapa de uma voca- テァテ」o especial o Espテュrito Santo sustenta a alma com graテァas sensテュveis, fazendo-a experimentar alegrias e consolaテァテオes para lhe indicar o caminho a seguir e alimentar a esperanテァa do prテエmio que receberテ。 ao fim. テ・aquele perテュodo magnテュfico de en- levo e de fervor primaveril, no qual tudo parece santo, brilhante, repleto de luz, de grandeza e de promessas de futuro; momentos em que a pessoa chamada, arrebatada por tais graテァas, se sente transformada, cheia de boas aspiraテァテオes, disposta a entregar-se a Deus por inteiro, a renunciar-se a si mesma e a fazer qualquer sacrifテュcio. Foi com essa alegria que Plinio iniciou sua militテ「ncia na Congregaテァテ」o Mariana.
A Providテエncia jテ。 lhe havia preparado os caminhos desde o desabrochar da razテ」o, cultivando e fazendo frutificar em seu es- pテュrito uma noテァテ」o filosテウfica e metafテュsica, viva, experimental e sテ。- bia, a respeito das maravilhas da sociedade temporal bem equilibrada, numa existテエncia toda harmテエnica e sem pecado. Agora, porテゥm, Deus queria lhe dar mais e abrir uma nova perspectiva.
Apテウs ingressar no Movimento Catテウlico, Plinio obteve nu- merosos livros sobre espiritualidade, como as obras de Santa Te- resa de Jesus, Sテ」o Joテ」o da Cruz e Santo Inテ。cio de Loyola, cuja leitura lhe foi de grande proveito e o ajudou a entender os fe- nテエ menos que se passavam em seu prテウprio interior: percebeu o havia sido acrisolada pela graテァa sem o saber, quanto sua alma
e acendeu-se nele um enorme desejo de maior perfeiテァテ」o. Por outro lado, tais leituras lhe faziam sentir os sabores e as delテュcias
1) Ver Parte I, Capテュtulo 1: Um "avant-goテサt" do prテエmio final.

da vida de oração, e desvendavam a seus olhos, com clareza, a elevadíssima vocação à qual era chamado.
Nessa via de aprendizagem não era um professor quem o instruía. No fundo, ele era um aluno de Deus, ensinado e for- mado de maneira providencial, rumo ao cumprimento de sua missão, e arrastado por uma esperança e um entusiasmo que pareciam dar-lhe asas: "Tendo entrado agora no Movimento Ca- tólico e rompido com o mundanismo, voarei em direção à reali- zação dos meus ideais, como uma águia voa para o alto da mon- tanha!", é o que pensava, conforme ele mesmo comentou mais tarde, em narrações sobre sua juventude.
Na aridez, a fidelidade
que
Entretanto, em meio a tal crescimento, cada vez mais acen- tuado, explicitado e robustecido, em determinado momento as graças sensíveis diminuíram na alma de Plinio. Como o sol se põe ou uma chama que se apaga, as alegrias interiores foram minguando e se retirando, até abandonarem-no quase comple- tamente. Começava a provação espiritual. Para ele, como para todos aqueles que caminham nas sen- das da perfeição, sobreveio o tormento da aridez, esse período da vida interior tão bem descrito por São João da Cruz em

sua obra Noite escura.3 Iniciava-se então, para Plinio, uma sequência de tremendos sofrimentos, que ele atravessaria com indefectível generosidade e fidelidade à Igreja, e que serviria para solidifi- cá-lo em sua entrega a Deus, ao redundar num maior fortaleci-

2) Chá, 20/12/1987.

3) "Tais tempestades e trabalhos costuma Deus enviar nesta noite e purgação sensitiva [...] para que, assim castigados e esbofeteados, se vão exercitando, dispondo e temperando os sentidos e potências para a união da sabedoria que lhes há de ser dada. Porque, se a alma não é tentada, exercitada e provada com trabalhos e tentações, não pode avivar seu sentido para a sabedoria, conforme diz o Eclesiástico: 'Aquele que não é tentado, o que sabe? E o que não é provado, que coisas conhece?' (34, 9-10). Verdade esta da qual Jeremias dá bom testemunho, dizendo: 'Castigastes-me, Senhor, e fui ensinado' (31, 18). E o mais propício destes castigos, para entrar em sabedoria, são os trabalhos interiores de que falamos, porquanto são aqueles que com mais eficácia purgam o sentido de todos os gostos e consolações a que, por fraqueza natural, estava apegado, e onde a alma é verdadeiramente humilhada para o engrandecimento que há de ter" (SÃO JOÃO DA CRUZ. Noche Oscura. L.I, c.14, n.4. In: Obras Completas. 2.ed. Madrid: BAC, 2005, p.519).

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

Sobreveio para Plinio a noite escura da provação, que haveria de solidificá-lo em sua entrega a Deus Nascer da lua - Enseada do Mar Virado, Ubatuba (Brasil)

mento de sua fé, esperança e caridade. Ele avançará e adquirirá mais méritos nesse deserto do que em toda a fase anterior.

Mas como era essa aridez? Impossível fazer comparações entre o progresso espiritual de Plinio e o desenvolvimento de uma vida interior comum. Desde que despertara para o uso da razão, um extraordinário dom de contemplação das belezas da criação e da ordem do universo e, posteriormente, também uma grande doçura no relacionamento com Nossa Senhora, havia- -lhe proporcionado abundantes consolações. Assim, numa alma tão privilegiada, acostumada a voar nas altas vias da mística, a provação da aridez consistia, sobretudo, na perda dessa especial sensibilidade, mas sem atingir em nada a vontade, nem compor- tar a retirada dos dons que a Providência lhe concedera.

É verdade que ele sentia saudades daquela felicidade pa- radisíaca da infância, daquela atmosfera primaveril de graças, em que a comunicação com Deus, com Nossa Senhora e com o mundo sobrenatural era para ele muito fácil. Entretanto, apesar

te sustentado por sua inocência, assistido pelos sensos de admi- da insensibilidade, ao longo desse período ele foi constantemen- ra, universal e contínua do maravilhoso, por rutilante dom de ração, de reversibilidades e de correlações, por sua visão primei- sabedoria e pelo discernimento dos espíritos. Ou seja, por todo que jamais foi extirpado de sua alma, nem diminuiu ou sequer se aquele tesouro interior denominado "banco de reluzimentos", interrompeu, mas, pelo contrário, ainda aumentou e tornou-se

fonte de fidelidade e perseverança durante a provação.

Humildade heroica

Como interpretou Plinio esta nova fase de sua vida espiri- tual? Desejando conhecer as razões da ausência de sensibilida de, examinou sua consciência à procura da mancha, da

miséria que teria causado tão terrível abandono. Reconhecendo e sen- tindo a própria fraqueza, de antemão julgava-se culpado, mas, sem saber qual poderia ter sido a falta por ele cometida, atri- buiu a si mesmo uma generosidade insuficiente, talvez alguma antiga concessão ao mundanismo. Imaginou estar sendo mere- cidamente castigado por Deus e aceitou a suposta punição sem inconformidade nem revolta. Nesta situação permitida pela Pro- vidência, Plinio foi grande também na humildade: em sua alma, tal virtude atingiu alta perfeição.

Um problema interior

Entretanto, além da aridez espiritual, delineava-se na mente de Plinio outro problema, o qual, agravado por escrúpu- los, chegou a ter as proporções de um drama.

A partir do momento em que recebera as primeiras no- ções da doutrina católica, o seu intelecto iluminado pela fé havia aderido às verdades que lhe eram propostas, sem a menor difi- culdade nem sombra de dúvida. As narrações da História Sagra- da, a Liturgia e o catecismo suscitavam naquela alma inocente, de modo invariável e constante, reações espontâneas de enlevo,

4) Sobre este tema, ver Parte I, Capítulo 1: Um "banco de reluzimentos" sempre intacto.

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação admiração e entusiasmo. Havendo ingressado na Congregação Mariana, Plinio passara a frequentar ambientes especificamente católicos e eclesiásticos, nos quais os assuntos religiosos eram amiúde objeto de conversas, trazendo à tona opiniões e comen- tários os mais diversos. Em algumas dessas ocasiões, ele ouvia com espanto certas afirmações absurdas, como esta:

- A minha fé é la foi du charbonnier. Eu acredito na Igre- ja Católica porque o desejo, mas não vejo razão nenhuma para acreditar!

Plinio se perguntava se aqueles que assim se exprimiam possuíam, de fato, fé, uma vez que essa virtude, entre outros as- pectos, consiste na nobre e gaudiosa homenagem da razão dian- te daquilo que o Sagrado Magistério apresenta como verdade revelada. "Não compreendo essa faceirice: adornar algo tão sé- rio, tão profundo, tão admirável quanto a fé, com os louros dis- cutíveis do analfabetismo!", concluía ele.

Mas tal questão começou a causar-lhe sérias dificuldades. Apesar de estar convicto de sua adesão incondicional aos en- sinamentos da Santa Igreja, interrogava-se: não era ele obriga- do a provar a sua certeza, explicando para si mesmo, por meio da razão, tudo quanto a Igreja afirmava, bem como a refutar as objeções possíveis de serem levantadas pela impiedade? Ora, ele jamais conseguiria realizar tal operação intelectiva em rela- ção à totalidade da sagrada doutrina à qual dera seu firme as- sentimento. Logo, essa sua disposição poderia ser chamada de fé autêntica? As suas próprias palavras mostram quão delicado, difícil e intrincado era o problema interior desse jovem de vinte anos, cuja inexperiência pedia o apoio de um conselheiro hábil:

"Ao longo de meus estudos de Religião, encontro pontos que preciso analisar mais, porque não entendo bem a solução

5) Naquele tempo empregava-se muito a expressão francesa la foi du charbonnier - a fé do para referir-se à crença daqueles que, sem grande cultura religiosa, aceita- carvoeiro vam os ensinamentos da Santa Igreja unicamente porque ela assim o mandava, mas não fundamentavam suas convicções em raciocínios nem estudos doutrinários. Ora, tal ex- pressão era utilizada sobretudo por inimigos da Igreja, com evidente sentido pejorativo, para zombar dos católicos que proclamavam a sua fé com ardor, diante das investidas do ateísmo e da irreligião.

6) Santo do Dia, 7/10/1994.

como a Igreja as refuta, mas acredito ser verdadeira a sua dou- para as objeções formuladas por alguns. Ainda não vejo bem te! Ora, não tenho uma ideia completa baseada em raciocínios trina, porque é ela quem a propõe e eu creio nela absolutamen- acerca do que ela ensina. Terei, antes de morrer, as luzes sufi- cientes para perscrutar tudo? Sou falível e a Igreja é infalível. Se minhas convicções forem opostas à fé, o errado serei eu, não há dúvida! Mas por que eu creio ser ela a Igreja infalível de Jesus Cristo? Então, eu tenho fé? Ou sou uma espécie de carvoeiro
analfabeto, à minha maneira?"?
A tentação se apresentava a ele de modo sutil e sibilino,
e iria atacá-lo exatamente nos pontos em que sua Santa Igreja era mais acrisolada.
O início de uma provação
fidelidade à
que
Certo dia, enquanto Plinio refletia com enlevo a respeito das maravilhas e belezas da infalibilidade pontifícia, matéria o arrebatara desde a infância, veio à sua mente um pensamento, sem dúvida inspirada pelo demônio, como ele explicaria mais tarde: "Vocês, católicos, caem numa contradição. Dizem ser o Papa infalível e se encantam com isso, mas não percebem que a razão dessa infalibilidade é o desacordo de todos em relação a ele! No fundo, ele reina sobre essa multidão de pessoas apenas por autoridade. E você, Plinio, tão entusiasmado pela infalibili- dade do Papa, tem pontos de desacordo com ela!"8
Sua primeira defesa foi o raciocínio, através do qual de- monstrava para si mesmo a improcedência daquilo que percebia ser um erro, mas cuja falsidade ele não conseguia explicitar por inteiro. Entretanto, quanto mais pensava sobre o assunto, mais se enredava nesse terrível problema de consciência, ao qual se acrescentava uma interrogação de caráter histórico-teológico, sobre a autenticidade dos Livros Sagrados: como provar, histori- camente, que os Evangelhos foram de fato escritos pelos Após- tolos e Evangelistas?
7) Idem.
8) Palavrinha, 6/3/1995.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Plinio ouvira contar não ser conhecido nenhum exemplar de cuja origem se possa afirmar aos tempos que remonte evangélicos, motivo pelo qual alguém poderia, em princípio, duvidar a res- peito de tal autenticidade. Sem a menor indecisão ou fraqueza em matéria de fé, ele submetia sua razão ao ensinamento da Igre- ja, num ato de fidelidade, como já o fizera em tan- tas ocasiões. Entretanto, era em função desse novo problema que a provação se tornava para ele ainda mais terrível: "O demônio estudou minha psicologia e veio com outra tentação: 'Para ser um católico pro- bo, você deveria fazer uma revisão racional de toda a doutrina da Igreja, pro- curar todas as objeções e esmagá-las uma por uma.
AN 174621
Uma nova interrogação veio aumentar o problema: como provar, historicamente, que os Evangelhos foram escritos pelos Apóstolos e Evangelistas?

Os quatro Evangelistas, iluminura por Spitz Master - Museu Jean Paul Getty. Califórnia (Estados Unidos)

Ora, você nem tem essa preocupação, de tal maneira é um faná- tico! Pior ainda: você não fará essa verificação por ter medo de encontrar algum erro na Igreja. Então, você nem segue a verda- de conhecida como tal!"""

Assim, afligido pela possibilidade de haver dado consen- timento a alguma ideia contrária à Fé Católica, Plinio sentia a necessidade de encontrar melhores argumentos para resolver aquele tremendo escrúpulo e decidiu abrir sua alma a um con- fessor. Mas o mais grave estava para acontecer.

9) MNF, 2/11/1989.

Padre, estou com um problema que talvez seja uma ten-
tação contra a fé.

Era muito clara a pergunta formulada pelo jovem que aca- bava de ajoelhar-se no confessionário: ele desejava saber se esta- sobre um ponto de doutrina, recebesse a explicação adequada e, ria em ordem com sua consciência um católico que, tendo dúvidas

Terríveis dúvidas fizeram Plinio julgar que havia perdido o estado de graça e a fé Plinio com o uniforme da Linha de Tiro, na época dos seis meses de provação, em 1929

apesar de a resposta não lhe parecer inteiramente racional, con- tinuasse a crer na Igreja com toda a sua alma, certo de existirem outras razões, por ele ignoradas, que justificavam esse ato de fé.

Talvez o sacerdote jamais tivesse ouvido tais questões da parte de algum penitente. Tomado de surpresa, não entendeu nem soube resolver esse caso de consciência.

Não! É preciso que a razão esteja de acordo com a fé. Mas, se ele tenta e não consegue, está em ordem com a Igreja? Está vivendo da vida da graça? Tem culpa por se encon- trar em tal condição?

O padre declarou ser essa situação absurda e inadmissí- vel, pois não pode haver incompatibilidade entre a razão e a fé. A resposta, em lugar de esclarecê-lo, tornou o problema ainda mais confuso, agravando assim os temores de Plinio: "Entendi o padre afirmar que uma pessoa só possui Fé Católica quando en- tende tudo quanto a Igreja ensina e não tem nenhuma dificulda- de a respeito de ponto algum. Se a tem, é porque perdeu a fé".10 Plinio necessitava do auxílio de um diretor de consciências com excelente formação, grande cultura e considerável expe- riência, predicados que por certo faltavam àquele pobre confes- sor. Ora, com enorme respeito pelo sacerdócio e total adesão ao princípio de hierarquia, Plinio aceitou o veredicto como o de um ministro de Deus. Mas, pensava ele: "Como chegar um dia a ex- plicar toda a doutrina católica?" Portanto, uma vez que não con- seguia provar pela razão a totalidade daquilo que admitia pela fé, ele julgou ter perdido o estado de graça e, mais exatamente, a própria fé. E a voz do tentador o atormentava, insinuando: "Vo- cê não é católico. Está fora da Igreja, sem o perceber".

Sem dúvida, era a mais terrível provação de toda a existên- cia de Plinio até aquele momento. E, de fato, o seu maior esfor- ço nesse período não consistiu na luta pela fé, e

sim em vencer a tentação do desespero: "Foi uma prova tremenda, não contra a fé nem contra a caridade, graças a Deus, mas contra a esperança e a virtude da confiança"."
10) Santo do Dia de Sábado, 5/5/1973. 11) Jantar, 26/3/1988.

o en-
chia de apreensão e de pavor, preferindo mil vezes morrer a ser expulso do regaço dela: "Então, não tenho fé?! Mas essa é uma ideia louca! Vejo-me de repente fora da Igreja, quando acredito nela com todas as veras de minha alma! A tal ponto acredito, que só ela no mundo conseguiria me fazer crer que não tenho fé. E quando eu aceitasse que não tenho fé... ainda estaria fazendo
um ato de fé!"12
Assim, em meio ao tormento interior, Plinio também for- mulou seus mais belos atos de fé na instituição fundada por Nos- so Senhor Jesus Cristo! "Não querendo sair da Igreja, pensava: 'Se eu não estiver na Igreja, do lado de fora ainda rezo a ela, imploro sua misericórdia e morro ao seu lado pedindo clemên- cia, mas não a abandono, porque ela é a minha luz! Diga o padre o que disser, embora eu não saiba explicitar, tenho razões pelas quais creio na Igreja!"'"13
Ora, a tentação se tornava cada vez mais feroz e o acompa- nhava noite e dia. Ele começou a isolar-se de familiares e ami- gos, tentando dissimular ao máximo o estado em que se encon- trava, para evitar preocupações a Da. Lucilia.14 Por outro lado, todos os costumes de piedade, por ele adquiridos desde seu in- gresso na Congregação Mariana, se apresentavam a seus olhos como verdadeiros pecados. Sua Comunhão lhe parecia uma horrível profanação, e suas orações, meros atos de hipocrisia. Martirizado pela dúvida, passou então a rezar ainda mais do
12) Santo do Dia, 7/10/1994. 13) MNF, 2/11/1989.
que
14) Uma carta de Da. Lucilia para Dr. Plinio não só fornece alguma indicação para deter- minar quando foi o momento mais agudo do período de provações, mas também leva a crer que algo dos sofrimentos de seu filho ela percebeu. Eis o trecho inicial da missiva: "Cambará, 16/5/1929. Filho querido! Tua carta de ontem deixou-me bem apreensiva, como bem podes imaginar, pois, conquanto tenha grande confiança em teus sentimen- tos, e na tua fé, tentação sempre é tentação, e por isso é preciso que te lembres que sabe- mos e conhecemos todos quem é o Mefistofeles, e portanto, é tratar de fugir e às léguas, e agarrando-se a um crucifixo! E o mais interessante, é que para 'obrar', aproveita-se de minha ausência... gosta da sombra!" (CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Dona Luci- lia. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiæ, 2013, p.290).
"Se eu não estiver na Igreja, do lado de fora ainda rezo a ela, imploro sua misericórdia e morro ao seu lado pedindo clemência, mas não a abandono, porque ela é a minha luz!"
Basílica de São Pedro - Vaticano
já o fazia, pedindo forças para perseverar em seus propósitos; contudo, decidiu também afastar-se dos Sacramentos, por jul- gar-se indigno deles, e deixou de confessar-se e de

comungar. Tal situação se prolongaria por um período de seis longos meses. Sofrimento inenarrável

No fundo Plinio sofria por perceber em si deficiências e carências próprias à condição humana depois do pecado origi- nal, e por não conseguir ser tão perfeito quanto desejava sê-lo, a fim de dar a Deus a glória dessa perfeição. Alma eleita e cha- mada a altíssima santidade, sabia medir a distância que vai entre a mera criatura e o Criador onipotente, tinha-se por miserável e era atormentado pela consideração dessa miséria.15

15) Expressivas, nesse sentido, são as palavras de São João da Cruz: "A alma sente estar se desfazendo e derretendo à vista de suas misérias, com cruel morte de espírito [...]. Porque neste sepulcro de escura morte convém-lhe estar, para a espiritual ressurreição que espera. [...] Mas o tormento da alma aqui, e o que ela mais ressente, é parecer-lhe claro que Deus a descartou e, aborrecendo-a, precipitou-a nas trevas. Acreditar que Deus a abandonou é para ela grave e lastimosa pena. [...] Verdadeiramente, quando esta contemplação purga- tiva aperta, sombra e gemidos de morte e dores de inferno experimenta a alma de forma muito viva, que consiste em sentir-se sem Deus, castigada, expulsa e indigna d'Ele, O qual está irritado" (SÃO JOÃO DA CRUZ, op. cit., L.II, c.6, n.1-2, p.530).

Juventude: a sabedoria posta à prova

Sacudido por inenarráveis aflições,
o jovem Plinio parecia mergulhado num oceano de tormentos O navio Maria na tempestade, por Ivan Konstantinovich Aivazovsky - Galeria Nacional de Arte Aivazovsky, Feodosia (Crimeia)

Parte 1

Seis meses de tremenda provação, sem se aproximar da Eucaristia, durante os quais ele pensava que enlouqueceria de tanto sofrimento! Segundo suas palavras, "se um homem cheio de fé tem a impressão de havê-la perdido, nada lhe falta para se tornar louco... senão a loucura". 16 De fato, a sua aflição torna- va-se tão lancinante, que chegava a atingir um grau inimaginá- vel, "um delírio de horror!"17

Talvez nunca seja possível medir a intensidade da dor que acompanhou esse jovem de vinte anos, mergulhado num oceano de tormentos, mas suas expressões podem dar certa ideia dos pavores que lhe causava a perspectiva de haver pecado contra a virtude por ele mais amada: a Fé Católica.

"Se soubessem o quanto sofri naquele período de tenta- ções, pensando já não ter mais fé! Havia naquele tempo mendi- gos na rua. Vendo-os eu pensava: 'Se eu pudesse ser esse homem e sentar-me agora aqui, todo coberto de chagas, pedindo esmo- la, mas tendo a certeza de ser católico, eu passaria uma tarde de

16) Reunião, 26/4/1972.

17) Jantar, 29/2/1992.

Após a entrega, terrível período de provação festa em meio às minhas feridas! Porém, acho que não sou mais católico!""18

"Senti-me perdido! Só não me matei porque era pecado mortal. Caso contrário, teria resolvido: 'Minha vida não tem ca- minho... Vou liquidá-la!' E várias vezes cheguei a pensar: 'Nun- ca imaginei ser possível um homem sofrer tanto!""19 Mais tarde, ele se referiria a esses duríssimos dias como aqueles nos quais parecia haver descido vivo aos infernos.

Em certas ocasiões, encontrando-se na capela do Santís- simo da igreja do Mosteiro de São Bento, Plinio fixava a aten- ção no altar, onde figuram dois cervos, bebendo água de uma fonte, junto à inscrição: Sicut desiderat cervus ad fontes aquarum (cf. SI 41, 2). Sentia-se, então, como o cervo à procura da fonte das águas, pela enorme vontade de comungar, mas freava-se a si mesmo e pensava: "Que falta de reverência! Minha obrigação é recitar o Confiteor..."20

Às vezes, entretanto, a tortura interior cessava, e Plinio podia gozar de alguns momentos de tranquilidade, nos quais CERVVS AD FONTES ACVARVM
SICVT DESIDERATE
ITA DESIDERAT
NIMA MEA AD TE DEVS PS XLI
Nogueira

Plinio fixava sua atenção naquela figura e, pela enorme vontade de comungar, sentia-se como o cervo à procura da fonte das águas Detalhe do altar da capela do Santíssimo Sacramento Igreja do Mosteiro de São Bento, São Paulo

18) Almoço, 1/9/1984. 19) Reunião, 27/10/1975. 20) Cf. Almoço, 25/6/1995.

vivia como se o problema não existisse. Porém, repernamente tudo voltava à sua memória, e a prova continuava.21

Em meio a tão grandes apuros, chega às suas mãos um li vro, que lhe abrirá um novo panorama no mundo sobrenatural

"Quero ser santo!"

O quarto de Plinio era contiguo ao escritório onde seu fa- lecido avô22 outrora trabalhara. Após a morte deste, ninguém mais usara o aposento, o qual perma- necia sempre fechado, sendo aberto apenas na Sexta-Feira Santa, quando a família ali se reunia, às três da tarde, hora em que Nosso Senhor morreu na Cruz, e Da. Lucilia recitava diversas orações diante do crucifixo que per- tencera a seu pai.

VRI

Crucifino que pertences ao pai de Da. Lucilia

Certo dia, à procura de alguma distração para o aliviar em suas preo- cupações, Plinio decidiu entrar nes- sa sala, e logo sua atenção foi atraída para um dos numerosos livros que enchiam as velhas estantes: Histoire d'une âme,23 que contava a vida de Santa Teresinha do Menino Jesus, ca- nonizada havia pouco.24 Tomando-o, retornou ao seu quarto, sentou-se e iniciou imediatamente a leitura.

Por uma moção interior da graça, deu-se uma espécie de consonância,

21) A esse respeito, comenta ainda São João da Cruz: "Se Ele não ordenasse que estes sen- timentos, quando avivados na alma, em breve adormecessem, morrería ela em poucos dias. Mas são interpolados os momentos em que se experimenta sua intima vivacidade, a qual algumas vezes sente-se tão intensa, que a alma tem a impressão de ver aberto o infero e a pendição" (SÃO JOÃO DA CRUZ, op. cit., L.II, c.6, n.6, p.532).

22) Dr. Aminio Ribeiro dos Santos, falecido no ano de 1909.

23) A conhecida obra História de uma alma, em sua tradução ao português.

24) Santa Teresinha do Menino Jesus foi canonizada pelo Papa Pio XI, no dia 17 de maio de 1925

Capítulo 3
de harmonia ou de ligação entre ele e a Santa de Lisieux. Era
a vibração da inocên- cia de Plinio, ao tomar contato com a histó- ria de outra alma ino-
Conhecendo cente.
os diversos aspectos da ação da graça so- bre ela, percebeu com maior clareza o quanto é indispensável, para a manutenção da ino- cência, o crescimento na vida espiritual, além da simples perseveran- ça no estado de graça.
Sem dúvida, ele já se encontrava nas vias de uma grande piedade, mas
nessa
a entrega, terrível período de provação
Quando Plinio leu a História de uma alma, estabeleceu-se uma espécie de consonância entre ele e Santa Teresinha:
era o encontro de duas inocências ocasião compreendeu Santa Teresinha do Menino Jesus, em julho de 1896 por inteiro ser a santi- dade acessível a todos os que a desejam. Logo tomou a firme deliberação: "Eu quero ser santo!" E suas palavras, proferidas muito mais tarde, atestam o papel preponderante desempenha- do pela virtude da humildade no objetivo que ele se propunha atingir: "Veio-me pela primeira vez esta ideia de quanto é neces- sário batalhar para ser santo! A meta do homem deve ser a san- tidade! Formei então um plano: se Nossa Senhora me ajudar, e se eu me conservar bem humilde, poderei ser santo também" 25
Do mesmo modo, nesses dias Plinio leu e meditou outra obra, que o ajudou possantemente em sua decisão de seguir os caminhos da perfeição na vida espiritual. Tratava-se de Amour, 25) Palavrinha, 9/10/1990.
121

paix et joie, sobre as revelações do Sagrado Coração de Jesus a Santa Gertrudes, de autoria do Pe. André Prévot, narração da qual ele auferiu sérios propósitos no sentido de "um culto pie- doso e prático" a Nosso Senhor, como ele próprio o explicou.
Ambos os livros, Histoire d'une âme e Amour, paix et joie, além de ajudá-lo a abraçar com fogosidade o ideal da santifica- ção, ainda lhe proporcionariam outro benefício.
A via da imolação e do aniquilamento?
que
Nessa leitura, Plinio passou a ver o bem incalculável uma alma pode fazer à Igreja ao se oferecer como vítima expia- tória, por exemplo dentro da clausura de um convento. De fa- to, logo após a morte de Santa Teresinha do Menino Jesus, com apenas vinte e quatro anos de idade, a devoção a ela cresceu no mundo com rapidez e sua fama começou a fazer bem a inúmeras almas pela vastidão da terra.
Ora, ele sentia o chamado da Providência para a realização de uma grande obra, que só mais tarde soube explicar: "Eu tinha a certeza interior de possuir a missão de restaurar a Civilização Cristã, a boa ordem católica das coisas. E sabia que, se agisse bem, cumpriria essa missão".29 Assim, a perspectiva de um dia pisar essa "terra prometida" de um mundo inteiramente católi- co o fazia desejar com enorme ardor o cumprimento de tal pro- messa interior. Agora, porém, ao conhecer o oferecimento feito por Santa Teresinha, vislumbrava uma via espiritual que parecia lhe prometer a vitória: a vida transcorrida na aridez e no sacrifí- cio. Anos depois, afirmaria Dr. Plinio: "Dei-me conta de haver nesse holocausto uma

verdadeira crucifixão. Não o heroísmo de quem combate ou polemiza, mas de quem se extingue como uma vela, desconhecido, menosprezado, embora ciente de seu oferecimento".30

26) Publicada em português com o título Amor, paz e alegria.

27) Cf. PRÉVOT, SCJ, André. Amour, paix et joie. Mois du Sacré-Cœur de Jésus d'après Sainte Gertrude. Paris-Tournai: Casterman, 1924.

28) Apontamentos de Dr. Plinio sobre o livro "Amour, paix et joie".

29) Conversa de Sábado à Noite, 16/7/1994.

30) Santo do Dia de Sábado, 13/10/1984.

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

O holocausto de Santa Teresinha acendeu na alma de Plinio o desejo de oferecer-se como vítima expiatória

Corpo de Santa Teresinha do Menino Jesus, recém-falecida, exposto no Carmelo de Lisieux

Ele se convenceu de ser tal oferecimento de dores e pro- vações a oração mais agradável a Deus, e d'Ele poder obter os maiores benefícios, por mais se assemelhar ao holocausto de Nosso Senhor Jesus Cristo em sua Paixão. Portanto, adquiriu a clara noção de os acontecimentos, ações e sucessos em favor do bem só atingirem a sua plenitude se tiverem em sua origem al- mas que se ofereçam como vítimas expiatórias. Entendeu que nenhum católico é capaz de colaborar para a vitória ou a expan- são da Santa Igreja sendo apenas lutador ou trabalhador: se ele não rezar nem oferecer sacrifícios para expiar os pecados pró- prios e alheios, inclusive sem esperar a recompensa da felicida- de nesta terra, nada fará de eficaz e o seu agir não passará de mera ilusão, pois não pagará o tributo dele esperado.

Assim, Plinio começava a interrogar-se a respeito do ca- minho para o qual a Providência o chamava: ele não deveria en- tregar-se nas mãos de Deus, oferecer-se como vítima expiatória, morrer na idade de Santa Teresinha, ser enterrado e esquecido?

Kiciak (Getty Images)

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte 11

Não seria essa a melhor via para a implantação do triunfo tão desejado por ele? Não seria de seu túmulo que deveriam brotar

as raízes de uma nova civilização?

Suas palavras, proferidas nos últimos anos de vida, são elo- quentes a esse respeito:

"Lendo a vida de Santa Teresinha, pa- vítima expiatória. Morrer num só lance, oferecendo um sacrifi receu-me muito mais útil à Causa Católica entregar-me como cio imediato e, enquanto tal, de utilidade também imediata. Em poucos anos, por efeito desse sacrifício, a Contra-Revolução es- no Cemitério da Consolação,31 mais ou menos desconhecido, in- taria senhora do terreno. Há muito tempo eu estaria enterrado teiramente ignorado das gerações posteriores. Mas sobre minha tumba teria brotado a árvore grandiosa do Reino de Maria e da

"Sobre minha tumba teria brotado a árvore grandiosa do Reino de Maria e da Civilização Cristã"

Faia de Ponthus - Floresta de Brocéliande, Bretanha (França)

31) A necrópole mais antiga e tradicional da cidade de São Paulo, situada no Bairro da Consolação. Lá repousam os restos mortais de Da. Lucilia, junto com os de seu filho Plinio.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação Civilização Cristã. Esse oferecimento não valeria mais do que todo o esforço que eu estava fazendo?"
É preciso reconhecer que tal holocausto era, nem mais nem menos, o contrário do que pedia o natural feitio de Plinio e de todas as aspirações que faziam sua alma vibrar de entusias- mo: a luta de viseira erguida contra os adversários da Santa Igre- ja, com desafios garbosos, proezas oratórias e lances heroicos à luz do sol. Tudo nele parecia opor-se a esse oferecimento, o qual implicaria em renunciar, segundo sua expressão, às "vozes interiores" que lhe traziam tanto gáudio, consolo e esperança.
Porém, em sua altíssima retidão, Plinio considerava a pró- pria magnitude da imolação como a razão que deveria levá-lo a escolher essa terrível solução, a qual lhe causava tremores de hor- ror: aceitar o sofrimento, sacrificar as inclinações mais profundas de seu espírito, silenciar as "vozes", oferecer a vida e caminhar para a morte, na via espiritual de Santa Teresinha: "Como toda a minha tendência ia no sentido de ser o homem da luta no campo de batalha, e não a vítima expiatória, pensei em fazer um sacrifí- cio especialmente grande aceitando o contrário, e servir melhor à Igreja na minha aniquilação do que na minha realização".34
Entretanto, apesar de tão irrepreensível disposição ao sa- crifício supremo, algo lhe fazia sentir, por um lampejo de intui- ção profética, ser desígnio da Providência que ele vivesse. Sua integridade o moveu a formular a pergunta fundamental, teste- munho de sua incondicional oblação: "O que Deus e Nossa Se- nhora querem de mim?""35
"Faça-se em mim segundo a vossa palavra"
Acima de qualquer decisão que sua generosidade pudes- se lhe sugerir, Plinio tinha plena consciência de uma grande verdade: "Se meu oferecimento fosse feito em desacordo com a virtude da sabedoria, eu poderia ser punido, por estar quase
32) Conversa de Sábado à Noite, 16/7/1994.
33) Idem.
34) Santo do Dia de Sábado, 13/5/1989. 35) Cf. Idem.

impondo a mim mesmo uma solução diferente dacela deseja terríveis, mas quer conservar a sua soberania de todos os modos e, portanto, agrada-Lhe o holocausto por Ele pedo, e não o da por Deus. A Ele não agradam sacrifícios terríves enquanto
holocausto por mim inventado".36
Portanto, ele não disse: "Ofereço-me como vítima e
quero
o ofere-
que
ser colhido, para morrer como Santa Teresinha". Mas fez uma cimento formal e categórico: resolveu tomar em relação a Nossa entrega material, cujo valor foi ainda maior do que seria o aceitasse dele todo e qualquer sacrifício ao longo de sua vida Senhora a atitude de quem tivesse se oferecido, pediu-Lhe Vossa vontade receber-me como vítima, Vós me levareis. Se, pe- e pôs sua resignação nas mãos d'Ela. Assim, declarou: "Se for confiando-me aos

vossos cuidados. Depende de Vós. Faça-se em lo contrário, quiserdes que eu permaneça aqui, permanecerei,
mim segundo a vossa palavra (cf. Lc 1, 38)".
No entanto, Plinio ainda se perguntava se tal atitude não constituía, no fundo, um ato de covardia, uma fuga das vias do holocausto. Refletindo cuidadosamente, logo se convenceu do oposto: diante da dúvida, a solução mais acertada e a maior obrigação consistiam em encetar o caminho no qual, com mais probabilidade, se encontrava a vontade de Deus. Por outro la- do, analisando sua situação em face do mundo contemporâneo. chegou ele a uma conclusão ainda mais ousada:
"Deus pode chamar uma pessoa a ser vítima de agradável odor por meio da enfermidade ou da morte repentina, mas es- ses não são os únicos modos de alguém se oferecer. Louvar tudo quanto deve ser louvado e criticar tudo quanto deve ser criticado são obrigações que fazem sofrer o apóstolo da verdade e tornam a sua existência um sacrifício. Carregar essa cruz tem também o va- lor próprio às vítimas expiatórias, pois o sofrimento de uma vida transcorrida em meio à dificuldade repara, diante de Deus e de Nossa Senhora, a injustiça da ausência dos louvores merecidos e das críticas necessárias, e assim quebra o poder da Revolução".37
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Interrogações sobre o sacerdócio e a vida monástica
Uma vez convicto a respeito de sua vocação de viver e lu- tar pela Santa Igreja ao longo de todos os anos que a vontade de Deus lhe concedesse, Plinio desejava ter certezas firmes e inaba- láveis em relação ao estado no qual ele poderia melhor servir a Causa Católica. Perguntava-se e durante algum tempo hesitou: já que a santidade da Igreja era a nascente de todo o esplendor da ordem temporal e se existiam na ordem espiritual situações que deveriam ser reformadas, por que não ingressar nas sagra- das fileiras do sacerdócio? Mais uma vez, a graça lhe apontou com nitidez e segurança o rumo que deveria tomar, apesar de não revelar por inteiro os motivos de tão clara intuição: "Por uma razão misteriosa e ignorada, embora venerasse a condição sacerdotal, sentia algo em minha alma dizer: 'Não entre! Não é essa a sua via'. E por esse motivo não me tornei sacerdote" 38
Embora venerasse o sacerdócio, Plinio percebeu que não era esta a via à qual a Providência o chamava
Uma ordenação episcopal na Igreja de Santa Cecília, na década de 1930

36) Conversa de Sábado à Noite, 17/7/1982.
37) MNF, 21/3/1990.
38) Conversa de Sábado à Noite, 17/7/1982.

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte
Dir-se-ia estarem plenamente definidas as veredas do fu
para
dirimir em sua consciência as últimas incertezas. Nesse mesmo turo de Plinio; contudo, na realidade, algo ainda faltava período, com frequência se questionava: em lugar de defender a Santa Igreja através de ardorosas polêmicas e demais brilhantes tivo, talvez cartuxo ou trapista, obedecendo à regra do silêncio ações de apostolado, não deveria tornar-se religioso contempla-

perpétuo? Desse modo, sem jamais trocar uma palavra com al-
guém, ofereceria sua vida em imolação a Maria Santíssima, para liquidar a Revolução.

Também desta vez a interrogação não foi de longa dura- ção, e as inspirações de sua alma lhe ofereceram a resposta: "Eu sentia um invencível impedimento interior, uma espécie de evidência de não ter sido feito para aquele estilo de vida e de que Nossa Senhora não queria isso de mim".39 Ora, pensa- va Plinio, "a obediência não é o melhor holocausto? É indis- cutível! Por isso mesmo, se o clamor de minha alma fala da obrigação de participar da grande batalha pela Santa Igreja, eu cometeria uma desobediência ao entrar numa ordem religiosa contemplativa".40

Continuava ele, porém, na firme tentativa de encontrar a solução mais perfeita, à custa de qualquer sacrifício: "O não par- ticipar dessa batalha, por mim tão anelada, seria talvez o sofri- mento que eu devo oferecer".41 Mas essa última objeção, sugeri- da pela sua generosidade, foi igualmente vencida pela evidência: "O sofrimento não desejado por Deus de nada vale! Não basta perguntar se esse é o caminho da maior dor. Tenho de saber em qual via Ele quer a minha dor, para obedecer e seguir!"42

E assim se definia um das características essenciais da mis- são de Plinio: ele não se sentia chamado a ser monge, mas a vi- ver na sociedade temporal e, a partir dela, empreender a luta para o triunfo da inocência na face da terra.

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

Progresso espiritual em meio ao sofrimento

Entretanto, além do propósito de sempre aceitar qualquer sacrifício que a Providência lhe mandasse, o conhecimento dos escritos de Santa Teresinha trouxe a ele outro proveito: passou a entender melhor o papel da oração na vida espiritual, o poder impetratório e a força sobrenatural postos por Deus ao alcan- ce de todo católico, através da súplica ardorosa feita a Ele, de modo especial pela mediação de Maria. Plinio se compenetrou inclusive da irremediável insuficiência do esforço humano sem o auxílio da graça, no campo da conquista das virtudes ou da resis- tência à tentação.

Contudo, tal progresso interior de Plinio se dava em meio à tremenda provação que o acompanhou durante seis longos meses: a dúvida sobre sua posse da virtude da fé, o horrível tor- mento da incerteza sobre sua pertencença à Santa Igreja Catól- lica. Assim, conforme narrou décadas depois, o sofrimento o in- centivava a dedicar-se à prece como jamais antes o fizera: "Re- zei como nunca em toda a minha vida somada até então. Não fazia outra coisa senão ir às aulas, almoçar, jantar, conversar um pouco com mamãe... e rezar! Trancava-me em meu quarto e pe- dia a Nossa Senhora para me tirar daquele drama".43

De fato, tanto ele se consagrou à oração que seus joelhos chegaram a ficar calejados. Mas deve-se notar que o estado de espírito de Plinio, numa época de tantos sofrimentos, era de confiança, resignação e espera. Essa paz que dominava seu pen- sar e agir, fruto em parte de seu esforço, provinha sobretudo de um impressionante dom próprio de Da. Lucilia, por ele amplia- do e incrementado, que se revelaria mais tarde como verdadei- ro carisma, capaz de incutir no próximo grande serenidade e do qual muito se beneficiariam no futuro os seus seguidores.44

43) MNF, 2/11/1989.

44) "Fazer a paz é levar as coisas à ordem que convém; com efeito, a paz é 'a tranquilidade da ordem' segundo Santo Agostinho. E como é próprio da sabedoria ordenar, [...] con-

clui-se que ser construtor da paz é atribuído à sabedoria" (SÃO TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. II-II, q.45, a.6). "É próprio da caridade possuir a paz; mas é próprio da sabedoria ordenadora fazer a paz" (Idem, ad 1).
128
39) Jantar, 6/3/1986.
40) Cf. Idem.
41) Cf. Idem. 42) Idem.
129

130
Juventude: a sabedoria posta à prova
Uma promessa: a Ordem do Carmo
Parte II
Entre outras iniciativas no sentido de aumentar o tempo dedicado à oração, Plinio resolveu, em certa manhã, compare. cer a uma das novenas da Ordem Terceira do Carmo, na peque na igreja conhecida como o Carmo da Ladeira, localizada no centro da cidade. A respeito dessa instituição ele possuía apenas informações vagas e a lembrança de seu bisavô, Dr. Gabriel Ro- drigues dos Santos, haver sido terceiro carmelita e seus restos
que
mortais repousarem nesse templo. Porém, muito mais do recordações de família, o que lhe aguçou o interesse em conhe- cer melhor a Ordem do Carmo e o levou a participar de tal ce- rimônia foi a leitura da História de uma alma e de outra obra sobre a vida de Santa Teresa de Ávila, escrita por uma religiosa de Caen,45 na França.
Havendo chegado muito cedo à igreja, sentou-se num dos bancos e começava a rezar, quando viu entrar o cortejo dos ir- mãos terceiros, trajados com seu hábito. Tratava-se de alguns
A Igreja dos Terciários Carmelitas em 1929
senhores da sociedade paulista, os quais não cau- saram a Plinio impressão de especial fervor nem de religiosidade notável, mas, por cima das figuras que ali desfilavam ele sentiu pairar o espírito da Ordem do Carmo, essa falange marial que se gloria de ter o profeta Elias por pater et dux.46 Então, teve uma sú- bita inspiração e pensou: "Essa é a minha plenitu- de! É o estado para o qual
45) Cf. HISTOIRE DE SAINTE THÉRÈSE. D'après les Bollandistes, ses divers historiens et ses œuvres complètes. Paris: P. Lethielleux: [s.d.]. 46) Do latim: pai e guia.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Por cima das figuras que ali desfilavam, Plinio sentiu pairar o espírito da Ordem do Carmo
Terciários do Carmo da Ladeira durante uma cerimônia - Fotografia extraída da revista A Cigarra, abril de 1928
minha condição de congregado mariano deve tender, como sim- ples etapa e estágio. Eu desejo ter com Nossa Senhora esse tipo de relações e de vinculação!"47 E de imediato fez a promessa de um dia ingressar na Ordem Terceira do Carmo, formulando-a com a intenção de ver-se livre, afinal, daquela provação que o atormentava, mas também pela convicção de que Maria Santís- sima o chamava, de fato, a trilhar essa via. Ele não imaginava que tal propósito só seria cumprido duas décadas depois.
Apenas um pedido: a santidade
Em outra ocasião, decidiu assumir mais um compromisso com Nossa Senhora: desse momento em diante não pediria mais nada em seu benefício, nem sucesso ou saúde,

acontecesse o que acontecesse e fossem quais fossem as dificuldades. "Resolvi en- trar por uma via ensinada por Santa Teresinha: a Deus Nosso Senhor, nada pedir, nada negar",48 narraria ele. Tratava-se de um propósito de difícil cumprimento, como explicaria mais tar- de: "Essa resolução me produzia um efeito tão prodigiosamente antinatural que era um tormento, mas cessei de fazer a Nosso Senhor e a Nossa Senhora qualquer pedido pessoal".49

47) Santo do Dia, 16/5/1963.

48) Conversa de Sábado à Noite, 16/7/1994. 49) Idem.

ACMSP (CX 0

131

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte II

132

Durante as Missas da Congregação Mariana, Plinio pedía a Nossa Senhora: "Santificai-me deveras, santificai-me deveras!"

Igreja de Santa Cecília, na década de 1920

Assim, a partir dos vinte e um anos, idade em que fez tal promessa, Plinio adquiriu esse hábito, o qual praticaria de forma perfeitíssima ao longo de toda a vida. E ele, que em seu ardor permanente pela Causa Católica desejava fazer o bem e esma- gar o mal como cruzado, mártir, pregador ou vítima expiatória, pediria tudo para os outros, mas nunca rezaria a Nossa Senhora no intuito de ser curado de alguma doença, nem sequer para fa- zer passar um resfriado ou uma gripe que o acometesse. A sua oração por si mesmo teria um só objetivo: a santidade, intenção pela qual rezaria e insistiria, tendo os seus ouvidos sempre aten- tos para receber os inúmeros incentivos de que a Santa Igreja se serve a fim de fortalecer nas almas essa chamejante aspiração. Nesse sentido, durante as Missas da Congregação Mariana de Santa Cecília ele vibraria especialmente, tocado por graças sen- síveis:

"O coro paroquial entoava uma canção, a qual em certo momento continha uma súplica: 'Sanctifica me in veritate'. E eu,

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

que não entendia bem o latim, pensava que queria dizer 'santifi- ca-me de verdade! Não um pouquinho, mas deveras!' Eu estre- mecia quando cantavam isso, e pedia a Nossa Senhora do fundo da alma: 'Santificai-me deveras, santificai-me deveras! Eu, por mim, não chego até lá, porém espero que Vós algum dia me le- veis até lá! Sanctifica me in veritate..."

50

Contudo, qual era a meta de santidade para a qual se di- rigiam os desejos veementes de Plinio? Que alturas almejava ele alcançar na grande ascensão da vida espiritual? Para a gló- ria de Deus, ele desejava ser perfeitíssimo e suas palavras são explícitas a esse respeito: "Pedia por meio de Nossa Senhora que eu me santificasse mesmo! Tratava-se de atingir uma ponta que nem era acessível a mim. Era para realizar um outro Plinio que eu poderia ser, se a graça baixasse sobre mim. O Plinio como a Igreja queria, como Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora desejavam. Seria um Plinio quase míti- co, um Plinio ideal, um Plinio santo, mas elevado ao auge de sua santidade!"51

Então, quiçá como res- posta a tão enfática súplica e pela fidelidade dele ao longo de seu martírio, em algumas ocasiões a Providência fazia brilhar, dentro do túnel da aridez, o prêmio repentino e fugaz da consolação. Esse horroroso período de tenta- ções tinha

parênteses. Eram elas entrecortadas lações maravilhosas, e depois as provações voltavam todas.
por conso-
50) Santo do Dia de Sábado, 13/10/1984. 51) MNF, 14/2/1986.
No túnel escuro da aridez, brilhavam repentinas consolações Túnel - Castelo de San Felipe de Barajas, Cartagena (Colombia)
133

134
Juventude: a sabedoria posta à prova
Na Sexta-Feira Santa, uma grande graça
Parte II
Na Semana Santa daquele ano de 1929, a primeira que vive- ria enquanto congregado mariano, ele decidiu assistir às cerimô ria de São Paulo, onde o Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva nias religiosas na Igreja de Santa Ifigênia, então Catedral provisó- encontrar ali nenhum conhecido, Plinio desejava admirar a se- oficiava, acompanhado pelo cabido dos cônegos. Apesar de não quência da Liturgia, celebrada nessas ocasiões com grande pom- pa e esplendor, e se instalou no coro alto, de onde podia obser- var cada um dos pormenores da solenidade. Esses dias marcaram para sempre sua memória, com a impressão da maravilhosa ação santificante da Igreja sobre o povo simples, bem como de enorme sacralidade, a qual produzia em seu espírito o efeito que ele deno minou mais tarde de "florada da vida interior" 52
Na Sexta-Feira Santa, durante o rito de adoração da Santa Cruz, a ação da graça se tornou ainda mais intensa em sua alma e a meditação que fez aos pés do crucifixo lhe motivou reflexões tão alentadoras para sua piedade, que ele ainda as recordaria com toda a nitidez, passadas várias décadas: "Eu me representa-
52) Almoço, 8/11/1992.
RADIUM
Igreja de Santa Ifigênia, na década de 1920
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Uma cerimônia na Igreja de Santa Ifigênia, vista do coro alto, na década de 1930 va o fato pungente e definido que a Igreja contempla às quinze horas: vinte séculos atrás morria por mim Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Homem-Deus e conhecia todos os homens que houve, havia e haverá até o fim do mundo, com tudo quanto eles fariam; Ele me conhecia a mim, Plinio Corrêa de Oliveira, pelo nome, pelo semblante, pela alma e ao longo de toda a minha vi- da. E, morrendo na Cruz, Ele pediu ao Padre Eterno, pelos mé- ritos do seu precioso Sangue, pelos seus gemidos, pela sua Mor- te e pelas lágrimas de sua Mãe, graças para que eu fosse fiel". 53 Tal consideração teológica sobre o alcance universal dos merecimentos da Paixão e Morte de Nosso Senhor enquanto aplicados a ele, Plinio, para beneficiá-lo e fortalecê-lo em sua fidelidade, foi logo acrescida de outra moção interior, talvez de caráter místico, pela qual ele compreendeu perfeitamente qual a retribuição que o apelo do Filho de Deus crucificado lhe exigia: "Meu filho, não queres tu pelo menos Me ajudar? Não queres tu pelo menos Me dar uma alegria neste dia de tanta tristeza? Do alto da Cruz Eu te vi. Se tu disseres 'sim' ao meu convite, tu Me darás hoje alegria, no meio dos meus sofrimentos. Se tu disseres 'não', tu aumentarás a taça de vinagre que Me cabe beber. O 53) Conferência, 20/4/1973.
Maria Lúcia de Oliveira Ma

135

136
36
Parte II
Aos pis do crucif Plinio sentiu em se interior o apelo de Noss Senhor Jesus Crist Meu fino, não tu pelo menos Me ajudar
quetes
Crucifixo da Sede do Re de Maria, casa principal movimento fundado p Dr. Plinio, em São Paul
que desejas? Dar-Me essa alegria, a Mim que estou morrendo port a Mim que por ti dei tudo, a Mim que te criei, a Mim que te dei os dons que tems, a preservação que até este momento possuis? Por Mim queres fazer um ato de resolução e dizer: Eu servire a Nosso Senhor Jesus Cristo, unido a Maria? Ou, pelo contrário, queres ser dos que Me apedrejam? Então, o teu não será como uma pedra, que atingirá a minha face e o meu Cora- Gio. Agora, escolte""
E a resposta de Plinio não se fez esperar: apesar de sen- fir sua própria fraqueza, recebeu nesse instante a plena garan- tia de, fortalecido pelo preciosissimo Sangue derramado em seu favor e implorando o socorro de Nossa Senhora, possuir toda a energia necessária para seguir trilhando o caminho que Nosso Senhor The apontava. Era mais um ato de conformidade e de entrega irreversível de si mesmo ao serviço da Santa Igreja, além de tantos outros que ele já praticara: "Esse 'sim' não foi dito apenas naquela Sexta-Feira Santa, mas nessa ocasião foi pro- nunciado com muita significação, e auxiliou-me a compreender mais a fundo a Paixão e a Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo por mim. Assim, coberto pelo Sangue de Cristo e pelas lágrimas
54) Idem.
Capitulo 3
Após a entrega, terrível periodo de provação
de Maria, eu pude começar a longa caminhada que chegou até o dia de hoje e, se Deus quiser, chegará até o momento de entre- gar a Deus o meu último alento" 55
Entretanto, outro episódio, sobrevindo em circunstâncias de todo fortuitas, foi para Plinio ainda mais marcante e confor-
tador.
Enorme consolação em meio aos tormentos
Naquele tempo o serviço militar era facilitado para os es- tudantes de Direito, de maneira a estes poderem se inscrever num curso abreviado, chamado Linha de Tiro, o qual era feito em horários que não os obrigassem a perder parte dos estudos. Tratava-se de comparecer a algumas aulas vestindo farda, par- ticipar de sessões de ordem-unida nos pátios da faculdade, ou à noite nas ruas, e executar treinamentos nos arredores da ci- dade, aprendendo a rastejar e a utilizar armas de fogo; o curso se encerrava com uma cerimônia de formatura. Plinio serviu o Exército desse modo e iniciou seus exercícios militares na Linha de Tiro em abril de 1929. Curiosamente, nessas circunstâncias sentia-se confortado por graças de confiança e serenidade, so- bretudo durante as manobras no Parque D. Pedro II, conforme descreveu posteriormente: "O parque parecia imenso e domi- nado por uma paz!... Um revérbero aceso em meio à neblina me parecia um sol! Eu pensava: 'Que estranho! Mas, deixe-me aproveitar, para respirar um pouquinho entre duas chicotadas'. Vinham-me consolações enormes, colossais, e depois voltava a preocupação: 'Não tenho fé. Estou perdido"" 57

Certo dia, já nos últimos e mais dolorosos meses de sua fa- se de provações, encontrando-se na Faculdade de Direito após o treinamento, trajado com farda, resolveu ele ocupar o tempo de modo incomum. Acompanhado de alguns amigos também far- dados, começou a percorrer as vastidões do velho prédio, explo- rando regiões não utilizadas pelos alunos, a fim de ver ambientes
55) Idem.
56) Posteriormente chamado Tiro de Guerra. 57) Jantar, 29/2/1992.

"O parque parecia imenso e dominado por uma paz!"
O Parque D. Pedro, em São Paulo, onde Plinio fazia alguns treinamentos da Linha de Tiro
Capitulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Durante os treinamentos militares, Plinio era confortado por graças de serenidade e confiança Plinio (em destaque) entre seus companheiros da Linha de Tiro, em 1929
Salão nobre da Faculdade de Direito
desconhecidos e descobrir locais pouco frequentados. Passean- do de sala em sala, Plinio abriu com cuidado uma das portas do andar superior e encontrou um grande recinto, ornado com qua- dros e móveis do século XIX: o Salão Nobre da faculdade, onde eram realizadas as cerimônias de formatura.
Enquanto todos entravam em meio a gracejos e risos em voz baixa, Plinio foi até outra porta que havia no canto desse salão, mas esta resistiu. Num movimento enérgico, quando afi- nal conseguiu abri-la, surpresa! Era uma pequena sacada, a qual dava diretamente para o interior da Igreja de São Francisco. A Missa estava sendo celebrada, ouvia-se o som da sineta e via- -se o padre elevando a Hóstia, após a Consagração. É preciso lembrar que a Faculdade de Direito funcionava no antigo Con- vento de São Francisco e era vizinha igreja da mesma ordem, formando com ela um só edifício, de maneira a certas portas e janelas ainda permitirem a comunicação entre ambas as áreas.
Então, enquanto o sacerdote franciscano se ajoelhava e em seguida iniciava a Consagração do cálice, Plinio caiu de joelhos na própria sacada, sentindo uma enorme e inexplicável consola- ção interior. Com grande sensibilidade eucarística, ele sempre havia sido muito atraído pelo Santíssimo Sacramento exposto e

Plinio teve uma surpresa ao abrir a porta
e dar diretamente com o interior da igreja
Interior da Igreja de São Francisco. No fundo à esquerda, veem-se as sacadas, numa das quais Plinio assistiu à Consagração da Missa
tinha encanto em olhar para a Hóstia consagrada. Mas, nessa ocasião, encontrando-se no pior período da provação, tal con- forto espiritual foi para ele de um extraordinário significado: "Aquela Consagração encheu minha alma de alegria e bem-estar: 'Esta é a Missa! Aqui está se renovando o Santo Sacrifício do Calvário!' E depois pensei: 'O que está acontecendo dentro de mim?' Entretanto, à vista daquela sensação tão boa, concluí: 'Dela

não pode resultar o mal. Vou dar-lhe livre acesso'. E rego- zijei-me como alguém que fosse tirado do inferno e pudesse ver o Céu!"58
Nesse momento, olhando para o padre, para as Espécies Sagradas e para os objetos utilizados no ato da Consagração, pareceu a Plinio que se evolava de tudo aquilo um particular
58) Almoço, 7/4/1988.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
esplendor, como se estivesse acrescido de algo estupendo, que em circunstâncias normais não seria perceptível. O ouro do cá- lice, por exemplo, se lhe afigurou especialmente refulgente e a sua forma, maravilhosa, o reflexo de uma altíssima beleza sobre-natural, como se fosse o cálice dos cálices!
Levantando os olhos, fixou sua atenção nas ima- gens do altar-mor: o Padre Eterno abria os braços e fi- tava o celebrante, enquanto alguns Anjos pairavam entre ambos, em atitude de res- peito. Ele teve a impressão de serem tais figuras vivas e respirarem, e Deus, de fa- to, olhar para o sacerdote e também para ele. Segundo sua própria narração, de cer- to modo pôde então "ver" as bênçãos a se espargirem no ambiente da igreja e serem derramadas em abundância sobre os fiéis que assistiam à Santa Missa, mesmo se estes não o notassem, e inclusive sobre ele, dando-lhe ânimo em meio ao terrível pro- blema de consciência que o atormentava.
Parecia que as figuras eram vivas e respiravam, e que Deus,
de fato, olhava para o sacerdote
Profundamente emo- Imagem do Padre Eterno cionado, Plinio se pôs a re- no altar-mor da Igreja de São Francisco zar, participando daquela Missa como jamais antes o fizera: "Pedi a Nosso Senhor e a Nos- sa Senhora que tivessem pena de mim, me atendessem naquela aflição, me ajudassem a seguir até os últimos dias de minha vida o caminho que, graças a ambos, havia resolvido trilhar. Enquan- to fazia essa súplica, sentia-me repleto de tal unção, doçura e
141
Thiago Tamura Nogueira
142
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
satisfação, como nunca acontecera! Não sabia como chamar aquela ação em meu interior, mas me parecia ser a maior feli-
cidade possível ao homem".59 E suas palavras deixam
entrever
quão extraordinária foi a graça mística recebida por ele nessa se encheu de suavidade e dignidade, de maneira que, se o pró- ocasião: "O que eu via era a mesma igreja de sempre, mas que prio Nosso Senhor Jesus Cristo estivesse ali visivelmente, o efei- to por Ele causado seria esse", 60 A divindade do Corpo Místico de Cristo refulgia a seus olhos e o arrebatava, como uma con- tinuação de tantas graças que ele tivera na infância acerca da santidade da Igreja.
Terminada a Consagração, ele fechou a porta da sacada e
retirou-se. A consolação que acabava de sentir pervadiu
sua al-
ma pelo resto do dia: só à hora do jantar, tal efeito se atenuou. Logo após a refeição, a provação se apresentou de novo, cau- sando-lhe a sensação de voltar ao inferno.

Entretanto, o fato ocorrido já era o ponto de partida, o primeiro indício de uma série de sinais prenunciativos da solução de sua perplexidade e
do fim da tormenta.

O importante auxílio de duas certezas

Além do alívio fugaz de algumas consolações, certas leitu- ras também concorreram para a sustentação do ânimo de Plinio nesse período. Detendo-se em alguns trechos das obras de São Tomás de Aquino, deparou-se ele com um princípio enunciado pelo Doutor Angélico, muito afim com seu modo de ser e sua sensibilidade: a ordem das coisas é essencialmente boa. Refle- tindo sobre tal pensamento, equivalente à ideia de ser o univer-

59) Chá, 22/12/1993.

60) Hipoteca, 12/2/1995.

61) "Todas as coisas são boas enquanto são" (SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., I, q.6, a.4); "O universo não pode ser melhor do que é, se o supomos como constituído pelas coisas atuais, em razão da ordem muito apropriada atribuída às coisas por Deus e em que consiste o bem do universo. Se apenas uma dessas coisas se tornasse melhor, a proporção da ordem estaria destruída" (Idem, q.25, a.6, ad 3); "O princípio primeiro dos bens é o bem por essência, como já foi mostrado. Ora, nada pode ser mal por essência, uma vez que, já o mostramos também, todo ente, enquanto ente, é bom, e o mal não existe a não ser no bem como em seu sujeito" (Idem, q.49, a.3).

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

so em sua essência uma ordem, Plinio concluiu que qualquer pessoa, agindo sempre com retidão, possui a garantia de tudo em sua vida acabar tendo bons resultados, sobretudo quando a sua insistência na prática do bem for fortalecida pela esperança no auxílio da graça: "Essa certeza me mantinha através de vales e montes, pois parecia-me tão insensata a hipótese de eu, cheio de fé, ter perdido a fé, que equivaleria a um erro na ordem uni- versal. No fundo, eu alegava uma razão filosófica para confiar
na Providência"."

62

E ainda outro fator contribuiu para manter nele a paz inte- rior, bem como a segurança de que um dia descobriria a solução desejada: a confiança inabalável na misericórdia de Maria San- tíssima, com a ideia de serem suas disposições em relação a ele de tanta bondade, que Ela jamais o abandonaria, mas o ajudaria a encontrar o caminho reto.

"Fráguas de Amor": um livro providencial

Nesse mesmo período, ao passar diante da Igreja da Ima- culada Conceição, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, Plinio olhou para a torre e teve um curioso pressentimento: "Ali deve morar um bom frade capuchinho, o qual talvez esteja sofrendo como eu. Se eu entrasse ali para me confessar, ainda que ele não resolvesse o meu problema, isso me daria muito alívio. Creio que no futuro ele me ajudará".63

Mas depois pensou: "Divagações sem propósito!", e não entrou na igreja. Ora, passado pouco tempo, Plinio encontrou nas estantes de sua avó um pequeno livro de piedade, intitulado Fráguas de amor, de autoria de Fr. Ângelo Maria do Bom Con- selho, capuchinho. E a leitura dessa obra, descrevendo a conver- sa imaginária de Nosso Senhor com uma alma insegura e pro- vada, produziu no espírito de Plinio mais algumas consolações, que lhe fizeram enorme bem ao longo de vários dias: "Era como se Nosso Senhor Jesus Cristo afagasse a minha alma e dissesse:

62) Reunião, 26/4/1972.

63) Cf. Almoço, 22/9/1994; Conversa de Sábado à Noite, 4/7/1992.

Juventude: a sabedoria posta à prova
Ao passar diante da igreja, Plinio teve o curioso pressentimento de que ali vivia um sacerdote que o ajudaria no futuro Igreja da Imaculada Conceição na Avenida Brigadeiro Luís Antônio,
na década de 1930
Parte II
'Meu filho, todos esses problemas são quimeras. Quero e desejo
que você Me ame!""64
"Quem sabe se esse Fr. Ângelo não é o capuchinho do qual tive o pressentimento de residir naquela torre?", pensou ele. Mais tarde, foi informado de o autor do livro, de fato, ter vi- vido muitos anos na torre da Igreja da Imaculada Conceição. A Providência se servira do livro escrito por aquele religioso como instrumento para dar a Plinio mais um hiato em meio à prova- ção, com graças de tranquilidade, bem-estar e alegria.
A manteigueira de cristal e as duas lanças
Seria esse o único pressentimento de Plinio naquela épo- ca? Não. Nessa difícil fase de sua história ele recebeu outras luzes, verdadeiros fenômenos místicos, a respeito de acontecimentos ocorridos à distância ou que ainda se dariam. E, dentre esses vários episódios, um deles parece especialmente notável.
64) Almoço, 23/9/1985.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
Já fazia alguns meses que o primo Reizinho, seu último amigo nos ambientes da sociedade, abandonara-o para seguir um rumo contrário ao dele, depois de fazer forte pressão a fim de arrastá-lo para o seu caminho. Ora, em certa ocasião Plinio estava em casa, prestes a tomar o café da manhã e depois pre- parar-se para os exames da faculdade. Perto dele, de pé, se en- contrava a antiga governanta de Rosée, empregada na residên- cia, a qual lhe contava algumas notícias sem maior importância à medida que dispunha diante dele os alimentos, entre os quais a manteiga, posta em uma bonita manteigueira de cristal grosso, que ocupava o centro da mesa.
Quando ele estendia a mão para tomar a manteiga com a faca e passá-la no pão, viu de repente dois raios de luz entrarem pela janela aberta, à maneira de duas flechas ou lanças. Um de- les incidiu sobre a manteigueira, a qual se partiu em sua base, fazendo inclusive saltar o bloco de manteiga gelada, enquanto o outro se perdia no ar. Diante de tão estranho fenômeno, a governanta que não vira as lanças, mas apenas o efeito por elas causado, fugiu espavorida, e Plinio teve a clara impressão de haver recebido um sinal premonitório, "a sensação viva de que se tra- tava de um castigo, o qual era simbolizado assim, como devendo cair sobre duas pessoas, das quais apenas uma seria atingida".65
Tal pressentimento, po- rém, foi ainda mais claro: uma dessas lanças seria dirigida ao seu primo Reizinho, e a outra estaria destinada a ele próprio, pois possuía clara consciência de estar muito concernido na
65) Santo do Dia, 17/2/1993.
Última fotografia de José Ribeiro dos Santos,
o Reizinho

premonição. "Em última análise, significaria o seguinte: meu como irmãos. Ora, em certo momento ele tentou exercer sobre mim uma influência nociva, mas Nossa Senhora me preservou primo e eu éramos muito amigos e companheiros, praticamente de capitular diante dessa tentação". 66 Assim, a lança destinada a
Plinio não o atingiria. E a outra?
Morte trágica e premonição confirmada
Alguns dias depois, Plinio acordou às três horas da madru- gada com a campainha do telefone. Estando ele só em casa, uma uma temporada, viu-se obrigado a levantar-se e atender. Era vez que o resto da família se encontrava em Santos passando Leonor, empregada da casa de Dr. Gabriel, transmitindo uma
pasmosa notícia e pedindo socorro:
- Seu Reizinho levou um tiro e não tem ninguém aqui! O
senhor precisa vir correndo!
Pe. Roque Pinto de Barros,
que assistiu o Reizinho na morte

66) Idem.
Plinio saiu a toda pressa, porém, antes de dirigir-se à casa dos primos, muito próxima da sua, chamou um sacerdote da Paróquia Santa Ce- cília, o Pe. Roque Pinto de Bar- ros, e com ele entrou no local onde se encontrava o Reizinho, com uma bala no abdômen mas ainda com vida, ensan- guentado e gemendo, prestes
a ser levado em ambulância. O alvoroço foi tal, que Plinio não conseguiu fazer com que a Con- fissão fosse ouvida nesse instan- te, mas apenas disse ao primo: Quando chegarmos ao hospital, você se confessa!
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
De imediato tomou um automóvel e rumou também para o Instituto Paulista, hospital próximo à Avenida Paulista, man- tido por religiosas. Levou consigo o padre, que ainda alcançou atender o moribundo. O Reizinho se confessou e faleceu logo depois da operação, última tentativa de salvar-lhe a vida.
Nunca se saberá ao certo se José Ribeiro dos Santos se sui- cidou ou foi assassinado. O mistério envolve esse episódio, de algum modo anunciado a Plinio através do sinal das duas "lan- ças" e da manteigueira partida. Segundo ele mesmo afirmou, tal aviso, de manifesta origem sobrenatural, foi confirmado com a morte do primo. "Tenho a impressão de se tratar da ação de um Anjo. Eu interpretei melhor o ocorrido posteriormente, toman- do em consideração aquilo","7 explicou. Para ele, aquele sinal significou uma advertência, mostrando-lhe o que poderia ter acontecido, se tivesse seguido as vias de seu primo: "Saiba que igual punição você receberia, se tivesse capitulado".68
Um sorriso do Imaculado Coração de Maria
Havendo falecido seu primo, Plinio se dirigiu ao jardim do hospital e ficou caminhando ali, de um lado para outro. De re- pente, apesar das impressões dessa madrugada e da terrível pro- vação que ele atravessava, viu-se inundado de imensa felicidade: "Mas que alegria há nesse parque! Como parece sair alegria de dentro de tudo! Que parque bonito! Vou continuar andando

67) Comissão Médica, 11/11/1990. As reuniões rotineiras da Comissão Médica iniciaram-
-se em julho de 1984, embora desde janeiro de 1983 Dr. Plinio já tivesse manifestado o desejo de empreender algo nesse sentido. Com efeito, essa comissão foi criada devido a um alerta profético da parte de Dr. Plinio, o qual solicitou àqueles dentre seus seguidores que haviam se graduado em Medicina que estudassem a doutrina de Freud, a fim de refutá-la de forma sistemática, pois previa futuras acusações contra sua obra, sobretudo pela prática convicta da castidade e por pregar a pureza de costumes segundo a moral católica. De fato, dois anos depois o prognóstico se cumpriu com um violento ataque, cujo tema central era este, baseado justamente nas aberrações do psiquiatra austríaco. Passado o perigo, Dr. Plinio não quis encerrar a Comissão Médica e, de modo muito or- gânico, foi ampliando sua temática, encomendando aos participantes estudos e trabalhos diversos, os quais deveriam ser apresentados uma vez por semana, nas reuniões realiza- das aos domingos na sede principal de seu movimento, dando margem a que Dr. Plinio fizesse explicitações novas sobre cada assunto abordado.
68) Santo do Dia, 17/2/1993.
147

148
Juventude: a sabedoria posta à prova
Apesar das impressões daquela madrugada, Plinio sentiu-se inundado de imensa felicidade ao caminhar pelo parque
Jardim do Instituto Paulista
um pouco aqui para sentir mais essa alegria'. Ao cabo de algum tempo eu percebi haver um fator profundo atuando em mim e fazendo emanar de mim esta alegria. Fui então à capelinha mui- to piedosa das freiras, que me pareceu um verdadeiro Céu" "
Pouco mais tarde retornou ele a casa, a fim de tomar algu- mas providências e voltar logo depois ao hospital, onde se en- contrava ainda o corpo do Reizinho. Ao nascer do sol, Plinio estava numa esquina da Avenida Angélica, à espera do bonde que o conduziria à região da Avenida Paulista, quando, levan- tando os olhos em direção à Igreja do Imaculado Coração de Maria, viu no alto a imagem de Nossa Senhora, toda comunica- va e sorridente, iluminada pelos raios de um sereno e belíssimo amanhecer. Mais uma vez tocado por graças místicas, sentiu-se penetrado por maravilhosa suavidade, a qual parecía descer da cúpula até o mais fundo de sua alma, dizendo-lhe para não se perturbar, pois Ela iria tirá-lo do apuro, e o seu problema de consciência estava prestes a se resolver.
"Quando fitei a imagem, a graça me fez sentir todo o cari- nio, toda a dogura e todo o afago de Nossa Senhora. Vinha-me
69) Janar, 227/1995
Parte 11
Capitulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
a impressão de, em algum lugar, Ela me olhar e me querer bem, não só a mim, mas aos homens em geral, e essa impressão me produzia um bem-estar, uma alegria e uma felicidade, [repre- sentados pela curvatura] da cúpula. Parecia-me que Nossa Se- nhora me fazia sentir também o quanto seu Coração expandia sobre mim seu afeto e me enchia de consolação, com uma deli- cadeza à maneira daquela curva"."
70
Nesse momento, pela primeira vez aflorou a seu espírito uma interrogação a respeito do martírio interior que vinha pa- decendo havia quase seis meses: a paz e o bem-estar que

expe- rimentava não seriam o sinal de serem vazias de sentido as afli- ções e dúvidas em relação à sua própria fé, sem culpa alguma de sua parte e causadas por mera perturbação ou tentação do demônio? Enquanto refletia, a voz da graça se fazia ainda mais clara, à maneira de um aviso, conforme relatou: "De repente, percebi que minha posição em relação à fé correspondia ao bom senso. Vinham-me
tais consolações que o problema se dissipava! Era como se a graça me falasse sorrindo, à ma- neira de uma boa mãe acordando de manhã um filho em pesadelo. A criança, estremunhada, ainda tem medo, mas já vê o sorriso materno"."1
De fato, o episó- dio ocorrido aos pés da imagem do Imaculado Coração de Maria determinava o fim de um período. Poucos dias fal- tavam para Plinio se ver livre de seu tormento.
70) Almoço, 22/9/1994. 71) MNF, 2/11/1989.
Nossa Senhora parecia sorridente, fazendo Plinio sentir seu afago e carinho maternal Igreja do Imaculado Coração de Maria vista da esquina da Rua Jaguaribe com a Avenida Angélica, na década de 1920

Por fim, a resposta a uma grande contradição
de Plinio. Com base nelas, raciocinava e
Parte II
chegava à conclusão
Tão intensas consolações enchiam de esperança a alma de essas delícias sobrenaturais só poderem vir de Deus, em cujo tava nem imaginava serem possíveis tais alegrias. Porém, apesar
poder está o afagar desse modo uma pessoa, a
qual nem suspei-
de tudo, em certos momentos a perturbação ainda o
assaltava: alguém que dissesse:
"Voltava de vez em quando um 'tornado', porque a graça se apa- 'Quero a explicação racional!' Mas eu respondia: 'Não explico
gava e a tentação pulava sobre mim, como
nada. Sei que isso é assim!"""2
ção
que
Surgiu então em seu espírito a resposta para a contradi- eo torturava desde aquela Confissão na qual o sacerdo- te lhe dera a entender de nada servirem as certezas interiores, inspiradas pela fé, sem o auxílio das provas forjadas pela razão. te assim: a frequentação dos ambientes da Igreja Católica dá à Segundo comentava, tal réplica "se apresentava explicitamen- pessoa dados próprios a fundamentar e justificar a fé, por uma experiência interna de caráter sobrenatural, a qual tem o valor da evidência mais lúcida e direta. Por causa disso, a Igreja nunca condenou a fé das pessoas simples ou das crianças, incapazes de essa minha fé é verdadeira! Eu posso e devo estar tranquilo, e acompanhar grandes raciocínios doutrinários. De maneira que dormir despreocupado, pois o procedimento da Igreja me serve de argumento irrefragável"."
Plinio exultou, pois entendeu que sua "experiência inter- na" se identificava com a voz de Deus: "Essa resposta me satis- fazia completamente! O problema estava liquidado. Tive

uma alegria única e pensei: 'Vou confessar-me com um outro padre, para ter certeza de ser verdadeira a solução a que cheguei"".74
72) Idem.
73) Idem. Tal raciocínio de Plinio, estritamente teológico, é confirmado pela doutrina de São Tomás de Aquino: "No interior do ato de fé não há uma investigação da razão natu- ral para demonstrar o que se crê. Há, porém, uma investigação sobre aquilo que induz o homem a crer, por exemplo, porque foi dito por Deus e confirmado por milagres" (SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., II-II, q.2, a.1, ad 1).
74) Reunião, 11/3/1994.
Capítulo 3
Após a entrega, terrível período de provação
E, cheio de coragem, decidiu procurar um sacerdote. Des- sa vez, porém, fez uma escolha cuidadosa.
A Confissão
e o fim da provação
No Bairro do Bom Retiro se encontra a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, pertencente aos salesianos, bem como o colégio dessa congregação. Um dos sacerdotes que ali residiam tinha fama de possuir o carisma próprio ao bom confessor e, inclusive, gozava de certa reputação de santidade: o italiano morte do Reizinho, para apre- Pe. Giovanini. A ele Plinio se dirigiu, pouco tempo depois da
sentar seu problema e pedir uma solução, mas, no fundo, dizia consigo: "Esse padre vai pensar que estou louco!"
Naquele dia, a fila dos penitentes era composta por umas quatro ou cinco senho- ras, todas elas à frente do jo- vem congregado que acabava de chegar. No entanto, ele de repente viu a mão do sacer- dote, a quem não conhecia, estender-se fora da cortina do confessionário e lhe fazer um sinal, chamando-o para se aproximar e ocupar a primei- ra vaga. Mais tarde, foi infor- mado de ser esse um costume do Pe. Giovanini: dar prece- dência aos moços na Confis- são, devido às ocupações e compromissos deles, em geral mais urgentes e onerosos que os das moças ou donas de casa. Mas, no momento, o gesto lhe causou grande surpresa. Então, sem o menor protesto da parte das boas senhoras, Plinio pediu li- cença com respeito, passou avante, esperou sua vez e ajoelhou- -se. O padre abriu a portinhola, deu a bênção e fez as perguntas
Ao sair da igreja,
Plinio estava aliviado e cheio de consolo Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, na década de 1930

costumeiras. Quando, porém, Plinio começou a desfiar o seu caso de consciência, ele o interrompeu e disse:
- Pare! Não se preocu-
pe com isso.
Plinio pensou: "Ele vai
me dizer que devo ir ao mé-
dico!", e tentou continuar:
Mas, padre, é um ca-
so pessoal.

- Meu filho, não preci- sa nem sequer dar-se o traba- lho de expor o assunto. Vou ouvir até o fim, para você ter certeza de que entendi, po- rém tudo isso é tentação do demônio.

Pe. Giovanini, SDB,

que atendeu Plinio em confissão E, após o relato do penitente, o sacerdote esclareceu:

Você entendeu mal ou o outro padre não lhe explicou bem, mas você possui a fé católica apostólica romana íntegra! Essa é uma modalidade de tentação própria às almas mais privilegiadas, aos Santos. Santa Teresinha do Menino Jesus pade- ceu terrivelmente a tentação contra a Fé. Acontece que, quando uma pessoa deixa o mundo e se entrega a Deus, o demônio ten- ta-a desse modo.

Favorecido pelo dom de discernimento dos espíritos, Pli- nio narraria mais tarde que percebeu através da pequena grade estar o Pe. Giovanini lutando contra o demônio que o atormen- tava. E o confessor acrescentou:

Essa tentação é, inclusive, uma recompensa da Pro- vidência pelo enorme sacrifício que você acaba de fazer, visto que, ao passar por tudo isso, é evidente que você não consentiu em nenhuma dúvida contra a Fé. Pelo contrário, rezou mais do que em toda a sua vida, e Nossa Senhora assim o aproximou d'Ela. Saia tranquilo, pois está em paz com sua consciência, e,

Parte II

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

sobretudo, fuja dessa questão como quem foge do demônio! Co- mo confessor, proíbo-lhe pensar nisso!

E concluiu:

Vou lhe dar a absolvição, apenas para sua segurança,

porque da sua parte não há pecado algum, nem sequer imperfei- ção. E você vai comungar com toda a tranquilidade, sob a minha responsabilidade. Vá em paz e acabe com esse caso, mas seja enérgico! Quando o demônio voltar com a história, zangue-se e não lhe dê atenção. Tenha coragem e confiança, pois você rece- berá muitas graças, uma vez encerrada essa provação.

Recebida a absolvição, Plinio se levantou e saiu da Igreja de Nossa Senhora Au- xiliadora cheio de consolo e sentindo um alívio incompará- vel, o qual seria depois coroa- do com o maior dos júbilos: voltar a aproximar-se da Sa- grada Comunhão.

No dia seguinte, quan- do foi comungar, ele tinha a impressão de estar pisando

Consideremos

em

nuvens!

suas palavras: "Ao longo de seis meses, eu tinha visto na Missa meus companheiros de Congregação formarem filas, ajoelharem-se para comungar

Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, na década de 1930

e voltarem para os bancos. Eu estava ali atrás, não sei com que fisionomia e com que sauda- des... Pode-se imaginar a alegria quando me levantei também e fui comungar! Incontáveis vezes havia pensado: 'Que felicidade se algum dia eu puder levantar-me como os outros, entrar nes- sa fila da Comunhão, receber o Santíssimo Sacramento, voltar recolhido e rezar com Nosso Senhor dentro de minha alma!' Quando, afinal, me tocou essa felicidade, eu estava exultante!

A alegria se exprimia num grande bem-estar, acrescido de uma ideia: a tremenda provação espiritual ficara para trás!"

O Céu na terra

De fato, a grande provação terminara. E se iniciava um s aproximadamente, duran- te os quais Plinio receberia verdadeiras chuvas de graças e con- solações celestiais e passaria os dias mais deliciosos da vida. Ele, impressão de o carinho de Nossa Senhora o envolver dia e noi- que por assim dizer havia se sentido no inferno, agora tinha a começo do Céu. E pensava: "Não sabia que se podia ser tão feliz novo período, também de seis meses te, imerso num gáudio incomparável, numa felicidade na terra!"[76]

Tantas e tão extraordinárias foram as que era o consolações de Pli- fessionário da Igreja de Santa Cecília e disse a um conhecido dele: nio que, em certo momento, ele se ajoelhou de novo no con-

Pe. João Pavèsio em agosto de 1929

75) Palavrinha, 1/9/1983.
76) Chá, 20/12/1987.

sacerdote,

Pe. Pavésio, não sei como expli- car. Estou tão feliz, tão contente! Não vivo na terra, mas no Céu! Tenho a impressão de ver luzes e Anjos por toda parte onde ando. Isso não cessa um instante e recrudesce a respeito de qualquer coisa. Que sentido tem isso? Como se explica? Será algo bom? O padre perguntou:

Há muito que vem du- rando isso?

- Sim.

Meu filho, não é apenas algo bom: são luzes dadas por Deus. Aproveite essas consola-

Capítulo 3

Após a entrega, terrível período de provação

ções, mas preste atenção: daqui a algum tempo vão diminuir, virá outra fase de aridez, depois elas voltarão e você irá pelos túneis e pelas luzes. Nunca desanime! Nunca julgue ser a luz de- finitiva e, sobretudo, nunca pense ser a noite irremediável. Vá vivendo, e Nossa Senhora o acompanhará.

Assim, Plinio entendeu que as consolações significavam uma bondade da Providência e um prêmio por sua boa aceitação do sofrimento, mas também um incentivo a sua fidelidade futu- ra. E tomou a sério o conselho do confessor.

Os benefícios da provação

Por outro lado, ele também reconhecia os benefícios que a fase anterior trouxera para seu progresso espiritual. Em pri- meiro lugar, lhe dera ocasião para fortalecer-se na piedade, pelo empenho com que se dedicara à leitura de matérias religiosas e vidas de Santos, mas, de modo especial, pelo aumento de suas orações particulares e pelo fervor com que havia rezado ao lon- go desses meses. Além disso, pôde comprovar que certos bens mundanos, inteiramente inocentes, por ele antes apreciados e aos quais renunciara após seu ingresso na Congregação Maria- na, estavam agora muito mais distantes do seu espírito, e para ele

nada mais significavam. E afirmaria depois que, se nessa no- va etapa ele tivesse aceitado, por exemplo, o convite para uma temporada no Hotel Parque Balneário em Santos ou no Hotel Copacabana no Rio de Janeiro, com seus belos mármores, seu excelente restaurante e sua proximidade da magnífica praia; se ele tivesse associado tais prazeres naturais lícitos à imensa fe- licidade sobrenatural que sentia em seu interior, ter-se-ia des- viado da vocação e perderia tudo que havia obtido no período dos grandes sofrimentos, ainda que continuasse a comungar e a rezar o Rosário diariamente.

Portanto, sua dedicação e sua entrega ao ideal religioso se encontravam mais robustas do que nunca: "Eu estava pronto a viver só para a Causa de Nossa Senhora. Seis meses de tormenta transformaram o fundo de minha alma, mais do que seis, dez ou

talvez vinte anos de vida espiritual comum poderiam tê-lo feito. E ainda fui agraciado com uma enorme série de alegrias","7 Saudades da "transfiguração"

Entretanto, passados alguns meses, tal como anunciara o Pe. Pavésio, as consolações começaram a decrescer e baixar de intensidade aos poucos, tendendo a desaparecer. Então, no Plinio se dirigiu mais uma vez a um confessor, desta vez o jo- temor de que alguma imperfeição fosse a causa dessa retração, excelentes conselhos, explicando-lhe corresponder tal desapare- vem Pe. Roque Pinto de Barros, o qual também o auxiliou com cimento a um procedimento normal da Providência, mas que as

graças sensíveis um dia voltariam:

Não se incomode, porque isso costuma acontecer. Quando uma pessoa tem consolações extraordinárias, elas de- pois diminuem e passam por completo, mas permanece para a vida inteira uma recordação, acompanhada da

esperança

de que

elas se reapresentem. Não perca essa esperança, pois ela vai lhe

fazer bem, ajudando-o a caminhar.

E qual seria o papel dessa recordação, ao longo da vida de Dr. Plinio? Suas palavras são eloquentes a esse respeito: "Lembro- -me desse período com tantas saudades... que prefiro não recordar Porque absolutamente nada é capaz de nos dar o prazer de uma consolação espiritual. O que sentimos é algo como a expressão de São Pedro no alto do Tabor: 'Façamos três tendas!" (cf. Mt 17, 4). Para qué? Para permanecer olhando... De nada mais precisamos, e essa contemplação nos causa um encantamento único!"78

Assim, Plinio continuaria a caminhada de sua vida, atraves- sando muitas vezes o deserto da provação ou inclusive verdadei- ros dramas, alimentado pela lembrança dessa fase primaveril em que as graças místicas foram para ele como "transfigurações". Ele viveria das saudades daquilo que viu, mas, sobretudo, se manteria firme na esperança de que Nossa Senhora restabeleces- se no interior dele, em plenitude, as consolações de outrora. +

77) Reunião, 27/10/1975.

78) Jantar, 6/3/1986.

Seis meses de tormenta haviam transformado sima de Pinto mais do que muitos inos de ida espintual comum Fle agora alanys pronto a viver o para a Causa de Nossa Senhora Plante, in 190 furante con retro da Fanhid D

Dr. Plinio durante peregrinação à Europa, em 1988, oscula uma imagem esculpida por São Luís Maria Grignion de Montfort, em Saint-Laurent-sur-Sèvre (França)

proveito.

CAPÍTULO 4
CONSAGRAÇÃO
À SANTÍSSIMA VIRGEM COMO ESCRAVO DE AMOR

nquanto cursava o último ano da Faculdade de Direi- to, Plinio se entreteve largamente com leituras sobre temas de doutrina católica, obtendo com elas notável

Iniciou esses estudos pelas famosas encíclicas de Leão XIII e, pouco depois, começaram a atraí-lo as obras de São Tomás de Aquino, de Santo Agostinho e de seus comentadores. Den- tre os escritores católicos mais recentes, Joseph de Maistre, De Bonald, Blanc de Saint Bonnet, Louis Veuillot, Balmes, Donoso Cortés, Nocedal, Cathrein e Solaro di Santa Margherita, mui- to elogiados pela sua ortodoxia, também lhe proporcionaram abundante material, sobretudo aqueles que discorriam sobre os documentos pontifícios. Em especial o livro Saggio di diritto na- turale de Taparelli D'Azeglio, famoso jurista jesuíta, foi para ele motivo de enorme encanto, pela clareza e lógica com que trata sobre os princípios do direito natural.

Necessidade de construir amplas visões doutrinárias

Qual era, entretanto, o principal intuito de Plinio com tais leituras? Ele mesmo o explica. Ao longo dos anos, a observação dos diversos aspectos do mundo que o cercava, bem como a aná- lise de inúmeros acontecimentos do passado, se tinham consti- tuído como um verdadeiro trabalho de síntese doutrinária e his- tórica, por ele aperfeiçoada na medida de sua própria maturida- de, em cada uma das sucessivas fases de sua vida. E é evidente o papel absolutamente central, nessa súmula, dos ensinamentos

9

Santo Agostinho

São Tomás de Aquino

Leão XIII

da Santa Igreja e das impressões causadas pelas cerimônias reli-
giosas ou pelo ambiente dos edifícios sagrados.

diante dele um problema, com toda a precisão: "Até que ponto Ora, transposto o umbral dos vinte anos, apresentava-se os elementos dessa síntese estavam efetivamente de acordo com a Igreja, e de forma mais específica com a Cátedra de Pedro, à qual eu votava uma veneração, um afeto e uma obediência sem limites? Essa pergunta, de fundamental importância, abriu para mim a era dos estudos doutrinários metódicos, para a qual as elucubrações de menino me haviam preparado".!

Assim, sentindo a necessidade de construir amplas visões gerais sobre os assuntos que eram objeto de suas meditações desde a infância, Plinio decidiu aprofundar seus conhecimentos, a fim de fazer a soma de três fatores: em primeiro lugar, diver- sas intuições ainda não explicitadas em sua totalidade, que ele agora desejava submeter ao crivo da razão sob a luz da doutrina; em segundo lugar, aquelas conclusões que ele já obtivera através da reflexão; e, por último, o ensinamento da Santa Igreja hau- rido do Sagrado Magistério e dos mencionados autores, com o qual Plinio desejava harmonizar todas as suas ideias, convicções e preferências.

Quando percebeu que esses autores, homens de inteligên- cia eminente, haviam chegado às mesmas conclusões que ele em

1) Relato autobiográfico, 1975.

Joseph de Maistre

Louis-Gabriel-Ambroise de Bonald

Louis Veuillot

determinados pontos, sentiu respaldo em suas certezas e gran- de tranquilidade interior. Por outro lado, compreendeu existir inteira consonância entre os escritos deles e aquilo que em sua mente ainda permanecia implícito. Por exemplo, a explicação da legitimidade do direito de propriedade, apresentada no livro de Taparelli D'Azeglio, deixou-o extasiado a ponto de ele se sur- preender a si próprio várias vezes, durante a leitura, batendo com a mão na testa, de puro entusiasmo. Aderindo com ênfase a tudo quanto lia, regalava-se ao verificar que tais teses pudessem ter sido explanadas com tanta força de pensamento: "Os auto- res demonstravam haver uma ordem tangível das coisas que, por uma espécie de dom de Deus, eu mais intuía do que era capaz de provar. Daí me vinha uma admiração pelos doutrinadores que tinham notado essa ordem".? Porém, à Igreja ele venerava de modo particular, e encantava-se acima de tudo com a sabe- doria dela, que os inspirara.

Estudo e graças místicas

As palavras de Dr. Plinio, proferidas muitas décadas de- pois, provam o quanto esse estudo foi favorecido pela ação da Providência em sua alma: "Parecia ver por uma graça especial o esplendor sobrenatural que pairava acima desta ordem, e do

2) MNF, 13/3/1991.

Pe. Jaime Balmes

Juan Francisco Donoso Cortés

qual ela era apenas um reflexo. Mas essa -me a amar ainda mais a ordem!"3

Ramón Nocedal

consideração levava-

A beleza daquelas ideias lhe incutia um sentimento de pie- poderia ter enquanto reza. Comentou ele, em outra ocasião, que dade, como uma bonita imagem poderia fazê-lo ou como alguém só não osculava o livro por lhe parecer um gesto um tanto román- tico e não poder ceder ao romantismo nem quando estivesse tran- cado num quarto. E, em função das graças recebidas nessa cir- cunstância, explicitou: "Hoje em dia, sou levado a me perguntar se não havia algum complemento místico no modo de se apresen-

tar ao meu espírito essa noção de ordem".4

Místico, sem dúvida, é o fenômeno ocorrido no interior de Plinio nesse período, ainda a propósito da leitura do tratado de Taparelli D'Azeglio. Ao deparar-se com determinadas cita- ções das obras de São Tomás de Aquino, deslumbrado diante daquela sublime manifestação de lógica, ele discerniu claramen- te a mentalidade do Doutor Angélico, e de modo tão vivo, que chegou a assimilar algo da inteligência deste e de seu método de pensamento, por uma espécie de "inalação da criteriologia que havia nele".5

3) Idem.

4) Idem.

5) Conversa de Sábado à Noite, 12/11/1983. Segundo a definição do próprio Dr. Plinio, a criteriologia seria o método de pensamento pelo qual cada pessoa considera que se deve captar a verdade, e a recusa das conclusões não obtidas segundo esse método.

Capítulo 4
Consagração à Santíssima Virgem como escravo de all
As narrações de Dr. Plinio são explícitas e concludentes a esse respeito: sem ser objeto de nenhuma visão ou revela- ção, mas tendo sido galardoado desde a infância pelo dom do discernimento dos espíritos, recebeu ele então uma acentuada capacidade de compreender o método tomista da qual poderá utilizar-se ao longo de toda sua vida, pois lhe foi oferecida em caráter definitivo. Porém, a fim de entender bem o significado do sucedido na ocasião, nada mais apropriado do que recorrer ao exemplo didático por ele utilizado: "Eu encontro uma ima- gem perfeita: alguém está a bordo de um navio com um amigo, o qual, tendo um binóculo, descreve uma série de coisas que o primeiro não vê. Ora, em certo momento esse amigo entrega o binóculo ao outro, que começa a ver o que não via antes, 'apro- priando-se' de uma visão alheia. Assim também se deu com São Tomás: é como se algo da mente dele funcionasse à maneira de um binóculo que eu coloquei na minha. E isso não foi uma ful- guração que passou, mas ainda hoje vejo a sua mentalidade e, através dela, entendo melhor o mundo. Se tenho um binóculo na mão, posso mantê-lo diante dos olhos ao longo de cinquenta
anos...
996
É oportuno recordar que algo se- melhante já havia ocorrido no passa- do, quando o então pequeno Plinio, aluno do Colégio São Luís, sentira durante a aula, de modo inesperado, havia recebido uma participação que da mentalidade de Santo Inácio de Loyola. Entretanto, segundo suas próprias palavras, enquanto a ló- gica de Santo Inácio lhe parecia feita de fogo e efervescência, a de São Tomás era de tal mo- do serena, que lhe dava a im- pressão de ser feita de cristal.
6) Idem.
7) Ver Parte I, Capítulo 5: "Meu espírito rejubi- la em encontrar a lógica perfeita".
Pe. Luigi Taparelli D'Azeglio, SJ
163
Archivum Romanum Societatis Iesu

164
Juventude: a sabedoria posta à prova
O desejo de ser mais santo
Parte 11
que
Foi também nesse último ano da Faculdade de Direito mental importância para a formação espiritual de Plinio e mar- se deu um episódio, o qual viria a ter consequências de funda- caria a fundo sua história.
Ele já tinha tomado a resolução de dedicar sua
existência
feito, a ponto de se encontrar numa situação de auge em sua vida lisando-se a si mesmo e percebendo quantos progressos havia ao serviço da Igreja e, inclusive, de não se casar; entretanto, ana-
no cami-
interior, sentiu-se descontente. Receava estar parado nho da perfeição e desejava dar um passo rumo a um patamar ra. Em uma palavra, queria ser mais santo, mas não sabia o que superior, entranhando-se ainda mais na devoção a Nossa Senho-
fazer para consegui-lo.

Pensava ele que essa graça tão especial poderia vir, quicá, através de algum bom livro de piedade. Porém, onde achá-lo? É
adaptar-se a
preciso notar que ele tinha grande dificuldade em certo estilo de literatura religiosa, em extremo adocicada
e sen-
timental, frequente naquele tempo. Queria uma leitura séria e e a parte principal fosse dedicada ao mais importante, ou seja, à substanciosa, em que o sentimento ocupasse papel secundário,
razão iluminada pela fé.
Dois pedidos a Santa Teresinha
Plinio já havia adquirido o costume de rezar a Santa Te- resinha do Menino Jesus, cuja recente canonização causara um extraordinário surto de fervor no mundo inteiro. E, dentre os muitos benefícios que lhe trouxera a leitura do livro História de uma alma, impressionara-o de modo especial o apêndice da obra, contendo a lista de alguns dos inúmeros favores recebidos pelos fiéis, por intermédio dela. Assim, refletindo sobre o no- vo patamar que desejava atingir nas vias da santidade, resolveu iniciar uma novena a Santa Teresinha, cujo texto ele conhecera naqueles dias e o tocara a fundo. Pediria a sua intercessão para obter duas graças, das quais sentia muita necessidade.
Plinio receava estar parado no caminho da perfeição,
e desejava dar um passo rumo a um patamar superior
Plinio numa fazenda do interior de São Paulo, em meados de 1930
Em primeiro lugar, que lhe indicasse de forma clara qual era o meio de avançar com vigor na devoção a Nossa Senhora, dando um passo decidido e fundamental, e, portanto, lhe fizesse encontrar o livro que ele procurava, próprio a marcar uma vida. A segunda intenção era muito diferente: Plinio estava em difícil situação financeira, cujo aspecto mais doloroso consistia na in- certeza quanto ao futuro de Da. Lucilia. Por isso, tendo ouvido contar que iria correr em São Paulo uma loteria, com prêmio de
165

Parte
quatrocentos contos de réis, quantia suficiente para ajudar no sinha a graça de ganhá-la. Não desejava propriamente para se sustento de uma família abastada, pedia também a Santa Tere- tornar rico, mas sim manter uma posição folgada e estável, sem preocupações financeiras ou profissionais e, em consequência,
poder se dedicar por inteiro ao apostolado.
Então, ele comprou o bilhete de loteria e começou a rezar nessas intenções. Curiosamente, pensava que o mais importante dos dois pedidos era a obtenção do dinheiro, por uma simples razão: era aquele cuja realização se apresentava menos pro- vável, uma vez que as livrarias católicas regurgitavam de bons
Mon Dien Je chains tout ce que vous vouly!! Fr Sheen S. 120) Divers de la Si Jou
Atendendo ao pedido de Plinio, Santa Teresinha indicou o meio para que ele crescesse na devoção a Nossa Senhora Santinho de Santa Teresinha de Menino Jesus pertencente a Dr. Plinio
livros, enquanto nunca se Ouvira dizer que um jovem de sua idade, em São Paulo, tivesse enriquecido por meio de um prêmio na loteria.
"O livro de minha vida"

A novena estava em
seus últimos dias quan- do Plinio, ao sair da Igreja do Imaculado Coração de Maria, aonde havia ido co- mungar, decidiu visitar a livraria da Editora Ave-Ma- ria, pertencente aos padres cordimarianos e situada nos fundos da mesma igreja, com o intuito de encontrar uma leitura espiritual que o agradasse. Folheando alguns livros, sua atenção foi atraí- da em especial por dois. Um deles, de cujo título nunca se lembraria depois, era mais grosso e de agradável aspec- to; enquanto o outro era pe-
Capitulo 4
Consagração à Santíssima Vingem
de amor
queno, fácil de levar no bolso e muito bem encadernado, impres- so em preto e vermelho: era o Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge, escrito por um autor do qual ele jamais ouvira falar, apesar de ser um Bem-aventurado: Le Bienheureux Louis-Marie Grignion de Montfort.
Sentiu-se inclinado a comprar o primeiro, mas sua hesita- ção foi de curta duração: acabou escolhendo o Tratado da verda- deira devoção à Santíssima Virgem pela apresentação gráfica, por ser escrito em francês e, acima de tudo, por tratar a respeito de Nossa Senhora. Perguntou quanto custava e, após verificar que o livrinho era baratíssimo, acessível aos seus parcos recursos, mandou embrulhá-lo, pagou-o e o levou para casa. Narrando o episódio mais tarde, ele afirmaria: “Eu não percebia que Santa Teresinha estava guiando o meu braço".
No dia seguinte de manhã, em seu horário habitual de me- ditação, Plinio abriu o Traité sem muita esperança, pois não tinha nenhuma certeza de ser esse o livro obtido por Santa Teresinha.
A direita, Igreja do Imaculado Coração de Maria, em fins da década de 1920.
A esquerda, indicada pela flecha, a entrada da livraria da Editora Ave-Maria
8) Santo do Dia de Sábado, 15/4/1989.
166
167

168
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Segundo seu costume, dispôs-se a começar a leitura em qual- quer página, do meio para o fim, e depois ler o começo. Qual a razão de tal hábito? Ele mesmo o explica: parecia-lhe que os li- vros se tornam mais interessantes quando o leitor tem algo para adivinhar, não apenas a respeito do que os autores dizem, mas também das suas intenções. Então, lendo-os a partir da metade ele podia conjecturar como seria o início, o que dava certo sabor
de novidade, que muito lhe agradava.
à queria!" E
Entretanto, no caso do Tratado da verdadeira devoção, ao ler uma ou duas páginas Plinio se deteve, encantado, e pensou: "Não, este livro não se pode ler assim. Tem de ser desde o come- ço, pois é de alto quilate! É absolutamente o que eu enquanto prosseguia a leitura, sem perder uma letra e tomado de extraordinário entusiasmo, "de aclamação em aclamação", 10 ia concluindo ser a obra de São Luís Maria Grignion de Mont- fort incomparável, portentosa e baseada na melhor Teologia; aprofundava ela com largueza a doutrina sobre Maria Santís sima, de maneira a dar elevadíssima noção do papel d'Ela na

ordem do universo. Conforme recordaria Dr. Plinio: "Durante a leitura, eu às vezes parava e dizia: 'Parece que esse homem está falando! Ele morreu há séculos, mas eu julgo sentir o im- pulso, a propulsão da alma dele no que ele diz aqui!"""" Ao lê-lo, foi aprendendo na concordância eufórica de sua alma. Nunca pensou poder um livro exercer sobre alguém o efeito que aque- le produziu sobre si. E ponderou: "Encontrei o livro de minha vida!"12

Um estudo cheio de fervor

Ao longo dos dias subsequentes, a leitura do Tratado foi se tornando um verdadeiro estudo, sério e profundo. A fim de obter uma visão global da matéria, Plinio analisou parte por par- te com vagar, tomou notas e o resumiu, tarefa que lhe foi fa-

cilitada pelo costume adquirido na Faculdade de Direito. E a tal ponto assimilou tudo quanto lia, que chegou a compor uma grande ladainha para seu uso pessoal, anotando-a em aproximadamente dez folhas pequenas, algumas das quais manuscritas, com to- dos os títulos e invo- cações de Nossa Se- nhora enumerados na obra e por ele traduzi- dos ao português. Assim, todos seus futuros comentários sobre aquilo que nessa ocasião aprendeu da espiritualidade marial de São Luís Grignion

Ao ler o Tratado, Plinio se encantou com São Luís: "Parece que este homem está falando!" São Luís Maria Grignion de Montfort, de Montfort seriam por Claude Lavergne - Saint-Laurent-sur-Sevre (França) proferidos ex abundan- tia cordis, 13 fruto de uma aplicação do intelecto repleta de amor. Ele percebeu que o livro podia dar aos que o meditassem a exa- ta ideia de quem é Maria Santíssima e qual o cúmulo de sua grandeza inefável, sua bondade e sua misericórdia, bem como do valor de sua intercessão. Em especial, deixou-o atônito certa passagem de São Luís Maria a respeito do poder da mediação de Nossa Senhora, quando afirma: "A digna Mãe de Deus [...] tem mais poder junto da majestade divina que as preces e inter- cessões de todos os Anjos e Santos do Céu e da terra".14

9) Idem.
10) Jantar, 5/2/1988.
11) MNF, 24/1/1979.
12) Jantar, 9/9/1980.
13) Do latim: da abundância do coração (cf. Lc 6, 45).
14) SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge, n.27. In: Euvres Complètes. Paris: Du Seuil, 1966, p.501.

TRAITÉ
DE
La Vraie Dévotion
SAINTE VIERGE
PAR LE BIENHEUREUX
LOUIS-MARIE GRIGNION DE MONTFORT
MISSIONNAIRE APOSTOLIQUE
FONDATEUR DE LA CONGREGATION DES MISSIONNAIRES
DE LA COMPAGNIE DE MARIE ET DE LA CONGREGATION DES FILLES DE LA SAGESSE

Vingt-deuxième édition
LIBRAIRIE H. OUDIN
PARIS
24, rue de Condé, 24
1911
POITIERS
9, rue du Chaudron-d'Or, 9
weis 154
MSJ
Assim nam comesti Cz. quella p/p.
Deusse de
conter par tamar fitt, nos d conter einer 157 I2" mostbem Cp/cujo intermedio Zeus de fez umelhante, homens, ep, cujo intermedio pomeno se devem fazer se. melhantes a Deus 157.
C.
am
vivens 33 anno viver + do 9. Adas, q.h.d submetido
ao Padre Eterno 156 Vos, bedeu
a Am obedecer fiel a submissait acumular em pouco tempo grandes the
souros 15620
no
I de lo o Espirits Divi- dis 9. & homem 9. pours sur mê é como aquelle q. acu- mula thessures 1561115
*
Como resumo da leitura do Tratado, Dr. Plinio compôs uma Ladainha de invocações a Nossa Senhora, anotando-a em folhas pequenas, algumas das quais manuscritas. Rezou-a durante bom tempo, e depois a guardou com outros papéis de estudo. Com o passar dos anos, entretanto, terminou por esquecer-se disso e julgou que a havia perdido.
Numa recente pesquisa no arquivo documental de Dr. Plinio, as páginas da Ladainha foram encontradas fortuitamente. Como se vê nos fac-símiles,
as marcas do desgaste denotam o uso assíduo que Dr. Plinio fazia delas.
1.2.A. Am se applica
(MS)
que sois 1 caminho mais. meritorio p = ir & Jesus, do q
The caminho
tivesse 1.
25
(45)
dosos meritos dos Santo g. impedis q. se dissipin e em q. todos os Anjos ed as virtudes dos vores TJ 44. impedis q. perecam
Ecclesiastico senectv caminhasse 158
in misericordia uber
qu. Ne Santos 144
q.sois & caminhas méritos de vossosdant 174 graças de oberos contos In mixerscordia de maculado po ir a Jesus fimpedis g- se percam
seio, em q.se encarnou
An verses
4. sois o camin
devotos, por fulgurante, glorioso e

the
as
174 demonis
prejudiquem vossos dan
#+ grimpedez q.h. I cas
da jovens, adquirem de esplendor, pelo qual & q. impedis q. os santitate experi visi novamente somme ass velhos, A Lot que fosters, en too 184! F-2 propria em pila mto menor, & camin aatlingir non chalde de h. disantes de santidade diff sigue ispocales de vosses & despeito de 1+2+g, come "bas insigne 4. sois tad virt oblivisteis perante to caminho susus, a devotionis", sois a moradia
graca po vos e p
vossos fiei's, como reed dos mais illustres em virtre. 453 e docura 122
oestaes a gut 4 g. sorts.
inteiro 164 I 1 normes cruzectarodes pages:
as
tenham de re
9-sois argu
los Santos 174 Frupportavel carregiving Expired des IF y 4. sois gm. ge normes cruzes, dear & shame nossos corpos de dos de trap, squees outros succium corpos de pescado, concebido no peccado alimentados picoado, capazes só de pec- cado corrompendo-se ca demez mais,& engendr
haptives illusos induzern to amar impedis, 1.14 verdas do so as virtudes de vossos santy
174 I 2+
Eis algumas das jaculatórias, extraídas a
esmo da Ladainha:
Por quem Nosso Senhor Se deixou conter e guiar perfeitamente, e por quem, perfeitamente, também nós nos devemos
deixar conter e guiar;
que fostes designada pelo Padre Eterno para habitar nas almas;
que sois a fiel companheira de seus triunfos e grandezas;
que brilhareis com glória inconfundível nos últimos tempos;
(ILS)
A DEVOÇÃO
q. os Santos declara- ram ter 1 caridade incom- mensuravel, e maior do q. toda a terra & 7 I
TOYS
q.os Santos declaram ter 1 poder de extensão in -comprehensivel, até sobre
Deus 7 II 5
q.sois o moldex em q. se formou naturalmte.e di-
vinamte.N.S.J.C.220 1
92
deqm se diz q.aquelle trabalha comvosco & como qabrica 1 estatua botan do a materia prima no bid molde de Christo, q.sois Vos,q.fosteis qm.0 conte-
ve 219 I 1
q.,assim, proporciona-
es aos vossos escravos 1 meio maravilhoso de facil
e rapidamte.se transforma-
(IHS)

trabalham sem vos, fazem sua perfeição como 1 asta- tua de pedra, trabalhada a martello e cinzel c/gran- de esforço 216 lf +q.livraes vossos es-
cravos das innumeras cru- zes q.a santidade custa sa aos q.a querem 152 q.1 vraes vossos ex- cravos das mortes extranhs
- 8 4.sao o caminho da san- tidade 152 4 tq.livraes vossos.s- cravos das mtas.diffic.1- dades q.se encontram no caminho da santidade 152 +q.livrees vossos es- cravos das noites obscuras do caminho da santidade q.livraes vossos es-
+
152
rem em outros Christos 219 ravos dos extranhos com-
de qm.se diz q.03 q.
ates do caminho da santi-
GRANLEZAS DE MARIA
do qm. o Fadre Eterno quiz depender, fazendo nascer do Nós o Livino Filho, e pedig do para isto o vosso conser
timento 140
1. AS)
C por quem N.S. se dei- you conter e guiar perfeita
de gm. o Padre mente, p por quem, portanto terno quiz depender, fazerd ambem nós nos devemos dei- sempre por vosso intermedio ar çonter e guiar 157
a distribuição de Suas gr
gas 140
VC que sois o"vas honora le" que conteve o proprio
a qm. Leus se geus 178
ricou de xxxixxes3X
C que, ccmo "vas honora
revelar seu esplendor, occaile", sois o throno dos tando-o ás outras creatu afores principes da Eterni
as £18. 111
aade 178
que sois o Paraiz ne
o Divino se glorifico al Elle encontra toda a risonar-se voluntaria ntemente 261
418 I e IV E
gloria em se achar con
que, como Mãe de No
9. merecestei Senhor, sois a Rainha (1
otho de Deus manife rça, deixando-s ror ume Ko
Terra 38 I 1
que sois o moldex e se formou naturalment inamente N.S.J.C.220 cujo Filho, em Vos çao, aplacou a in
que tereis em uma época futura diversas almas que se perderão em Vós e serão verdadeiras cópias de Vós;
- a quem está reservada a formação dos grandes Santos que brilharão no futuro; que Deus que por humildade, merecestes Vos incumbisse de fazer ocupar os tronos que o orgulho dos demônios deixara vazios;
que sois o General dos exércitos de Deus; que
sois a Tesoureira de Deus;
que sois a Âncora à qual se agarram todos

os Santos;
Juventude: a sabedoria posta à prova
A corte da Rainha-Mãe
situação privilegiadíssima da Mãe de Deus na ordem da
Parte II
criação,
Outrora, antes de conhecer tantas maravilhas a respeito da Plinio tinha a ideia de que o lugar d'Ela no Céu seria o de uma Rainha-Mãe, a qual possuiria sua corte própria e específica, po- torno de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei dos reis. Ora, já na- rém inferior à corte principal e mais eminente, estabelecida em quele tempo, tal era o seu encanto com Nossa Senhora que ele pensava: "Sei que a corte do Rei deve ser superior à da Rainha, mas eu, quando for para o Céu, quero fazer parte da corte d'Ela,
Tal era o encanto de Plinio com Nossa Senhora que ele pensava: "Eu, quando for para o Céu, quero fazer parte da corte d'Ela"
O Paraíso, Les très riches Heures du Duc de Berry - Museu Condé, Chantilly (França)
Uma montanha colocada sobre todas as outras montanhas:
tal é a situação privilegiadíssima da Mãe de Deus na ordem da criação Monte Everest - Cordilheira do Himalaia, fronteira entre China e Nepal ainda que esta seja secundária, pois o que me importa é estar junto a Ela".
No fundo, apesar dessa noção inicial equivocada sobre a posição de Maria Santíssima no Reino dos Céus, ele havia dis- cernido muito bem o papel d'Ela como lente de aumento para ver Nosso Senhor Jesus Cristo e, assim, preferia permanecer com Ela, embora sabendo estar Ele infinitamente acima de toda e qualquer comparação. No entanto, ao ler a doutrina expos- ta no Tratado, Plinio se deu conta de que, pertencendo à corte de Nossa Senhora, ele se encontraria num lugar insigne, muito mais perto de Nosso Senhor do que imaginava. Então exultou, não pelas consequências vantajosas que isso lhe traria, e sim por perceber que a Santíssima Virgem merecia, de fato, toda a con- sideração que ele desejava tributar-Lhe: "Foi só lendo o livro de São Luís Grignion que eu compreendi toda a elevação e a sacralidade do culto a Nossa Senhora. Não havia nada em mim que negasse isso antes, mas entendi melhor quem é Ela, ou seja, mons super montes positum - uma montanha colocada sobre to- das as outras montanhas (cf. Is 2, 2)!"15
"Minha alma saiu dessa leitura guarnecida por uma por- ção de ideias, de noções, de doutrinas, etc., que seria um não mais acabar, se as fosse contar todas. [...] É algo extraordinário! São tantas maravilhas que nem sei o que dizer..."16
15) MNF, 14/4/1989.
16) Santo do Dia de Sábado, 15/4/1989.
175

176
76
Juventude: a sabedoria posta à prova
O Reino de Maria nascendo numa alma
Parte II
Porém, seu entusiasmo foi ainda maior ao fazer outra des do ele próprio narraria: "[Eram] labaredas sobre um assunto de coberta nas páginas que se sucediam diante dos olhos, segun- que nunca ouvira ninguém tratar, mas me interessava no mais alto grau: o Reino de Maria. Logo percebi que esse Reino era mente o meu desejo!"" Entendeu ele que São Luís Grignion se a meta para a qual minha alma voava. Era bem exata e estrita- referia, acima

de tudo, ao governo de Nossa Senhora, Rainha dos Corações, sobre as mentalidades de todos os homens, trans- formando-as de modo maravilhoso e tornando-as semelhantes à d'Ela:18 entretanto também notou que o autor do Tratado previa em termos claros o advento de uma autêntica era histórica de luz e de paz, na qual a face da terra seria renovada e reformada pela Santa Igreja, e em que Maria Santíssima seria reconhecida universalmente como Soberana: "Nesses últimos tempos, Maria deve brilhar, como jamais brilhou, em misericórdia, em força e
graça", 19

17) Idem.

18) De fato, segundo a terminologia de São Luís Maria Grignion de Montfort, o Reino de Maria é, acima de tudo, a glorificação de Maria Santíssima no interior dos cora- ções: "Como o Reino de Jesus Cristo está principalmente no coração ou no interior do homem, segundo esta palavra: 'O Reino de Deus está em nosso interior' (Lc 17, 21), o Reino da Santíssima Virgem está sobretudo no interior do homem, isto é, em sua alma, e é de modo especial nas almas que Ela é mais glorificada com seu Filho, do que em todas as criaturas visíveis, razão pela qual podemos chamá-la com os Santos a Rainha dos Corações" (SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT, op. cit., n.38, p.508).

19) Idem, n.50, p.516. Os termos utilizados por São Luís Grignion não deixam lugar a dú- vidas quanto à sua certeza em relação ao advento de uma era marial: "Quando virá este feliz tempo em que Maria será entronizada como Mestra e Soberana nos corações, para submetê-los de forma plena ao império de seu grande e único Jesus? Quando chegará o dia em que as almas respirarão Maria, como os corpos respiram o ar? Nessa época, coi- sas maravilhosas acontecerão no mundo, onde o Espírito Santo, encontrando sua queri- da Esposa como que reproduzida nas almas, a elas descerá abundantemente, tornando-as repletas de seus dons, de modo especial do dom de sabedoria, para operar as maravilhas da graça. [...] Quando virá esse tempo feliz e esse século de Maria, em que inúmeras almas escolhidas e obtidas do Altíssimo por Maria, perdendo-se no abismo de seu inte- rior, tornar-se-ão cópias vivas de Maria, para amar e glorificar Jesus Cristo? Esse tempo não virá senão quando se conheça e pratique a devoção que ensino: 'Ut adveniat regnum tuum, adveniat regnum Marice"" (Idem, n.217, p.634-635).

Capitulo 4

Consagração à Santíssima como escravo de amor

Na leitura do Tratado, Plinio encontrou explicitada a meta para a qual sua alma voava: o Reino de Maria, uma nova era renovada e reformada pela Santa Igreja A catedral gótica com o palácio imperial, por Karl Friedrich Schinkel - Alte Nationalgalerie, Berlim

Plinio foi se encantando com os prognósticos contidos no Tratado da verdadeira devoção e, em especial, ao considerar o auge de santidade a que chegariam as almas nesses tempos vindouros como enormes cedros-do-líbano comparados aos ar- bustos, em relação aos Santos dos séculos anteriores. 20 E Plinio compreendeu que o seu ardente desejo, isto é, a vitória do bem sobre o mal na terra, o triunfo do que ele chamaria mais tarde de Contra-Revolução, seria obtido, afinal, através da Santíssima Virgem.

20) "Acontecerá particularmente no fim do mundo e, logo, porque o Altíssimo com sua Santa Mãe devem formar grandes Santos que ultrapassarão tanto em santidade a maioria dos ou- tros Santos, quanto os cedros-do-líbano suplantam os pequenos arbustos. [...] Eles serão pequenos e pobres segundo o mundo [...]; mas, pelo contrário, serão ricos em graça de Deus, que Maria lhes distribuirá abundantemente; grandes e eminentes em santidade dian- te de Deus, superiores a toda criatura por seu zelo animoso, e tão fortemente apoiados pelo socorro divino que, com a humildade de seu calcanhar e em união com

Maria, esmagarão a cabeça do demônio e farão triunfar Jesus Cristo" (Idem, n.47; 54, p.512-513; 519).
177

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Assim, ao chegar às mãos de Plinio, o Tratado causou-lhe ele sido objeto de uma verdadeira experiência mística a respeito o efeito de uma revelação de Deus. Entretanto, nota- haver do Reino de Maria, motivada muito mais pela ação direta da graça em seu interior e pelo dom de sabedoria, do que pelos es- critos do extraordinário Santo mariano. De fato, apesar de não conseguir transmitir em palavras toda santidade, inocência e sacralidade que sua mente concebia e amava, como sendo as ca- racterísticas essenciais dessa era marial, as suas conclusões a a leitura do Tratado permitem vislumbrar o quanto ele via, ou sentia em si, o conjunto das harmonias dessa civilização futu- muito superior às maravilhas produzidas pela Cristandade em ra em todos os seus âmbitos e aspectos, anunciando-a inclusive
séculos anteriores:
após
"Compreendi que, no reinado de Maria, a sacralidade se- ria muito reluzente na ordem espiritual, antes de tudo, mas tam-
bém na ordem temporal. E entendi
que
haveria aspectos místi-
cos, os quais fariam do Reino de Maria um paraíso, em relação ao que foi a Idade Média. Não se tratava, portanto, de voltar ao passado, e sim de rumar para algo que es- taria para a Idade Média 'como o cedro-do-líbano para os arbustos'. E o Reino de Maria, sem ter nada de uma era milenarista ou de um paraíso recupe-
Os Santos dos tempos vindouros chegarão a tal auge, que serão como cedros-do-líbano em comparação aos arbustos do passado
Capítulo 4
Consagração à Santa Virgem como escravo de amor
rado, seria entretanto uma época de sacralidade, de glória e de
elevação inauditas!"21
Contudo, apesar de tão altas considerações, Plinio não re- putava especialmente rica e penetrante sua compreensão sobre tais acontecimentos. Pelo contrário, julgava-a pobre e insuficien- te em comparação à realidade: "Sei que vejo muito pouco em relação ao que será. Mas, pelo menos, desejo-o de forma inten- síssima. E creio ser com desejos assim que se prepara o Reino de Maria".22 Desse modo, a previsão de São Luís Maria Grignion de Montfort, profeta dos "últimos tempos", era confirmada e re- forçada pelo aval de Plinio Corrêa de Oliveira, profeta do Reino cuja alma esse reinado já nascia com antecipação, de Maria, em
pelo desejo, como um sol que despontasse à meia-noite.
"Para Ela tudo é pouco!"
Não obstante sua adesão entusiástica a tudo quanto lia a respeito da devoção a Nossa Senhora, um dos tópicos contidos no Tratado causou a Plinio certa surpresa e estranheza: tratava- -se de entregar-se a Ela como escravo! E a palavra escravidão, com toda sua forte conotação, trazia-lhe a ideia do sacrifício e da perda de alguns aspectos da personalidade de quem assim se

consagrasse.
Ora, ainda nos anos de sua adolescência, tendo se dado conta de que sua vocação lhe exigia sempre atitudes na linha da grandeza, do brilho e do panache, ele se aplicara com empenho na luta contra sua natural tendência à preguiça e havia adquiri-
21) MNF, 14/4/1989.
22) Idem. Sobre o desejo ardoroso do Reino de Maria que deve caracterizar o católico verdadeiramente fervoroso em nossos dias, assim se exprime o Autor em sua obra O Inédito sobre os Evangelhos, comentando o próprio Tratado da verdadeira devoção à Santíssi- ma Virgem, de São Luís Maria Grignion de Montfort: "É muito importante ressaltar que, em relação ao governo de Deus sobre os acontecimentos humanos, a vigilância nos deve conduzir a esperar com alegria e avidez o triunfo espetacular do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria, a chegada desse período extraordinário da História anunciado por Nossa Senhora em Fátima" (CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. O inédito sobre os Evangelhos. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiæ, 2013, v.I, p.24). 23) Do francês, literalmente: penacho. Em sentido figurado, segundo uma das definições do próprio Dr. Plinio, o panache é o garbo da superioridade, em estado de militância.

chegava essa necessidade de não se deixar dominar, que ele re- tar arrogância, mas fazendo respeitar sua vontade. tal ponto do forças para se impor aos outros na vida social, se manifes-
como os vinhos secos, as quais pudessem tomar-lhe demasiado o paladar. Agora, tendo sua mentalidade já formada São Luís Grignion lhe revelava de repente que devia assumir a condição de escravo, parecendo lançar por terra o fruto de tanto esforço!
A Providência, porém, o havia preparado para este mo- com toda a humildade, sem a menor revolta interior e, inclusive, mento em que ele dobraria os joelhos diante de Nossa Senhora
na disposição de renunciar ao
panache para cumprir os desíg- nios de Deus. Então, levado por seu amor ardoroso a Maria San- tíssima, pensou: "Escravo de Nossa Senhora? Isso mesmo! É uma honra para mim! Para Ela tudo é pouco, porque merece tudo e, portanto, eu pertenço todo a Ela e é justo que sacrifi- que o panache. Chegou a hora de ser incondicional e cortá-lo, ainda que ele seja uma qualida- de santa". 24 Moveu-o igualmen- te a tal decisão sua admiração em relação ao autor do Tratado: "Esse grande Santo, essa alma de fogo, esse espírito lógico, es- se homem inteligentíssimo! Ele possui labaredas de vontade e de energia, como nunca vi em ninguém! Com Nossa Senhora e também com ele, eu vou até onde for preciso!"25
24) Chá, 15/5/1981.
25) Santo do Dia de Sábado, 15/4/1989.
TE LA VRAIL DEVO
TION
S.LVD.M
MONTFORT
Alma de fogo, espírito lógico, homem inteligentíssimo!
São Luís Maria Grignion de Montfort - Basílica de São Pedro, Vaticano
Gustavo Kralj

Capítulo 4
Consagração à Santissime Virgem como escravo de amor
Plinio refletiu com calma, a fim de compreender a fundo o
sentido da escravidão a Nossa Senhora, conforme comentaria: "Eu precisei fazer todo um raciocínio para entender o que isso significava e, assim, poder entrar no espírito da instituição e fa- zer a minha consagração como devia".26 E, sem dúvida, uma das razões para ele mais convincentes foi a afirmação do autor do Tratado, segundo a qual nenhuma devoção pode agradar tanto a Santíssima Virgem quanto a consagração a Jesus Cristo pelas
mãos d'Ela.
Escravo de Maria Santíssima
Terminada a leitura, Plinio não teve um minuto de vacila- ção ou demora: começou a preparar-se para fazer a consagra-
a
por São
de antecedência, de acordo com o método aconselhado Luís Grignion de Montfort. Nunca saberemos com exatidão quais foram suas orações e colóquios ao longo desses dias, mas é certo que ele atribuiu a tal preparação toda a importância que
ela merecia.
Plinio se consagrou à Santíssima Virgem em casa e de for- ma muito modesta, como fazia questão de frisar quando narrava grandiosos feitos por mim. Inclusive nesse caso, haveria o perigo o fato, com sua habitual humildade: "Sempre temi imaginar atos de pensar: 'Farei uma grande consagração!' E, no momento de fazê-la, julgar-me a mim mesmo grande... e não a consagração. Resolvi então consagrar-me com toda a simplicidade. Pronta a preparação, comunguei, voltei para casa, tomei um lanche, li o jornal como todos os dias, tranquei-me no meu quarto, meditei durante meia hora sobre a consagração, ajoelhei-me, rezei mais uma vez o Veni Creator Spiritus e o Ave Maris Stella e, por fim, consagrei-me, tornando-me escravo de Maria. Depois passei aos afazeres corriqueiros. Foi um ato singelo, sem nenhuma conso- lação espiritual, mas até hoje não cesso de agradecer a Nossa Senhora esse passo que dei, por chamado d'Ela" 27
26) Santo do Dia de Sábado, 25/2/1984. 27) Idem.
181

182
Juventude: a sabedoria posta à prova
Através da escravidão a Maria, Plinio entrou pela via estreita da despretensão, transformando-a em larga avenida para aqueles que o haveriam de seguir Plinio no início da década de 1930
Entretanto, sendo um espírito sério e profundo, Plinio só considerava bem feita aquela consagração que, uma vez pronun- ciada e efetivada, levasse as pessoas a mudarem de vida. E, com efeito, a partir do instante em que se entregou a Nosso Senhor Jesus Cristo pelas mãos de Nossa Senhora, como verdadeiro e
Parte II
Capitulo 4
Consagração à Santia
m como escravo de amor

perfeito escravo, algo se modificou em sua impostação de espí- rito: começou a perceber que, de fato, tudo o que antes era dele já não lhe pertencia, pois se tornara propriedade d'Ela, e sentiu o quanto havia aumentado em sua alma a influência de Maria Santíssima.

Por isso ele passou a renovar todos os dias o ato de con-

sagração a Ela, e assim o fez ao longo de toda a sua vida, no momento da ação de graças após a Comunhão, rezando-o em francês, como o tinha lido no Traité, e chegando a memorizá- agora a consagração a Nossa Senhora e afirmava, referindo-se à -lo. Ele, que tanta importância dava ao Rosário, equiparava-lhe luta de todo católico contra as tentações: "O Rosário e a consa- gração são os dois elementos de nossa defesa e de nosso ataque ao adversário". 28

A escravidão à Santíssima Virgem constituiu para ele um novo surto de graças e um possante fator de progresso na vida espiritual, ajudando-o a atingir o patamar que tanto desejava e fazendo dele um varão inteiramente marial, o que se pode com- provar pelo propósito que assumiu: nunca dirigir alguma oração a Nosso Senhor Jesus Cristo sem pedir a intercessão d'Ela.

Quem se consagrou a Maria com tal seriedade e tão inte- gro desprendimento? Decidindo-se a entrar pela via estreita da despretensão e da renúncia, transformou-a em grandiosa ave- nida e, desse modo, abriu um caminho a todos aqueles que, em seu seguimento, iriam praticar no futuro a mesma devoção da escravidão de amor a Nossa Senhora. Por isso a consagração de Plinio teve, junto a Ela, imenso valor.

Desde a infância, "confiscado" por Nossa Senhora

É preciso recordar que, antes mesmo de conhecer o Trata- do, ele havia sido preparado para esse passo. Sua piedade ma- riana se iniciara aos onze anos de idade, a partir de uma situação aflitiva, enquanto rezava diante da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora.29 Foi então que Plinio experimentou no fundo de

28) Santo do Dia de Sábado, 10/3/1984.

29) Ver Parte I, Capítulo 5: "Salvai-me, Rainha!"

de sua proteção maternal e fazendo-o sentir a promessa: "Meu sua alma o carinho de Maria Santíssima, dando-lhe a certeza filho, eu te acompanharei passo a passo. Jamais te abandona- rei!"30 E tal comunicação daria a ele extraordinária fortaleza,

conforme declarou:

considero-me gratuitamente benquisto por Nossa Senhora, com "A partir da graça recebida na Igreja do Coração de Jesus, A solis ortu usque ad occasum, 31 minha vida é feita de luta, sob tal carinho e bondade, que nada tenho a dizer, senão confiar. todos os aspectos. Pois bem, a confiança durante a luta, a insis- envolvente, misericordioso e compassivo. Sem eu ter direito a tência e a força para conduzi-la me vêm daquele olhar materno, isso, mas porque Ela quis, sua bondade ultrapassa os limites da

justiça, envolve-me e cativa-me por inteiro!"32

É evidente que a estreita união de Plinio com Da. Luci- lia, desde a primeira infância dele, também havia constituído

espírito, naquele momento de especial dificuldade, uma estupenda noção sobre a bondade e o afeto de Nossa Senhora. Ali, no Santuário do Sa- grado Coração de Jesus, começava

um relacionamento com a Santíssima Virgem, à semelhança da intimidade dele com sua mãe, em grau incomparavelmente maior, e baseado numa liga- ção de total entrega, ainda que de modo implícito, como o ates- tam suas palavras: "No fundo já estava em mim esta ideia, ainda não explicitada: 'Ela é tão alta, tão nobre, tão perfeita e tão san- ta, que eu Lhe pertenço por completo. E o mais razoável para mim é fazer tudo quanto Ela desejar"" 33
providencial preparação para formar em seu
Assim, aos pés daquela imagem alva da Auxiliadora dos Cristãos, Plinio já fora "confiscado" por Nossa Senhora, para ser, mais tarde, escravo d'Ela. Segundo sua narrativa, desde esse
30) É este, aliás, um dos efeitos do dom de sabedoria, como explica Drago: "Em virtude do dom de sabedoria a alma ama espontaneamente, antes, mais do que amar se sente amada, porque o amor, como a oração, se torna uma força que, qual rio de água viva, flui livre e borbotoante da fonte do Espírito Santo" (DRAGO, Augusto. Os dons do Espírito Santo na vida do cristão: contemplativos na ação. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1996, p.205).
31) Do latim: "Do nascer do sol até o ocaso" (Sl 112, 3).
32) Conversa de Sábado à Noite, 6/6/1981.
33) Chá, 15/5/1981.
Capitulo 4
Consagração à Santíssima Vico cravo de amor
dia todas as "avenidas de acesso" de sua aina já estavam aber- dispostas para tal consagração. Esta foi inclusive um ato de agradecimento por tudo o que d'Ela recebera, não apenas a mencionada graça mística, da qual ele jamais se esqueceria, mas
tas e
Aos pés daquela imagem, Plinio fora "confiscado" por Nossa Senhora, para ser, mais tarde, escravo d'Ela
Altar de Nossa Senhora Auxiliadora - Santuário do Sagrado Coração de Jesus, na década de 1920

também o socorro em tantos apuros. E, desejoso de dar a Ela uma retribuição inaudita, fez o propósito de sempre ter com Ela uma união tão profunda, ardorosa e ousada quanto fosse possí- de Montfort foi porque seu livro explicava a razão de Nossa Se- vel e imaginável: "O motivo pelo qual aderi a São Luís Grignion nhora me ter feito aquele ato de bondade. Eu com isso ne vin-
culava a Ela, em gratidão, para a vida inteira".
Livro providencial e profético
34
Contudo, além de tantos motivos que o levaram a en- deixam entrever ter sido a leitura da obra de São Luís Maria tregar-se à Santíssima Virgem como escravo, suas palavras Grignion de Montfort para ele ocasião de receber ainda outras
graças
de modo decisivo: "Quando eu li o Tratado da verdadeira devo- ção e resolvi dar-me a Ela, tinha a impressão de ver refletir-se afirmativa e pura, que se comunicava com o Céu dos Céus. E dentro de mim algo de uma luz prateada, maravilhosa, forte, lá em cima um mistério, também cheio de luz. O ver isso e o eu percebia que, só com olhar para aquilo, poderia vislumbrar sentir o impacto disso em mim foi a força psicologicamente de-
terminante, da qual resultou a deliberação de consagrar-me a

Nossa Senhora" 35
Por outro lado, ele mesmo comentava o aspecto místico e profético dessa obra de São Luís, como marco entre o fim de uma era histórica e o início de outra. E considerava providencial o abandono em que o livro permaneceu, esquecido num baú du- rante cento e trinta anos antes de ser encontrado e ter divulga- ção, fato aliás previsto pelo Santo mariano em seus escritos.37
34) MNF, 28/4/1989.
35) MNF, 24/1/1979.
36) De 1712, data mais provável da composição do Tratado, a 1842.
37) "Prevejo muitos animais selvagens que vêm em fúria para rasgar com seus dentes diabólicos este pequeno escrito e aquele que o Espírito Santo se serviu para escrevê-lo, ou pelo menos para envolvê-lo nas trevas e silêncio de um cofre, para que ele não apareça jamais" (SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT, op. cit., n.114, p.557).
Capitulo 4
Consagração à Santíssima Virgem como escrabo de
"Por algum desígnio de Nossa Senhora, em certa época deveria ser descoberto o Tratado e em determinado momento nós o te- ríamos em mãos. Permanece então aberta uma via que ninguém mais conseguirá fechar para os católicos que queiram ser fiéis a Nossa Senhora e levar até as últimas consequências a devoção a Ela. Eu vejo, na abertura dessa via e na sua segurança, não apenas uma promessa, mas um começo do Reino de Maria" 38
E o próprio São Luís Grignion, de modo misterioso, re- conhece haver escrito o Tratado com a esperança de que fosse encontrado e entendido na perfeição por uma alma eleita: "Oh! Daria minha pena por bem empregada se este pequeno escrito, caindo nas mãos de uma alma bem nascida, nascida de Deus e de Maria, e não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem (cf. Jo 1, 13), lhe desvendasse e inspirasse, pela graça do Espírito Santo, a excelência e o preço da verda- deira e sólida devoção à Santíssima Virgem, que vou descrever agora! Se eu soubesse que meu sangue criminoso poderia servir para fazer entrar no coração as verdades que escrevo em honra de minha querida Mãe e soberana Senhora, [...] em lugar de tinta, eu o usaria para formar estes caracteres" 39
Por essas afirmações, não parece ousado conjecturar que o Tratado da verdadeira devoção, reputado um dos melhores es- tudos realizados em todos os séculos sobre a Mãe de Deus, era especialmente destinado pela Providência a chegar às mãos de Plinio, como um tesouro, para aprimorá-lo em sua vida espiri- tual e ajudá-lo a atingir o pináculo de sua devoção à Santíssima Virgem. Pode-se dizer que um profeta marial escrevia para ou- tro profeta, o qual compreenderia, confirmaria e viveria os ensi- namentos pregados pelo primeiro.
De fato, Plinio tanto assimilou o conteúdo do Tratado que, depois de o ter lido, passou a fazer todos os dias um pedi- do, no momento da Comunhão. Ao receber a Sagrada Eucaristia, logo no começo da ação de graças e ainda antes de renovar seu ato de consagração, suplicava a Nosso Senhor Jesus Cristo,
38) Almoço, 24/2/1987.
39) SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT, op. cit., n.112, p.556.

Como primeiro ato após a Comunhão, Dr. Plinio pedia a Jesus uma ardente devoção a Nossa Senhora, até onde a natureza e a graça permitissem chegar Dr. Plinio durante a ação de graças de uma Missa na Igreja de Santa Cecília, em 13 de dezembro de 1992
por meio de Nossa Senhora, que lhe concedesse uma devoção a Ela tão ousada, ampla e profunda, que atingisse os extremos limites aos quais a natureza humana e a graça permitissem chegar. E ele formulou esse pedido, com todo o fervor, até o
fim de sua vida.
Sim, em matéria de união com Maria Santíssima, Plinio desejava possuir tudo, pois sentia que, sem Ela, ele nada seria. E em certa ocasião definiria a doutrina contida no Tratado como a característica primeira e mais essencial de sua espiritualidade: "Quando eu morrer, se alguém quiser fazer um epitafio na mi- nha lápide funerária e escrever apenas esta frase 'Leu o livro de São Luís Maria Grignion de Montfort; procurou com toda alma
Parte II
Capítulo 4
Consagração à Santíssima Virgem como escravo de amor
praticá-lo e difundi-lo', considerarei narrada a espinha dorsal de
minha vida".4
40
Novena perpétua a Santa Teresinh
Entretanto, Plinio jamais esqueceria que a graça de co- nhecer o Tratado e de dar esse passo decisivo em sua vida es- piritual havia sido obtida pela intercessão de Santa Teresinha do Menino Jesus. Ela não o atendeu no que dizia respeito ao bilhete de loteria, e os quatrocentos contos nunca chegaram, mas entregou-lhe uma dádiva incomparavelmente mais pre- ciosa, levando-o a encontrar a verdadeira escravidão a Nossa
Senhora.
Por outro lado, afirmava ele que a própria insegurança financeira, da qual Santa Teresinha não o livrou, bem como a consequente luta pelos recursos necessários, tiveram a grande vantagem de temperar-lhe ainda mais o caráter e de exercitá-lo ponto a Santa carmelita passou a constituir um ponto fixo na de- na arte de confiar na Providência em meio às incertezas. A tal voção e no entusiasmo de Plinio que, a partir de então, ele tor- nou perpetua entre as suas orações cotidianas a novena a Santa Teresinha, cuja recitação lhe trouxera tão excelente fruto. E não deixaria de rezá-la um só dia, durante toda a sua vida.
O abade que precisou de um conselho
agora
O fervor marial de Plinio, que desde a infância constituí- ra uma característica indissociável de sua espiritualidade, era confirmado e fortalecido pela escravidão de amor a Nossa Senhora e tornava-se notório aos olhos de todos. Parentes e co- nhecidos, companheiros da Congregação Mariana e personali- dades eclesiásticas passavam a ver nele o devoto por excelência de Maria Santíssima. E houve um personagem que, em determi- nada ocasião, reconheceu de bom grado tal superioridade, e a ela prestou homenagem.
40) Santo do Dia, 23/10/1991.
189

190
Juventude a sabedoria posta à prova
Parte II
Pouco tempo depois de se formar em Diren, Plinio abriu seu primeiro escritório de advocacia, o qual estava si- tuado num edificio à Rua Libero Badaró, no centro da cidade,

exclusivamente ao apostolado, ele permaneceu durante um próximo ao Mosteiro de São Bento. Todavia, dedicado quase longo periodo sem exercer a profissão, utilizando o into panas ocasiões em que os horários lhe permitiam, descia até o ra promover reuniões e conversas com jovens congregados. E mosteiro e ali rezava, às vezes o Rosário inteiro, diante de uma
imagem da Imaculada Conceição.
D. Domingos de Silos Schelhorn
Certo dia encontrava-se ele nesse
local, quando se aproximou beneditino e lhe disse:
um irmão
- D. Abade mandou pedir ao senhor o favor de subir até a
cela dele, antes de sair.
Ora, Plinio havia cum- primentado o abade de São
Bento apenas uma vez, na residência de um amigo con- gregado." Era o velho e ve- nerável D. Domingos de Si- los Schelhorn,42 que ele assim descreveria décadas mais tar- de:
"Tenho a impressão de que era um santo homem. Alemão de olhos azuis, não muito alto de estatura, sereno e seguro, de boa educação e bons estu-
41) Na casa de Dr. Alfredo Egídio de Souza Aranha, advogado e industrial de São Paulo, frequentada por Plinio pela amizade com seu filho adotivo, o congregado mariano Ân- gelo Simões de Arruda.
42) D. Domingos de Silos Schelhorn, OSB, (1881-1948), natural da Baviera, Alemanha, foi professor, prefeito e reitor do Ginásio de São Bento em São Paulo, e no ano de 1929 tornou-se o 62° abade do Mosteiro de São Bento nessa mesma cidade, cargo que ocupou até seu falecimento.
Capitulo 4
Consagração à Santíssima Virgem como escravo de amor
dos, distinto, muito limpo e bem-arranjado, sem nada de faceiro. Um abade digno", 43
Após concluir suas orações, Plinio informou-se sobre co- mo chegar à cela de D. Abade, onde foi recebido com suma cor- tesia. Fazendo-o sentar-se, este lhe disse:
O meu confessionário está colocado perto da imagem da Imaculada Conceição, e sempre vejo o senhor rezando a Ela. Então, como o senhor é muito devoto de Nossa Senhora, quero deixar em suas mãos a decisão de um assunto de consciência E entregou-lhe um documento escrito à mão, rogando que o lesse. Tratava-se de uma carta ao seu superior religioso, pedin- do demissão do cargo de abade. Plinio leu e, em seguida, fixou
muito importante.
Confessionário da Igreja do Mosteiro de São Bento, no qual D. Domingos de Silos, enquanto atendia confissões, avistava Dr. Plinio rezando diante da imagem da Imaculada Conceição
43) Jantar, 3/12/1982.

com expressão interrogativa os olhos grandes e franc
ge, o qual continuou:
- Eu resolvi perguntar ao senhor se devo to esse pedido ou não. Não vou lhe dar as razões dist

Uma pessoa que reza a Nossa Senhora como o senh
Parte II
do mon-
ar efetivo
mas ape-
nas desejo que o senhor me diga simplesmente "sim ou "não". pode ser um muito bom conselheiro, e eu tenho confiança no
seu conselho.
o faz, só
Plinio pensou: "É difícil que venha outro abade com essas disposições em relação a Nossa Senhora. E conveniente que ele
não renuncie". E respondeu:
- D. Abade, por mim Vossa Excelência fica no cargo.
Ele tomou o documento, rasgou-o, jogou-o
se sorrindo:
- Está feito. Não vou pedir a renúncia.
no cesto e dis-
A conversa se prolongou por mais alguns minutos a res- peito de outros assuntos, e Plinio se retirou. Apesar de o abade ele chegou à conclusão de que só poderia haver uma explicação não lhe ter revelado os motivos que o levaram a assim proceder, graça especial, pela qual Nossa Senhora significaria a vontade d'Ela por uma decisão minha. Ele achava que eu diria algo que para o acontecido: "Creio que ele julgava ter recebido alguma representava o desígnio de Nossa Senhora" 44
Além do mais, D. Domingos de Silos era fiel seguidor da devoção pregada por São Luís Maria Grignion de Montfort. Te- ria ele visto naquele jovem, tão unido à Santíssima Virgem, uma alma particularmente eleita por Ela? Não há razões para duvi-
dá-lo. +
'Leu o livro de São "Se alguém quiser fazer um epitafio onion de Montfort, na minha lápide funerária e escrever
as esta
aparia
procurou
praticá-lo
Luis com toda alma Pifundi-lo'. considerarei narrada a espinha dorsal de minha vida" Dr. Plinio venera o túmulo de São Luis Maria Grignion de Montfort,
durante sua peregrinação à Europa, em 1988
192
44) Idem.
CRK

Dr. Plinio por ocasião da Páscoa dos intelectuais, na sacristia da Igreja dos Terciarios Carmelitas,
São Paulo, em 20 de maio de 1932
CAPÍTULO 5
PROFETISMO,
GLÓRIA E CALVÁRIO
Igreja não conhece apenas o depósito revelado. Ela é também esclarecida sobre o estado do mundo e I sobre o movimento dos espíritos. Os mais lúcidos

Eles saberão discernir, à luz divina, os sentimentos profundos de seus filhos participarão desta sua miraculosa penetração. prescrever os verdadeiros remédios. Enquanto a massa parece- de sua época. Eles saberão diagnosticar os verdadeiros males e rá atingida pela cegueira, enquanto até os melhores hesitarão ou tatearão, eles, com instinto sobrenatural e infalível, irão di- reto ao alvo. O recuo dos séculos manifestará a justeza de sua visão"!

Tais palavras do Cardeal Journet, renomado teólogo, pa- tenteiam o quanto é necessário, por vontade de Deus, que sur- o longo da História da Igreja esses filhos lúcidos, os quais conhecem o estado do mundo e o movimento dos espíritos, apontam os verdadeiros perigos e oferecem as soluções perfei-
jam ao
tas. E essas
figuras, sejam ou não reconhecidas em todo o seu
valor pelos contemporâneos, são denominadas pela posteridade com o título adequado a seus merecimentos: profetas.

Sim, o dom de profecia, dado com tanta profusão ao po- vo eleito no Antigo Testamento, não poderia faltar à "raça es- colhida, [...] nação santa" (I Pd 2, 9), à imortal instituição fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, a bondade divina socorre a Igreja com profetas que conduzem o povo, categórica afirmação do Doutor Angélico: "Em cada época, não faltou nin- guém dotado do espírito de profecia, não para ensinar uma nova

1) JOURNET, Charles. L'Église du Verbe Incarné. Saint-Maurice: Saint-Augustin, 1998, v.I, p.282-283.

uria e calvário

Gustavo Kr

Juventude: a sabedoria posta à prova

Ao longo da História não faltaram homens
espírito de profe que apontaram os verda e ofereceram as soluça

Parte II

Igreja, etos do
os perigos perfeitas

Ao lado: São Bernardo indio a verdadeiro Papa no Concilio de Empes - Igreja de Notre-Dame de Don (França) Abaixo: São Bento desvenda o disfarce do Rei ostrogodo Tótila o increpa,
por Benozzo Gozzoli -
Metropolitan Museum of Art, Nova York

doutrina sobre a Fé, mas para dirigir a atividade humana".? Por conseguinte, o Espírito do Senhor continua a falar no Novo Tes- tamento, em todos os séculos e até em nossos dias, pelos lábios desses mensageiros escolhidos.

2) SÃO TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. II-II, q.174, a.6, ad 3.

Capitulo 5

O profeta,
voz de Deus

Mas, o que é um profeta? Cré-se com frequência que o profetismo consiste, acima de tudo, na previsão do futuro, con- cepção simplista segundo a qual profeta seria, então, quem descrevesse os fatos vindouros por especial auxílio sobrenatural. Entretanto, embora possa o

profeta, de modo circunstancial e por revelação divina, fazer anúncios a respeito do porvir, esta não é a sua principal missão nem a essência do dom chamado espírito de profecia.3 O profetismo é um carisma, isto é, uma graça dada a alguém para o benefício de terceiros e, portanto, tem como finalidade favorecer o próximo, conforme ensina o Apóstolo: "Aquele, porém, que profetiza fala aos homens, para edificá-los, exortá-los e consolá-los" (I Cor 14, 3).

O profeta é, pois, o varão "que sabe ler na trama dos acon- tecimentos o desígnio de Deus",4 intui os objetivos da Providên- sociedade, oferecendo noções claras e mostrando os rumos que cia em cada situação ou fase histórica do presente, e atua junto à conduzem à realização de tal plano. Ele discerne o sopro do Es- pírito Santo nas almas, percebe as artimanhas do demônio e seus sequazes em sentido contrário, julga tudo por iluminação do alto e levanta-se contra os fatores de decadência ou destruição.5

Em geral o profeta é suscitado nos momentos em que a on- da da opinião pública se encontra desvairada ou libertina, longe das vias de Deus. Homem de luta, ele se levanta à maneira de Lei viva e enfrenta com resolução a correnteza, avançando em sentido contrário à desordem dominante, às vezes mundialmen- te. Guia dos que não veem por si mesmos, seja no decifrar um sonho ou no analisar uma manobra política, ele sabe proclamar ao povo a palavra firme e segura, não apenas relembrando a cada

3) Muito clara é a explicação de São Tomás de Aquino sobre esse particular: "A profecia não tem por objeto só os futuros contingentes" (Idem, q.171, a.3).

4) CIARDI, Fabio. I fondatori, uomini dello Spirito. Roma: Città Nuova, 1982, p.298. 5) "A profecia, em primeiro lugar e principalmente, é um ato de conhecimento. De fato, os profetas conhecem as realidades que escapam ao conhecimento comum dos homens" (SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.171, a.1); "O conhecimento profético se realiza mediante a luz divina, que nos permite conhecer todas as coisas, tanto divinas quanto humanas, as espirituais como as corporais" (Idem, a.3).

1999999

Profeta é aquele que sabe ler na trama dos acontecimentos os desígnios de Deus Daniel interpreta os escritos misteriosos, no festim do Rei Baltazar -
Illustrated Family Bible

bém apontando os verdadeiros caminhos do dever e indicando um o fim para o qual foi criado e o seu destino eterno, mas tam- os meios necessários para trilhá-los. Escolhido em qualquer am- biente ou classe social, formado e enviado para transmitir uma mensagem que não é sua, mas da qual é intérprete, o profeta não toma decisões próprias: recebe o chamado, responde "Eis-me aqui" (I Sm 3, 4) e sai dos limites comuns da atividade humana para exercer um ministério angélico: falar no lugar de Deus.

Especiais dons de intuição

Contudo, podemos afirmar que Plinio foi um profeta? Te- rá sido ele, de fato, galardoado pela Divina Providência com os predicados característicos do profetismo? Já na infância vislum- brava diante de si uma missão excelsa, como atestam suas pala- vras: "Eu sentia muitíssimo, desde menino, a predestinação para uma grandíssima vocação". Entretanto, a noção de profetismo ainda não se apresentava ao seu espírito, uma vez que, segundo

6) Conversa de Sábado à Noite, 12/3/1994.

Capitulo 5
Profetismo, glória e calvário
suas jovens impressões, profeta deveria ser chamado aquele ho- mem que executasse ações portentosas e terríveis, dividindo as águas do mar ao levantar o braço ou, então, a cujas ordens bai- xasse fogo do céu. "Eu não tinha a ideia de ser profeta, pois para mim profeta era, por exemplo, Elias fazendo milagres".?
Assim, antes de responder de modo categórico à pergunta acima formulada, torna-se indispensável lançar um olhar sobre alguns dos dons de intuição que Plinio manifestou possuir des- de o amanhecer da razão. Dentre eles, dignas de especial aten- ção são as inusitadas visões desse menino pelas quais chegava a
contemplar
as cenas de episódios ocorridos fora do alcance de
sua vista, a pequena ou grande distância, bem como a predizer acontecimentos que se passariam num futuro próximo. Plinio lembraria alguns desses fatos até o fim de
sua existência, enquanto outros, por ele olvidados, seriam transmitidos a diver- sos familiares ou amigos por Da. Luci- lia. Além desses, quantos ter-se-ão da- do, talvez na ausência dela e, por isso, perderam-se para a História?
Anúncios, visões e premonições
Um desses curiosos fenôme- nos fazia parte das mais remotas recordações de Plinio. Sucedeu quando ele contava três anos de idade, por ocasião de uma tem- porada de repouso da famí- lia em São Vicente, no litoral paulista. Enquanto Da. Lucilia
Ao considerar o profetismo, Plinio imediatamente se reportava à figura do grande Santo Elias Profeta Elias - Basílica de Nossa Senhora do Carmo, São Paulo
7) Idem.
Timothy Ring
199

Juventude: a sabedoria posta à prova
modo inesperado que uma
Parte II
e,
vestia seu filhinho, que já falava com fluência, este anunciou de de suas tias se encontrava doente segundo ele via, naquele preciso momento estava em seu quar- to, rodeada de tais e tais pessoas, entre as quais o par de Plinio. vel ter o menino recebido semelhante aviso. Intrigad, Da. Lu- Ora, esta senhora morava em São Paulo e era de todo impossí- cilia esperou a chegada do marido, o qual permanecera até esse dia na capital, e pediu-lhe notícias sobre a parenta, ouvindo dele a informação: a prima acabava de ter um filho, estava acamada e Dr. João Paulo fora visitá-la em companhia de outros familiares, exatamente os que Plinio mencionara.
Também na primeira infância de Plinio se deu outro fato, não se referia a algo do presente ocorrido à distância, mas à pre- ainda mais surpreendente, pois desta vez a intuição do menino visão de um futuro muito próximo. E não é dele próprio que tal posteridade, mas de sua mãe Da. Lucilia, que anos depois a relatou em conversa a
recordação foi obtida e registrada para a
uma de suas amigas.
Encontrava-se ela com seu esposo, seu filho e alguns fa- miliares reunidos, quando se aproximou da roda certo senhor, no Plinio. Tendo-se retirado o visitante, Da. Lucilia comentou o conhecido de Dr. João Paulo, ao qual foi apresentado o peque- ção por ver que

existiam pessoas assim. Porém, grande foi a sur- quanto esse homem era honrado e culto, e exprimiu sua satisfa- presa da assistência ao ouvir dos lábios do menino a afirmação:
Mas é uma pena que ele vai morrer.
Ah, meu filho! Nós todos vamos morrer um dia.
Plinio explicou que o falecimento se daria em breve, no prazo de poucos dias, e inclusive anunciou sua hora exata. Com efeito, passado o tempo previsto, aquele senhor veio a falecer, e sua morte causou tanto maior surpresa quanto ele se encontrava em perfeita saúde.
Não menos pasmoso foi o episódio sucedido em outra cir- cunstância, na mesma época, quando Plinio brincava em casa, no escritório de seu pai. Ele referia que, em determinado momen- to, ouvindo o bonde passar, sem sequer olhar pela janela viu na

imaginação uma cena: seu tio Américo, irmão de Da. Gabriela, vinha sen- tado nesse bonde e sentia forte dor de cabeça. De imediato, contava ele, "fui à sala onde estava reunida a família e avisei: 'Passou Memeco agora, de bonde'. Então alguém perguntou: 'Como você pode saber que ele passou de bonde, se você não o viu?' Respondi: Ele está doente, com mui- ta dor de cabeça, e vai dei- tar-se'. Tio Américo não tinha quem cuidasse dele. Minha avó ficou alarmada e, como ele morava a dois passos de casa, mandou logo verificar. O Memeco realmente havia passado

O pequeno Plinio e seu tio Américo, aproximadamente em 1913
naquele bonde, com muita dor de cabeça, sem gravidade maior, e já estava deitado em sua cama. Logo depois, ele se restabeleceu".9
O que pensavam os membros da família ao presenciar essas singulares manifestações da parte de uma criança tão nova? Sem dúvida, a reminiscência delas nunca se afastou da memória de Da. Lucilia, da qual diversas testemunhas tiveram a oportunidade de ouvir pormenorizadas narrações, mas pode-se ter certeza de que os demais parentes também deviam ficar impressionados com o acontecido. Numa ocasião, por exemplo, estando em Pa- ris, durante a viagem feita pela família em 1912, as intuições des- se menino foram de considerável utilidade. Desta vez, as recor- dações são do próprio Plinio, o qual se lembrava com todos os detalhes da curiosa visão, transcorridas mais de cinco décadas.
8) Américo Rodrigues dos Santos.
9) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.83.

"Acompanhavam-nos meu tio
Gabriel com sua esposa, Da. Gabrie- la, 10 chamada familiarmente Bilé. Es- certo tempo, hospedaram-nos num se casal tinha muitos filhos e, durante internato chamado Chansoleil, na cidade de Lausanne, na Su ca, jun- viajavam para outros lugares. Uma to com uma governanta, enquanto
dessas minhas primas, com
qual eu

tinha muita amizade e brincava com frequência, chamava-se Cornélia; mas, familiarmente, era tratada de
Nélia". "I
É digna de nota a grande dis- tância que separava Plinio dos seus primos: já não se tratava de uma rua vizinha de sua casa, nem sequer de uma pequena localidade à beira-mar em relação à capital paulista, países diversos, tão duas cidades em afastadas quanto Paris e Lausanne. Plinio se encontrava no quarto de seus pais no hotel, brincando no chão, próximo de sua mãe e de
Dr. Gabriel e Da. Bilé, tios de Plinio
sua tia Gabriela.
mas de
"De repente, eu dei um suspiro muito profundo e disse:
- Nélia está doente.
Minha mãe respondeu:
- Plinio, não diga bobagens. Você não sabe disso.
Eu continuei:
- Pode ser, mas é certo que ela está doente.
Então minha tia interveio:

10) Gabriela Procópio Ribeiro dos Santos.
11) CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., p. 166-167.
Capitulo 5
Como é?! O que
aconteceu? Não atrapalhem o
Plinio; quero ver o que ele diz. Eu então repeti:
Ela está doente! mandaram-na
Nesta hora
para um quarto e está deita- da na cama, com febre e dor de garganta. E bom ver o que The aconteceu. E o irmão de- la tratava-se de outro pri- mo, da minha idade, o qual também brincava muito co- migo - está começando a ter febre e gripe" 12
A mãe dos dois meni- nos, já conhecedora do inde- fectível acerto das intuições do pequeno Plinio, foi toma- da por intensa preocupação. Depois de inúmeras tenta- tivas, obteve comunicação
Profetismo, glória e calvário
Da esquerda para direita: Pinho, Nélia, Reizinho e Yelita, filhos mais novos
de Dr. Gabriel e Da. Bilé, numa viagem à Europa
telefônica com a governanta de seus filhos e recebeu a confir- mação: naquele instante em que Plinio descrevia a cena, a me- nina era levada ao dormitório do internato, com febre e dor de garganta, tal como ele a vira. Da. Bilé tomou o trem às pressas e rumou para Lausanne, onde encontrou as duas crianças indis-
postas.
Dons sublimados com o tempo
Nesses momentos, o que exatamente ocorria na mente de Plinio, o que ele experimentava? Para penetrar no verdadeiro sentido de tão peculiar dom de intuição, concedido a uma crian- ça, nada melhor do que os seus próprios comentários, formula- dos muitos anos depois de tais episódios: "Isso me acontecia de
12) Idem, p.167.

to' interior, no cérebro, numa idade em que eu não abia, nem fenômenos eram precedidos de uma espécie de sensação, como me perguntava o que havia dentro da minha cabeça:13 "Esses à maneira de um dedilhar, dando a impressão de que um fato se alguma coisa se movesse no ar e também no meu espírito, muito distante abria caminho através dos espaços e chegava até mim":14 "Aparecia diante de mim um quadro com moldura no qual eu via figuras e pessoas, percebendo inclusive como elas se encontravam. Depois aquilo se eclipsava como se batesse um vento; mas eu sempre via uma cena bastante típica, cujo signifi-
9
cado entendia. Era algo muito curioso". 15
Poder-se-ia perguntar se as intuições tinham alguma rela- ção com os assuntos que ocupavam a atenção de Plinio em cada ocasião. Ele mesmo o explica, sem deixar lugar a dúvidas: "Eu não estava pensando nessas pessoas, mas me encontrava brin- cando, como menino de quatro ou cinco anos. E os que com- punham a cena presenciada por mim pareciam não ter a menor suspeita de que eu estava assistindo aquilo. Eu ouvia suas pala- vras e disso deduzia o que ocorria, percebendo inclusive o que não diziam. Eram puras deduções racionais assimiladas e transmitidas depois na mesma narração".1
16
por mim
per-
Assim, aquele menino fazia a análise psicológica dos sonagens que surgiam diante dele e, ao narrar o acontecido, era capaz de descrever o que via em suas almas.
Entretanto, esses insólitos casos de conhecimento à distân- cia, ocorridos na primeira infância de Plinio, não voltariam a se repetir com o passar dos anos, o que poderia levar a pensar num empobrecimento dos dons depositados em sua alma pela Provi-
13) Idem, p.82.
14) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.401.
15) CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., v.I, p.82.
16) Despacho, 13/5/1992. Na linguagem interna da obra de Dr. Plinio chamava-se Despacho ao atendimento feito por ele para resolver questões práticas ou idealizar planos concretos. Em geral o Despacho era concedido aos encarregados de setores e àqueles que, tendo de desempenhar alguma missão, viam-se necessitados de uma instrução imediata que deitasse luz sobre o modo de proceder em cada caso e circunstância. Dir-se-ia que o Despacho constituía o "conselho de guerra" de Dr. Plinio.
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
dência. Pelo contrário, tais dotes iriam se enriquecer e sublimar
ao longo da vida.
Prenúncios do profetismo
Estaria relacionada com esse dom inicial a aptidão de que
ele se utilizou aos doze anos, ainda nos bancos do Colégio São
Luís?

Em algumas aulas o professor nomeava dois alunos para realizarem um torneio de perguntas e respostas sobre a matéria lecionada. Chamado para esse exercício, denominado desafio, Plinio era quase sempre confrontado a um menino de excelen- te memória e muito sucesso nos estudos, Francisco Antônio de Queirós Teles Neto, o qual lhe apresentava difíceis questões. En- tão, vendo-se apertado pela necessidade, Plinio lançava mão de um recurso especial: olhava com atenção a fisionomia do antago- nista e tentava adivinhar sua próxima pergunta, obtendo resul- tado imediato: "Coisa curiosa! A força de olhar, com frequência descobria o que ele ia me perguntar. Assim, lia
o necessário, preparava-me com antece- dência e, quando ele terminava, dava-lhe imediatamente a resposta. Olhando-o, eu não via somente a pergunta que
鳳
Acima: Francisco Queirós
Teles Neto, em 1922.
Ao lado: uma sala de aula
do Colégio São Luís,
no tempo em que Plinio
era estudante
205
Biblioteca do Colégio São Luís
206
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
vez, fazia-lhe perguntas inesperadas, que ele respondia apenas iria me fazer, mas também o que ele não sabia. E, chegada minha
em parte. Com isso, eu ganhava facilmente os desafios".17
com
Plinio não chegava a relacionar tal capacidade intuitiva o raro dom que nele se patenteara na infância. Pensava que talvez ou percepção psicológica" 18 Algo semelhante se dava por ocasião fosse "apenas certa experiência da vida, com alguma penetração das partidas de xadrez por ele jogadas aos fins de semana, tam-
drista. Fixando a fronte do contendor, bem como o movimento e
a tensão de seus braços durante o jogo, Plinio
conseguia
desco-
brir quais seriam suas jogadas. E, muito mais tarde, narrando tão surpreendentes episódios, com toda a inocência ele reconhecia o
"A
bom êxito de tal tentativa: “A minha partida era jogada mais caro ele jogava xadrez no tabuleiro, eu jogava na alma dele. [...] En- a fisionomia do meu parceiro do que com as peças... Enquanto quanto ele ia pensando, eu 'filmava' o seu pensamento e, quando ele fazia a sua jogada, a minha já estava pronta". 19
vém recordar que
Porém é necessário notar que tais aptidões de Plinio não eram primordialmente fruto de deduções intelectivas, mas sem- dos espíritos que nele se manifestara desde o uso da razão. Con- pre se mostravam, de algum modo, como irmãs do discernimento foi r meio dessa penetração tão especial que ele chegou a conhecer a alma de Nosso Senhor Jesus Cristo ao contemplar a imagem do Sagrado Coração de Jesus,20 bem como a ver as almas

em primeiro lugar, mais do que as fisionomias, in- clusive com todas as suas possibilidades de prática do bem ou do mal, no momento em que fazia a análise das pessoas.
21
Assim, os dons de Plinio se apresentavam nos mais variados campos, mas eram apenas os primeiros albores de outro carisma, muito superior à mera capacidade de ver acontecimentos à dis-
17) CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., v.III, p.408.
18) Idem, ibidem.
19) Idem, p.411.
20) Ver Parte I, Capítulo 4: "Este é quem eu procurava!" e Um discernimento profundo de quem é e como é Nosso Senhor.
21) Ver Parte V, Capítulo 2: Via a alma antes que o corpo e Em cada alma, um pináculo de bem e um vortice de mal.
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
sabrochar do verdadeiro profetismo, o qual, mais uma vez acom- tância ou de adivinhar perguntas e jogadas: prenunciavam o de- panhado do discernimento dos espíritos, se aplicaria não só a des- vendar o futuro, mas sobretudo à situação dos povos e das nações.
O olhar profético de um menino
Recordemos o trauma sofrido pelo jovem Plinio em 1919, ao ingressar no Colégio São Luís e deparar-se com a pior surpre- sa de sua vida, até então: a revolução de Hollywood. A avalanche de uma nova mentalidade propagada pelos filmes norte-america- recer os vestígios da antiga tradição cristã e europeia, que regera nos, toda feita de ateísmo e vulgaridade, ameaçava fazer desapa- as nações ocidentais até os dias da Primeira Guerra Mundial e cujas influências Plinio havia haurido no ambiente familiar.
O que descortinaram suas vistas e qual foi sua análise? Quais foram suas reações interiores e qual a sua postura ante aquela imensa transformação da sociedade? O leitor já as co- nhece, mas é necessário agora fixar a atenção num aspecto es- sencial da epopeia de Plinio: a atitude desse menino, isolado
A antiga tradição cristã e europeia encontrava-se num irremediável ocaso...
Uma noite de gala no Pavilhão de Armenonville, por Henri Gervex -
Museu Carnavalet, Paris
207

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
diante da tempestade que se avolumava no horizont, foi a de um profeta. Sim, profética foi sua visão dos acontecimentos, tão outra pessoa, tanto na geração dele quanto entre os adultos da séria e profunda que, o Autor pode afirmá-lo, não encontrou época, capaz de considerar o panorama mundial com tal pene- tração e clareza. "Eu percebi o grande conflito entre a luminosa
e bela tradição cristã, que parecia estar num ocaso
e,
irremediável
, de outro lado, a alegria e o esplendor do amanhecer radioso e
mentiroso de uma sociedade humana neopaga", 22
Muitas décadas mais tarde ele recordaria a intensidade da indignação que sentia ao perceber quão maléfica e

PARAMOUNT ARBUCKLE
Clear to the Roof
destrutiva
era a influência do cinema norte-americano. E, já nos dias de sua adolescência, seu olhar vara- va o futuro, prevendo a catástro- fe e o fim daquela tirania impla- cável que escravizava as mentes em escala mundial: "O cinema está tomando conta do mundo e fazendo dele algo que eu não quero! Hollywood é grande, forte e poderoso, mas ele cairá, porque está levantado contra
COMEDIES
...e despontava o amanhecer mentiroso de Hollywood, com seu modo de ser apalhaçado e vulgar
Acima: propaganda de filmes do
comediante Roscoe Arbuckle, em 1919.
208
Ao lado: cena do filme
The Arian, em 1916
22) CORREA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2010, v.II, p.68.
Capitulo 5
Deus. Ai dele, no dia
em que cair!"23 De modo por-
narrava
menorizado meditações ao ele suas considerar a expansão da onda hollywoodiana sobre o mundo, e ilustrava-as com di- versas metáforas de forte colorido, como, por exemplo, a que expli- ca o caráter paulatino e processivo de sua jovem
Profetiamo, glória e calvário
Plinio via que a expansão do espírito hollywoodiano no mundo dava-se à maneira de um incêndio numa floresta, e desejou o contrário do que o fogo fazia Incêndio na Floresta Nacional Beaverhead-Deerlodge, em julho de 2013- Montana (Estados Unidos)
análise. Imaginava ele a situação de alguém que contempla, ao longe, o incêndio de uma floresta: "No começo, vê levantar-se uma chama e depois outra mais adiante, mas não percebe ainda que, por debaixo da ramagem, o fogo já começou na totalidade da floresta, e o incêndio tem uma fisionomia geral. [...] Quando ardia toda a floresta? Tive os olhos inteiramente
descobri que abertos para esses assuntos por volta dos doze anos de idade" 24 Profética foi também sua réplica interior, à espera do mo- mento em que ele pudesse entrar na luta efetiva, em defesa da tradição atacada: "Desejei [...] o contrário do que o fogo fazia. [...] Mesmo antes de perceber que o fogo estava queimando tu- do, eu inteiro era antifogo e pró-floresta".25 E não menos ele- vadas e grandiosas, dignas de um autêntico profeta, eram as re- flexões que lhe sugeria a observação da natureza: "Eu olhava para o céu, o mar, os rios, as flores, e me perguntava: 'Além das pessoas desta época, existe a obra de Deus eterno, na qual o ho- mem não conseguiu mexer: este mar pode ser contaminado com gasolina, mas é tão grande que dissolve o combustível na cóle- ra de uma onda, leva embora a poluição e volta ao seu esplen- dor; este céu nos aparece rutilante de estrelas, ou muito azul, ou
23) Idem, p.126.
24) Idem, p.72. 25) Idem, ibidem.
209

renovada. Então, ali na montanha, no rio, na vegetação ou nos carregado de nuvens, com sua feeria eterna e constantemente
animais, esse problema tem repercussão, ou não?""26
O movimento das ondas nas praias era um dos espetáculos que, entre outros, despertava em particular sua atenção, pois lhe parecia representar o entrechoque das duas forças que dispu- tavam a preeminência no mundo: "Aquelas toalhas de água se estendiam sobre superfícies mais ou menos longas e quebravam a certa altura. Depois, quando a maré baixava, elas eram atraí- refluíam... Assim também, havia na sociedade uma onda enor- das para trás, como por uma força invisível, e refluíam, refluíam, me que entrava: era a influência norte-americana. E existia uma
onda que recuava: a influência europeia".27
Desse modo, sua contemplação da ordem do universo se enriquecia nessa aplicação atenta, em que os mais diversos as- pectos da criação visível eram por ele assemelhados aos acon- tecimentos da atualidade. Quando seu olhar inocente percorria as vastidões arborizadas dos Campos Elíseos, bairro onde ele
Analisando o movimento das ondas do mar, Plinio meditava no entrechoque do estilo norte-americano que avançava, e a influência europeia que recuava Ondas na praia de Fistral - Cornwall (Inglaterra)
26) Idem, p.79. 27) Idem, p.81.

habitava, nos instantes em que a luz do entardecer banhava os aristocráticos jardins, Plinio pensava que, de fato, ainda sobre- viviam importantes e veneráveis vestígios da antiga tradição eu- completo! Dir-se-ia que há uma analogia entre a preguiça com ropeia, e dizia de si para consigo: "Tudo isto não pode sumir por rar nas incógnitas da noite, e os restos da tradição que deixam a qual o sol vai recolhendo os seus raios, um a um, para se reti- o presente com lentidão e tristeza, como quem diz: 'Realidade, não me abandones! Eu gostaria de viver"".28 E talvez ainda mais pungente fosse outra comparação por ele formulada, a respeito desse ocaso da civilização católica, a qual ele via definhar "como poderia agonizar um olhar de mãe: aos poucos, cada vez mais tristonho e menos vivo, mas sempre igualmente belo" 29
Mais uma vez, levado pelo dom de discernimento dos es- píritos, Plinio fitava o futuro e percebia com clareza as últimas consequências desse processo, do qual a revolução hollywoodia- na era apenas um dos passos: "Começava então um período ru- no a um mal insondável, pois ele seria sempre pior nos seus su- cessivos estados. Devia-se temer, portanto, o momento em que essa época tivesse dado todos os seus frutos, pois haveria uma verdadeira explosão e ela se liquidaria a si mesma" 30
Plinio já explicitava um dos pontos auge mais caracterísi- cos do seu profetismo: o prognóstico de uma imensa perseguição e um enfrentamento decisivo. Ele não fazia ilusões a esse respei- to: uma vez que o mal ameaçava dominar por inteiro a face da terra, o último lance, o assalto supremo seria um dia desferido contra o bem por excelência. Assim descrevia Dr. Plinio: "Eu es- tava, portanto, diante de um movimento universal, organizado e coeso, com uma mentalidade única, a qual se exprimia sob várias formas e abrangia todos os assuntos. Percebia que ele tinha um só fundo, o qual não consistia numa causa inerte,

mas viva. E es- se movimento avançava com tanta expansão, segurança e força, que se tinha tornado irresistível e, se chegasse ao seu ponto
28) Idem, p.79.
29) Idem, p.74.
30) Idem, p.157-158.
Thomas To
211

212
Juventude: a sabedoria posta à prova
tólica e numa tentativa de extingui-la". 31
Parte II
OS
terminal, teria de culminar num choque frontal com a Igreja Ca- Porém, ao mesmo tempo, aquele profeta doze anos acontecimentos nesse rumo: "Nascia em mim a convicção de que cunstâncias de que estes poderiam servir-se a fim de conduzir c previa o triunfo final dos bons no mundo, e refleti sobre as cir- a Revolução era derrotável, como um colosso com pés de barro, 0 meios, as táticas e as estratégias necessárias para tocar os pontos se os autênticos filhos da luz se lançassem à tarefa utilizando os qual poderia ser derrubado com recursos relativamente modestos fracos dele. Disso eu não tinha a menor dúvida, pois sabia Deus estava com os bons e desejava a vitória deles. Por outro la-
que
do, via que haveria de chegar um momento em que o colosso se cansaria. Essa seria a hora de deitá-lo por terra" 32
E qual seria o papel do próprio Plinio nessa
gigantesca
tarefa dos que permanecessem fiéis à Santa Igreja em meio ao
abandono e à apostasia
gerais? Também nes- se ponto o seu olhar discernia os planos de Deus, e ele reconhecia sem titubear a magnitu- de de seu chamado: "A minha missão consisti- ria, então, na tarefa de encontrar os bons que ainda tivessem alguma vitalidade, chamá-los, curar a cegueira deles, mostrar-lhes esse pa- norama, transformá-los em guerreiros, coli- gá-los, coordená-los e conduzi-los à luta".33
31) Idem, p.523.
32) Idem, p.536. 33) Idem, p.537.
Aquela Revolução nascente era um gigante facilmente derrotável: bastava que os filhos da luz soubessem tocar em seus pontos frágeis Davi derrota Golias, gravura por Gustave Doré
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
Reunir os bons, fazê-los guerreiros e conduzi-los à luta contra o mal, eis o carisma que Plinio conheceu e delíneou em si mesmo ainda na adolescência
Urbano II conclama a Primeira Cruzada -
Igreja de São João Batista, Dammartin-en-Goële (França)
Assim, naqueles anos de sua adolescência Plinio já conhe- cia e delineava em si mesmo o carisma de guiar os bons na per- severança e na luta contra o mal, tão característica da vocação
dos profetas.
Os três principais objetivos do profetismo

A partir dessa época ele será capaz de demonstrar os prin- cípios nos quais se baseará durante toda a vida, que provarão a irreversibilidade dos três pontos principais de sua previsão pro- fética.

Em primeiro lugar, o desenlace terminal do grande pro- cesso de decadência que arrastava a sociedade constituía para ele uma convicção inabalável. Ou seja, Plinio antevia uma con- vulsão mundial de dimensões apocalípticas, na qual as guerras, as catástrofes e as revoluções seriam agravadas por imensos de- sastres da natureza, como merecido castigo de Deus para os des- mandos da humanidade. "Tive a certeza de que esse desastre fi- nal, o qual me parecia muito próximo, dar-se-ia necessariamen- te e, então, o mundo iria desabar numa destruição universal".34

34) Idem, p.543.

Em segundo lugar, afirmava ele, aqueles justos que perso- se crucial de tais episódios, uma graça semelhante e paralela à nificariam a defesa da virtude e do bem receberiam, numa fa- força e a capacidade necessárias para travar a luta final e vencer. descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, conferindo-lhes a "A resistência e a vitória do bem seriam impossíveis sem um mi- lagre. Então, Deus haveria de intervir em determinado momen- to, com uma ação especial, para que os esforços dos bons tives- sem resultado e, assim, salvar o bem antes que este desapareces- se, fazendo justiça a mim e a esses bons que existiam na terra", 35

Por último, Plinio anunciava o advento de um período his- tórico imediatamente posterior a esses fatos, durante o qual o bem seria triunfante e a irradiação da Santa Igreja atingiria, afi- os últimos ensinamentos antes de a História terminar [...]. O que nal, os confins do orbe. "Uma era em que os homens receberiam agora existe de bom vai permanecer, mas essa época será muito

Plinio previa que o processo de decadência da humanidade desembocaria numa terrível convulsão mundial,

35) Idem, p.544.

agravada pelas catástrofes naturais como castigo de Deus

A destruição de Sodoma e Gomorra, por John Martin - Galeria de Arte Laing, Newcastle (Inglaterra)

Capítulo 5

Profetismo, glória e calvário

Quando a Igreja se tornar a rainha de todo o orbe, terá nascido para a humanidade uma era esplendorosa, o revide de Deus contra o mal

A catedral gótica sobre as águas, por Karl Friedrich Schinkel - Museus Estatais de Berlim

melhor do que tudo isso, pois ela constituirá a réplica de Deus contra o mal. E a Igreja será a rainha!"36

Em 1924, previsões para um futuro próximo

Sempre auxiliado pelo discernimento dos espíritos, o pro- fetismo de Plinio não se aplicava apenas ao futuro das nações e dos povos, mas também aos acontecimentos políticos sobre os quais a sua atenção incidia. Tinha ele quinze anos quando o Brasil foi surpreendido pela assim chamada Revolução de 1924, ocasião em que as antigas estruturas da sociedade pare- ceram abaladas pelo perigo comunista.37 Fazendo profunda e

36) Idem, p.544-545.
37) No mês de julho de 1924 eclodiu em São Paulo a rebelião armada de algumas unidades do Exército Nacional, baseada em reivindicações políticas a respeito das eleições no País e chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes. Alguns protagonistas de tal movimen- to, em especial o Tenente Luís Carlos Prestes, impulsionados por ideologias subversi- vas, tornar-se-iam depois líderes do Partido Comunista. A revolução foi subjugada vinte dias depois do seu início, os rebeldes fugiram para o interior, iniciando a aventura da Coluna Prestes, e a cidade voltou à calma; mas a semente de futuras agitações comunis- tas estava lançada no Brasil.

INSTANTAN
DA REVOLL
EM S. PAU
S
O olhar profético do jovem Plinio discerniu
que aquela revolução era o primeiro estalido de um grande abalo futuro Cenas da Revolução de 1924, no periódico Revista da Semana, de 16 de agosto do mesmo ano minuciosa análise, Plinio tirou sérias conclusões a respeito do ocorrido e da situação que fora criada no Brasil, preparatória da revolução eclodida seis anos depois, para a qual não se atentava e com cujas consequências a classe aristocrática em nada se inco- modou. Anos depois, recordaria ele: "Eu via a despreocupação de todo o mundo em relação àquilo que tinha sido um primei- ro estalido do chão debaixo dos pés deles, prenúncio do grande abalo que viria".38 E, sem ter ilusões sobre o futuro daquela so-
38) CORREA DE OLIVEIRA, Plinio. Notas Autobiográficas. São Paulo: Retornarei, 2014, v.IV, p.335. O "grande abalo" a que Dr. Plinio se refere seria a revolução getulista de 1930, da qual a aristocracia paulista foi uma das vítimas principais.

ciedade frívola, gozadora e materialista, que aos poucos ia aban- donando tudo aquilo que a identificava com a Civilização Cristã, Plinio prognosticava-lhe a ruína para breve, como resultado de tanta infidelidade: "Toda a religiosidade dessa gente está mor- completa, pois a contradição que eles mantêm entre o igualita- rendo, e eles perderão a fé! Cairão no ateísmo e na igualdade
rismo hollywoodiano
e a tradição hierárquica vai arrebentar em
maior ou menor tempo. E o comunismo que está nascendo aqui! Eles dançam, divertem-se, conversam, comem, bebem e jogam, mas sobre um vulcão, ou afundando na areia movediça, e não se salvarão se ninguém lhes jogar uma corda..."39
De fato, ninguém estenderia essa corda salvadora às clas- ses que conduziam os destinos do Brasil nos derradeiros dias da República Velha, cúmplices daqueles mesmos que haviam ateado na sociedade ocidental as labaredas do imenso incêndio hollywoodiano. Por mais incrível que possa parecer, o último si- nal de alarme anterior ao "grande abalo" de 1930, rejeitado dis- plicentemente pelo detentor da máxima autoridade civil no País, foi lançado

pelo próprio Plinio, que ainda não atingira seus vinte anos. Raros são na História os governantes que sabem ouvir os
que trazem as verdades.
Um aviso ao presidente da República
Washington
Luís Pereira
de Sousa, último presidente da República antes da revolução de 1930,40 homem distinto, enérgico e dominador, característico re- presentante da velha aristocracia,
39) Idem, p.367.
40) Washington Luís Pereira de Sousa (1869- 1957), advogado e historiador, ocupou diversos cargos políticos, foi eleito presidente da República Velha em novembro de 1926 e deposto pouco antes de concluir seu mandato, pelo golpe militar de 1930.
O Presidente da República Washington Luis Pereira de Sousa

com o dis-
era muito bem relacionado nos ambien- tes da alta sociedade paulista, em sua maior parte constituída pelas famí- lias dos grandes fazendeiros. O seu filho Vítor Luís, antigo aluno dos jesuítas em São Paulo e ami- go de Plinio desde os bancos do colégio, tinha com este frequen- tes conversas, nas quais trata- vam dos assuntos mais diversos. Certo dia, entre os anos de 1926 e 1927, Plinio folheava os jornais quando, ao deparar-se curso pronunciado naqueles dias pelo ministro da fazenda, cujo nome era Getúlio Vargas, algo transpareceu aos seus olhos nas entrelinhas daquele texto, refor- çando a impressão que ele lhe causara não muito antes. Com efeito, ao ouvir seu tio Gabriel, secretário estadual da agricultu- ra, narrar o encontro que tivera com o ministro da fazenda e os termos pejorativos com os quais este se referira ao chefe do Es- tado, Plinio compreendeu que o Getúlio personificava no mo- mento a mentalidade da Revolução, vulgar e subversiva, e dis- cerniu a trama que ele já tecia contra o poder instituído. Assim, procurar o Vítor a fim de dar-lhe parte de sua suspeita:
Vitor Luis, filho de Washington Luis e amigo de Plinio,
no Colégio São Luis, em 1924
decidiu
Diga a seu pai que, se prestar atenção nesse discurso feito no Rio Grande do Sul, verá que é contra ele. Está sendo traído pelo Getúlio.
O amigo prometeu cumprir a incumbência e, algum tempo depois, trouxe a resposta:
- Estive com papai e contei para ele a sua apreensão. Ele deu risada e disse que o Getúlio não tem nada.
41) Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), após uma longa carreira política, concorreu em 1929 às eleições para a Presidência da República. Tendo perdido, chefiou o golpe de estado conhecido como Movimento Revolucionário de 1930, que derrubou o Presidente Washington Luís e assumiu o Governo Provisório. Em 1933 promulgou a Nova Constituição, e em 1934 foi eleito presidente da República, reeleito em 1950.
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário

E acrescentava, da parte do Presidente Washington Luís, de confiança! Plinio insistiu em sua advertência, mas desde lo- que o personagem em questão era muito leal, inteiramente digno go percebeu estar perdida a causa que ele desejava defender. A
confirmação de seu
prognóstico viria em poucos anos, no dia 24
de outubro de 1930, quando as tropas do General Tasso Fragoso, aliado do próprio Getúlio Vargas, consumassem a deposição do
presidente,
o qual seria aprisionado, antes de partir para o exí-
elementos que em 1924 haviam lançado no Brasil as sementes lio. Era a revolução, em larga medida executada pelos mesmos envenenadas do comunismo. Agora sim, desabariam as estrutu- ras aristocráticas da República Velha, dando lugar ao populismo degradante que caracterizaria os tempos novos, e cuja denomi- nação mais expressiva seria a de getulismo.
Alguns meses após esses acontecimentos, mais uma vez as
palavras de Plinio assumiriam ressonâncias proféticas, porém com acentos muito mais trágicos e carregados, pois se referiam não apenas ao futuro de um país, mas aos rumos e aos destinos
do mundo.
Ao centro, Getúlio Vargas na passagem por Itararé (SP)
a caminho do Rio de Janeiro, após a queda de Washington Luís
219

220
Juventude: a sabedoria posta à prova
"Não tarda a tempestade...": a carta profét
risma profético. Naqueles dias de prosperidade
Parte II
em que prolife-
castigos que para a ruína, e previu com clareza os
No ano de 1931, respondendo a um de seus amigos, con- gregado mariano como ele, Plinio escreveu uma carta que en- trou na História como a primeira prova documental de seu ca- ravam as promessas de um futuro brilhante, ele lançou uma voz de alerta anunciando que a situação da humanidade caminhava sobre ela em dias vindouros. Era a palavra de um varão de Deus, Fátima. E pode-se deduzir que nesta missiva Plinio repetia, c o qual ainda não conhecia as revelações de Nossa Senhora em talvez resumia, afirmações que já fizera muitas vezes, nas con-
versas com membros do Movimento Mariano:
"Cada vez mais se acentua em mim a
desabariam
Ou
impressão de que
estamos no vestíbulo de uma época cheia de sofrimentos e lutas. Por toda a parte, o sofrimento da Igreja se torna mais intenso, e a luta se aproxima mais. Tenho a impressão de que as nuvens do
horizonte político estão baixando".44

Antevia ele o terrível conflito mundial que explodiria oito anos depois, em setembro de 1939? Sem dúvida. Mas o seu olhar profético ia muito além desses acontecimentos, e considerava também a pavorosa decadência moral que a eles se seguiria e para a qual a revolução hollywoodiana dos anos 1920 não ha- via sido mais do que mero preâmbulo. Poder-se-ia afirmar que o profetismo de Plinio varava as décadas e penetrava largamente no século XXI?

"Não tarda a tempestade, que deverá ter uma guerra mundial como simples prefácio. Mas esta guerra espalhará pelo mundo in- teiro uma tal confusão, que revoluções surgirão em todos os cantos, e a putrefação do triste 'século XX' atingirá seu auge. Aí, então, surgirão as forças do mal que, como os vermes, somente aparecem

42) José Pedro Galvão de Souza.

43) Plinio tomou conhecimento das revelações de Nossa Senhora de Fátima no início da década de 1940.

44) CORREA DE OLIVEIRA, Plinio. A José Pedro Galvão de Souza. In: Opera Omnia. Reedição de escritos, pronunciamentos e obras. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.24.

nos momentos em que a putrefação culmina. Todo o bas-fonds da so- ciedade subirá à tona, e a Igreja será perseguida por toda a parte" 46

Projetos ória e calvário

"Não tarda a tempestade, que deverá ter uma guerra mundial como simples prefácio"

Ao lado: nuvem atômica sobre Hiroshima.

Abaixo: desfile das tropas alemás em Paris durante a ocupação nazista

Porém, muito mais do que as previsões ameaçadoras ou grandiosas, o aspecto mais impressionante da carta de Plinio é a sua extraordinária fé. Resistindo contra toda e qualquer prova- ção, ele acreditou naquilo que a Providência lhe mostrava, e era essa virtude que sustentava sua convicção absoluta no triunfo final da Santa Igreja. Desejava ele arrastar os católicos para o combate, incitando-os a todas as dedicações e todos os heroís- mos, mas sabia, na perfeição, que de nada serviriam tais esfor- ços sem a intervenção de Deus.

"Mas... Petrus, tu es petra et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, ET PORTE INFERI NON PREVALEBUNT ADVERSUS EAM.47 Como consequência, ou teremos un nou- veau Moyen Âge, 48 [...] ou teremos o fim do mundo. Que parte terá o Brasil nisto tudo? Que parte teremos nós? Eis questões cuja solução pertence apenas à Divina Providência. No entanto,

45) Do francês: o fundo mais baixo, a escória.

46) CORRÊA DE OLIVEIRA, A José Pedro Galvão de Souza, op. cit., p.24.

47) Do latim: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do infer- no não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 18).

48) Do francês: uma nova Idade Média.

Oliveiras, enquanto Jesus estava na iminência de ser preso, nós ao invés de imitarmos os Apóstolos que dormiam no Monte das -nos para a luta, e preparar a Igreja, como o marinheiro que pre- devemos vigiar e orar'. Eis nossa principal tarefa. Prepararmo- para o navio antes da tempestade. Mas do que valem os poucos

católicos que temos, para tudo isto? Recurso ao

eis aí a única salvação".49
sobrenatural,
Quantas vezes terá ele reiterado, naqueles dias, afirma- ções e previsões semelhantes? De quantos modos terá ele aler- tado os seus mais íntimos a respeito do futuro que vislumbrava
capítulo, nenhuma outra expressão do espírito de profecia foi para a Igreja e o mundo?
Além dos episódios já relatados neste consignada pela História nos anos da infância e da juventude de Plinio, até os primórdios de sua militância no Movimento Ca- tó- lico; tempos em que ainda não existiam os discípulos cheios de admiração que, décadas mais tarde, se empenhariam em reco-
lher, anotar e gravar suas palavras.
ape-
Entretanto, no período posterior ao seu ingresso na Con- gregação Mariana, tais dons proféticos não se mostrariam nas no campo dos prognósticos, mas também nas manifestações da catolicidade mais intrépida, rachando o laicismo reinante no meio acadêmico. Iniciava ele o quarto ano da Faculdade de Di- reito quando, notando que melhoravam as condições de sua perseverança na Fé, decidiu, naquele templo de ateísmo, en- frentar a opinião pública e passar à ofensiva.

Novas lutas na faculdade

Era chegado o momento. Aos vinte anos, Plinio havia se tornado um homem forte, de corpo muito avolumado e apa- rência colossal. A Providência o favorecera com uma voz clara, poderosa e penetrante, cujas potencialidades ele soubera de- senvolver e que adquirira a sonoridade de um órgão com regis- tros dos mais variados, enchendo e dominando os ambientes, e

49) CORRÊA DE OLIVEIRA, A José Pedro Galvão de Souza, op. cit., p.24-25. 50) No dia 23 de março de 1929, Plinio fez sua matrícula para o quarto ano da Faculdade de Direito.

Capítulo 5

Profetismo, glória e calvário

fazendo-se, conforme a ocasião e a necessidade, grave ou bri-
lhante, melodiosa
ou tonitruante. Assim, as próprias qualidades
físicas de Plinio impressionavam e se impunham pela grandeza, missão de proclamar a verdade a respeito de todas as coisas, ar- o que estava em inteiro acordo com seu modo de ser e com sua
rostando todos os perigos.
entender pelo seu
Essa proclamação não tardaria mais. Haviam-se passado já três anos de estudos, longo período de observação e de prepa- ração de terreno, durante o qual ele não conhecera um só aluno de Direito que se declarasse católico. Plinio se mantivera en- tão isolado na faculdade, numa conduta de distância e cortesia com os colegas, sem enfrentá-los abertamente mas dando-lhes a hostilizá-lo nem caçoar dele por sua condição de católico, pois as consequências imediatas do ataque poderiam ser temíveis. Porém, aquele acordo tácito comportava também para Plinio a impossibilidade de exercer qualquer ação apostólica de apro- ximação em relação aos alunos e, portanto, eliminava todas as perspectivas de recrutamento para seus ideais, no meio estudan- til. Resignava-se ele com tal modus vivendi, que lhe permitia ao
procedimento que não lhes era conveniente

Plinio resolveu enfrentar novas lutas para conquistar terreno e rachar o laicismo do ambiente acadêmico Plinio entre seus colegas de turma do terceiro ano
da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1928
222
223

224
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
eram suas verdadeiras aspirações na ocasião: "Esta paz arma- menos a sobrevivência? Sua narração mostra comitidez quais pela faculdade sem ter feito um só progresso nesse campo e sem da não me contentava, pois eu queria conquistar terreno. Passar ter sido atacado não seria uma glória, e sim um resultado pró- prio aos mediocres. E eu não desejava amar a Nossa Senhora de
maneira mediocre, mas com todo o meu coração!"s
Entretanto, será justamente no de- curso do quarto ano acadêmico de Plinio que alguns acontecimentos de especial relevo contribuirão para alterar a situação assim estabelecida. No dia 7 de abril de 1929 ele é recebido como membro pleno na Congrega- ção Mariana de Santa Cecí- lia, havendo concluído seu noviciado. 52 No mês seguinte, a Federação das Congrega- ções Marianas adota o uso de um distintivo, o qual deverá ser utilizado na lapela por to- dos os congregados: o escudo azul de Nossa Senhora com a Cruz e a letra "M" coroa- da. 53 Nasce o símbolo que Pli- nio jamais abandonará até o fim de seus dias, ostentando-o
51) Palavrinha, 27/1/1986.
Dr. Plinio no ano de 1992, com o distintivo de lapela das Congregações Marianas (em destaque)
52) Nas atas da Congregação Mariana de Santa Cecília foi registrada a reunião do dia 2 de abril de 1929, nos seguintes termos: "Esta reunião extraordinária, explicou o Mons. Pedrosa que fora convocada para a escolha dos nomes dos noviços que deveriam ser recebidos em 7 do corrente [...]; os congregados [...] Plinio Corrêa de Oliveira" (Ata de reunião da Congregação Mariana, 2/4/1929. Arquivo pessoal do Autor).
53) 0 Diário de São Paulo do dia 16 de maio de 1929 assim noticiou o fato na seção Religiões: "A Federação das Congregações Marianas, no intuito de tornar os seus associados conhecidos entre si e em todo lugar, resolveu adotar um distintivo" (OS DISTINTIVOS DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS. In: Diário de São Paulo. São Paulo. N.110 [16 maio, 1929]; p.12).
Capitulo 5
Profetismo, glória e calvário
TOEPERVANT SINYOR
Capela do Santíssimo Sacramento da igreja do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, onde Plinio foi crismado.
em todos os ambientes com a ufania de um porta-estandarte no campo de batalha. Será a partir dessa mudança na sua apre- sentação, que ele empreenderá a nova fase de sua atividade en- quanto estudante católico. Talvez não seja mera coincidência o fato de ser, segundo toda verossimilhança, também nesse mês de maio que Plinio receba o Sacramento da Confirmação, na Basílica de São Bento, das mãos do próprio Arcebispo de São Paulo, como indicam suas recordações: "Eu me confirmei já muito tarde, com vinte

anos. Foi só depois de entrar no Mo- vimento Mariano que eu soube bem qual era a importância da Confirmação e quis receber esse Sacramento";55 "Pedi ao
54) A imprensa de São Paulo, no Jornal do Comércio de 11 de maio de 1929, anunciou e noticiou as cerimônias do jubileu episcopal do Arcebispo de São Paulo, durante as quais, segundo todas as probabilidades, Plinio recebeu o Sacramento do Crisma: "A Federação das Congregações Marianas de São Paulo participará das festas [...] com os seguintes atos, nos quais tomarão parte todos os moços marianos: às oito horas de domingo, dia 19, na Basílica de São Bento, Missa, sendo oficiante o próprio Arcebispo, com Comu- nhão geral" (JUBILEU EPISCOPAL DO ARCEBISPO DE SÃO PAULO. Homenagem dos moços marianos. In: Jornal do Comércio. São Paulo. N.163 [11 maio, 1929]; p.3). 55) Palavrinha, 16/8/1982.

mônia da Mocidade Católica: ele celebrou a Missa na Igreja de Arcebispo D. Duarte que me crismasse. Foi durante uma ceri- São Bento e, no fim, depois de uma Comunhão geral de estu- dantes, passou para a capela do Santíssimo e me crismou" 56 Assim, feito plenamente soldado de Cristo, Plinio resolveu apresentar-se doravante na faculdade com o escudo de congre- enorme surpresa entre colegas e professores. Dias depois, entre- gado mariano, desafiando o laicismo do ambiente e causando tanto, ele observou que outro aluno também comparecia usando procediam de igual forma. Eram estudantes do primeiro ano, os o distintivo e, dali a algum tempo, notou que mais alguns poucos que até esse momento permaneciam isolados, sem forças para quais Plinio logo reconheceu como congregados marianos, mas vencer o respeito humano. Agora, porém, sentindo-se apoiados e estimulados pela atitude dele, passavam a imitá-lo, enfrentan- do o desprezo e a gargalhada. Começava uma nova era partan-
universitários católicos.

Um discurso mal recebido

Por circunstâncias talvez providenciais, foi apenas três me- ses mais tarde que, pela primeira vez, Plinio fez oficialmente uso da palavra em público. Seria este o marco inicial de uma imen- sa sequência de exposições, palestras e conferências, que não se encerraria até o fim de sua existência terrena.

Acabava de ser fundada na Congregação Mariana de San- ta Cecília a Academia de Letras Jackson de Figueiredo, assim batizada em honra do ilustre intelectual católico brasileiro, re- cém-falecido. Convidado a fazer parte desse novo círculo literá- rio, Plinio havia aceitado de bom grado, vendo na ocasião uma boa oportunidade de enriquecer o ambiente dos congregados por meio de uma ação de apostolado que em algo os elevasse no campo da cultura. Foi ele chamado a pronunciar o seu dis- curso de entrada, a fim de ser aprovado enquanto membro, nu- ma sessão presidida pelo Pe. Roque Pinto de Barros, eloquente
56) Palavrinha, 14/9/1983.
57) No dia 21 de agosto de 1929.

professor de oratória. E, no momen- to de escolher o tema sobre o qual discorreria, não teve dúvida e decidiu fazer o elogio de um personagem cuja biografia acabara de ler, e que lhe causara grande admiração: Maria Antonieta, rainha da França.

Profetismo, glória e calvário

Pe. Roque Pinto de Barros, numa visita ao Liceu Coração de Jesus, São Paulo, em meados da década de 1920

Havendo já prepara- do seu discurso, sentia-se ele muito seguro, mas, por tratar-se da primeira vez, teve receio de não se expri- mir com toda a desenvoltu- ra e resolveu levar em mãos o texto, que ele escrevera na velha máquina de marca Underwood, outrora pertencente a seu avô. Porém, no instante em que tomou a palavra diante daquele auditório composto por quinze ou vinte congregados marianos, ao anunciar o assunto a ser abordado e a pessoa a ser exaltada, teve a surpresa de verificar que a fisionomia de seus ouvintes, a começar pelo sacerdote que presidia o ato, manifestava uma enorme decep- ção! E, à medida que ele descrevia as peripécias e desventuras da pobre soberana, perseguida e guilhotinada pela Revolução Francesa, ia sentindo que a expectativa de ouvir o orador novato se transformava em frieza, indiferença e modorra.

Entretanto, para benefício daqueles que no futuro segui- riam suas vias, foi guardada até nossos dias a íntegra desse dis- curso, e algumas escassas linhas são suficientes para o leitor pe- netrar na profundidade do pensamento de Plinio aos vinte anos, bem como em sua clarividência ao considerar, numa perspectiva plenamente religiosa, não apenas a interessantíssima personali- dade da rainha guilhotinada, mas também o significado de um dos acontecimentos mais marcantes da História da civilização:

"Em pleno desabamento do edifício político e social da mo- narquia dos Bourbon, quando todo o mundo sentia o solo ruir França, cujo porte elegante lembrava uma estatueta de Sèvres, e sob seus pés, a alegre arquiduquesa d'Austria, a jovial rainha de com uma dignidade, com uma sobranceria, e com uma resignação cujo riso tinha os encantos de uma felicidade sem nuvens, bebia, resolvera glorificá-la a Divina Providência. Há certas almas que cristã admiráveis, os goles amargos da imensa taça de fel com que só são grandes quando sobre elas sopram as rajadas do infortunio. te leviana na sua vida de rainha, perante o vagalhão de sangue e Maria Antonieta, que foi fútil como princesa, e imperdoavelmen- de miséria que inundou a França, transformou-se de um modo surpreendente; e o historiador verifica, tomado de respeito, que da rainha surgiu uma mártir, e da boneca uma heroína" 58

OS

Poucas linhas mais abaixo, no momento de mencionar trágicos episódios da execução do Rei Luís XVI, manifestava

"Maria Antonieta, que foi fútil como princesa,
e imperdoavelmente leviana na sua vida de rainha, perante o vagalhão de sangue
e de miséria que inundou a França, transformou-se de um modo surpreendente, [...] da rainha surgiu uma mártir, e da boneca uma heroína"

Execução de Maria Antonieta - Museu Carnavalet, Paris

58) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Maria Antonieta, Arquiduquesa d'Austria, Rainha de França e Viúva Capeto. In: Opera Omnia. Reedição de escritos, pronunciamentos e obras, op. cit., p.84.

A Rainha Maria Antonieta no parque do Trianon. por Aldolf Ulrik Wertmüller Museu Nacional de Belas Artes, Estocolmo (Suécia)

AUSTRIA. RAZARA IN FRANŢA

menetesine ansenter Direater da aca
Sente
titulee cen que fel cs- satge a reoer- revistes,
20tina nais interes
antenaries e ingreis
ste de
28.
ira phase, a vida cesta princeza de-
priseire)
dearade,
que
bands cale
05 Anfragis da ne- 16 2
Ceamento de ventaras foi fe10-
revende om a
the lonewende de una nebratge q
vinha esoreve
en da histeria is 1
es,
hantes da
evial a
se desef de on Tessen
ade da archidag
71621
te de
Ancess
tte". Cen-
hids de un bur
xolam
arcaracter de Joven
as a husbras
ad
Midente de tedes e sementes, e de todas as situe que nãs & do tade dence-
etate politice e sacial da Perengueza de futreta que separava
en sebre una dana de belles
teresauir una anies arretonssss heretioas de
a Famil
la princesa i llesa ideal, a 1 Real
Joves, fermesa e FRANÇA.za
nggris, ce, de una elegancia a
Fine tinha os encantes de ti felad
ante lembrava
aignidade, dem uma sebranderi randes quande se grande
legant
iraveis
que resolvera glorifical-a a Livina
J mais eatervades da TRA inprinternet-se um verdadeira a aparentada com 111a1de de
ran.inen 20 pudeoimente. O

iateza de a juve deus elhea, izand
atias teda a oandura de su a sena falmente ariate on tic de par.
inperdeavelmente un ca
LA SATRES as rajadas de infortunie. Net a
tenagas christ
noesa, e iny
e princesa
eu-se de un nede
Restand as caranguejo. Za hatadi certa vez, deama 12 am riasamagra, en una 1 tituek je.
Zata foi a pri-
iftes palucie
grande
a pela frivela condes
tediante
11 penatante sentiments made. dez, sentades es algezes que, atica abris de bances, irande a alesel, desempenha Jus pente, velha na ana soldade es, meis magestade de ana d ana lenga reapa dipna invencivel, n gae de ma ua decadenoia desal da 1, nesta
cat fel dame varalbas de CSS tem amigas de Maria Antonietta. Foron tagae c a. transferse de respeite. Alla siiren a afastamente com a tal, feline, parvazas. A
, que fe
e da beneca una hereina
de rainha, perante
França, t
histeriader verifica,
hendente: DIRA BAI. pagoda ne zagh111
arohléuchesa Maria antenietta, f
de azce de 2776
xxx scenaris
Mesos de Feli-# dess
reappa rece a BAR
deospad
sa
3ekabrunn, en 1 Bainha da angria e lejonie se ameixeu e ras
e entre as caracteres de ses progeniteres talvez ex-
quem ⚫ de
diante
A Gas de Bateria as oals, deadenhands cam
e Trangiacs 1, os berane de Sante Imperia emane allenas. à vinha da Inglaterra, à procura den up
The da impetused Marta There
tés de tarde antentette,
MACKER Hoonangssa. Zia Che fut
arente de fazer face, gleries- prinossa rezde aya. as-
as desconcertantes centradicgese gene
Frasia.
Scooter Zurante teda a 30t
ffferaty
era a fergaz con

as cate
que
esar sebre asta aubdite ne real "
Abers are trila stergica a
abjurgaterias
infidelidade de tempe de arreate carangueje p
revelu-
des
intredu
Arrestar • tufas rape Pin- laselatrae inveteradas, como
Satavs, ahamad
artantes, de lei en einha. Franadace 1. cantrarissa de Pelignao, paran,
cante, se grante Frederice da Fr
estea & chamavan, nesne zes dacurentes efficises
era frace, yosillanine a rande intelligente. Centa-se q receta e sta prea ga as in energia sufficientes e defencer s
ruande se re
de Veltaire centra ie tande cultura
ferma Kenaror ios,
da
de Tharas. residenat
es thrones de França de s da de un oarraace geme Simen, andis de muite, Tades t phrygis na aa- as maieres injurias. Ais, Se- Adana, herripilante an ai. 1 aimente g que a Rainha, num
ta una 101* ?ee siirajada ulcerade pela main
3
dia, asa ihes
envegenoia de aus allucinação, g 1 des 2014 acreditan nas injurias de ace, un apelle a todas as mass
alesce da pera aquella que pia, fai axia faideace- se divertia,
enietta subie
intaan
3686 AC Zan de ana pasigas. Pence a
dipaga asai dua da her to tempe, explodiaas enfin, foi meredidas cena was di- 1 para assistir ferez as des
mana, ne funds daquelles coraçã
es applauses annu
annunciaran a
ia, aliáo innecen-
the quand
noite, que chegara, com 1
Fac-símile
am dejiyi de
hrenscentand 5.4 ve afin, a morte. and merren Joa
bitamente de un fermidavel en- Maria Antonietta, ne banne des ré de enthusiasms. he una fermidavel sincera e senhores, deats lange histonga legar digne de 238 13
Keane assim, fei grande enthusiasme a quando lhe enviava penas, do que
de algumas páginas

do discurso de Plinio
sobre Maria Antonieta
existencia.
me of tt.
1, ne aus imm- a que tante
lembra um minuete de 1. dia 16 de outubre de 1795, saa fessem bruscamente abafadaa
pele ragids paverene de uma har is guilhotina cuju lamina, as mesme randa farandela
revolucionaria. ete delicade palacians cujas netas harmonie- carten fie d seberana martyr,
auja histeria i de sus IM. ordinaria
Plinio lorrie de olivine

ciosos princípios enunciados pelos revolucionários de 1789: "De com toda a precisão o juízo que já emitia a respeito dos fala- sua prisão do Templo, ouviu Maria Antonieta, certamente, o rufar dos tambores anunciando que a Convenção Nacional, em za; em nome da liberdade, o impedia de se despedir, à beira do nome da igualdade, destruía o inocente representante da reale- túmulo, de seu povo, a quem muito amara; e em nome da frater-
nidade, lhe iria tirar a vida na guilhotina".59
No fundo, ele deixava entrever naquele discurso, que po- deria ser chamado de belíssima meditação, não apenas a Maria Antonieta real e histórica, mas, sobretudo, a fisionomia moral daquela rainha como deveria ter sido, se nela houvesse plena correspondência à graça e aos planos de Deus. E foi essa figura mítica a que a Revolução Francesa odiou, fazendo-a, por isso,
desaparecer do mundo dos vivos.
Encerradas as palavras de Plinio, viu-se ele cumprimenta- do com gentileza e admitido na Academia Jackson de Figuei- redo, mas percebeu não ter sido bem recebido seu primeiro discurso. Perplexo e ainda inexperiente na matéria, voltou para casa interrogando-se sobre aquela atitude incompreensível e, só depois de muito refletir, entendeu: o público esperava ouvi-lo tratar da vida de algum Santo, da Eucaristia, do Rosário... Para eles, a escolha do assunto de suas palavras, reputado de cunho político, havia sido uma verdadeira loucura! Ora, na mente de Plinio, tratava-se de um tema substancialmente religioso, por sua relação com Deus e pela impressão de maravilhoso que se irradiava da fascinante história dessa rainha mártir.
Ação Universitária Católica: o choque, a surpresa e a vitória
O ocorrido na Academia de Letras era um simples preâm- bulo das lides que despontavam no horizonte de Plinio. Firme- mente decidido a empreender a luta no meio universitário, certo dia ele propôs seu novo plano a Mons. José Pedrosa, diretor da Congregação Mariana de Santa Cecília: a criação de um movi- mento católico na própria Faculdade de Direito do Largo São
59) Idem, p.91.

Francisco. O empreendimento era em extremo ousado, mas, ob- tida a aprovação da autoridade eclesiástica, Plinio não tardou a
pô-lo
no mês de agosto desse ano de 1929, ele insti- prática: em

sociação formada por ele e pelos quatro jovens congregados da tuía o núcleo da Ação Universitária Católica em São Paulo, as-
faculdade,
os quais havia arrastado com seu exemplo.60
Afinal, o grande sonho que ele alimentava desde a infân-
cia, 61 de chegar a constituir uma ordem de cavalaria, parecia
prestes a ser
cumprido: para ela acabava de recrutar alguns ele-
mentos. Sobre seus objetivos, ele declararia: "Minha preocupa- ção era, portanto, fundar na Faculdade de Direito, desde logo, um primeiro ninho de cavaleiros, não à maneira de inocentes
passarinhos,
mas de um ninho de metralhadoras. A partir de um
foco inicial, começaria o combate" 62
Esse combate seria sem tréguas nem transigências. Pouco tempo depois, Plinio sentiu ser chegado o momento de dar pas- sos mais ousados e provocar o laicismo dominante com desafios ainda mais altaneiros. Assim, com prévia licença do Arcebispo de São Paulo e com a aceitação dos congregados marianos, de- cidiu lançar na faculdade um jornal católico, a ser elaborado e distribuído por eles mesmos, gratuitamente, entre os estudantes de Direito, e cujo nome seria composto pelas siglas da recém- -fundada associação universitária: O AUC
Ora, esse lance constituía um atrevimento inenarrável, uma explosão inesperada no ambiente acadêmico, a tal ponto que, no dia marcado para a distribuição do novo jornal, os qua- tro amigos de Plinio, acovardados e receando a zombaria geral dos estudantes, não ousavam transpor a barreira do respeito hu-
60) A primeira Ação Universitária Católica em São Paulo foi fundada na reunião extraor-dinária da Congregação Mariana de Santa Cecília do dia 29 de agosto de 1929, aconte-cimento noticiado pelo Diário de São Paulo do dia 31 do mesmo mês (cf. A REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DOS CONGREGADOS MARIANOS DE SÃO PAULO. A fina- lidade da Ação Universitária Católica, recentemente fundada. In: Diário de São Paulo. São Paulo. N.202 [31 ago., 1929]; p.10), e por O Legionário, órgão da Paróquia Santa Cecília, no dia 8 de setembro de 1929 (cf. AÇÃO UNIVERSITÁRIA CATÓLICA. Foi fundado em São Paulo um núcleo dessa valorosa associação universitária. In: O Legio- nário. São Paulo. Ano III. N.42 [8 set., 1929]; p.1).
61) Ver Parte I, Capítulo 5: A missão pessoal e o sonho de uma ordem de cavalaria. 62) Santo do Dia de Sábado, 10/2/1990.

O A. U. C.
MOLO DA ACÇÃO UNIVERSITARIA CATHOLICA DA FACULDADE DE DIREITO
ogramma da A. U. C.
PLINO CORREA DE OLIVEIRA
OUTUBRO, 1930
O PAULO
pp. A crise con mpor
Parte II
Capitulo 5

Profetismo, glória e calcário

Plenamente consciente de quão arriscada era a situação em que se havia colocado, Plinio bem sabia que podia haver um incidente a qualquer instante e preparava-se para sofrer uma verdadeira agressão, ter os jornais arrancados de suas mãos e presenciar a queima destes no centro do pátio, em meio a uma vaia generalizada. Comentava ele que sentia bater forte o co- ração e transpirava de receio! "Poucas vezes em minha vida fiz algo que me doesse tanto" 64 acrescentava.

MANIFESTO AUCISTA

Está fundeds Accke Universitaria Catholica de S. Paulo, entidade que se propie diffusie, à actuação e à defesa dos principios catholicos nig s6 de es

em geral e aos estudentes catholicps em particular, dirigido esta manifeste definindo o escopo da A. U. C. Muitos ja teem uma noção deste bello mevimento de restauracia espiritual na sociedade brasileira. Os que acolheram com sympathis form, per certs, Eerdadas na sua consciencia, estas palavras que são um brado: te decisive. Os que, scepticos, indifferentes 'atheus, receberam-n'o com a frieza natural, sabem porém, mais do que es crentes que ha um momento decisivo: e este é justamente quando a cominie do hohem oscilla entre as duas extremidades: erra verdade. Este momento actual de civilizacio que se passa no Brasil,

à convicção ine-

val de quejima possivel sisermos no regime de entre a conscien

O lançamento do jornal católico foi um desafio altaneiro ao laicismo que dominava a faculdade

Um exemplar do jornal católico O AUC, de outubro de 1930

mano. Porém, a força moral do líder se impôs: eles deveriam agir nas entradas secundárias e nos corredores da faculdade, enquanto ele permaneceria na porta principal, face aos colegas mais intimidadores, os chefes da impiedade, filhos de famílias ricas e influentes, entre os quais alguns parentes dele, que des- ciam de flamantes automóveis particulares e caminhavam para as salas de aula com ares de importância.

Plinio desejava encorajar os seus jovens companheiros? Não apenas isso. Acima de tudo, queria esmagar o seu próprio temor. "Ia para a frente rezando, para dar o exemplo e quebrar o meu medo. Nossa Senhora me ajudou".63 Com fisionomia amável e tranquila, mas ao mesmo tempo de cabeça erguida, numa atitude séria, segura e cerimoniosa, dando a entender que não permitiria o menor insulto ou a mais leve impertinência, co- meçou a abordar cada um dos que cruzavam o portal:

- O jornal dos universitários católicos! O jornal dos uni- versitários católicos! Eu lhe ofereço.

63) Conferência, 22/3/1987.

Vencendo o próprio temor, Plinio distribuiu o jornal na porta principal da faculdade, com fisionomia amável e tranquila, mas, ao mesmo tempo, numa atitude séria, segura e cerimoniosa

O jovem Plinio na Gruta da Imprensa, Rio de Janeiro, em julho de 1930

64) Reunião, 25/2/1970.

2322

233

234

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte II

No entanto, após o espanto por verem um colega da fa- culdade fazendo aquilo que jamais alguém ousaria imaginar e quanto menos praticar, a reação dos estudantes foi de pacífica naturalidade. Apesar de alguns poucos se recusarem a receber tilidade ou zombaria e, com surpresa para Plinio, quase todos a oferta, ninguém se atrevia a pronunciar uma palavra de hos- aceitavam com cortesia a publicação, dobravam o jornal e leva- vam-no embaixo do braço ou já começavam a lê-lo, e uns tantos Esgotados os exemplares, ao dirigir-se à sala de aula observou se detinham junto a ele para uma rápida e amistosa conversa! vários colegas que continuavam a atenta leitura de O AUC. No chão, não se encontrava uma só folha. A vitória de Plinio naque-
la primeira batalha havia sido completa.
Enquanto agradecia a Nossa Senhora pela especial prote-
ção de que fora objeto, uma nova convicção se
delineava em seu
bretudo eu tinha derrotado meu próprio medo", 65 explicava ele. espírito: o terreno do mal não era tão firme quanto parecia. "So-
A reação dos estudantes foi de pacífica naturalidade ao receber o jornal, e a partir de então a catolicidade militante na faculdade passou a ser considerada uma força respeitável e temível
Estudantes no pátio das arcadas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na década de 1930 65) Santo do Dia, 30/11/1973.
Capitulo 5
Profetismo, glória e calvário
A partir desse momento, a catolicidade militante na Facul- dade de Direito passaria a ser considerada como força respeitá- vel e temível. E não tardou para que vários outros estudantes se afirmassem também católicos, vencendo, por sua vez, seus re- ceios e engrossando as fileiras da Ação Universitária Católica. com tanta intransigência e ufania, se deixavam tocar pela admi- Por outro lado, mais alguns colegas, mesmo sem manifestar-se ração ou pelo remorso e começavam a demonstrar simpatia por Plinio e seu grupo. A muralha de gelo e de ridículo estava que-
brada de forma definitiva.
As discussões com Paxá e os seus resultados
De ousadia em ousadia, Plinio decidiu então empreen- der uma nova ofensiva: en- frentar os líderes do ateísmo universitário e incitá-los à dis- cussão. Dentre esses, escolheu como alvo principal um colega especialmente inteligente, co- munista declarado, chamado Joaquim Canuto Mendes de Almeida e apelidado de Paxá, ao qual passou a convidar, nos intervalos das aulas, para irem a um café existente nas proxi- midades da faculdade, muito frequentado pelos alunos, e ali debaterem sobre suas respec- tivas convicções, proposta que foi aceita de imediato. Na rea- lidade, Plinio se aproveitava da ocasião para atrair à controvér- sia o público estudantil e, diante deste, proclamar em alta voz os ensinamentos da Santa Igreja em oposição à doutrina marxista. Desta forma, também obrigava o adversário a desmascarar-se, confessando os autênticos e malfazejos desígnios do comunis- mo. Procedimento inusitado no ambiente acadêmico! Tão vivas
Canuto Mendes de Almeida, apelidado Paxá

PASSOU O TEMPO DAS MEIAS VERDADES
Está se esboçando as Pale A mocidade universitaria catholica vae lançar um manifesto explica
um sério movimento universitario-

de
catholics, fruto do apostolado Jackson Figueiredo e dos intellec
tans de Centro D. Vital do Rio
Ja vemos occasião de policiar
a primeiros passos dados por uma
fins da A. U. C. Uma palestra com o presidente desta entidad
de alma da saa geração, ou antes ra a constituição da Acgle Uni-ca mocidade veralteria de seu versitaria Catbolica, destineda
pleiade de estudantes de diversas tual faz um retrospecto de estasko escolas superiores desta capital pa
122 causa en que está envolvido ligioso. Estamos em frente de ura causa da Igreja.
o proprio destino da nossa
nacio-
Não Lomariamos
darte de uma cauza com finalid ad: simplesmente partidaria. mo em frente de uma
como catholicos.
causa
Mes- 3-
ra idade, ou, como diz Atahyde. "o attitude alguma, A coragem de affirmar, o amor tempo.
Sem uma causa plea qual desejo de servir uma bella causa. propugnar pela formutho do
cen- propugnasse a mocidade orasileira sciencia catholica das novas gera- tempo. Sem ma
causa pela qual ecrão directa e ás realidades tan- gões e come fim immediate
27
resso entrevistado. O rullo de no-
w. causa deduz-se de facto de c. o seculo XX o momento do due.lo Anatole Fran- ternivel
catre o Vaticano e os 30- escript - viets, que, cumo ainda diz o noso encarnam visiveiniente.
dissolvente mentor - lamb:n a sus palavra. absoluta
de vinha sende dominada, ha mais de g... Esta porém é a transfor- lancolia ter filtraço
communista meie secule, por uma grande me-maão preparatoria, dize-nos na sociedade
beileira. Ante-hontem foi distribbeldo, em
todas as escolas superiores de São da de moços e isto não é raro artigo-manifesto
do
Onde que, que extivesse uma ro- ainda hoje. 117, presidente do centro D. Vital, dece. Eça e
tantos outros Roar Tristie de Atahyde, e mee- tor da A. U. C.
Paulo,
Sabendo que
res brilhantes
mas
wiversitarios Uma despreoccupação
em face de nós, a logica extrema de erro e a expressão intangivel - nhecer em suas humanissimas im-
catholicns de S. Paulo vão fambem pra caracter, pelca problemas mu verdade, tal como a
podemos Incar un manifesto proprie ex-res e religiosos ponde aos demais estudantes o significado da an attitude. perante a
Tristão de Atahyde. que viven perfeições,
té e perante a patin, quizmos co-elle tempo, sentindo tudo 20 COMBATE AO COMMUNISMO vir o presidente da A. U. C. bacha-ponts-nou agora os males que nos
relande Plinie Correia de Oliveira,

de Faculdade de Direito.
Na Paculdade de Direito o aca- dennien Plinie Correia de Oliveira Jacutin acaloradamente com
de seus collegas, nam cante dos corredores das arcadas
cruram catas attitudes dispil- cretes e commolistas.
Acordamos agora dominados pe
la preguica ue tomar attitudes pro-
furdas e definitivas. I quando diz a cosso "condottiere":
tholica agiramos simplesmente ermo cidadãos
Ribeiro de Almeida.
tro. João Noel Von So rio Altenfelder Silva, cira Franco, isto é, anno. Estes constituem consultivo da Facnides
eina, onde conta a A valloses elementos a do A ORGANIZAÇÃO DA A. L. c. presidente centro
A nossa organização é meramen-
te universitaria. Temos o apolo
Cruz."
Na Polytechnica se
Os representantes da A
valioso dos catholicos, principal- Adolpho Mello Junior e mente dos moços marianos, cujas Lyra, no primeiro an
sédes nos foram franqueadas. As nossas reuniões tém-se realizado na sede da Congregação Mariann de Santa Cecilia, á rua Immaculada Conceição, 5.
A nossa organização consists.
por enquanto, no seguinte: A A.
demais euros os estudante Agular de Moraes Juni Chabassus, Luis Lins de los Netto, Archimedes
Pimentel e Alberto Met Do Mackenzie só me tres que são os estudar Pedroso, Mario Cala
U. C. antes de tudo, presta obe- comma-diencia so ar. arcebispo metropoli- Siqueira. tano, pois tal é a regra de acção catholica.
Quer dizer que os "aucistas" rin combater mesmo nizmo...
- Pôle dizer pelo seu jornal: A A. U. C. tem em mira, principal- nerte, combater o
-- Passou a tempo das meias Nesse sentido vamos
nucleo
de
Conselho executivo, o alha py dinels, constituido pelos seguin- tes academicos: Engenharia, Svend Kok e Telescu Langendon
dro Moncón
Medicine, Arthur Watte Pe
Maris Calazan,
Junior. Macken
A DIVISAO DO TRABALHO
- O nosso campo de acção e ser dividido por diversas tur
de rapaza. Um grup tratará dei colher documentos de propaganda, communista: outro so encarregar de trazer a publics os intuito de
ce:ta associações que par ahi e tem mascaradas de mente pars de viar a mocidade do catholicis me, outro especializar-se-á em c Ludos sobre o communis, ros em estudos ecclesia Lens. Tolos procurarão, emfim,

esereer
postolado junto dca amigos. E Lou certo de que ha muitos m que não são religioses 6 porqu não tiveram um amigo para o clarecer no caminho da fe
TM MANIFESTO JA está elaborado
Sei que nesta escola luom! que vamos lançar á mocidade uni estudantes cochlea, versitaria de S. Paulo,
Nas diversas Escolas Superiores, pois no Congresso da biocide Ca escolhidos representantes iholica concorreram com sh
foram consumimo. pugnar as
01
aprosi verdader. Hoje em dia precisoms has politicas dentro de todos ame-tez du anlar "aucista"perar as nossas almas para af gremios univer.itarios. E ninguem
Terminala a discussio
que mas lisse, depois de delineada
amos qualinede de jornalista:
UN MOMENTO DECISIVO
Vaman entrar um momento
decisive em materis de principion
nos diversos cursos.
Assim, de momento, posso citar
os seguintes da Faculdade de Me-
Edgard Pinto de Souza, Hugo
Les das verdades integraes, das nem exploração do sentimento re- por vezes dolor. ie the in- veje niso uma ambição de maalo dicina: reidades sem véon.
e przsi-
A TRANSFORMAÇÃO Accentia em seguida religiosos ou anti-religiosos E não dente do Cratro "D. Vital", à dif- sou eu quem e annuncia. E o nas-ferença entry a geração actual e a no mestre. Tristão de Alahyde, o do seu legspa
substitute de Jacka Figueiredo
ne Centre D Vital de Ria
Edizendo isto e bacharelado
Plinio Correia dew-nes de presente
um impresso que fora largamente
distribuido a Faculdade e em os-
Las escolas superiores.
Este é o artigo com que Tris-
tho de Ainlyde chama a atenção
is mocidade para a cruzada que
samos empreender.
Rin resus, o ustre intellec
Do indifferentismo de então pas-
ramos para o desejo de
servir a
Dr. ANTONIO VICENTE DE AZEVEDO
TRACHEO-BRONCO - ESOPHAGOSCOPIA
Consultos, das 14 112 ás 17 horas
RUA BARAC DE ITAPETININGA, 10-salas, 515, etc. CLINICA EXCLUSIVA DE NARIZ, OUVIDOS E GARGANTAL

dali.
os seguintes:
a manifesto
Xelle d:claramos que somos es tholicos sem restricção e que, no fundarmos a A. 17. C., temos era
Os da Faculdade de Direito Vista afirmar. defender e actua
Angelo Simões de Arrade. 3.
Galvão de Souza, do primeiro n-
as nossos principios em toda a plenitude.
ton de Souza Meirelles, Jon Peso Uigioso que faz que as nossas Fa
no. Walter Torres e Joaquim Pres de Barros Netlo, do segundo ano.
José Meyde Leasa e Henrique Bri- to Vianna, do terceiro asme
melindo Maffei, do quarto, e final- mente, eu, do quinto anno.
A A. U. C. & dirigida por un
As novas installações de radiotherapia e radiodia-
gnostico do Hospital de São Joaquim
Como foi fundada a Sociedade Portugueza de Beneficencia
Verberamos o commodismo r
culdades não tenham a perso nalidade espiritual collectiva e n manifestem nenhuma energia no-
ra.
Tato ludo visto de longe apr sente-t-nos sob a forma de uma Anarchia mental desoladora,
UMA CONFERENCIA DE TRIS
TAO DE ATAIIYDE Tristão de Atahyde que promun- Em setembro, teremos aq clará uma conferencia no Munici pal, possivelmente. O lustre pen- sador patricia vae ler occasião de constatar a exactidão das suas ob servações em relação aos nors das que rão surgir para a mocida-
Entrevista feita ao jovem Plinio sobre a AUC, publicada no Diário Nacional
de 16 de agosto de 1930. O repórter, enquanto testemunha ocular.
mostra como Plinio era um grande polemista e paladino da Fé na Faculdade de Direito, conforme mostram os extratos abaixo:
"Na Faculdade de Direito o acadêmico Plinio Corrêa de Oliveira discutia acaloradamente com um de seus colegas, num canto dos corredores das arcadas.
Terminada a discussão,
aproximamo-nos do ardoroso 'aucista' que nos disse, depois de delineada a nossa qualidade de jornalista:
Vamos entrar num momento
decisivo em matéria de princípios religiosos ou anti-religiosos. [...]
E, dizendo isto, o bacharelando Plinio Corrêa deu-nos de presente um impresso que fora largamente distribuído na Faculdade e em outras escolas superiores. [...]
Quer dizer que os 'aucistas' vão combater mesmo o comunismo...
- Pode dizer pelo seu jornal: a ALIC tem em mira, principalmente,
combater o comunismo. Nesse
sentido vamos pugnar nas lutas políticas dentro de todos os grêmios
universitários. E ninguém veja nisso uma ambição de mando nem exploração do sentimento religioso. Estamos em frente de uma causa da Igreja. Não tomaríamos atitude alguma, como católicos, diante de uma causa com finalidade simplesmente partidária. [...]

O nosso campo de ação vai ser dividido por diversas turmas de rapazes. [...] Todos procurarão, enfim, exercer seu apostolado junto dos amigos. Estou certo de que há muitos moços que não são religiosos só porque não tiveram um amigo para os esclarecer no caminho da fé. [...]
Verberamos o comodismo religioso que faz que as nossas Faculdades não tenham uma personalidade espiritual coletiva e não manifestem nenhuma energia nova.
Isto tudo visto de longe apresenta- se-nos sob a forma de uma anarquia mental desoladora".
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
se tornaram tais discussões, que logo formou-se em torno de ambos os contendores uma roda de vinte ou trinta rapazes, os quais compareciam para presenciar a novidade daquele duelo verbal e constituíam assim dois partidos, cuja definição favore-
Porém, as conquistas universitárias do jovem paladino ma- riano estavam longe de se encerrar.
cia os
Grande surpresa: a força eleitoral dos estudantes
católicos
Novos números de O AUC vieram a lume naquele ano.66 Ora, alguns meses depois do lançamento do jornal católico, iniciaram-se entre os alunos do quarto ano, a turma de Plinio, as tratativas para a eleição do presidente do grêmio estudantil, chamado Centro Acadêmico Onze de Agosto. A escolha seria feita com vistas ao ano seguinte, uma vez que o cargo era por tradição ocupado por um estudante do quinto ano.
Certo dia Plinio se retirava da faculdade quando foi abor- dado por um dos colegas, com o qual mantinha um trato amigá- vel, apesar de ser um dos seus adversários nas discussões doutri- nárias, que o cumprimentou com solenidade pouco habitual: Ilustre amigo, como vai? E explicou-lhe que iria candidatar-se à presidência do grêmio acadêmico, razão pela qual solicitava a colaboração de Plinio, devido ao grande prestígio e influência de que ele e seu grupo gozavam na faculdade, inclusive entre muitos que não lhes manifestavam adesão nem amizade. Sem externar surpre- sa, Plinio respondeu-lhe que não podia garantir-lhe esse apoio
66) Algumas linhas do artigo As Congregações Marianas, de autoria de Plinio e publicado em O AUC de outubro de 1930, podem bem dar uma ideia do tom batalhador e desafiante que ele comunicava a esta publicação: "Hoje o católico é, por definição, um combatente. Numa cidade, quando o inimigo está às portas, todos os habitantes se põem em pé de guer- ra. Combatem todos como podem, e traidor será aquele que, fugindo aos azares da luta, se refugiar covardemente em sua casa. [...] Chegou o momento de agir. O dever nos chama à luta. O combate será encarniçado. Por toda a parte se arregimentam os nossos. A bata- lha! À vitória!" (CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. As Congregações Marianas. In: Opera Omnia. Reedição de escritos, pronunciamentos e obras, op. cit., p.180-181).

jovem
Reunião do Centro Académico Onze de Agosto, em fins da década de 1920 sem conhecer o programa que ele apresentava, ao que o político deu uma pronta solução: trazia em mãos o seu projeto e desejava submetê-lo à apreciação de Plinio. Este se comprome- com

clareza a sua posição: antes de mais nada, o candidato de- teu a analisá-lo e, no dia seguinte, ao se encontrarem, expôs-lhe veria fazer uma carta de elogio à Ação Universitária Católica, bem como uma declaração contrária à implantação do divórcio no Brasil, em nome dos estudantes de Direito. Ele perguntou: Você me garante o voto dos congregados marianos para
a minha candidatura?
solver.
Vou consultar a diretoria da AUC.
- Não, isso não é preciso. Quero saber o que você vai re-
Plinio percebeu que a Ação Universitária Católica havia se tornado uma potência eleitoral, pesando inclusive na opinião daqueles que professavam doutrinas opostas ao ensinamento da Igreja. Assim, tirando proveito da nova situação, no mesmo ins- tante decidiu aumentar as exigências em prol da Causa Católi- ca e determinou: além de atacar o divórcio, era necessário que o candidato lutasse pelo ensino religioso nas escolas públicas e

Capítulo 5

pela criação de capelanias nas

Prefetismo, glória e calvário

Forças Armadas e nas prisões do
Estado, pontos abolidos na Constituição da Primeira Repúbli- presidência do grêmio, Plinio avançou ainda mais: ca. Então, diante do assentimento daquele astuto concorrente à
Mas eu não vou apoiá-lo ainda! Vou consultar os ou-
querem fazer algum oferecimento. Esses votos serão postos em tros dois candidatos e ver o que apresentam, pois eles também
leilão.
De fato, os demais concorrentes haviam igualmente solici- tado os votos católicos, mas um dentre eles mostrava um progra- ma mais seguro e parecia fornecer maiores garantias aos con-
gregados. De novo
interpelado, este último prometeu respeitar
a condição que Plinio lhe impunha, consistindo, nada menos, na publicação de uma mensagem do Centro Acadêmico Onze de presidente da República, demandando o atendimen-
Agosto ao
to às três reivindicações católicas acima mencionadas. Voltando a encontrar-se com o primeiro, Plinio disse-lhe às claras que seu grupo apoiaria esse outro candidato e, chegado o dia das elei- ções, foi escolhido exatamente aquele que os católicos indica- ram, o qual, de fato, cumpriu o prometido.
Desse modo, graças à força moral do líder mariano, pela primeira vez na história da Faculdade de Direito uma chapa ca- tólica triunfava na eleição presidencial do Centro Acadêmico Onze de Agosto, tido até então como o órgão mais revolucioná- rio da mocidade no Brasil. O inaudito sucesso marcaria a fundo o espírito de Plinio, que muitas vezes o narraria a seus seguido- res, como um ensinamento recebido da Providência: "Eu conto aos senhores para que lhes sirva de lição a vida inteira também: os que eram simpáticos a nós não tinham coragem de dizê-lo, mas no silêncio nos apoiavam. As 'raposas' sabiam, porque vi- viam no meio deles...";67 "Compreendi que ao verdadeiro cató- lico muitos respeitam, embora não se atrevam a ir para frente com ele. Numerosos são os que silenciam quando ele é perse- guido, outros o acompanham de longe com olhares de simpatia e poucos o ajudam a carregar a cruz. Ele pensa que está isolado.

67) Conferência, 20/4/1987.
238
239

240
Juventude: a sabedoria posta à prova
miram". 68
Parte II
Ó engano! Até entre os que o vaiam, existem aques que o ad- No entanto, a provação viria novamente bate as portas de Plinio, de modo inesperado, e desta vez com características que
ele jamais poderia imaginar.
A primeira punhalada nas costas: traição na AUC
princí-
"Eu estava com o espírito pronto para a ideia de combater os inimigos da Igreja, portanto os partidários da Revolução, com grande ação ideológica, em discussões sobre doutrina e pios. Mas, na minha inexperiência, achava que esses inimigos seriam declarados". 69
Assim começava Dr. Plinio a relatar o epi- o ataque partido do arraial daqueles que militavam junto a ele
sódio que ele denominou como a primeira punhalada
pela Causa da Santa Igreja.
nas costas,
Encontrava-se no auge da satisfação pelas vitórias obtidas na faculdade quando, de repente, notou que algo se tramava contra ele na própria AUC. Um dentre os cinco ou seis mem- bros, apesar de mostrar-se amigável, sempre deixara transpa- recer alguma desconfiança em relação a ele. Agora começava a fazer-lhe oposição, defendendo inimigos da Religião que ele atacava com rijeza, e formulando propostas de tendência der- rotista, como a sugestão de travar contatos mais cordiais no am- biente universitário ou de diminuir o tom combativo nas maté rias publicadas no jornal, fazendo, por exemplo, alguma conces- são ao socialismo. A reação imediata de Plinio foi de enorme
surpresa:
68) Conferência, 11/2/1986. Muito eloquente a esse respeito é o seguinte cartão, escrito no dia 24 de julho de 1976 pelo Dr. Constantino Pereira Rodrigues, antigo colega de Plinio na faculdade, em agradecimento ao envio de um livro da autoria deste último: "Caro Plinio, a oferta que me faz, de seu último e oportuno livro, muito me sensibilizou. Trouxe-me ela a lembrança do início da década de 1930, quando você, na Faculdade de Direito, [...] rompeu o silêncio e a indiferença da época, falando abertamente de Deus e da Igreja. Isso muito influiu na formação religiosa de alguns jovens de então, uns mais chegados e entusiastas, outros mais discretos e distantes. Fui um destes últimos. Venho porém acompanhando, de longe, sua brilhante atuação, reveladora de seu extraordinário poder de liderança" (Arquivo pessoal do Autor).
69) Palavrinha, 9/2/1984.
Capitulo 5
fetismo, glória e calvário
- Socialismo?! É uma infâmia, uma torpeza! Um católico
não pode ser socialista!
E seu pasmo aumentou ao ouvir a réplica:

Você é muito intransigente. Está querendo impor a sua
opinião...
ver!
- Não se trata disso! E os documentos dos Papas? Quero
- Está vendo? Você fica indignado... Seja amável! Admi- ta que eu esteja errado e dê um lugar para o meu erro.
- Como?! Dar lugar ao erro?!
Plinio percebeu logo a jogada: pessoas alheias à AUC ha- viam manobrado aquele congregado mariano, para fazê-lo en- trar na associação e nela exercer uma ação de "quinta-coluna", com vistas a derrubar o líder. E tal movimento, apoiado por mais um dos membros, ameaçava alastrar-se também entre os restan- tes. Plinio sentiu-se de súbito isolado. Era a traição e, com ela, a maior decepção que ele tivera em toda a sua vida até aquele momento. Ele próprio relataria: "O que me espantou mais foi o seguinte: eram rapazes puros, de vida reta, que frequentavam os Sacramentos e dos quais eu tinha todas as razões para julgar serem bons. É verdade que as fisionomias deles não me haviam impressionado bem, mas parecia-me que cometeria pecado de juízo temerário se fizesse má ideia sobre eles". E, lembrado das árduas lutas e pesados sacrifícios que lhe custara a ruptura com os impios, pensava: "Até entre os bons aparece isto? Ao cabo de vinte e tantos anos de vida eu coligo cinco ou seis e, destes, dois são serpentes?"70
Certa noite, após o jantar em casa, Plinio se dirigia ao local onde deveria reunir-se com os membros da AUC, no centro da ci- dade, a fim de dirimir as questões que ameaçavam destruir aquela obra, cuja fundação tanta alegria lhe trouxera, e que agora pare- cia liquidada. Passageiro de um bonde quase vazio que percor- ria lentamente as ruas atravessando a neblina, o vento e a garoa, ele previa as cenas desagradáveis que se desenrolariam em breve
70) Santo do Dia de Sábado, 5/3/1983.

e cuja perspectiva estava longe de ser alentadora. No exato mo- ele concluía as suas reflexões e dava-se conta de quanto a situação mento em que o bonde começava a percorrer o Viaduto do Chá, naquela circunstância, o sofrimento se lhe apresentou como supe- The era desfavorável. Sentindo-se abandonado pela Providência rior às suas forças, causando-lhe a mais terrível tentação de desâ- e até então sentira: "Meu Deus, o que é isto? Eu, chegar a este ponto impensável? Não... isso é forte demais. Eu aguentei todos os punhais na frente, mas, nas costas, não aguento. Lutar Eu sou feito para lutar contra os inimigos da Igreja, não contra os contra os amigos? Isso não faz uma vida, é uma coisa horrorosa! filhos dela!"" E as suas categóricas palavras não deixam dúvidas sobre a intensidade da provação: "Foi a única tentação que tive
em minha vida de deixar o Movimento Católico" 72
e, naquele instante, reanimado no fundo da sua alma por uma Entretanto, ele implorou o auxílio de Maria Santíssima
Enquanto passava de bonde pelo Viaduto do Chá

e refletia sobre as atitudes desleais de alguns membros da AUC, sobreveio a Plinio forte tentação de desânimo

O Viaduto do Chá, na década de 1930

71) Cf. MNF, 16/10/1979; Santo do Dia de Sábado, 13/8/1988; Santo do Dia, 8/10/1964. 72) Santo do Dia, 8/10/1964.

Capitulo 5

Profetismo, gloria e coluário

graça de confiança, renovou seu propósito de continuar o apos- tolado apesar da defecção daqueles primeiros companheiros de luta, tendo bem presente que o abandono da militância católica deira apostasia. Conforme afirmou anos depois: "Nossa Senho- e o retorno à vida particular constituiriam, para ele, uma verda- e ajudou! Veio-me a ideia de que Ela mandaria outros e de que isso teria remédio, pois, afinal de contas, eu já tinha vencido muitos obstáculos". 73 A tentação estava afastada e, ao mesmo tempo, Plinio teve a vaga impressão de que existia alguma dis- o da Providência, pela qual era permitido que tudo aquilo acontecesse com ele; por outro lado, Nossa Senhora o beneficia- ria com uma proteção toda especial.

ra me

posição

Pouco depois, reunido com os membros da associação, Pli- particular suavidade os assuntos que eram ob-

nio abordou com

como

jeto da controvérsia, evitando tomar qualquer medida drástica contra os revoltosos, mas sem fazer a menor concessão em detri- mento de seus princípios doutrinários. Mais tarde, explicaria ter objetivo com esse procedimento as pessoas que dirigiam às ocultas a atuação daqueles congregados marianos contra ele. Tais agentes entenderiam que, diante da resistência inabalável do chefe, a infiltração promovida na AUC não tinha possibilida- des de prosperar. Por diversas razões, Plinio entrevia ser essa a única estratégia adequada à situação, muito mais eficaz, naquela circunstância, do que o natural recurso à autoridade eclesiástica.

Sapiencial atitude! Com o passar dos dias e dos meses, os dois principais opositores de Plinio, que antes o enfrentavam em face, acabaram por afastar-se misteriosamente da AUC e da própria Congregação Mariana, desaparecendo sem ruído e sem protesto, enquanto os melhores, os quais haviam sido levados pelo mau exemplo daqueles, retomavam o caminho anterior e reintegravam-se na amizade e no convívio do líder.

A oração de Plinio havia sido atendida e tudo se resolvia, mas ele estava longe de suspeitar ser aquele episódio o primeiro adestramento ao qual a Providência o havia submetido, início da imensa via dolorosa que percorreria até o fim de seus dias:

73) Santo do Dia de Sábado, 13/8/1988.

traição.

Parte II

da parte de muitos católicos e irmãos de luta, a hostilidade e a universitário católico, que ele iniciara em 1926 sob o signo do Entretanto, mais uma conquista o esperava. epopeia de

isolamento e da perseguição, com o coração pulsando de angús- tia, iria encerrar-se com a mais espetacular das vitórias.

A Missa de formatura

No dia 11 de dezembro de 1930, as arcadas da Faculdade uma cerimônia inusitada: naquele ano a Missa de formatura não de Direito, bastião do ateísmo no Brasil, se engalanavam
seria na vizinha Igreja de São Francisco, segundo
para
O costume,
mas no próprio pátio do recinto acadêmico, como ato oficial das grandes solenidades que encerravam o ano letivo. Os tempos
haviam mudado.
dos inconcebíveis. Nomeado membro da comissão organizadora Sim, mais uma vez a ousadia de Plinio alcançara resulta- dos festejos, em nome dos estudantes católicos ele apresentou seu plano à diretoria, através do secretário da faculdade: a Mis- sa deveria ser celebrada no interior do edifício, com Comunhão geral dos diplomandos que assim o desejassem, e ele já havia con- vidado o Arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, para ser o celebrante, bem como o je- suíta Pe. Leonel Franca, escritor famoso e orador sacro de renome nacional, para pronunciar a homi- lia. Uma petição formulada com tanta convicção e empenho mais se assemelhava a uma imposição, e a licença do diretor não pôde ser recusada. Mais tarde, Plinio descreveria o que sentiu ao saber da aprovação: "Qual não é minha surpresa quando eu vejo a direção

Pe. Leonel Franca, SJ. renomado orador sacro do Brasil

Capitulo 5

Profetismo, glória erarário

eu reputava uma cidadela indomável e que me fizera bater o co- da faculdade dizer: 'Nós aceitamos o plano'. Essa faculdade que ração na garganta! Hoje, no momento em que eu vou sair dela, é o seu coração que bate na garganta!""74

Porém, suas surpresas ainda não tinham chegado ao fim. No dia da formatura, ao entrar no pátio ele se deparou com uma cena que excedia tudo quanto poderia excogitar: por indicação da própria secretaria da faculdade, em frente ao altar havia sido erguido um estrado de cerimônia com cadeiras de veludo ver-
melho para os
professores, os quais se encontravam ali em sua
totalidade, vestindo beca e, inclusive, detalhe inimaginável, al-
guns
s deles tendo o rosário na mão!

Iniciou-se a Missa, celebrada em re- presentação do Arcebispo pelo assistente eclesiástico da Ação Universitária Ca- tólica, Mons. Gastão Liberal Pinto, Vi- gário-Geral da arquidiocese. Na hora da Comunhão, ao levantar-se, Plinio pôde perceber que, além dos congre- gados marianos, uma boa quantidade de alunos de sua turma, em torno de

74) Conferência, 27/2/1983.

Com a celebração da Missa, a batalha de cinco anos estava coroada com um triunfo: "A Religião tinha rachado as portas da velha faculdade!"

No alto: Mons. Gastão Liberal Pinto, celebrante da Missa de formatura.

Ao lado: aspecto dos assistentes da Missa. Em destaque, Dr. Plinio - Fotografia extraída do jornal O Estado de São Paulo, 12 de dezembro de 1930

intransigência, jeito. Muita política e muito denodo"; "Ousar sempre mais, não curvar a cabeça nunca, contra-atacar e fazer a ofensiva"." Mas, acima de tudo, ele atribuía todo o mérito de suas vitórias à Rainha do Céu e da terra, e assegurava que Ela dá a seus fiéis servos a capacidade de participar da própria onipotência de Deus e de obrigar os maus a recuar, desde que se mostrem plenamente intolerantes em relação à impiedade e a todo pecado. E recordaria Dr. Plinio: "Com isso terminou o meu curso de Direito. A minha velha esperança de ter um grupo com quem empreendesse a Contra-Revolução estava realizada. Era o resultado de um ato de confiança em Nossa Senhora, no momento crítico em que eu me vi abandonado e isolado como um pária. Maria Santíssima nunca falta àqueles que n'Ela con- fiam".78 "A quem Ela ajuda, nada resiste!",79 concluía.

Coragem, arrojo, intransigência, jeito, muita política e muito denodo, eis os principais elementos da tática de Plinio

Dr. Plinio trajando beca, por ocasião de sua formatura

trinta ou quarenta, avançava também e o seguia na fila, para co- mungar. E não cabia em si de pasmo, diante daquele lance final de uma batalha de cinco anos, coroado de triunfo. "A Religião tinha rachado as portas da velha faculdade!","5 exclamaria ele ao narrar tais episódios, passadas várias décadas.

Quais haviam sido, entretanto, os elementos principais de sua tática, para atingir esse enorme sucesso com tão parcos re- cursos? Ele os enumerava em breves termos: "Coragem, arrojo,

75) Conferência, 2/11/1987.

Plinio concluía vitorioso o seu curso de Direito: ousou sempre mais,

não curvou a cabeça nunca, contra-atacou e, quando necessário, fez a ofensiva Dr. Plinio (em destaque) entre os formandos

da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, no ano de 1930

76) Reunião, 27/7/1972.

77) Conferência, 18/11/1990.

78) Santo do Dia de Sábado, 4/8/1973.

79) Conferência, 27/2/1983.

Nesta altura da narração, é provável e muito compreensí- vel que o leitor se pergunte no que consistiam, em última aná- apostólica que tantos esforços, dissabores e incertezas lhe havia lise, os objetivos essenciais de Plinio ao conduzir uma atuação

custado até a conclusão de seu curso superior.

Sem temer o menor exagero, podemos asseverar que, no fundo, seu desejo era reformar a face da terra e nela implantar o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, através da coligação apenas muito mais tarde. Possuindo clara noção de que a Santa dos católicos fervorosos, que ele chamaria de Contra-Revolução Igreja deveria abarcar tal movimento, o qual, por sua vez, dela receberia a sua força, tinha a ideia de aproveitar para esse efei- to o maravilhoso florescimento da Juventude Católica no Brasil, fenômeno inédito e promissor,

vindo ao encontro de seus an- seios, e que ele não hesitava em atribuir a causas sobrenaturais:
Dr. Plinio esperava que do Movimento Católico surgisse a tão desejada ordem de cavalaria...
Retiro de congregados marianos no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, na década de 1930
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
GENHA
PAPSIZES
Saw Avia
SANTEWA
POA
ROCCA
LAPA
CONSOLACAO
SOLY SAUTZ
QUE on S
BRAZ
CALVARIO
...cujos membros fossem capazes dos maiores heroísmos, das dedicações mais completas, das imolações mais fantásticas e mais perfeitas Concentração de congregados marianos e filhas de Maria na Praça da Sé, São Paulo, na década de 1930
ACMSP (PF 04-01-30)
"O movimento contra-revolucionário no Brasil, assinalado pelas Congregações Marianas, não tem nenhuma explicação próxima. Ele representa, portanto, qualquer coisa de nítida e diretamente providencial" 80
É verdade que nesse tempo despontava no mundo católico certa reação contra a Revolução, como consequência de alguns lances operados por dois grandes Pontífices: da parte de Pio IX, a definição dos dogmas da Imaculada Conceição e da infalibili- dade papal, e, pela ação de São Pio X, a possibilidade da Comu- nhão diária estendida às crianças, bem como a condenação do modernismo. Esses quatro fatores determinantes haviam causa- do uma ressurreição do fervor católico, que se iniciara na Euro- pa e já produzia seus efeitos no Brasil. Mas tal renascimento não justificava por inteiro a grandeza do fenômeno brasileiro, muito
80) Reunião, 1/9/1972.
ACMSP (PF-04-01-30)
249

vimento inaudito de associações de leigos nas quais se alistavam mais extenso do que em geral se poderia prever, num desenvol sobretudo os jovens, constituindo o imenso bloco que era cha-
mado de Movimento Católico.
As etapas de um plano

Assim, Plinio confiava nessa nova força, que deveria cres- cer até tornar-se uma potência e, então, poderia restaurar a or- dem no País e tomar conta dele. E já previa com exatidão a se- quência dos passos necessários para chegar a tão ousado fim:
"A ideia era constituir um grupo. Numa segunda etapa ele de posse dessa multidão, contrariar em sua marcha a maioria se transformaria numa multidão, embora minoritária. Terceiro: revolucionária, pela cultura e pela oratória dos mentores dessa minoria decisiva".81
No que consistiria essa elite inicial, fermento na massa do Movimento Católico? Plinio visava nada menos do que a fun- dação de uma instituição religiosa, esperança sempre presente ante seus olhos, cujos traços essenciais já estavam definidos em seu espírito: “A tão sonhada ordem de cavalaria me parecia que nasceria naturalmente desta atmosfera, apenas deixando flores- cer e frutificar essa árvore magnífica”.82
Ora, ele sabia que a realização de tais planos produziria tremendos abalos no mundo inteiro e obrigaria os inimigos da Igreja a deflagrar a luta contra ela. Seria chegada, então, a hora dos membros da ordem de cavalaria: eles agiriam com as pró- prias mãos e inverteriam a situação. Sim, pois esses cavaleiros desejados por Plinio reuniriam todas as características do pala- dino cristão. "Um tipo de homem que só teria interesse por vi- ver no mundo do ideal, da valentia, da ousadia, a serviço da Fé", capaz "dos maiores heroísmos, das dedicações mais completas, das imolações mais fantásticas e mais perfeitas".83 Ou seja, ver- dadeiros gigantes de catolicidade, chamados para agir em lances extremos, de beleza quase bíblica.
81) Conversa de Sábado à Noite, 15/2/1986.
82) Santo do Dia de Sábado, 1/8/1987.
83) MNF, 2/3/1989.
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
Entre os congregados marianos, era preciso chamar à luz os verdadeiros cavaleiros e acender neles o fogo do entusiasmo Detalhe do Reitergruppe antes da batalha, por Massimo Taparelli D'Azeglio - Palácio Dorotheum, Viena
E qual seria o desenlace de tais acontecimentos? Ele tam- bém previa um imenso entrechoque, em cujo auge as forças ca- tólicas seriam auxiliadas por uma espetacular interferência de Nossa Senhora, que daria a elas o vigor necessário para obter a vitória. E suas palavras atestam quanto a esperança no cumpri- mento de tais prognósticos não lhe permitia hesitação ou som- bra de incerteza: "Eu não tenho o direito de duvidar. Nós vamos para frente, a ordem de cavalaria nascerá, e havemos de ven- cer!"84
O triunfo final e completo da Santa Igreja na face da terra, obtido por homens valorosos, através de uma enorme audácia fortalecida por uma fé inquebrantável e coroada num momento decisivo pela intervenção de Maria Santíssima. Eis a grande me- ta de Plinio. Estariam, entretanto, os congregados marianos do Brasil à altura de tais aspirações? Por ora, não, apesar da inegável
84) Santo do Dia de Sábado, 1/8/1987.

Juventude a sabedoria postià prove
Parte

piedade de todos eles e da autêntica diligência de muitos. Plinio seletiva: "Eu percebia perfeitamente que no congregado maria- não tinha ilusões a esse respeito, mas confiava em sua estratégia no havia o católico modelar, mas não havia o cavaleiro. Havia vocações para a cavalaria em muitos, em outros não. E, portan- to, era preciso, de dentro daquela fermentação, chamar à luz os
verdadeiros cavaleiros".
Portanto, ele tinha bem presente o considerável passo que deveria ser dado na conquista das mentalidades, condição indis-
pensável para iniciar as etapas de seu plano.
Abertura de horizontes, dedicação integral e
virgindade
Com efeito, o ambiente das associações católicas tendia a constituir-se em torno de pequenos mundos, muito moralizados e de exemplar ortodoxia, mas voltados para seu próprio interior, com preocupações e objetivos restringidos aos limites de cada indivíduo ou da sua paróquia, e no mais completo desinteres se pelo combate aos grandes inimigos contemporâneos, como a paganização da sociedade ou o avanço do comunismo. Em certos casos, inclusive, a concorrência mútua entre os fiéis de duas paróquias de São Paulo como as de Santa Cecília e Nossa Senhora da Consolação, em cujos partidos se alinhavam "ceci- lianos" e "consolados", defensores incondicionais do respectivo vigário, chegava a tornar-se verdadeira rivalidade. Os episódios que marcavam essa competição produziam muito mais interesse e vibração do que qualquer notícia de alcance internacional, re- ferente às vantagens da Igreja ou da Civilização Cristã.
Plinio se dispunha a empregar todos os meios para alargar aqueles horizontes mentais tão acanhados, e considerava essa atuação como o único revide adequado contra o processo do mal no mundo, universal e multiforme: "Eu via muito bem que a Revolução tinha como mira transformar os homens, levando-os cada vez mais longe da Igreja. Então, razoavelmente, entendia que a esse esforço global do mundo contra a Igreja deveria cor- responder uma reação dela contra o mundo e que, portanto, a
85) MNF, 2/3/1989.
Capitulo 5
Profetismo, glória e calcário
maior preocupação numa vida paroquial tinha de ser a de pre-
parar as pessoas para a Contra-Revolução"
E no que consistiria essa preparação dos católicos? Antes de mais nada, era preciso acender nos elementos de destaque o fogo do entusiasmo pela dedicação integral à Causa da Igre- ja. "Os mais fervorosos deviam dar significado a um movimento mariano para o qual eles consagrassem sua vida inteira, não pen- sando em negócios nem casamento", Sim, é preciso salientar o especial empenho de Plinio naquilo que ele via como condi- ção essencial e primeira da abnegação e do sacrificio, no campo das virtudes sobrenaturais: a prática da castidade, o enlevo pelo ideal da virgindade. E, à força de muito insistir nessa matéria, obteve que a maioria dos moços católicos sobre os quais se irra- diava sua influência "se compenetrasse bem de que as Congre- gações Marianas eram um movimento de pureza" **
Plinio bem sabia que, desse modo, colaborava com a ação da Providência, que ele discernia com acuidade nas almas de alguns: "A graça chamava muitos congregados para o ideal de doação completa. Então, pelo uso da tribuna, era preciso criar uma atmosfera de heroísmo e de entusiasmo pela entrega to- tal, e estimular por essa forma os melhores"."

Assim, através de seus dons de oratória ele os encorajava e criava um clima favo- recedor da penetração da graça de Deus em seus ouvintes.
É evidente, entretanto, que tal proclamação de idealismo não era igualmente recebida por todos. Plinio encontrou resis- tências, quase sempre veladas, da parte de certos membros des- tacados das Congregações Marianas e, inclusive, de alguns clé- rigos de elevada posição na arquidiocese, os quais, partidários convictos de uma escola diversa no que se referia à vida pessoal dos moços católicos, não estavam dispostos a aceitar a enorme rotação dos espíritos e das mentalidades que o impulso de Plinio começava a efetivar.
86) Santo do Dia de Sábado, 23/4/1988. 87) Almoço, 5/8/1983.
88) Idem.
89) Idem.

existia apenas para que cada um dos seus membros, a título indi- Segundo os princípios desses mentores, a Congregação Sem dúvida, e com muito zelo, mas sempre mantendo como fim vidual, salvasse sua própria alma. Devia-se praticar a castidade? o casamento, o qual, sendo o destino comum das pessoas, tinha muito recomendável promover alguns bailes paroquiais, com a de ser também o objetivo dos congregados, motivo por que era presença deles e das filhas de Maria. Dessa maneira, os bons moços encontrariam as boas futuras esposas e seriam pais de numerosos filhos que, por sua vez, ingressariam mais tarde nas associações religiosas, garantindo a fundação de lares católicos por tempo indefinido. O congregado mariano perfeito seria, portanto, aquele que erigisse a realização de tal plano como a
meta de sua vida.
Ora, Plinio não podia deixar de notar que o mencionado projeto, em tese irrepreensível, tinha o inconveniente de extin- guir, em muitos, os mesmos anseios de heroísmo que ele tanto se esforçava por alimentar nos seus irmãos de Congregação. As- sim, apesar de respeitar e louvar aqueles que desejassem rumar para um legítimo e santo matrimônio, não aceitava a imposição desse procedimento como norma instituída e condenava o cos- tume dos bailes católicos com todo o peso de sua rejeição, sendo acompanhado em sua decisão pelos congregados mais ardoro- sos, influentes e ativos.
Tal atitude só podia granjear-lhe a hostilidade do pequeno grupo que advogava a posição contrária, mas, com o passar do tempo, acabou por prevalecer o entusiasmo pela dedicação in- tegral e pelo celibato, suscitado pelo incentivo dos discursos de Plinio, o que obrigou os opositores a permanecer no silêncio ou, em alguns casos, a abandonar a Congregação.
O encontro de duas graças
Com efeito, apesar dos obstáculos levantados pela medio- cridade do ambiente, o fervor religioso que se ateava entre os católicos do Brasil vinha ao encontro do sopro do Espírito Santo na alma de Plinio. O Congresso da Mocidade Católica em 1928

havia sido fruto de um poderoso impeto sobrenatural, o qual pa- recia apontar os mesmos objetivos em cuja direção ele se sentia impulsionado pela graça divina, o que ele atestava: "Eu encon- trei esse élan já lançado, mas noto muito bem que, a esses ou aqueles títulos,

ele vinha com sede de fazer aquilo que a graça me dava o favor de querer e, portanto, me dava a oportunidade de exercer uma enorme ação propulsora sobre ele"

Era o encontro de duas graças: aos olhos dos jovens católi- cos, a figura do novo apóstolo se tornava representativa daquele arroubo místico que todos sentiam, e a palavra dele comunicava extraordinário fascínio ao ideal que os movia.

Por outro lado, configurava-se aos poucos no espírito de Plinio, com muito maior clareza, a ideia da sua própria voca- ção, do papel específico que a ele cabia na grande luta contra o processo revolucionário, ou seja, a condução dos melhores, com vistas a renovar o mundo: "Concebendo em meu espírito a Con- tra-Revolução, ia também percebendo a obrigação de exercer certa missão, de realizar uma obra desejada por Nossa Senhora e incumbida a mim";" "Eu percebia que a graça ia soprando até os últimos rincões do Brasil e que a mim competia permanecer em São Paulo, dando o sabor que o élan devia ter e servindo-me das Congregações Marianas da cidade, as mais fervorosas do País, como de uma tribuna para falar ao Brasil". Orador, guia e censor dos católicos

Sim, ao receber da Providência os benefícios dessa tribu- na, da qual partiam as palavras que apontavam os rumos e indi- cavam as metas, o Brasil católico entrava num período áureo de sua história.

Em pouco tempo, a fama de Plinio enquanto orador havia crescido até o inaudito, e rara era a semana em que ele não fosse convidado para pronunciar discursos ou conferências em cate- drais, paróquias, sedes de associações religiosas, teatros e salões,

90) Idem.

91) Chá, 6/1/1991. 92) Almoço, 5/8/1983.

percorrendo assim várias cidades do Estado de São Paulo e do mo. Nesses locais, inúmeras vezes era recebido e cumprimen- Rio de Janeiro, e levantando por toda parte enorme entusias- além de contar sempre com o apoio do Arcebispo de São Paulo, tado com calorosos elogios pelos próprios Bispo diocesanos,

D. Duarte Leopoldo.

Nomeado representante da AUC junto à Federação Maria- na, organismo diretivo da Mocidade Católica cujas reuniões se realizavam na Cúria Metropolitana de São Paulo, Plinio obteve gados de especial destaque, ampliando o seu raio de ação e atin- também a possibilidade de se relacionar com numerosos congre- gindo, desse modo, a totalidade das Congregações Marianas do Brasil. Pode-se ter ideia do ambiente de tais encontros, duran- te os quais ele fazia sempre uso da palavra em público, por suas próprias expressões, consignadas nas páginas do jornal católico O Legionário: "Realmente não pôde auscultar com segurança o coração mariano de São Paulo, e não mediu ainda todo o impeto de suas pulsações fortes e quentes, quem não conhece o forno de entusiasmo que é uma reunião da Federação Mariana".93

Assim, a força de empuxe de Plinio o fez sobressair-se a ponto de se tornar o líder inconteste dos congregados, como ele próprio o reconheceria mais tarde: "Em pouco tempo, consti- tuiu-se em meu benefício uma chefatura não escrita. Não era um cargo, não era uma função; era um prestígio, uma influência, uma importância, uma liderança aclamada por todos". 94

Prestígio, influência, importância, liderança aclamada... Merecidos pontos de honra que, entretanto, não seriam sufi- cientes para definir a atração exercida por Plinio nos corações católicos, se a tudo isso não se acrescentasse o que, talvez, foi sempre a mais difícil conquista junto às multidões, mas que ele também inspirava largamente: a confiança. A esse respeito, con- taria Dr. Plinio: "Convidado para falar em público, eu sempre criticava e espancava a Revolução, provando que em algum pon- to ela era contra a doutrina católica. Isso formava neles a ideia

93) CORREA DE OLIVEIRA, Plinio. O incêndio de Momo. In: O Legionário. São Paulo. Ano X. N.193 (15 mar., 1936); p.1. 94) Chá, 7/3/1995.

de um censor que denunciava esses pontos como ninguém o fa- zia, o qual merecia confiança absoluta. Donde, então, verem em
mim uma espécie de guia" 95

E qual seria a envergadura das possibilidades de ação e de expansão que se descortinariam para os católicos brasileiros num futuro próximo, se continuassem a se abrir a essa influência de Plinio? Decerto incalculáveis: "Estava aberta uma era nova em que a Igreja teria de lutar e, então, a facies" moral do verda- deiro católico tinha de mudar. E, por essas e aquelas razões, eu personificava para eles o aggiornamento" zeloso e aguerrido de que eles precisavam para se apresentar em público. Ora, como eu me mostrava sempre, graças a Nossa Senhora, ultracatólico, isso ia produzindo neles uma profunda modificação de mentali- dade, a qual poderia chegar a regenerar o Brasil" 98

wwwwwwww
wwwwww

Dr. Plinio (em destaque) na fotografia tirada por ocasião da Páscoa dos intelectuais na sacristia da Igreja dos Terciários Carmelitas em São Paulo, em 30 de maio de 1932

95) Almoço, 9/11/1991.
96) Do latim: face.
97) Do italiano: atualização. 98) Almoço, 9/11/1991.

Mas não seria apenas a partir da tribuna que Pli- nio exerceria sua ação be- néfica sobre as multidões católicas do País. No dia 22 de setembro do ano de 1929 ele escrevia o seu primeiro artigo no mensário O Legio- nário, órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília, do qual havia sido nomeado redator-chefe. Analisaremos em profundidade a proficua ação apostólica e profética que ele exerceu através das páginas deste jornal, mas, como pequena amostra do fogo que impunha numas li- nhas sempre caracterizadas pela linguagem simples e clara, porém elevada e cheia de nobre honestidade, sirva a conclusão do segundo artigo redigi- do por Plinio em sua vida, no qual estigmatizava a atitude mole e covarde de alguns católicos da época, face ao perigo soviético:

O Legionário de 22 de setembro de 1929, no qual foi publicado o primeiro artigo de Plinio

"É indispensável que se saliente que, além de péssimo pa- triota, será infiel à Religião Católica o brasileiro que, direta ou indiretamente, prestar seu apoio à campanha comunista

que se vem desenvolvendo entre nós. Traindo os interesses de sua pátria, cujas portas abre assim aos propagandistas do saque e do morticínio, todo brasileiro que preste seu apoio a qualquer iniciativa concernente à questão social, fora dos princípios da Igreja, ataca seriamente os mais inabaláveis fundamentos da so- ciedade cristã".99

Assim, com toda a força de uma denúncia profética que não admite réplica, os artigos de Plinio fustigariam o mal a cada

99) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. O Vaticano e o Kremlin. In: O Legionário. São Pau- lo. Ano III. N.46 (10 nov., 1929); p.3.

Capítulo 5

Profetismo, glória e calvário

semana, ao longo de quase duas décadas, como poderemos co- nhecer com detalhes mais adiante. Uma roda de amigos em torno de Plinio

É necessário, entretanto, fixar a atenção em um aspec- to do apostolado de Plinio naquela época, ao qual ele próprio dava enorme importância e dedicava o mais seleto de seu tempo, pois sem ele de nada serviriam o jornalismo e a tribuna: a formação dos melhores. O leitor já teve oportunidade de per- correr as sucessivas etapas do imenso plano de regeneração da sociedade, como se apresentavam ao espírito dele na época, das quais a primeira consistia na destilação de uma elite entre os congregados marianos, fervorosa e exemplar por definição, semente e núcleo inicial da futura ordem de cavalaria, objeto de suas esperanças.

Ora, desde os primeiros dias de sua militância católica, Pli- nio havia começado a relacionar-se de modo especial com um ou outro dentre os membros da Congregação Mariana de Santa Cecília, os quais, tendo o espírito mais aberto para os grandes problemas contemporâneos do que a média geral dos seus com- panheiros, manifestavam certa propensão para travar conversas de alto nível sobre assuntos doutrinários. Então, com o passar do tempo, essa roda de cinco ou seis amigos adquiriu o hábito de reunir-se diariamente em torno de Plinio, que os atraía pelo encanto de sua personalidade. Note-se, porém, que tal seleção era por ele praticada com clara intenção e plena consciência de suscitar o bom fermento na massa, elevando assim todos os de- mais congregados marianos, para os quais, aliás, ele jamais recu- sava sua colaboração e sua calorosa amizade.

Local muito bem escolhido

A sede da Congregação Mariana de Santa Cecília estava situada num casarão pertencente à arquidiocese, na Rua Ima- culada Conceição. No pavimento térreo desse prédio encontra- vam-se as três salas onde trabalhava a equipe que elaborava o jornal O Legionário, e no primeiro andar eram realizadas as reu-

niões dos congregados. Já no último piso existia outra sala, com grandes janelas e mobília de categoria supe- rior à do resto da casa, na qual funcionava a bibliote- ca, de cuja sacada podia-se avistar a torre do Santuário do Sagrado Coração de Je- sus com a imagem doura- da do Salvador, iluminada à noite, abrindo os braços sobre uma São Paulo ainda livre de edifícios.

Por ser o mais tran- quilo e confortável da sede, esse foi o local escolhido por Plinio para formar os chamados a constituírem aquele incipiente e minús- culo conjunto de discípulos,

Sede da Congregação Mariana de Santa Cecília, na Rua Imaculada Conceição
com os quais ele se encontraria quase todas as noites, após o jantar, ao longo de anos. Ali se dariam impressionantes episó-
dios de sua história.
As conversas do "Grupo do Plinio"
Por volta das nove horas, quando na sede se encontrava ape- nas o zelador, chegavam Plinio e seus amigos, instalavam-se ato contínuo nas boas poltronas de couro e começavam a conversar.
Como ele formava esses seguidores, pessoas de sua gera- ção? Quais eram os temas levantados? Em geral, tudo se ini- ciava pelos comentários sobre fatos ocorridos no próprio dia, a partir dos quais ele recordava certa doutrina ou algum episódio histórico, atraindo paulatinamente a atenção dos demais para descortinarem as amplas perspectivas da Causa Católica. Pe- netrava no sentido dos grandes documentos pontifícios, como a encíclica Rerum novarum de Leão XIII e outras, mencionava

Profetismo, glória e calvário
os horrores do comunismo na distante Rússia, ajudava-os a des- fazer os mitos favoráveis à Revolução Francesa e, em especial, alertava-os contra a péssima mentalidade difundida pelo cine- ma de Hollywood, então chamada de americanismo. Ao mesmo tempo despertava-lhes o interesse para os assuntos da espiri- tualidade individual, sempre com vistas à fecundidade do apos- tolado, mostrando-lhes o quanto a intensa piedade de algumas almas poderia atear o incêndio do amor de Deus nas multidões.
Entretanto, ele narraria mais tarde que a verdadeira subli- midade e encanto de tais reuniões não consistia propriamente nos assuntos levantados, mas em algo muito superior, que fazia delas "conversas inefáveis".100 Ele via que era possível elevar esses te- mas concretos a altitudes maiores, nos patamares de uma visão religiosa e hierárquica da ordem do universo, e aguçava em seus companheiros o desejo de comentá-los com mais profundidade. Os relatos sobre a Revolução Francesa, por exemplo, eram oca- sião para que Plinio a explicasse como sendo uma imensa parábo- la histórica, contendo em si todas as demais revoluções, tanto as havidas no passado quanto as que ainda deveriam ocorrer, e cujos protagonistas haviam feito, na realidade, uma tentativa de matar aquilo que era eterno. Desse modo abria para eles vastíssimos ho- rizontes, em torno de todas as matérias abordadas.
Assim, a ação desenvolvida por Plinio junto a seus coetâ- neos assumiu características muito peculiares: "Era um intenso 'habitare fratres in unum',101 que dava às conversas uma serena e enlevada animação, tendo em vista um aperçu da vocação, com as notas preponderantes do 'monarquista enquanto ca- tólico',103 da valorização da castidade contra a impureza e do
100) Santo do Dia de Sábado, 19/5/1979.
101) Do latim: "os irmãos viverem juntos bem unidos" (Sl 132, 1). 102) Do francês: visão de conjunto.
103) Admirador convicto da monarquia, não apenas como forma ideal de governo, mas sobretudo enquanto ambiente social propício para o florescimento dos melhores surtos de amor à perfeição na mentalidade dos povos, Dr. Plinio costumava explicar que, nele, tal admiração tinha seu fundamento e motivação no amor à Igreja Católica, mãe e inspi- radora das monarquias que outrora constituíram a família das nações da Europa cristã. Por isso empregava ele com frequência a expressão "monarquista enquanto católico", salientando

assim a indissolúvel aliança que havia, em seu espírito, entre esses dois con- ceitos, e mostrando o quanto o primeiro tinha no segundo sua origem e razão de existir.
261

as
262
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
caráter militante da Igreja, em oposição à 'heresia branca'.104 Is- so comportava a censura global ao mundo de então, bem como a certeza de que este caminhava para uma derrubada, mas que um toque de clarim ainda convocaria restos dos elementos an- teriores, possivelmente muito importantes. O ponto central das matérias tratadas era a Igreja infalível, como fonte de vida espi- ritual e pilastra de toda formação intelectual e moral, e a noção
de Cristandade", 105
A linguagem metafórica por ele utilizada pode dar alguma ideia da atmosfera que se estabelecia naqueles momentos: "As mais altas cogitações formavam em torno dessa conversa como que revoadas de Anjos invisíveis, dos quais se ouvia, de vez em quando, algo do cântico e do bater de asas", 106
Tão entranhado convívio lançava os alicerces de uma insti- tuição que já possuía vida própria e logo passou a ser conhecida
no ambiente católico como o "Grupo do Plinio".
Excepcional carisma de atração pessoal
Nessas reuniões da noite começava a manifestação de um dos numerosos dons concedidos a Plinio: a extraordinária capacidade de comunicação, pela qual conseguia exprimir em palavras as luzes interiores com que a Providência o favorecia. a respeito de todos os temas relacionados com o mundo sobre- natural. Era a graça que a Teologia denomina palavra de sabedo- ria, cuja característica, como todo carisma, consiste em ser dada por Deus a uma pessoa em benefício de terceiros, mas que, de maneira específica, define-se como a aptidão de transmitir aos
104) "Heresia branca" é uma expressão forjada pelo próprio Dr. Plinio para denominar a mentalidade, frequente em certos ambientes católicos a partir do século XVIII, daquelas pessoas que concebem a Religião apenas na escala individual, não considerando o papel da Igreja na sociedade, no Estado e na vida civil em geral. Segundo ele mesmo explica- va, tal atitude procede de um otimismo sistemático, que leva o homem a viver como se o pecado original e o mal não existissem, hipótese cuja formulação constituiria uma ver- dadeira heresia, o que traz como consequência a falta de vigilância e de combatividade em relação aos defeitos morais próprios e alheios.
105) Almoço, 9/7/1985.
106) Santo do Dia de Sábado, 19/5/1979.
Capítulo 5
Profetismo, glória e calvário
outros o sabor dos mistérios da Religião e das coisas divinas em
geral, 107
Sem precisar ins- pirar-se no estudo ou na leitura, servindo-se ape- nas da iluminação do Es- pírito Santo em sua alma, Plinio dominava a arte da conversa na perfeição e encontrava com toda a facilidade os exemplos e metáforas que torna- vam sua exposição aces- sível a

qualquer pessoa. As ideias surgiam em sua mente à maneira de uma fonte de água que jorrasse em abundância
e, ao mesmo tempo, ele irradiava em torno de si tanta simpatia e encanto, que os ouvintes se sen- tiam convencidos.
Sim, a ação que Plinio exercia sobre eles não partia somente de uma didática de altíssimo
As ideias surgiam na mente de Dr. Plinio como um jorro abundante de água límpida, convencendo e arrebatando os ouvintes Erupção do geiser Strokkur - Vale do Haukadalur (Islândia)
107) A palavra de sabedoria é, de fato, um dos carismas ou graças gratis data - dados a alguém em beneficio de outrem-intimamente relacionado com o dom de sabedoria, segundo explica o Pe. Antonio Royo Marín, OP: "Palavra de sabedoria: Entende-se sabedoria aqui por um conhecimento saboroso das coisas eternas, como no dom do Espírito Santo de mesmo nome. Mas ambos se distinguem por ser o dom de sabedoria um gosto sensível das coisas divinas percebido apenas pela alma que o experimenta, enquanto que a sabedoria gratis date (palavra de sabedoria) é a aptidão para comunicar aos demais, pela palavra, esta impressionabilidade sobrenatural, de maneira a instruí-los, deleitá-los e comovê-los profundamente. É a faculdade de explicar aos fiéis a 'sabedoria' da Reli- gião cristã, isto é, os altíssimos mistérios da Trindade, Encarnação, Redenção e predesti- nação, como o próprio São Paulo o fazia" (ROYO MARÍN, OP, Antonio. Teologia de la perfección cristiana. Madrid: BAC, 2006, p.891).

as
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
nível ou de sua incomum capacidade de expressão, nem se pren- dia apenas ao interesse dos temas por ele apresentados. Acima de tais dons, inegáveis, pairava algo a mais: a imensa atrativi- ambientes já bastava para determinar nos presentes uma re- dade que ele próprio causava. Sua simples entrada em certos ceptividade imediata, uma consonância sem obstáculos e uma admiração pessoal. Então, no momento em que começava a falar produzia-se uma verdadeira comoção.
Qualidades naturais? Não. Tratava-se de outro excelente carisma sobrenatural, pelo qual a atuação de Plinio era sempre auxiliada e facilitada por graças místicas de grande intensidade, concedidas a toda e qualquer pessoa que entrasse em contato
com ele, 108
Na brisa da tarde....
"O fervor inicial da vocação foi incomparável. Reuníamo- -nos quase todas as noites 109 e conversávamos com entusiasmo indescritível. Foi um dos mais belos períodos de nossa vida, que poderia lembrar um pouquinho quando Deus descia no Paraíso na brisa da tarde para conversar com Adão enquanto passea- va (cf. Gn 3, 8). Como pálida e respeitosa imagem, pode-se di- zer que a graça baixava ali. Não há inteligência capaz de avaliar aquilo adequadamente!"110
Quais terão sido as bênçãos dessa época áurea, para que Dr. Plinio chegasse a fazer tal comparação ao mencioná-las? Que familiar amizade e interpenetração de almas existia entre ele e os seus felicissimos coetâneos nessas ocasiões? Com quan- tas consolações sensíveis foram eles assistidos naquelas noites, para terem sido objeto de tão extraordinária alegria? Sim, por serem os primeiros chamados, foram dadas aos membros do

108) É de se notar que, de si, as graças gratis data não constituem hábitos sobrenaturais (cf. Idem, p.887), o que torna ainda mais singular e extraordinário o caso de Dr. Plinio, no qual os mencionados carismas se manifestavam de modo perene e ininterrupto. 109) Com exceção dos domingos, dia em que o zelador da sede da Congregação Mariana se retirava mais cedo, fechando a casa e impossibilitando assim conversa de Plinio com
seu Grupo.
110) Palavrinha, 25/7/1994.
Capítulo 5
núcleo primevo espe- ciais graças de discer- nimento e de união, pelas quais reconhe-
ceram nele o varão providencial.
Ainda
que não chegassem a explicitar por inteiro tudo aquilo que viam, tiveram conhecimento dos estupendos caris- mas com que a Provi- dência o havia cumu- lado. No nascedouro da missão pública da- quele que os convoca- ra, receberam eles o privilégio de "passea- rem às tardes" junto ao profetismo.
Profetismo, glória e calvário
As graças do fervor inicial da vocação evocam a lembrança de Deus conversando com Adão no Paraíso Deus conversando com Adão- Catedral de Manresa (Espanha)
De seu lado, com a ajuda do discernimento dos espíritos, Plinio também via as labaredas que o Espírito Santo levantava nas almas deles a propósito de sua palavra, tinha uma noção ain- da mais clara a respeito de seus próprios dons, e sentia-se con- firmado em sua vocação. Muito mais tarde, ao narrar tais acon- tecimentos e ao descrever a ação da graça naqueles primórdios, reconheceria com toda simplicidade o papel que lhe cabia: "Nas reuniões da noite nos embriagávamos de sobrenatural, e tudo se dava em torno de minha pessoa". E, em relação a seus se- guidores, ele possuía igualmente a certeza de ser objeto de um desígnio especial, com vistas ao futuro de sua obra nascente: "Desde o começo, na Rua Imaculada Conceição, eu tinha graça de fundador" 112
A graça da Imaculada Conceição! Eis a expressão forjada por ele mesmo para designar esses tempos de convívio paradi-
111) Conversa de Sábado à Noite, 12/3/1994. 112) Almoço, 6/8/1985.

síaco. Deles, o Autor desta obra recebeu os ecos, ouvindo inú- de tal graça, recolheu dos lábios de Dr. Plinio a seguinte excla- e, sobretudo, em diversas ocasiões, ao mencionar a recordação meras vezes as lembranças comovidas de algumas testemunhas mação, sinal de saudades intensas e profundas: "Não falemos
disso, porque me emociona".
Da admiração à comparação
Ao analisar tal quadra histórica da vida de Dr. Plinio, torna-se evidente que a autoridade de que gozava sobre os membros do seu Grupo inicial vinha do fato de todos notarem nele uma luminosidade sobrenatural única, e por ela se deixa-
rem extasiar e inebriar.

Pelas características normais da natureza humana, quando uma pessoa se encontra perante alguém cujas qualidades o fa- zem sobressair de modo impressionante, o primeiro movimen- to espontâneo sempre é de surpresa, estupefação e
admiração.
Assim foi a reação de seus seguidores, frente a um chefe que os ultrapassava em todos os aspectos: "Ele conversa de forma mara- vilhosa! Como ele conhece tudo isso? Como tem uma visão a res- peito das coisas, tão equilibrada, sensata e cheia de sabedoria?" Tudo havia começado com o encanto.
Todavia, nesse relacionamento instintivo do homem com a superioridade que o deslumbrou, o passo seguinte à admiração, imediato e inevitável, é a comparação. Nesta fase, aquele que constata a sua inferioridade vê abrirem-se dois caminhos diante de si: ou tomará a boa atitude de reconhecer no outro as quali- dades que o elevam acima dele e continuará a admirá-lo, dizen- do "Por ser mais do que eu, ele merece meu elogio, minha con- sideração e meu serviço", ou, pelo contrário, revoltado contra essa superioridade e invejoso de quem parece fazer-lhe sombra, procurará descobrir nele defeitos a fim de humilhá-lo e, se não os encontrar, recorrerá à calúnia destruí-lo. para
Ora, pela debilidade da criatura humana após o pecado original, é muito raro que o resultado da comparação seja o be- lo ato de humildade e veneração para com os bens possuídos
Capítulo 5
por outrem. E, no caso da geração dos companheiros de Plinio, foi a segunda via que prevaleceu: ini- maravilhados,
cialmente
em determinado momento compararam-se com ele. Não se tratava de uma con- frontação social, mas inte- lectual, em relação àquela genialidade que tanto se manifestava. Então, como ele próprio explicou, "co- meçou a crise deles. Esta- vam postos frente a todo o mundo numa situação fora do comum: cinco ou seis reunidos, separados do resto. A minha chefatura era evidente, bem como a situação de inferioridade deles a respeito de minha pessoa".113 E, apesar da honra e da saliência que lhes conferia seu papel de colaboradores íntimos, diante de tanta preemi- nência abafaram em suas almas a admiração.
Dr. Plinio causava imensa atratividade, bastando sua simples entrada num local para determinar nos presentes uma consonância sem obstáculos Dr. Plinio aproximadamente em 1933
113) Conversa de Sábado à Noite, 12/3/1994.

a sua afeição mais calorosa e os principais chamados a contem- Sim, os coetâneos de Plinio, aqueles que haviam recebido plar a grandeza dos dons com que ele fora cumulado, bem co- mo a participar da magnificência de sua missão, recusaram essa sobrenatural banquete, viram as iguarias postas sobre a mesa, visão que a Providência lhes tinha concedido. Convidados a tão começaram a servir-se delas e as degustaram, mas em seguida
fecharam os olhos e as subestimaram.
sentes.
Os horrores da inveja não podiam tardar em fazer-se pre-

Ninguém é profeta em sua própria pátria

Foi o que ocorreu na sinagoga de Nazaré, de modo mui- to característico, quando Nosso Senhor Jesus Cristo nela en- trou para pregar. Era a primeira vez, depois de iniciar a sua vida pública, que Ele retornava à cidade que fora sua pátria duran- te trinta anos, na qual talvez nunca tivesse manifestado a sua
natureza divina, sempre apresentando-Se
como filho de José e
de Maria, e onde possivelmente era tido como pessoa comum. Agora, precedido pela fama de taumaturgo que já se espalhara na região, levanta-Se entre os seus conhecidos e comenta a Es- critura como jamais ninguém o fizera, com tanto brilho e encan- to, que ofusca e suplanta qualquer conceito de pregação que pu- desse existir na mentalidade e nos hábitos daquela assembleia.

Qual foi a primeira reação do público? Admiração. "Mui- tos que o escutavam ficavam admirados" (Mc 6, 2) e exclama- vam, perguntando-se quem O ensinara e onde obtivera Ele tão elevada sabedoria. Mas, em seguida, o entusiasmo deu lugar à comparação que, por sua vez, não tardou em ceder o passo à mais agressiva das invejas: "Este homem não é o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? Suas irmãs não moram aqui conosco?' E ficaram escandaliza- dos por causa d'Ele" (Mc 6, 3). O efeito de tal conduta foi ime- diato: não somente Lhe negaram o amor e O desprezaram, mas expulsaram-No com o intuito de matá-Lo, e teriam cumprido seu perverso desígnio se Ele não Se retirasse dali, em sua divina

Capítulo 5

Profetismo, glória e calvário

goga:

Também o Divino Redentor foi cercado por invejosos, que tentaram lançá-Lo ao abismo para matá-Lo

Fariseus atentam contra Nosso Senhor -
Biblioteca do Mosteiro de Yuso, San Millan de la Cogolla (Espanha)

e serena grandeza, "passando pelo meio deles" (Lc 4, 30). Com quanta razão Ele havia dito ao povo, ainda no interior da sina- "Um profeta só não é estimado em sua própria pátria e em sua família" (Mt 13, 57)! E como é compreensível o fato de que Ele “não fez ali muitos milagres" (Mt 13, 58) e, portanto, não declarou a sua divindade! Era a consequência e o resultado final da inveja: a retração da graça e o eclipse do esplendor da verdade.

Algo semelhante aconteceu em São Paulo nos primórdios da década de 1930, na sede da Congregação Mariana de Santa Cecília.

Inveja da graça fraterna, cegueira e rejeição

Certo dia, Plinio percebeu de repente que um dos seus amigos, enquanto o olhava, cedia à tentação e consentia num

tremendo ato de inveja em relação a ele. E logo notou que não pelos demais membros do Grupo. O pecado era coletivo e de se tratava de um caso individual, mas de uma atitude participada aos favores concedidos a ele por Deus e, portanto, à graça fra- gravidade extrema pois, no fundo, aquela inveja dizia respeito to, os quais tornam o pecador especialmente propício à pos- terna, o que caracteriza um dos pecados contra o Espirito San-

sessão diabólica, s
Iniciou-se então entre todos eles um movimento de incom- preensão e de grande mal-estar, cegando-se cada vez mais para os aspectos sobrenaturais da pessoa que tanto haviam admirado. configuravam o começo de uma imensa decadência, pois a inve- Ele, entretanto, via com clareza que tais disposições interiores ja parecia profunda e irreversível. Não suspeitava ate que ponto
chegaria, em breve, o desenrolar desse triste processo.
Pergunta inesperada e ódio de morte
Numa noite de calor, encontrava-se Plinio com os parti- cipantes habituais de suas reuniões, no andar superior da sede da Congregação. Em determinado momento, porém, a fim de respirar o ar fresco e olhar o panorama, decidiram passar para o terraço e ali continuaram a conversar. Estava ele apoiado no parapeito de ferro, discorrendo sobre assuntos do ideal que os movia e ouvido por todos com muita atenção, quando um den- tre eles aproximou-se e disse-lhe em voz baixa:
Plinio, sabe qual é a tentação que eu tive agora, em re- lação a você?
- Não, não sei.
Senti uma vontade enorme de lhe agarrar pelos braços à força, empurrá-lo da sacada e jogá-lo daqui para o chão, lá embaixo. Você já pensou o que aconteceria? Qual o efeito que isso produziria nessa gente que lhe ouve falar?
Capitulo 5
Profetismo, glória e calvário
Plinio surpreendeu-se ao ouvir tais palavras, das quais sempre se lembraria: "No período em que a vocação estava sen- do implantada, de repente, um dentre os que estão convidados faz uma pergunta assim... Como explicar isso?" Mas logo pen- sou: "Pode ser uma extravagância. Preciso ver isso com cuidado e bondade, e fazer beneficios a ele para ver se endireito a sua alma. Continuaremos a caminhar",
E, até o fim de sua vida, ele nunca chegaria a revelar de público o nome de quem lhe fez essa interrogação inaudita, to- mado por uma inveja tão colossal que já suscitara um ódio de morte. Ao narrar o ocorrido, ele apenas explicaria tratar-se de alguém "chamado pela vocação a fazer uma longa caminhada ao meu lado, e que se punha como muito meu amigo",
A História também não menciona os nomes daqueles com- patriotas de Jesus que O levaram "até o alto do monte sobre o qual estava construída a sua cidade, e queriam precipitá-Lo dali abaixo" (Lc 4, 29). Para exemplificar até o fim dos tempos, de modo concreto, os horrores resultantes do pecado daqueles que invejam a graça fraterna, basta a figura de Caim.
Fenômeno místico extraordinário
Nesse mesmo período, a inveja dos que circundavam Plinio teve ainda outras consequências, agora de ordem puramente so- brenatural, ocasionando um misterioso episódio de que ele ja- mais se esqueceria.
Corria o ano de 1930. Mais uma vez estava ele no salão do piso superior, na casa da Rua Imaculada Conceição, senta- do numa das poltronas frente à janela, de onde se via à distân- cia a imagem do Sagrado Coração de Jesus, e conversava com o pequeno grupo de seus amigos. De repente, enquanto fazia uso da palavra, houve um fenômeno que ele instintivamente relacio- nou com o panorama que se descortinava diante de seus olhos:
"Deu-me certa ideia de que isso tinha relação com o Sagrado
116) Palavrinha, 25/7/1994.
117) Idem.

118) Conversa de Sábado à Noite, 6/3/1993.
270
114) Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.14, a.2-3; q.36, a.4, ad 2. 115) Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.320.
271

Parte II
Juventude: a sabedoria posta à prova
Vista panorâmica das proximidades da sede da Congregação Mariana, em fins da década de 1920. Ao fundo, vê-se a torre do Santuário do Sagrado Coração de Jesus Coração de Jesus, cuja torre era visível do lugar onde eu esta-
va", 119
Naquele momento, como se contemplasse uma cena, Plinio sentiu que alguém entrava na sala sem ser visto pelos outros que ali se encontravam, aproximava-se dele, começava a agir no seu interior, pondo as mãos dentro de sua cabeça, e lhe retirava da mente ou do cérebro algo como se fossem dois bastonetes. Depois guardava esses objetos numa pequena caixa de aspecto externo comum forrada por dentro com veludo de cor azul-marinho ou li- lás profundo, que fechava e levava consigo. "Tive a impressão de algo que obedecia a um motivo muito arcano, em cuja natureza estava o não me ser dado conhecer. Era como se uma tampa fosse aberta e tirassem dois bastonetes de dentro, por uma mão invisível e misteriosa que podia tudo, sabia tudo, à qual ninguém negava nada, e que eu conheci ser a mão de Deus" 12
272
119) Almoço, 4/11/1985.
120) Almoço, 4/7/1985.
Capitulo 5
uma
Profetiamo, glória e calcário
aparição? Uma revelação? "Pode ter sido um Anjo" ex- De que modo Plinio viu ou percebeu aquele lance? Foi plicava ele, e acrescentava: "Tenho certeza de que isso não foi imaginação", 122 No entanto, apesar de não se possuir todos os elementos para dar uma resposta cabal a tais perguntas, pode-se sem hesitação sustentar que se tratou de um fenômeno místico Com efeito, embora ele afirmasse nunca ter sido obje-
extraordinário.
to de revelações
ou aparições, houve ao longo da existência de
Dr. Plinio mais acontecimentos de ordem mística do que pode- riam imaginar aqueles que o conheciam, e, sobretudo, muito mais numerosos e abundantes do que ele próprio relatava ou deixava transparecer. Em várias ocasiões confidenciou ele ao Autor desta obra haver discernido claramente a ação angéli- ca ou diabólica nestas ou naquelas circunstâncias e, inclusive, contou-lhe diversos e impressionantes episódios em que Anjos ou demônios se lhe tornaram visíveis.
Portanto, é muito provável que ele tenha de fato visto o ato material da aproximação de um Anjo e a retirada daqueles
objetos da sua cabeça.123
Figura simbólica e carisma retirado
Como seriam os dois bastonetes? Com que aparência fo- ram apresentados a Plinio? Eram reluzentes, vítreos, semelhantes a pedras preciosas? Não o sabemos, pois ele não levou

a narração até esses pormeno- res, mas por ele conhecemos, sim, o que representavam enquanto símbolo e figu- ra mística: na realidade, significavam os dons
121) Almoço, 4/11/1985. 122) Jantar, 10/4/1987. 123) Sobre fenômenos místicos dessa natureza, ver ROYO MARÍN, op. cit., p.909-910.

concedido, para falar aos seus seguidores com pulcritude e en- carismáticos de comunicabilidade que a Providencia lhe tinha natários imediatos estavam ali". 124 E por que eram dois? Já que canto. "Algo que era destinado, portanto, a outrem. E os desti- se tratava de simbolizar os dons retirados, não bastava apenas cido. Então, era conveniente mostrar também o sinal da multi- um, pois daria talvez a ideia de um carisma limitado e empobre- plicidade e da exuberância.
Contudo, as mais minuciosas descrições de Dr. Plinio a respeito de tão singular acontecimento se referiam aos motivos pelos quais a Providência assim agira, apesar de ele mesmo de- clarar que não conseguira descobrir, em sua indagação ao longo de anos, todas as explicações do ocorrido: "Há tanto mistério nisso, que eu não sei se algum dia conhecerei a razão. Talvez no Céu, se até lá me levar Nossa Senhora".125 Mas a verdade é misterioso fenômeno e a péssima atitude dos membros de seu que ele, em seguida, percebeu a relação existente entre aquele Grupo. Entendeu que os atos de oposição a ele haviam sido praticados de forma tão profunda que trouxeram como terrível consequência o castigo de Deus, determinando a ausência da- queles carismas que tanto brilhavam e fazendo, portanto, com que diminuíssem nele a facilidade de comunicação, o esplendor da expressão e a capacidade de mover as almas. Essa era a razão
imediata da retirada dos bastonetes.
É evidente que Plinio sofreu grande trauma com o suce- dido, mas ele se recriminaria muito mais dolorosamente se sus- peitasse haver em si alguma culpa por tão triste situação. En- tretanto, na própria ação da retirada dos bastonetes algo o fez entender que a sua consciência podia permanecer na plena sere- nidade e, inclusive, deu-lhe a certeza de que esses dons perdidos lhe seriam restituídos um dia. Parecia-lhe que a mesma pessoa que havia posto as mãos em sua mente também lhe dava com afabilidade uma explicação tranquilizadora: "Não se incomode, porque isso para você não é castigo. Continue sua vida, e tudo
124) Almoço, 4/11/1985. 125) Idem.

voltará depois". E ainda mais sensível, embora sóbria e mode- rada, foi a despedida de quem assim falava em seu espírito: "Ti- ve a impressão de que a pessoa, dona dessas mãos, me dava um ósculo na mente para me afagar, mas sem que eu sentisse muito carinho, pois ela deixava o resto falar por si" 27
Além do mais, via com toda a clareza que o principal res- ponsável por aquela determinação da Providência era alguém que, por vocação, deveria exercer um especial papel no aposto- lado, mas que, levado pela inveja, havia rompido em seu interior a amizade com ele e, agora, tornava-se culpado pela privação que os demais sofreriam: "Deve ter sido a recusa de alguma alma muito chamada, que possuía uma espécie de liderança pa-
ra levar os outros a mim", 128
Os lábios selados e a bênção perdida

E qual foi o efeito imediato dessa retirada e dessa ausên- cia? No que diz respeito aos seus dons interiores de profetismo, discernimento dos espíritos e elevada compreensão das coisas, Plinio se via assistido da mesma forma que sempre o fora. No entanto, algo mudou na sua capacidade de comunicação com os outros, a partir daquele momento.
Da noite para o dia, ele passou a sentir certa dificuldade em expor o seu pensamento como até então o fizera. O raciocí- nio continuava muito claro, mas, ao transmiti-lo, percebia que suas palavras não repercutiam como antes, pois tinha diminuído nele o brilho da expressão. Já não conseguia manifestar em tão alto grau a beleza e a sublimidade dos assuntos de que tratava, faltar uma parcela daquele dom, através do qual costumava por arrebatar as almas com toda a facilidade, utilizando uma lingua- gem pulcra, grandiosa e empolgante. Os seus carismas pareciam agora menos penetrantes, não apenas em relação ao seu Grupo, mas também às pessoas em ge- ral: "Era uma espécie de incapacidade, como se alguém selasse
126) Idem.
127) Almoço, 4/7/1985. 128) Hipoteca, 25/10/1987.

lar continuaram presentes em meu espírito, mas se criou uma meus lábios. Metáforas, comparações e ideias, de modo singu- impossibilidade psicológica interna minha, que o sei definir, de levar tudo isso ao conhecimento deles, come que à espera de tempos futuros em que eles, ou outros que viessem, tivessem
condições de ouvir aquilo"."
129
fenômeno dos bastonetes o entusiasmo de todos eles já era me- Com efeito, na mesma noite em que se deu o misterioso Mariana de Santa Cecília não passavam de pálida imagem da- nor. E, logo depois, as reuniões na biblioteca da Congregação quilo que tinham sido na época anterior. Segundo a narração de Dr. Plinio, era "a diferença que vai entre o perfume da rosa ina- lado nela e sentido simplesmente no vaso em que ela esteve" 130 Haviam desaparecido os esplendores e as bênçãos de outrora.
Da parte dele, a conversa ainda atendia com largueza às necessidades espirituais da vocação de cada um dos participan- tes, os quais, por sua vez, sem nada perceber do acontecido, sen- tiram, entretanto, aquela diminuição de clave nas manifestações de Plinio e a ela se adaptaram com alívio. Iniciava-se para eles uma nova fase no relacionamento com aquele que já não admi-
ravam mais.
Inicio de um martirio em vida
Sim, de forma inevitável a inveja tinha de trazer consigo o ódio, a rejeição e a revolta. Começou então a perseguição inter- na do Grupo contra seu chefe, no esforço instintivo e constante de humilhá-lo e desprezá-lo, procurando seus defeitos, rebai- xando suas palavras e ações até o nível que toleravam e, assim, criando a respeito dele uma imagem toda humana e trivial, ao mesmo tempo que abafavam qualquer expressão de entusiasmo da parte dos congregados marianos mais jovens, que se aproxi- mavam de Plinio com encanto.
Ora, uma vez que a reação produzida nos outros constitui elemento indispensável para auxiliar cada pessoa no conheci-

129) Idem.
130) Almoço, 9/7/1985.
Se o Divino Mestre foi entregue à morte por inveja, não é de se estranhar que Dr. Plinio O seguisse também nessa via
Nosso Senhor sai do Pretorio, por Gustave Doré- Museu de Arte Moderna e Contemporánea de Strasbourg (França)
mento de si mesma, e dado que Plinio ainda não possuía uma noção clara e exata sobre a elevadíssima altura de sua própria personalidade, iniciava-se também para ele um período de dú- vida e perplexidade em relação à sua missão, bem como à sua correspondência aos benefícios recebidos de Deus. Tremenda prova para quem se sentia chamado a uma via de sublimidade heroica, ao sol das mais grandiosas epopeias.
Assim, aos vinte e dois anos de idade, Plinio Corrêa de Oliveira começava a ascensão de seu novo calvário, sofrendo um verdadeiro martírio em vida, para ele muito mais cruel do que poderia ter sido a morte gloriosa na arena, por ódio de inimi- gos à sua Fé. Podemos nos perguntar, aliás, se a retirada desses carismas simbolizados pelos bastonetes não foi promovida pela Providência a fim de preservar a existência dele e evitar que o ódio causado pela inveja o levasse de fato ao martirio, impedin- do-o de desenvolver seus planos, fundar sua obra e cumprir sua

6333338

vocação. O episódio ocorrido na sacada não parece confirmar tal suposição? E se nele brilhava com tanto fulgor o lumen Ch- risti, o que haveria para estranhar se seguisse as vias d'Aquele
que foi "entregue por inveja" (Mt 27, 18)?
Plinio continuou seu apostolado, agora com muito maior dons que a Providência dele retirara, e sempre à espera do mo- esforço e sacrifício, apoiado sobretudo na recordação daqueles mento em que os Anjos lhe trouxessem de volta os bastonetes.
Pergunta inevitável
A ponto de concluir a narração da presente quadra histó- rica da vida de Dr. Plinio, maravilhosa e trágica ao mesmo tem- po, o Autor volta sua memória enlevada para aquelas quatro décadas em que recebeu o privilégio incalculável de conviver na intimidade do varão recordado nestas páginas, admirando sua grandeza e deixando-se deslumbrar pela manifestação multifor-
me de seus dons sobrenaturais.
E havendo-o conhecido, entretanto, já privado desses dons representados pelos bastonetes, dirige-se reverente àque- las mãos, angélicas ou divinas, que da cabeça dele os retiraram e formula a pergunta inevitável: "Se a presença dele tanto me cativava, se as palavras dele de tal modo me arrebatavam, se na face dele tão sublimes reflexos do mundo sobrenatural eu con- templava, o que seria ele, então, adornado e enriquecido por ca- rismas e encantos ainda maiores?" +
AS
A presença dele cativava, as palavras dele arrebatavam, e em sua face se podiam contemplar sublimes reflexos do mundo sobrenatural Dr. Plinio em meados de 1932

as
CAPÍTULO 6
A LUZ BRILHA NAS TREVAS
erta manhã, no tempo em que Plinio era ainda menino, encontrava-se ele no quarto de sua avó quando a go-
2 vernanta da criadagem veio avisar estarem à porta dois irmãos leigos cistercienses, oferecendo livros religiosos. Ela já trazia em mãos um dos exemplares à venda, com a caridosa in- tenção de incentivar a patroa e, assim, contribuir com os pobres missionários que batiam de casa em casa. Da. Gabriela, sempre cuidadosa e prudente nas finanças, hesitou um tanto e mandou ler o nome da obra, ordem que a piedosa doméstica executou sem nada entender, mas conseguindo, afinal, com discreta insis- tência, que sua senhora se resolvesse a ajudar aqueles homens que nunca veria, e comprasse deles um livro que jamais iria ler.
Dr. Plinio
em fins de 1933
Comunidade do Mosteiro trapista da Bem-Aventurada Maria, Maris Stella, em Taubaté, nas primeiras décadas do século XX
281

as
282
Juventude: a sabedoria posta à prova
DOM J. B. CHAUTARD
L'Ame de Tout Apostolat
OUVRAGE HONOU
d'un Autographe
de BENOIT XV
et commande par PIX probrio Cenas e Exques
Aux Potrags. RELIBIU, PERSONNE CURES
SEPTIEME EDITION, lender, age
7. Joos, landins PEx V, brain Low 1817
A obra de D. Chautard foi uma das bases
da espiritualidade de Dr. Plinio Edição do livro L'âme de tout apostolat, do ano de 1917
Parte II
Observador tranquilo, o neto presenciou a entrega dos dez mil-réis à criada e ouviu o título do livrinho, pronunciado no francês duvidoso da boa Sia Maria: L'âme de tout apostolat! E quando ele viu a obra, tão simples que nem encadernada estava, ser guardada na estante particular da matriarca, não po-
dia imaginar o
importantíssimo papel que desempenharia em
sua história.
Um marco na vida espiritual
No início da década de 1930, mais de dois anos após seu ingresso nas Congregações Marianas, Dr. Plinio havia feito grandes progressos na vida es- piritual. A quebra do respeito humano, a renúncia às amiza- des mundanas e o abandono de diversos aspectos da vida social eram para ele batalhas definitivamente vencidas, e o hábito de enfrentar difíceis provações e lutas dolorosas fazia parte de sua rotina. Entretanto, perguntava-se quais

passos sua vocação agora lhe exigiria, e como poderia aumentar seu fervor nas vias da entrega a Deus e à Santa Igreja. De modo específico, inter- rogava-se sobre a fecundidade de seu apostolado na Mocidade Católica, cujo desenvolvimento, apesar da inegável expansão em que se encontrava, não lhe parecia responder às necessida- des do tempo, nem contrabalançar a enorme decadência moral da sociedade.

Assim refletindo, decidiu explorar a pequena biblioteca de sua avó, à procura de alguma obra cuja leitura o ajudasse a des- cortinar novos horizontes no panorama da vida sobrenatural. Ao

1) A alma de todo apostolado, em sua tradução ao português.

Capítulo 6

abrir as portas da estante seu olhar caiu sobre aquele livro, que até esse momento ali permane- cera sem ninguém o retirar, e logo o escolheu, levado por seu especial apreço à língua francesa, bem como pela atração que lhe causavam o título e o autor, do qual jamais ouvira falar, mas cujo nome lhe parecia car- regado de belas resso- nâncias: D. Jean-Baptiste Chautard, trappiste, abbé de Sept-Fons.2

A luz brilha nas trevas

O efeito da leitura foi imediato: "Comecei a ler e percebi que um céu se abria para mim!" E per- correu as páginas de L'âme de tout apostolat com ver- dadeira comoção, entendendo haver encontrado uma das obras que constituiriam doravante a base de sua espiritualidade.

D. Jean-Baptiste Chautard abade de Sept-Fons e autor do livro L'âme de tout apostolat

Sobretudo encantou-o a tese defendida pelo grande mon- ge, segundo a qual todo apostolado depende da vida interior, que é a alma, a substância e a causa da eficácia na ação. Com- preendeu também o quanto o apóstolo tem a obrigação de re- zar, pois é só através da oração, acima de qualquer atividade, que ele alcançará a união com Deus, produzirá bons resultados e terá forças para praticar a virtude com heroísmo, sem a menor sombra de concessão às más inclinações deixadas pelo pecado original.

2) Jean-Baptiste Chautard (1858-1935), trapista, abade de Sept-Fons, autor de várias obras, dentre as quais o célebre livro L'âme de tout apostolat, redigido durante uma viagem ao Brasil e que se tornou o livro de cabeceira do Papa São Pio X.

3) Reunião, 11/3/1994.

as

Ademais, foi a partir de tal leitura que Dr. Plinio fixou em sua rotina certos hábitos de devoção e recolhinnto que obser- varia até o fim de seus dias: "No livro de D.autard, as ver- dades sobre o papel da oração e da vida inter prevalecendo sobre as obras vinham expostas de modo magnit co! Era Teolo- gia da melhor, mas muito acessível a um jovem daquela idade, e reforçou em mim a tendência e a preocupação pela oração. Foi então que comecei a comungar e a rezar o Rosário diariamente,
desenvolvendo assim a minha piedade".4

A inutilidade da lógica sem a graça

Não menos importante para seu progresso no caminho da virtude foi o enriquecimento de suas convicções sobre a ló- gica, que tanta influência exercera na formação de seu intelec- to e de sua própria personalidade. Já nos tempos da adoles- cência ele tinha adquirido o pressuposto de considerar a lógica como potência irresistível no relacionamento humano,

capaz de rechaçar todas as objeções e debelar todas as obstinações, não apenas por sempre conduzir a conclusões certas, mas tam- bém por constituir a via segura para a aceitação da doutrina católica. Agora, porém, aprendia de D. Chautard que essa ló- gica, na ordem sobrenatural, não obtém vitória alguma sobre o entendimento sem o concurso da graça. Pela primeira vez sua atenção era chamada para o conteúdo e o significado do ter- mo graça, com a explicação que a Teologia oferece acerca da participação do homem na natureza divina e da necessidade absoluta do auxílio de Deus para todo sucesso nos campos da vida espiritual e do apostolado. E pensava: "O que é a graça? Então, minha tão bem-amada lógica não vence tudo? Não. Es- tou vendo que a Igreja de fato ensina o que diz esse trapista e, se ela o afirma, é a verdade!"

Por coincidência ou de modo providencial, ao mesmo tempo começou ele a verificar a inutilidade e o fracasso da ló- gica em circunstâncias nas quais era preciso convencer alguém a

4) Palavrinha, 22/8/1981.

5) Conversa de Sábado à Noite, 2/1/1982.

praticar determinado sacrifício ou dar um passo na vida espi- ritual: a negativa era imediata, apesar de todos os argumentos demonstrações.

e

Pelo contrário, em outras situações as almas se moviam para

o bem sem aparente moti- vo racional, ultrapassando barreiras interiores que ele

A graça não é contrária à lógica,

mas está acima dela como as gotas de orvalho sobre as plantas

antes tentara em vão demover. E concluía: "É o tal 'fator graça que entra, decide e dispõe das almas, sem nunca contrariar a lógica, mas permanecendo acima dela como gota de orvalho so-

bre uma folha. Ó graça!"

A verdadeira humildade

Outro aspecto de enorme importância nas determinações tomadas por Dr. Plinio com a leitura de A alma de todo apostola- do, foi a descoberta da humildade, matéria na qual sua luta seria árdua, em parte pela deformação no modo de entender a práti- ca de tal virtude naqueles tempos. Recordava ele: "D. Chautard punha, como condição para a santidade uma virtude em relação

6) Idem. Talvez o trecho a seguir, extraído da famosa obra do abade de Sept-Fons, seja um dos mais expressivos princípios dentre aqueles que tanta impressão causaram na alma de Dr. Plinio: "Meus esforços por si sós nada são, absolutamente nada: Sine me nihil potestis facere (Jo 15, 5). Eles não serão úteis nem abençoados por Deus, a não ser que eu os una constantemente à ação vivificante de Jesus mediante uma verdadeira vida interior. Então se tornarão onipotentes: Omnia possum in eo qui me confortat (FI 4, 13). Se tivessem sua origem numa capacidade orgulhosa, na confiança nos meus talentos, no desejo de bons êxitos, seriam rejeitados por Deus, porquanto não seria acaso sacrilega loucura da minha parte querer roubar a Deus, atribuindo a mim mesmo algo de sua glória? Longe de gerar em mim a pusilanimidade, essa convicção será minha força. E como ela me fará sentir a necessidade da oração para obter essa humil- dade, tesouro para minha alma, segurança do auxílio de Deus e penhor de bom êxito para minhas obras!" (CHAUTARD, Jean-Baptiste. L'âme de tout apostolat. 15.ed. Pa- ris-Lyon: Tequi; Vitte, 1939, p.21).

Eu sabia ser ela uma virtude cristã e lia no Evangelho que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha sido infinitamente humilde, mas ocor- à qual eu tinha uma incompreensão muito grande: a humildade? ria que as pessoas apresentadas na época como humildes eram caricaturas da humildade". 8

ele deveria eliminar esse primeiro obstáculo, imposto pela pie- De fato, para a conquista da humildade em sua plenitude dade adocicada reinante em certos ambientes católicos, segundo a qual o varão humilde era, por excelência, aquele que se apaga- ou de combatividade contra quem quer que fosse. No entanto, va, se escondia e se calava, evitando qualquer atitude de ufania a própria obra do abade de Sept-Fons lhe oferecia a fórmula ideal para a solução de tal problema. Dr. Plinio a entendeu de imediato e muitas vezes a repetiria ao longo de sua vida, para a te a virtude pela qual não procuramos atribuir a nós aquilo que formação de seus seguidores: "A humildade é fundamentalmen- pertence a Deus. Portanto, se convertemos alguém devemos en- tender que foi Deus, presente em nós, quem o fez"9

E Dr. Plinio compreendeu igualmente o quanto a humil- dade exigia dele o gosto em obedecer, com toda a submissão, àqueles que gozassem do direito de lhe dar ordens, ensinamento que também transmitiria no futuro aos seus discípulos, sempre acrescentando, porém, a observação indispensável, feita contra-arrestar a mentalidade que mais tarde ele chamaria de "heresia branca": "O católico não pode ser humilde sujeitan- do-se às imposições do vício e do crime, nem permitindo que o

para

7) Foi provavelmente a seguinte passagem da obra de D. Jean-Baptiste Chautard que cha- mou a atenção de Dr. Plinio: "Elevado pelo Criador à dignidade de cooperador, o após- tolo há de tornar-se um agente de operações sobrenaturais, mas com a condição de que só Jesus apareça. Quanto mais ele souber eclipsar suas características pessoais, tanto mais Jesus procurará Se manifestar. Sem esta impersonalidade, fruto da vida interior, o apóstolo debalde plantará e regará; nada fará germinar. A verdadeira humildade tem en- cantos especiais de que o próprio Jesus é a fonte. Ela respira o divino. Ao zelo que leva o homem de obras a abater-se para que só Jesus pareça operar: Illum oportet crescere, me autem minui (Jo 3, 30), corresponde da parte de Nosso Senhor o dom que ele concede a seu ministro de conquistar os corações sempre mais. Assim é que a humildade se torna um dos maiores meios de ação sobre as almas" (CHAUTARD, op. cit., p.131-132). 8) Santo do Dia de Sábado, 15/4/1989.

9) Idem.

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

adversário insolente da Igreja o injurie e insul-

te a própria Igreja, sem ter um surto de indig- nação" 10

Quais foram, en- tretanto, as demais difi- culdades interiores en- contradas por Dr. Pli- nio na prática dessa vir- tude, a qual com tanta clareza se apresentava

Quem é verdadeiramente humilde enche-se de indignação contra os que injuriam e insultam a Deus

Matatias tomado de santa cólera,

gravura por Gustave Doré

a seus olhos nas pági- nas de um livro admi- rável?

Os perigos da superioridade

Em primeiro lu- gar, Dr. Plinio percebia com nitidez a elevação dos dotes naturais com que a Providência o ha-
via favorecido. Sua inteligência o situava bem acima de todos aqueles com quem tratava, e abria diante dele, em qualquer am- biente onde se encontrasse, possibilidades quase ilimitadas de ascensão. Seu dom de brilhante oratória, por exemplo, causa de tanto sucesso e objeto de entusiasmo da parte de inúmeros au- ditórios, assim como sua facilidade em entreter uma conversa atraente, qualidade também muito apreciada por quantos o es-
cutavam, eram predicados próprios a lhe causar enorme satisfa- ção. Do mesmo modo, ele tinha presente sua categoria social e as estirpes familiares das quais provinha, adornadas por figuras de grande realce no mundo parlamentar, e sentia como esses va- lores o dignificavam.

10) Idem.

287

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte II

dade era acrescida pelas virtudes sobrenaturais e pelos dons do Por outro lado, ele se dava conta de quante sua personali- Espírito Santo, notadamente a inocência, sobre qual afirmou: "Ela multiplicava minha inteligência pela inteligencia, o que eu
prezava pelo enobrecimento que isso trazia", 11

Ora, embora soubesse que o comprazimento com tanta su- perioridade não continha em si o orgulho, Dr. Plinio discernia a si mesmo, em detrimento do amor a Deus, e a propensão de bem a possibilidade de vir a despertar nele um amor exagerado mediável de inferiores. "Essas paixões existiam e havia o perigo desprezar os outros ou deles tirar partido pela sua condição irre- de elas se entrelaçarem no meu ideal, fazendo da Contra-Re- volução uma meta para a vaidade e para o orgulho. Quem me preservou disso foi D. Chautard",12 declararia.

O grande propósito da despretensão

Sim, mais uma vez, a argumentação inexorável do trapista lhe oferecia um conselho perfeito: o orgulhoso, aquele que atua para projetar-se na consideração dos outros e não por amor a Deus, fará um apostolado inútil e colherá frutos podres, mesmo se for o mais inteligente dos homens. Dr. Plinio descobria no- vos horizontes para sua vida espiritual: "Eu compreendi que, ao contrário do que supunha, a força decisiva da vitória não consis tia nos dotes pessoais, como a facilidade de falar, a amabilidade e outros. Era preciso amar a Deus e o ideal, ser desprendido, sobressair, receber tão bem os elogios quanto os in- querer sultos, ser indiferente à atitude dos outros para comigo e ver os meus defeitos com toda a perspicácia. Ser humilde, portanto!"13 E já formulava conclusões implacáveis, às quais seria fiel por to- da a vida: "O apostolado desenvolvido pelo homem desejoso de prestígio é vão. Ele poderá ter talentos naturais minguados, mé- dios ou abundantes. Pouco importa! Deus o aborrece! A graça
não

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

alti

Tal como o sacrifício de Caim, os frutos que o orgulhoso colhe no apostolado
são podres, e, por isso, rejeitados por Deus

O sacrifício de Caim e Abel - Igreja de Santa Maria Madalena, Troyes (França) não se transmite através das ações ou das palavras dele, e é in- fértil como a figueira maldita do Evangelho" 14

Nesse sentido, muitas meditações lhe inspirou a referência da Escritura ao "bronze que soa" (I Cor 13, 1), mencionada por D. Chautard's em relação à esterilidade dos apóstolos que se de- dicam às boas obras sem se apoiarem na graça divina. E ele dizia para si mesmo: "Não adianta nada fazer discursos ou escrever artigos se a graça não fecundar o que você disser! Será ineficaz como o bronze que soa" 16

14) Santo do Dia de Sábado, 4/10/1980. 15) Este é, sem dúvida, o trecho do livro de D. Chautard a que Dr. Plinio se refere: "Per- tenço eu verdadeiramente ao número daqueles que contam com sua meditação, com sua visita ao Santíssimo Sacramento, e sobretudo com sua Missa e com sua Comunhão, para dar à eloquência seu poder de ação? Do contrário, eu posso ser um barulhento cymba- lum tinniens, posso ressoar solenemente como o bronze, velut ces sonans, mas não sou o canal do amor, desse amor que torna irresistível a eloquência dos amigos de Deus" (CHAUTARD, op. cit., p.147-148).

16) Santo do Dia de Sábado, 24/9/1983.

11) Conversa de Sábado à Noite, 22/1/1983.

12) MNF, 26/12/1994.

13) Santo do Dia de Sábado, 13/10/1984.

Convencido da importância da humildade,
Dr. Plinio firmou o propósito de evitar qualquer concessão em matéria de vaidade ou de amor-próprio, ao qual foi fiel até o fim da vida

Dr. Plinio no dia da sagração episcopal de D. Vicente Maria Priante, SDB, no Liceu Coração de Jesus, em julho de 1933

Assim, plenamente convencido a respeito do papel da des- pretensão enquanto fator principal no apostolado, como tam- bém do aspecto secundário das qualidades humanas que ele pu- desse empregar, Dr. Plinio concluiu a leitura. E firmou o propó- sito, simples mas carregado de grandes consequências, que nor- tearia doravante sua vida interior: "Eu me lembro de ler aquilo e dizer: 'Bem, é isto: ou renuncio a qualquer resquício de orgulho ou serei um palhaço"'." E desse modo empreendeu o seu com-

17) Conversa de Sábado à Noite, 22/1/1983.

Capítulo 6

bate contra o
A luz brilha nas trevas
o orgulho, obrigando-se para sempre a evitar, inclu-
sive, pequenas concessões furtivas em matéria de vaidade ou de amor-próprio, determinação à qual ele seria tão fiel ao longo de
O
surpreendeu
toda a sua vida, que nenhum daqueles que o conheceram jamais humildade, por ele conquistada à força, com o auxílio da graça. Santidade: deliberação para toda a vida no mais insignificante ato que pudesse ferir essa

Ao mesmo tempo, e de forma muito mais explicita e con- clusiva do que antes o fizera, Dr. Plinio decidiu abraçar com to- da a força as vias da santificação. Tal determinação, segundo ele
explica,
a tomou quando se tornaram claras em seu espirito as
teses de D. Chautard sobre a fecundidade do apostolado: já que a graça de Deus atuará nas almas por meio do apóstolo com tan- to maior eficácia quanto mais ele se encontrar pervadido pela vida sobrenatural, então, a fim de que essa graça possa transbor- dar em benefício dos demais, não basta permanecer na correção da virtude, mas é preciso possuí-la em superabundância. Logo, se ele desejava realizar em prol da Causa Católica aquela gran- de renovação da face da terra, para o que sabia ser chamado, por especial desígnio de Nossa Senhora, a santidade era a única opção possível e aceitável: "Com a leitura de D. Chautard nas- ceu em minha alma a ideia de que eu só poderia realizar essa obra tornando-me santo. Portanto, eu precisava ao menos fazer o que estivesse ao meu alcance para sair do estado comum e santificar-me", 18

Porém, o leitor atento já terá notado, em inúmeras passa- gens da presente narração, o quanto a vida espiritual de Dr. Pli- nio, desde a mais tenra infância, distava de ser banal e corrente. A partir do momento em que os primeiros lampejos do uso da razão se manifestaram nele, o impulso de sua inocência o levara a desejar graus de perfeição cada vez mais exímios, mesmo sem possuir inteira noção do que assim almejava. E o seu desenvolvi- mento havia sido marcado, desde os bancos do colégio, por atos de duríssima renúncia e de assinalada fidelidade à Lei de Deus,

18) Conversa de Sábado à Noite, 23/3/1985.

contando inclusive com alguns fenômenos de caráter místico. A referência ao "estado comum" de suas virtudes, portanto, só pode ser explicada por uma profunda despretenso e um firme propósito de evitar quaisquer considerações que motivassem o
seu próprio enaltecimento.

Sua deliberação de santidade nascia, pois, de um ardor ainda mais cheio de radicalidade do que havia sido outrora: "É um sonho pensar que conseguirei fazer no mundo as transfor- mações que eu quero numa vida gostosinha e agradável, sem so- frer nada. Levarei uma existência de bobo e não obterei resulta- do nenhum, por não possuir o grau de fervor necessário. Tenho
de aspirar à santidade!"19

E então lembrou-se de outro livro, cuja leitura tanto o au- xiliara num período de terrível provação e que agora lhe parecia mais proveitosa do que nunca: a História de uma alma, autobio- grafia de Santa Teresinha do Menino Jesus.20 Naquelas páginas ele aprendera a admirar o valor espiritual de uma vítima ignora- da pelo mundo, em si mesmo mais fecundo e maior do que to- dos os méritos de qualquer grande apóstolo, polemista de fama ou guerreiro vitorioso. Assim, o ensinamento de ambos os per- sonagens se harmonizaram nas reflexões de Dr. Plinio: o abade cisterciense lhe apresentava a santidade como única via possível de eficácia apostólica, e a Santa carmelita lhe mostrava a pró- pria valia e beleza dessa santidade, inclusive quando realizada no apagamento e na humilhação. Tal harmonia contribuiu para delinear em seu espírito a ideia de uma via específica de santi- dade, para a

qual se sentia convidado por Deus, e que deveria abarcar inúmeros aspectos de seu cotidiano: o holocausto.

Renúncia categórica a todo egoísmo

Alma privilegiada e protegida pela Providência, Dr. Plinio possuiu em grau eminente, desde a aurora de sua vida, o dom do desprendimento. Sempre entregue à procura do absoluto, tendo os olhos postos nos reflexos de Deus na criação, os quais cons-

19) Santo do Dia de Sábado, 15/4/1989.

20) Ver Capítulo 3 desta parte, p.120.

tituíam o temperante

ou

A luz brilha nas trevas

objeto de seu enlevo, nunca se afeiçoara de modo in- desequilibrado a algum bem terreno a ponto de

ver-se na contingência de desapegar-se dele com dor. Entretanto, apesar de tão acentuada disposição para o sa- crifício, quis ele passar pelo que denominou de "troca de egois- mos com a Igreja", isto é, o rompimento com todos os possíveis apegos, a renúncia à vontade de obter vantagens pessoais alheias às vias de sua vocação, e a substituição de tal aspiração, mesmo nos casos em que fosse legítima, pela dedicação incondicional à Causa Católica. Assim, tomou a resolução: "Se eu desejo conse- guir algum fruto para a vitória do meu ideal, ou seja, que Cristo seja Rei e Maria seja Rainha na terra, tenho de me triturar! De- vo reprimir mil pequenas gostosuras internas, e então começará a via do sacrifício e da cruz" 22

Narrava ele que esse sacrifício de qualquer forma de egois-

mo lhe foi pedido pela voz da consciência de maneira gradual, bondosa e quase materna, mas enérgica e categórica, fazendo-o entender com nitidez a encruzilhada em que sua vida espiritual e sua própria perseverança eram colocadas: "Ou você renuncia à degustação de certas coisas, ou está perdido. Seja honesto e não se iluda! Pois, se você se iludir, quando der acordo de si estará no extremo do mal. Entenda bem que a alternativa posta a você é essa. Talvez a outros seja dada a possibilidade de se arrastarem pelo caminho, mas esse problema não lhe importa, porque não é o seu caso: ou você corta o mal completamente, ou deslizará de modo irremediável, cedo ou tarde. O que de você se exige é a renúncia séria e total, sem arrière-pensée," e declarando o seguinte, a respeito daquilo que foi afastado: 'morrerei sem ter degustado!""24

Então, pedindo o auxílio da graça e sempre integro em seu desejo de santidade, ele evitará com radicalidade toda ocasião de prejuízo para sua inocência, alheando-se de ambientes ou re- lacionamentos que possam levá-lo à mais leve imperfeição.

21) Ver Parte I, Capítulo 3: 0 senso católico, uma excelência da fé.

22) Santo do Dia de Sábado, 13/10/1984.

23) Do francês: segundas intenções.

24) MNF, 15/10/1980.

Testemunha direta de um significativo e eloquente episó cia, foi um dos primeiros companheiros de Dr. Plinio na militán- dio, em que transparece essa elevadíssima pureza de consciên-
cia católica, que assim o referiu ao Autor desta obra.
A Casa Mappin, no centro de São Paulo, era naquele tem- po um dos focos de mundanismo da cidade, onde se reuniam aos domingos numerosas famílias da alta sociedade devido ao salão de chá existente num de seus andares. Seguindo um há- bito adquirido desde a infância, Dr. Plinio também comparecia amiúde ao local para tomar o chá da tarde com seus amigos da Congregação Mariana, nos últimos anos da década de 1920. Encontrava-se ele no salão do Mappin, sentado frente a um deles, quando, tendo a xícara erguida a meia-altura para
levá-la aos lábios, deteve-a no ar e disse:
- Esta é a última vez que nós entramos aqui. Grande apreciador do chá e do ambiente, o perguntou-lhe, muito surpreso e agitado:
MAPPIN STES
companheiro
MAPPIN STORES
SAO
P. PATRIARCHA, 2 PAULO SEN VERGUEIRO,147 RIO
A CASA PARA O SERVIR
A fim de não se expor a tentações de mundanismo, Dr. Plinio decidiu cortar com o costume de ir àquele local, frequentado desde sua infância
Propaganda da Casa Mappin, em fins da década de 1920
Capítulo 6
deu:
A luz brilha nas trevas
- Ha? Mas... por que, Plinio, por qué? Abaixando a xícara e depositando-a no pires, ele respon-
- Depois lhe explico com vagar. Nós temos vindo aqui com o objetivo de fazer algum apostolado com nossa presença, mas eu percebo hoje que em nosso subconsciente existe também outra razão: certo gosto pela vizinhança da sociedade que fre- quenta este lugar. E isso não convém, pois nos expomos a ser tentados em matéria de mundanismo. No fundo, nossa vinda à Casa Mappin é uma ponte que ainda nos une a esse meio, com o qual não podemos concordar e temos de cortar. De maneira que nós vamos tomar este chá até o fim e, depois, você voltará se quiser, mas eu não entrarei aqui nunca mais!
De fato, a partir desse dia o chá na Casa Mappin deixou de existir para Dr. Plinio. E na mesma época deu-se outro fato decorrente de sua deliberação de romper com o mundo.
A amizade da prima e as lágrimas da irmã
Dentre os primos de Dr. Plinio, quem mais o entendia era sem dúvida Cornélia, filha de Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, mais conhecida como Nélia e, nos gracejos da intimidade, cha- mada afetuosamente de Serpente do Nilo, moça muito admira- da e bem recebida nas rodas mais elegantes. Com notável inteli- gência e certa largueza de horizontes, sabia apreciar a conversa desse primo-irmão tão especial, quase de sua idade, para o qual era excelente interlocutora e que, por sua vez, também aceitava os convites por ela feitos nestas ou naquelas circunstâncias da vida familiar.
Entretanto, sem dar maiores explicações ele decidiu cessar as relações com a prima. Por quê? Por sentir que poderia exis- tir nessa amizade, e nos ambientes que a cercavam, algum laivo de prazer humano, contrário àquela renúncia com a qual ele já se

comprometera. E não seria apenas a Serpente do Nilo quem sentiria, na atmosfera familiar, os efeitos da retidão e honestida- de indefectíveis com que ele abraçara tal compromisso.
295

Juventude: a sabedoria posta à prova
296
Parte II
Pouco depois de seu casamento, Rosée transladou-se para Cambará, no Estado do Paraná, ali permane- cendo com o marido durante lon- gos meses, retida pelas tarefas atinentes a uma fazenda recém-j- naugurada. Ora, quando ambos retornaram a São Paulo, Plinio se encontrava exatamente nes- se novo período em que sua fi- delidade ao chamado de Deus o levava a afastar-se cada vez mais de ambientes, pessoas e hábitos ligados ao mundo e à vida social. Logo ela notou que algo se encon- trava mudado nesse irmão de per- sonalidade brilhante que ela tanto desejava promover nos círculos da aristocracia paulista, e de cujo
Da. Rosée por ocasião de seu casamento, em fevereiro de 1927
apoio, é preciso reconhecê-lo, também sabia depender para sua
projeção pessoal.
Uma noite, enquanto ele rezava o Rosário caminhando na sala de jantar de sua residência, aproximou-se na escuridão cunhado Antônio de Castro Magalhães, convidando-o para con- versar por alguns instantes. Ao sentarem-se, este disse:
- Neste momento sua irmã está no quarto, chorando. Eo culpado é você!
Plinio percebeu de imediato as intenções dele, mas per-
guntou:
0
que há?
Ela não o reconhece mais, pois nesses meses você mu- dou por completo. Sua alegria e seu entusiasmo de outrora, seu caráter brincalhão, ou seja, toda nossa afinidade com você está desaparecendo! Você é outro, e ela não se consola de ter per-
25) O casamento de Rosée com Antônio de Castro Magalhães foi realizado no dia 23 de fevereiro de 1927.
Capítulo 6
dido o irmão! Não poderia voltar a ser como antes, ao menos um pouco, pa- ra não fazer sua irmã sofrer?
Ele respondeu:
É verdade, estou real-
mente mudado e não tem remé- dio, porque vou continuar as- sim até o fim de meus dias. Ela tem de se conformar, pois sou o dono de minha vida e decidi que esse meu feitio anterior não existirá mais. São coisas dema- siado sérias para se resolverem em termos de irmão e irmã, afeto e choro. Que seque as lágrimas,
então.
A luz brilha nas trevas
Antônio de Castro Magalhães, esposo de Da. Rosée,
no dia de seu casamento
- Mas... eu digo isso a ela? Sim, pois é um recado! Você chega lá no quarto e lhe diz que me encontrou aqui rezando o Rosário, eu interrompi a ora- ção para falar com você e mandei dizer isso.
- Boa noite.

No dia seguinte, quando todos se encontraram, ninguém mais tratou do assunto. Mais uma vez, Plinio havia sido vitorio- so em sua determinação de sacrificar as afeições e os relacionamentos mais legítimos, se o exigissem os seus propósitos de fidelidade à vida interior. Rosée, entretanto, esperta e prepara- da, além de favorecida por uma inteligência sem par, ainda fa- ria outras tentativas no empenho de ver seu irmão adaptado aos moldes do mundo, nos rumos de uma grande carreira.

Cálculo mundano e oferecimento recusado

Ele já havia se graduado na Faculdade de Direito quando, certo dia, encontrando-se em casa, sua irmã entrou no escritório e, fechada a porta atrás de si, disse-lhe:

lar. É algo muito sério e importante!

Parte II

Plinio, escute! Quero conversar com você em particu- Estando ambos de pé junto à escrivaninha, ela abriu uma caixa que trouxera, contendo todas as suas joias, e continuou:

- Você precisa olhar a realidade de frente e tomar cons- feito para ter uma vida política de projeção. Ora, o que poderá ciência a respeito do seguinte: você é um homem incomum, conseguir neste País? É preciso que você faça um curso superior Compreenda: com sua inteligência e seu brilho, o resto depois de alta categoria, em dois ou três anos, e se forme na Sorbonne. será consequência no Brasil. Você modificará por completo sua situação, pois voltará aureolado, imediatamente será tido como sucesso e subirá na carreira política. No mínimo, será um minis- o primeiro intelectual brasileiro, alcançará um extraordinário tal. Esse é o único plano proporcionado a você, mas eu já sei que tro, se não presidente da República, pois possui substância para

vai me responder que não tem dinheiro!

Então, categórica e decidida, Rosée lançou a conclusão de

seu projeto:

Aqui estão as minhas joias, herdei-as de nossas ante- passadas e têm grande valor. Para mim representam muito, pois me facilitam a vida na sociedade, mas eu refleti sobre isso e meu marido concordou: se você aceitar, estou disposta a vendê-las todas, fazer dinheiro e utilizá-lo para pagar sua viagem a Paris, assim como seu curso na Sorbonne. Darei esse tesouro familiar por muito bem empregado! Plinio, eu lhe peço pelo amor de sque aceite!

Deus

O oferecimento daquela pequena fortuna, reunida com tempo e reservada por ela como elemento de sua própria as- censão social, significava na aparência um sacrifício relevante. Porém, conhecendo na perfeição a genialidade de seu irmão e confiante no futuro mundano que o esperava, ela resolvera jo- gar essa cartada com base num cálculo, o qual do ponto de vista humano era excelente: ela seria depois irmã de um ministro, de um presidente da República! Na verdade, Rosée não se despo- java de suas joias, mas fazia com elas a aplicação mais vantajosa possível.

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

Quando ela concluiu seus argumentos, Dr. Plinio fechou a caixa, olhou sua irmã de frente e disse:

Rosée, muito obrigado. Agradeço muitíssimo sua gene- rosidade, suas joias e seu empenho, mas não vou aceitar. Fique com elas! O que você diz é real, porém eu já tenho meu destino inteiramente configurado: estou comprometido com uma causa e tenho um ideal religioso, que não posso abandonar. De manei- ra que vou permanecer aqui, não farei esse curso nem seguirei essa carreira política, pois meu curso e minha carreira estão no serviço da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Deixe! Eu sei qual é o rumo que devo dar à minha vida.

E não tomou sequer um pequeno brilhante.

As causas e os méritos de uma renúncia

Depois de haver contemplado, ao longo da presente narra- ção, inúmeros lances nos quais a fidelidade de Dr. Plinio a seus ideais se mostrou inabalável e até heroica, poderia talvez o lei- tor deduzir que semelhante insistência de Rosée sobre ele não comportou tentação de especial intensidade, e que a resistência a tal solicitação, portanto, também não lhe custou uma renúncia particularmente dolorosa. Entretanto, a realidade é bem outra, e o momento é adequado para enumerar os atos de virtude pra- ticados e os méritos conquistados naquela ocasião por um jovem de pouco mais de vinte anos.

Em primeiro lugar, tratava-se de um pedido vindo da parte de sua única irmã, ao qual ele não podia ser de todo insensível, levando em conta os laços de sangue. Logo, foi necessária uma árdua vitória sobre os sentimentos mais naturais, compreensí- veis e legítimos.

Por outro lado, é preciso notar que a sugestão se mostrava sobremaneira acertada, pelas belas oportunidades que apresen- tava: a longo prazo, a perspectiva fácil de uma vida social de alta categoria, tanto no Brasil quanto nos esplendores da Europa, e a possibilidade de galgar posições brilhantes. "O prazer de ser rico, de frequentar a melhor sociedade e nela ser considerado,

ria ele. Além do mais, a nova situação ofereceria inegáveis van- enfim, o gozo da vida me atraía de modo fenomenal" narra- tagens em beneficio do futuro financeiro de Da Lucilia, para solução de um problema que já começava a se tornar preocu- quem seu filho seria em breve o único apoio, representando a pante, e que o levara a empregar-se como funcionário público

para ganhar seu sustento.

A esse respeito, aliás, explicava ele o quanto era por natu-

reza levado a apreciar a segurança como

condição indispensável

do bem-estar: "Para mim, um dos aspectos mais aprazíveis da vida era a garantia do futuro, e a ideia de uma incerteza sobre o

essencial, para o dia de amanhã, me era

desagradável ao último

ponto. Ora, logo nos primeiros passos de minha vocação, eu já tinha recebido o flagelo da precariedade".27 As joias de Rosée pareciam trazer, portanto, um remédio ideal para aquela cir- cunstância, mas ele sabia que Deus lhe pedia resignação quanto à incerteza sobre o futuro, na paz de seu espírito: "A Providência exigiu que aceitasse essa situação,

com transparência de alma, sem nenhum movimento de apego, sendo que eu poderia ter di- to: 'Até lá, não! Eu quero uma garantia! Vou aceitar a proposta feita por minha irmã"".28 Assim, a ambição que tal oferecimen- to poderia suscitar trazia todas as condições para se apresentar com as características de uma louvável e santa previdência, mas ele a rejeitou de imediato.

Todavia, a recusa de Dr. Plinio se reveste de especial caráter de abnegação pelo fato de havê-la praticado, entre outros moti- vos, considerando o pequeno Grupo que ele chefiava na Congre- gação Mariana, núcleo frágil e incipiente da obra que desejava fundar, o qual, aliás, já lhe causara tão amargas decepções. Ele "Se eu me ausentar durante dois ou três anos, esse grupi- pensava: nho, único fermento precioso de anos de apostolado e de vitória, se desfará e possivelmente nunca mais se reconstituirá".29 Então, segundo explicava, "por amor a essa realidade na qual habitava a

26) Conversa de Sábado à Noite, 22/1/1983.

27) MNF, 15/10/1980.

28) Conversa de Sábado à Noite, 30/11/1991. 29) Idem.

esperança, disse: 'Não! Rejeito esta oportunidade segura que me passa pelas mãos e permaneço na insegurança"

Por fim, podemos afirmar que Dr. Plinio se mostrou fiel discípulo do Divino Mestre nesse momento, dando as costas à glória humana que parecia lhe estar reservada e pondo de lado o ensejo de uma grande carreira, por amor ao Reino dos Céus. Se ele tivesse aceitado a oferta, chegaria talvez a ser ministro

ou presidente,

como Rosée lhe assegurava, mas sua fidelidade

à voz da graça o fazia aplicar a seu próprio caso as palavras do Evangelho: "Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?" (Mt 16, 26). Sim, uma vez que ele de- cidira seguir Nosso Senhor Jesus Cristo até o fim de seus dias, não abandonaria a via iniciada para obter uma fama mundana e perfazer assim uma existência à qual não era destinado, fracas-

sando em si os planos de Deus.31

Em contrapartida, a generosidade terrena da irmã faz lem- brar a figura daquele que, ao aproximar-se de Jesus, declarou: "Seguir-Te-ei para onde quer que fores" (Mt 8, 19), e parecia oferecer-Lhe seus serviços. E na divina resposta que podemos compreender as verdadeiras intenções de tal proposta de ade- são: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu, seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça" (Mt 8, 20). Ou seja, impressionado com os milagres operados pelo Salva- dor, e abraçado a uma ideia de prestígio e de realização pessoal, esse homem parece ter feito o cálculo da projeção social que receberia em sua companhia, e Jesus lhe ensinava que o único sucesso plenamente seguro junto a Ele estava contido nas pala- vras que mais tarde pronunciaria: "Se alguém Me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me" (Mc 8,34).

30) Idem.

31) Muito adequado ao desprendimento de Dr. Plinio nessa ocasião parece ser o comentá- rio do renomado teólogo Antonio Royo Marín, OP: "Dir-se-ia que os Santos perderam por completo o instinto do humano, substituindo-o pelo instinto do divino, com o qual veem e julgam todas as coisas. [...] Não compreendem que o mundo possa considerar como riqueza e joia a uns cristaizinhos que brilham um pouco mais que os outros; perce- bem clarissimamente não haver outro tesouro verdadeiro além de Deus e das coisas que a Ele

nos conduzem. 'De que me vale isto para a eternidade?", dizia São Luis Gonzaga; eis o único critério decisivo dos Santos para julgar o valor das coisas" (ROYO MARIN, OP, Antonio. Teologia de la perfección cristiana. Madrid: BAC, 2006, p.532).
301

6330
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
Eram essas as vias que Dr. Plinio já trilhava. As suas assi- obtidas em época muito oportuna, segundo ele mesmo expli- naladas vitórias espirituais, narradas nestas páginas, haviam sido caria, devido às grandes provas pelas quais sua despretensão e sua integridade passariam em breve, por circunstancias de todo inesperadas.
A Liga Eleitoral Católica
Naqueles primeiros anos da década de 1930, Dr. Plinio te- ve conhecimento da existência de um organismo eleitoral ligado à política francesa, dirigido por um personagem do qual ouvira falar desde sua infância e cuja carreira ele acompanhava com simpatia: o General Marquês de Castelnau,32 herói de duas guer- ras, católico fervoroso e fundador da Fédération Nationale Catholi- que, a qual possuía alguma repre- sentação no ambiente parlamen- tar da França. A procura de maio- res informações, Dr. Plinio soube que o objetivo dessa federação consistia em apontar aos católi- cos quais eram os candidatos aos cargos públicos que se compro- metiam a lutar pelas reivindica- ções da Igreja. E o general levava a cabo o empreendimento pelo original sistema de publicar em seu boletim os nomes dos concor- rentes que tivessem garantido tal apoio, bem como a lista dos que eram contrários aos interesses ca-
General Marquês de Castelnau, fundador da Fédération Nationale Catholique
302
32) Noël-Marie-Joseph-Édouard de Curières de Castelnau (1851-1944), francês, oriundo de nobre família de militares, católico ardoroso, combatente na Guerra Franco-Prussia- na, general durante a Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, dedicou-se à política, foi eleito deputado e fundou a Fédération Nationale Catholique, movimento que visava uma concentração política dos católicos franceses para defender os direitos e interesses da Igreja Católica, e combater o laicismo.
Capítulo 6
tólicos e, inclusive, daqueles que não se manifestavam a respeito do assun- to. Por esse procedimento, destinado a eleger deputados sinceramente ca- tólicos, o pequeno grupo conduzido pelo Marquês de Castelnau obtinha excelentes resultados e causava um efeito não pequeno nas votações para os postos eletivos.
A luz brilha nas trevas
FEDERATION NATIONALE CATHOLIQUE
REVUE SEICIOSY
A fórmula encantou Dr. Plinio, pois vinha ao encontro da ideia, por ele longamente ruminada, de apro- veitar-se da surpreendente expansão do Movimento Católico no Brasil para alterar o laicismo reinante. Per- cebendo, ademais, que determinadas leis eleitorais recém-promulgadas pelo Presidente Getúlio Vargas permitiam a realização de se- melhante atuação no Brasil, Dr. Plinio escreveu ao Dr. Alceu Amoroso Lima," líder da Mocidade Católica no Rio de Janei- ro, muito seu amigo, e homem de confiança do Arcebispo,
Um exemplar do boletim publicado pela Federation Nationale Catholique

33) Alceu Amoroso Lima (1893-1983), conhecido pelo pseudónimo de Tristão de Ataide, advogado, professor e literato brasileiro, um dos mais célebres pensadores e lideres católicos de seu tempo, agindo no âmbito acadêmico, político, econômico, social e cultural.
34) Prova da profunda admiração devotada por Dr. Alceu a Dr. Plinio, são as linhas de sua missiva de 19 de maio de 1932: "Meu querido Plinio. Cada vez mais o admiro. Não se espante desse desabafo, que você compreenderá logo, quando se lembrar dos termos de sua última carta, modelo de carta católica, no mais belo sentido do termo. Só mesmo quem, co- mo eu, reconquistou a fé e passou por todas as misérias da liberdade espiritual contemporâ- nea, sabe apreciar devidamente o que representa de força, de serenidade, de saúde de alma a sua carta. Que Deus nos desse em cada estado um homem como você e teríamos, não digo grandes vitórias, mas pelo menos lutas admiráveis diante de nós, e a certeza de que, se não vencêssemos de todo, pelo menos transmitiríamos a nossos filhos um Brasil católico em suas fibras e em suas instituições fundamentais. [...] Que Deus the conserve sempre esta superioridade de alma, de alma de chefe, sem a morbidez de quase todas as almas, e das melhores, modernas, ou pelo menos que tal se julgam. Uma alma como a sua é exatamente o de que a Igreja precisa neste momento de sua vida. Alma despida de retórica, alma sóbria, serena, segura da verdade, capaz de vencer as paixões pelo dominio real da vontade sobre a instabilidade da vida afetiva, alma católica dos grandes momentos da História, e a quem a inquietude e a anarquia e o liberalismo moderno não contaminaram, ou pelo menos não permitiram que as potências do homem de baixo vencessem, ou mesmo perturbassem a força do homem de cima. Que Deus te preserve e te dê o posto de chefe da geração que te está destinado" (Carta de Dr. Alceu Amoroso Lima a Dr. Plinio, 19/5/1932).

siástica do Brasil, propondo-lhe o plano da fundação de um or- o Cardeal D. Sebastião Leme,35 principal personalidade ecle- ganismo eleitoral destinado a favorecer os interesses da Igreja no terreno da política e orientar o voto católico.36 Acolhida com entusiasmo, a sugestão não tardou a se tornar realidade: com o decisivo apoio do prelado e com a colaboração de Dr. Heitor da Silva Costa," em pouco tempo estava preparada a constituição da Liga Eleitoral Católica (LEC), com estatutos redigidos pelo
35) D. Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882-1942) foi nomeado sucessivamente pró--Vigário-Geral de São Paulo (1909), Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1911), Arcebispo de Olinda e Recife (1916-1918), Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro (1921) e, por fim, Arcebispo do Rio de Janeiro (1930), tornando-se em seguida o segundo Cardeal brasileiro na História. Teve um marcante e decisivo papel na vida da Igreja Católica no Brasil, por sua atuação no campo intelectual e político.
36) Segundo consta no plano para a execução da Liga Eleitoral Católica, este organismo deveria reger suas atividades pelos princípios contidos no artigo 1592 da Pastoral Co- letiva de 1915: "Os eleitores que sufragarem candidatos inimigos declarados da Igreja, não se podem escusar de pecado grave; e cometerão culpa ainda maior se entenderem, com seu voto, auxiliá-los na consecução de seus fins depravados, porque cooperam for- malmente

para as obras da iniquidade, que aqueles, uma vez eleitos, hão de praticar contra a sociedade, contra a Igreja e contra a Religião. Não pode haver causa alguma que justifique a escolha de maus candidatos" (PASTORAL COLETIVA DE 1915. Nova edição adaptada ao Código de Direito Canônico, ao Concílio Plenário Brasileiro e às recentes decisões das Sagradas Congregações Romanas. Canoas: La Salle, 1950, p.316). 37) Dr. Heitor da Silva Costa (1873-1947), célebre engenheiro brasileiro, responsável pela construção da imagem do Cristo Redentor no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.
Mons. Gastão Liberal Pinto
Dr. Estêvão de Sousa Resende
próprio Dr. Plinio, a qual atuaria por meio de juntas diocesanas
em todo o Brasil.
Foi então que ele recebeu uma comunicação do Arcebispo de São Paulo.
A coluna da LEC
Através de Mons. Gastão Liberal Pinto, Vigário-Geral da arquidiocese, D. Duarte convidava Dr. Plinio para ser o secre- tário da LEC no Estado de São Paulo, e pedia-lhe que indicas- se nomes para preencher os demais cargos diretivos da Liga. Discernindo na ocasião uma excelente oportunidade para ser- vir os ideais católicos, pelos quais já havia empreendido tantas lutas, Dr. Plinio aceitou a convocação e apresentou sugestões logo aprovadas: a presidência seria ocupada pelo Dr. Estêvão de Sousa Resende, homem piedoso, fino e representativo, a quem Dr. Plinio conhecia de vista, enquanto os demais postos caberiam a outros personagens de análoga respeitabilidade e reputação.
Porém, os planos do Arcebispo e do Vigário-Geral não davam lugar a dúvidas: tais membros da diretoria constituiriam simpáticas e prestigiosas figuras de proa, mas, acima de tudo,
304
305

306
Juventude a sabedoria posta à proce
esperava-se de Dr. Plinio que fosse a verdad o principal responsável e elemento propulsor coluna da LEC campanha que
se iniciaria, e da qual dependeria o futuro da igreja no Bra
Para D. Duarte. Dr. Plinio era, inclusive, "a confiava para o éxito da Liga"."
Contratempos, interrupção e atividade r
tontown devora CUMPRIR
a pessoa em que
mada
Em meados do ano de 1932 Dr. Plinio passou por certa in disposição digestiva, à qual veio se acrescentar uma prolongada por determinação médica a permanecer em repouso, mante gripe, a mais forte de sua vida, segundo ele narrava. Obriga ve-se de início em sua residência, e mais tarde numa fazenda localizada na região de Campos VOCE do Jordão. Nesse mesmo periodo eclodia, no dia 9 de julho, a Revo lução Constitucionalista, que lan çaria a juventude de São Paulo em armas contra o Governo Federal. Longos meses duraram os enfren- tamentos, e quando voltou a reinar a paz, coincidindo quase simulta- neamente com o restabelecimento de Dr. Plinio, tanto da gripe quan- to de uma operação de extração de amígdalas à qual havia se submeti- do por aqueles dias, a Liga Eleito- ral Católica parecia esquecida por todos. A imensa máquina, cuja ela- boração tanto lhe havia custado e

Condilte MMDC a sua consciencia!
Propaganda clássica de alistamento militar da juventude paulista para combater na Revolução de 1932
38) Lé-se no plano para a execução da Liga Eleitoral Católica: "A alma estará no secretá- rio-geral, que deverá ser alguém não só de prestígio local, atividade e competência, mas, sobretudo, de absoluta confiança e incapaz de desvios, esmorecimentos e aproveitamen- tos, para interesse próprio ou de partidos, da sua situação de porta-voz da Liga" (Plano para a execução da Liga Eleitoral Católica, 1932. Arquivo pessoal do Autor). A Histó- ria prova que Dr. Plinio preencheu esses requisitos com a maior integridade e idealismo. 39) Carta de Dr. Alceu Amoroso Lima a Dr. Plinio, 7/6/1932.
Capitulo 6
Alu brilho nee
em cuja eficácia ele depositara tão alentadoras esperanças, se encontrava na aparência inutilizada.
Por outro lado, numa atitude de plena wbmisin, ele sin tomou iniciativa alguma a fim de lembrar D. Duarte da exis tência daquele organismo que fora criado sob o seu patrocinio nem lhe dirigiu qualquer insinuação a respeito. A expectativa de Dr. Plinio se estenderia até o momento em que fossem como- cadas pelo Presidente Vargas as eleições para uma Assembleia Constituinte, com vistas à elaboração da nova Carta Magna para o País, a qual substituiria a obsoleta Constituição Federal da Pri- meira República. Chamado pelo Arcebispo, Dr. Plinio recebeu a ordem de, afinal, por em ação a Liga Eleitoral Católica." Iniciava-se a segunda fase de uma atividade gigantesca
IND
As reivindicações da Liga Eleitoral Católica eram minimas e, se de fato fossem obtidas, constituiriam apenas o começo de uma vitória
Dr. Plinio na reunião de fundação da LEC, no auditório da Cúria Metropolitana de São Paulo - Fotografia extraída da revista A Cigarra, novembro de 1932
40) A Liga Eleitoral Católica foi oficialmente fundada em São Paulo no dia 13 de novem- bro de 1932.
307

ras
308
Juventude: a sabedoria posta à prova
Reivindicações limitadas
Parte II
Tratava-se de inserir na nova Constituição a garantia dos direi- No que consistia o programa da Liga Fleitoral Católica? tos essenciais da Igreja em vigor no tempo do Império, e aboli- dos pelo positivismo laicista em 1889, pontos que foram chama- dos de reivindicações mínimas. Eram eles o ensino religioso nas escolas públicas, a introdução de capelanias católicas nas Forças Armadas, nas prisões, nos hospitais públicos e demais estabele- oficial do matrimônio religioso. Para isso era necessário orien- cimentos do Estado, a proibição do divórcio e o reconhecimento tar a opinião católica e incentivar o maior número possível de inscrições eleitorais, promovendo assim a eleição de deputados
que fizessem vencer esses direitos.
Entretanto, tais vantagens estavam longe de satisfazer as constituiriam apenas o começo de uma vitória, como o testemu- aspirações e a ousadia de Dr. Plinio. Se fossem de fato obtidas, nham suas próprias palavras: "Ao menos isso já tinha bastante

importância, sobretudo a proibição do divórcio, mas era um pro- grama muito moderado para o meu gosto. Eu queria aproveitar com a coligação de todos os deputados da LEC, a fim de fazer a ocasião para organizar uma bancada católica na Constituinte, uma Constituição radicalmente católica. Era preciso, por exem- plo, levar o Governo a reprimir o comunismo, que começava a
crepitar".41
De qualquer modo, apesar da limitação daquelas reivin dicações mínimas, a dedicação e o zelo do secretário da LEC estes sim, não conheceriam limites nem descanso. Sob as ordens do Arcebispo D. Duarte, ele se lançava ao trabalho sem medir esforços e preparava com desvelo a grande organização que de- veria entrar em funcionamento na época das eleições.
Viagens, novidades e sucesso
Uma das obrigações de Dr. Plinio consistia em percorrer as dioceses do Estado de São Paulo, visitando cada paróquia e
41) Santo do Dia de Sábado, 30/4/1988.

incentivando Bispos e vigários a fundarem núcleos da Liga em suas jurisdições, bem como em fiscalizar as juntas diocesanas já existentes. Começou então para ele um ciclo interminável de via- gens por todo o estado, primeiro pelo Vale do Paraíba, de Mogi das Cruzes até Queluz, depois pelo litoral e demais regiões. Des- locava-se sempre em estrada de ferro, enfrentando diversos incô- modos, adaptando-se às precariedades mais inesperadas e domi- nando em si a inata repulsa que tal movimentação lhe causava. Nessas oportunidades ele falava aos católicos reunidos, demonstrando as razões pelas quais se deveria seguir a orien- tação da Liga Eleitoral Católica, explicando as vantagens que daí resultariam para a Igreja e concluindo com a recomenda- ção de votarem nos candidatos que a LEC indicasse. Assim, até nas menores paróquias passou a ecoar a voz de Dr. Plinio, que pronunciava seus discursos com a eloquência e a fogosidade ca- racterísticas, que tanta reputação lhe haviam granjeado nos am- bientes da Mocidade Católica. Agora, o público que comparecia para ouvi-lo e aplaudi-lo era composto de multidões por ele des- conhecidas, e tal experiência de contato direto com o povo lhe foi em extremo proveitosa, conforme comentou:
"Então compreendi algo antes ignorado. Primeiro, que
a massa do povo era muito mais católica do que eu imaginava. Em segundo lugar, percebi que, ao contrário do que eu pensava, os bons católicos não eram apenas os que compareciam habi- tualmente à igreja, pois muitos não frequentavam as paróquias pela rejeição a certo modo de ser 'carola' que nelas existia. Ou seja, numerosos verdadeiros católicos viviam isolados, mas se- riam aproveitáveis para o bem se o espantalho do 'carola' fosse afastado. Ora, aparecia agora, diante destes, um tipo de católico que preenchia os desejos de suas almas. O número de eleitores que angariamos com isto foi colossal, e causou surpresa a muitos vigários".42
Sim, a piedade forte e cheia de ufania, que Dr. Plinio apre- sentava com sua palavra e seu modo de ser, tinha o poder de suscitar os entusiasmos e mostrar ao Brasil qual era a nova face
42) Comissão Médica, 5/2/1995.

as

dos católicos. Com tais resultados, em pouco tempo a atuação da LEC assumiu proporções colossais, o que se deveu, acima de tudo, à enorme popularidade que ele despertava à sua passa- gem, mas também, em certa medida, ao apoio declarado recebi- do da parte do clero nas diversas localidades onde atuava.

Entretanto, uma nova movimentação política mudaria o panorama da campanha que ele empreendera em nome da San-
ta Igreja.

A LEC na Chapa Única

Na iminência das eleições, o Ar- cebispo de São Paulo foi procurado por membros de vários partidos e enti- dades do estado, propondo-lhe a cria- ção de uma frente unida dos paulistas contra o governo de Getúlio Vargas. Dela fariam parte o velho Partido Re- publicano Paulista, o Partido Demo- crático, a Associação Comercial de São Paulo e a Federação dos Voluntá- rios, a qual reunia ex-combatentes da Revolução de 1932. Tais organizações faziam à Liga Eleitoral Católica o con- vite de se unir a elas, formando assim
a Chapa Única por São Paulo Unido, em cujo nome cada uma das cinco no- mearia quatro candidatos a deputado. D. Duarte aceitou a proposta.

Qual foi a atitude daquele que era a alma e a coluna da Liga? Teve grande surpresa, mas, sempre na per- feita obediência à autoridade eclesiás-
D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo,
na década de 1930
tica, continuou a devotar-se e a servir com todo o empenho, es- forçando-se agora na luta pela Chapa Única.

Por outro lado, embora suspeitasse que seu nome bem po- deria ser incluído na lista dos candidatos pela LEC, fez o firme

propósito de nada sugerir nem insinuar para influenciar as opi- niões nesse sentido. "Não movi uma palha..." poderá afirmar com inteira honestidade, muitos anos depois de tais aconteci- mentos. E sua narração também testemunha a paz de espírito por ele conservada nesses momentos: "Eu confesso que tinha o pressentimento interno de que seria candidato, mas, se não o fosse, receberia isso com toda a normalidade de minha alma"." Certo dia, porém, recebeu do diretor da Liga uma comuni- cação singular.

Submissão, obediência e candidatura

Dr. Estêvão de Sousa Resende, sempre amável e gentil, te- lefonou ao secretário e explicou-lhe que deveria ser convocada uma reunião da diretoria, na própria sede da LEC, por ordem do Arcebispo. E acrescentou:

- Mas D. Duarte deseja um ato de confiança de sua par- te: ele quer que você não compareça à reunião. Fique esperando e, quando nós terminarmos, o chamaremos.

Dr. Plinio entendeu perfeitamente o que aconteceria: só podia tratar-se da questão das candidaturas e, se ele devia au- sentar-se, era porque seu nome fora proposto, mas a diretoria seria consultada e deveria ter plena liberdade para opinar. En- tão, no momento de iniciar a sessão, disse a todos:

- Há uma recomendação do presidente de que eu não es- teja presente à reunião. Ignoro os motivos dessa medida, mas me conformo de bom grado.

E retirando-se para o lado oposto do prédio, permane- ceu caminhando no corredor enquanto rezava seu Rosário com toda a calma, na intenção de que Maria Santíssima dispusesse segundo sua vontade, a respeito dele. Muitos anos mais tarde, ele ainda se lembraria da formulação rigorosa que utilizou nessa oração: "Não pedirei a Nossa Senhora para ser designado, pois Ela talvez atenda e, nesse caso, terei rompido o meu propósito
43) Santo do Dia de Sábado, 7/1/1989. 44) Santo do Dia, 22/6/1973.

as

de nada pedir e nada recusar.45 Ela não precisa de minha opi- nião sobre o que me convém ou não. Ela sabe melhor e fará o D. Duarte a mesma fidelidade, a mesma submiso e o mesmo que quiser! Se eu não for designado, continuare ter para com
amor", 46
Afinal, passado mais tempo do que ele supunha, alguém mento das determinações. Entrou na sala e Dr. Estêvão lhe dis- avisou-o de que o presidente o chamava para tomar conheci-se, sorridente:
- D. Duarte resolveu que a Liga Eleitoral Católica deverá apresentar quatro candidatos, como as outras correntes.
E enumerou os candidatos: Dr. Rafael de Abreu Sampaio Vidal, ex-ministro da fazenda, pessoa que jamais se destacara pela sua catolicidade; Dr. José de Alcântara Machado de Oli- veira, catedrático de Medicina Legal na Faculdade de Direito e homem de muita reputação; e Dr. Manuel Hipólito do Rego, advogado e líder católico da cidade de Santos, do qual Dr. Plinio
nunca ouvira falar.
Da esquerda para a direita: Dr. Manuel Hipólito do Rego,
Dr. José de Alcântara Machado de Oliveira e Dr. Rafael de Abreu Sampaio Vidal
45) Sobre o propósito de nada pedir e nada recusar feito por Dr. Plinio, ver Capítulo 3 desta parte, p.131.
46) Conversa de Sábado à Noite, 16/7/1994.

O presidente continuou:
A luz brilha nas trevas
- E, em quarto lugar, o Arcebispo mandou recomendar a você, mas quis que nós tivéssemos a liberdade de debater sobre sua pessoa, na sua ausência. Todos estão de acordo, de maneira que você foi designado por unanimidade. A diretoria lhe faz o
convite.
Todos se levantaram para felicitá-lo e abraçá-lo, e ele disse
com despretensão:
solvido.
Muito obrigado. Se D. Duarte assim deliberou, está re-
Foi desse modo que Dr. Plinio adentrou a carreira política. Escolhido pela autoridade eclesiástica, recebeu a comunicação de que deveria candidatar-se a deputado federal e imediata- mente obedeceu. A sua atitude em casa, logo após a reunião da Liga Eleitoral

Católica, constitui mais uma prova do absoluto desprendimento com que ele ingressava naquela nova situação.

Estupor da família

Dr. Plinio chegou na hora do jantar. Naquela noite e nos dias subsequentes, para evitar qualquer vanglória, ele não disse sequer uma palavra, em família ou na Congregação Mariana, so- bre a altíssima promoção a que ele, advogado recém-graduado e com apenas vinte e três anos de idade, havia sido convidado. Só confiou o segredo a Da. Lucilia, a qual se manteve reservada e lacônica, não só pelo receio de vê-lo envaidecer-se, mas também devido ao extremo cuidado com que recebia tudo quanto pu- desse ser lisonjeiro para si mesma. Por outro lado, com delicada candura e sem ter noção da imensa força do eleitorado católico, manifestou-se muito apreensiva quanto ao sucesso da candida- tura de seu filho, julgando que ele jamais obteria o número ne- cessário de votos para ser eleito.

Por sua vez, Dr. Plinio previa igualmente sua própria der- rota, por considerar-se um desconhecido no País e, sobretudo, por sua inferioridade em relação aos demais candidatos, ho- mens de idade madura ou avançada, os quais gozavam de ine- gável projeção em suas respectivas cidades e que, sem dúvida,

313

UB

as

314

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte 11

conquistariam a maior parte do eleitorado. No entanto, opinava ele que ainda nesse caso sua candidatura seria vantajosa para empenho que rezasse nessa intenção. A resposta de Da. Lucilia a Causa da Igreja, o que explicou à sua mãe, pedindo-lhe com

foi serena:

- Está bem, que Deus o ajude.

Assim, poucos dias depois os jornais anunciavam a lis- ta dos candidatos designados pela Chapa Unica por São Paulo Unido, entre os quais, na ordem alfabética, lia-se o nome de Pli- nio Corrêa de Oliveira. A notícia causou estupor em casa e, in- clusive, certa compaixão diante da ousadia daquele que só podia caminhar para um estrondoso fracasso. De qualquer modo, to- dos o felicitaram, e Da. Gabriela, avó de Dr. Plinio e matriarca da família, mandou abrir uma garrafa de champanhe em honra

ao novo candidato.

A dúvida inspirada pela retidão

Ele, entretanto, enfrentava um sério problema de cons-

ciência.

Tendo feito uma visita a D. Duarte a fim de agradecer-lhe a nomeação, Dr. Plinio recebeu dele a ordem de pôr-se a campo para movimentar os congregados marianos na campanha eleito- ral, o que imediatamente prometeu cumprir. Ora, logo depois, ao encontrar-se com o Dr. Estêvão de Sousa Resende, pergun- tou-lhe quais haviam sido as razões que levaram o Arcebispo a recomendar sua nomeação como candidato, e o presidente da Liga contou-lhe, então, a realidade dos fatos.

D. Duarte indicara quatro personagens, entre os quais não estava Dr. Plinio, decisão contra a qual o próprio Dr. Estêvão objetara, pedindo a inclusão do secretário-geral na lista. "Não, ele é muito moço", respondera o prelado, prometendo recom- pensá-lo depois de outro modo, ao que o presidente redarguiu alegando que, se Dr. Plinio não se candidatasse, os

congregados marianos sentir-se-iam desiludidos e a Igreja perderia muita for- ça eleitoral. E essa última razão teria feito o Arcebispo mudar de opinião, aceitando a candidatura de Dr. Plinio.

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

A descoberta da verdadeira atitude de D. Duarte foi o su- ficiente para determinar em seu interior uma dúvida, acompa- nhada de grande perplexidade: "Eu devo aceitar uma candidatura que não era desejada por meu Arcebispo?" Pensava que, sendo ele ainda tão jovem, talvez D. Duarte o houvesse indicado apenas com o intuito de pôr os congregados em movimento. Em sua habitual retidão, receava estar usurpando de forma indireta um cargo destinado a outrem, e perguntava-se: "A perfeita obe- diência não consistiria em procurá-lo e declarar-lhe que pode contar comigo, embora não proponha o meu nome como candidato, e que, portanto, não precisa dar-me nenhum cargo para que eu faça a sua vontade e me dedique por inteiro?" Mas algo lhe dizia que o melhor seria aceitar simplesmente a nomeação.

A indecisão se prolongou por dois ou três dias, até que, em certo momento, Dr. Plinio refletiu: "Estou tão engajado nisto, que não tenho o direito de resolver o problema por mim mes- mo. Vou procurar um padre e perguntar-lhe qual é o meu dever. O que ele me indicar, eu farei".48 Resolveu consultar o Pe. José Danti,49 da Companhia de Jesus e reitor do Colégio São Luís, o qual gozava de muito boa fama no Movimento Mariano de São Paulo e era um dos mais conceituados conselheiros da arquidio- cese em matéria de casos morais.

Resposta e paz de consciência

O Pe. Danti o recebeu no andar superior do colégio, em seu quarto, sentado junto à escrivaninha e sem olhá-lo de frente. Segundo a descrição de Dr. Plinio, ele possuía o perfil de uma figura de arte florentina, os lábios finos, a cor do marfim e a fixidez da efígie de uma moeda. Até o fim de sua vida ele se lem- braria da conversa com aquele jesuíta.

47) Santo do Dia de Sábado, 27/8/1988.

48) Almoço, 16/7/1987.

49) Pe. José Danti (1874-1974), jesuíta, nascido na Itália. De 1911 a 1946 viveu no Bra- sil, onde dedicou-se ao ensino. Em São Paulo, foi diretor da Casa de Formação Santo Estanislau e, por dez anos, do Colégio São Luís; fundou uma faculdade de Filosofia em Itaici e orientou as Congregações Marianas de Santos, bem como diversos movimentos da Ação Católica.

as

Juventude: a sabedoria posta à prova

Então, Dr. Plinio, o que há?

fosse indicado para candidato.

Parte II

- Pe. Danti, eu sei que D. Duarte prefe iria que eu não E depois de enumerar as razões que o levavam a fazer tal

afirmação, formulou suas perguntas:

- O Arcebispo não se ilude a meu respeito, pensando que eu não movimentarei os congregados marianos se ele não me

nomear candidato? Não estou praticamen-

te comprando ou roubando esse cargo, quando, na realidade, ele tem o direi-

to de dá-lo a quem quiser, e gosta- ria de outorgá-lo a um outro? Eu posso, em sã consciência, aceitar essa candidatura? Para mim não seria mais perfeito procu- rar D. Duarte e dizer-lhe isto?
O inspirado conselho daquele filho de
Santo Inácio convenceu Dr. Plinio
de que a Causa Católica
The exigia lutar pela candidatura Ao lado: Pe. José Danti, SJ.
Abaixo: Colégio São Luís, na década de 1930
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
O padre ouvira tudo sem a menor reação fisionômica. Quando Dr. Plinio concluiu, ele tirou o barrete, colocou-o sobre
a mesa e indagou:
O senhor pediu o cargo?
Não.
Fez alguma pressão para ser nomeado?
- Nenhuma.
Voltando-se para ele, olhou-o com muita seriedade, pôs a mão sobre a mesa, inclinou um pouco a cabeça e disse:
- Ouça, doutor.
Ele pensou: "O que vou ouvir agora decidirá o rumo de minha vida. É Nossa Senhora quem o indicará, e eu quero ru- mar para onde Ela desejar". 50 E o jesuíta prosseguiu:
- O responsável perante Deus pelos atos do Arcebispo não
é o senhor, e sim ele mesmo. O senhor não tem de entrar na cons- ciência dele para saber o que cogitou e daí descobrir se existe um dever para o senhor. É possível que ele tenha imaginado o que o senhor afirma, e então lhe deu o cargo para obter a adesão dos marianos, mas não foi o senhor quem sugeriu isso a ele. No fundo, Deus permitiu que ele fizesse tal cálculo, porque quer o senhor como candidato a deputado. De maneira que não interfira. O se- nhor deve aceitar já a candidatura, sem falar com o Arcebispo, e assim fará a vontade de Deus, pois é a pessoa indicada. Se depois D. Duarte quiser lhe tirar o cargo, obedeça com muita alegria. Se ele não quiser, trabalhe com valentia para ser eleito.
Desejando ter a consciência inteiramente em paz, Dr. Pli- nio ainda queria advogar contra si próprio e perguntar: “É assim mesmo? O senhor pesou bem no que disse?" Mas sempre res- peitoso e cheio de veneração para com o clero, não quis insistir e apenas comentou:
- O senhor não sabe como isso me alivia, pois tinha uma dúvida muito desagradável.
O sacerdote deu um grande sorriso e concluiu:
- Pode estar tranquilo.
50) Almoço, 16/7/1987.
317

Pas
Juventude: a sabedoria posta à prova
Depois de
agradecer
Parte 11
ao
Pe. Danti, Dr. iinio se retirou convencido de que a Causa Ca- tólica lhe exigia lutar por sua candidatura: "Eu saí tran- quilo, de fato, pois tinha a prova de me encontrar no bom

caminho. Mas essa via tinha de passar pelo despojamento espiritual, pela atitude de quem rece- be um dom da Providência e, logo no início, diz: 'Isto é vosso. Tirai-o de mim quan- do quiserdes e, se Vós me derdes forças, irei para fren- te!""si
Já na primeira reunião dos candidatos,
a firmeza e ousadia de Dr. Plinio surpreenderam a assembleia
Dr. Plinio no Mosteiro de São Bento, São Paulo, em agosto de 1933
Um candidato despreparado?
Entretanto, as atividа- des eleitorais já começavam a solicitar sua dedicação, e novas lutas se perfilavam em seu horizonte.
Quais seriam, na prática, o prestígio e a força da Igreja nas urnas? A massa dos católicos seguiria a orientação da Liga no momento da votação? Eram perguntas que Dr. Plinio se fazia em sua inexperiência, levando em conta que jamais houvera no Brasil partidos oficialmente católicos, nem homens que se can- didatassem em nome da Santa Igreja.
Uma convicção, porém, era firme em seu espírito: entre os candidatos indicados pela LEC, era ele o único militante na força do termo, decidido a lutar pelas reivindicações católicas à custa de qualquer sacrifício. Portanto, era para ele uma obri- gação imperiosa trabalhar com todo o empenho com vistas à
51) Idem.
Capitulo 6
A luz brilha nas trevas
própria eleição, para a qual, aliás, julgava-se despreparado. Lan- çou-se então à campanha e percorreu mais uma vez o interior de São Paulo, de paróquia em paróquia, de discurso em discurso, falando sempre nas igrejas, ambientadas na ocasião à maneira de auditórios, estimulando o fervor dos fiéis e levantando um verdadeiro surto de entusiasmo por onde passava.
Por fim chegou o dia das eleições: 3 de maio de 1933.
Humildade e vitória
Engajado desde muito cedo em afazeres eleitorais no es- critório da Liga, Dr. Plinio teve uma jornada de intensa ativida- de. À noite, após o jantar, ainda compareceu à Paróquia Santa Cecília, a fim de participar das cerimônias do Mês de Maria. E já naquela hora começava a circular na cidade o comentário: "O nome do Plinio está muito votado".
Nos dias subsequentes, de todas as partes do estado crepi- tava a informação, anunciada pelos jornais e repetida pelo pú- blico: "Plinio Corrêa, na ponta!" Qual foi a atitude dele, o gran- de interessado? "Minha votação ia crescendo, mas eu tinha aca- bado de ler o livro A alma de todo apostolado de D. Chautard, e entendi que não alcançaria nenhum bom resultado para a Causa Católica como deputado, nem santificaria minha alma, se tivesse apego a esse cargo. Então, tomei a deliberação de não verificar os resultados no jornal". E não foi apenas em relação aos jor- nais que ele praticou tal desprendimento. "Eu resolvi: nem vou perguntar sobre a eleição! Alguém me avisará quando a votação tiver chegado ao número necessário e, se não chegar, também vão me informar. Vou me manter calmo, levando minha vida de todos os dias" 53
A cada manhã, o copeiro depositava os jornais na saleta onde era servido o desjejum aos membros da família. Ora, no horário habitual em que Dr. Plinio tomava o seu café, após co- mungar na Igreja de Santa Cecília, já não encontrava ninguém ali. Ele entrava e se servia, sem sequer abrir o jornal, e dirigia-se
52) Almoço, 23/11/1990. 53) Santo do Dia, 3/9/1988.

as
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
ríodo de meditação e leitura espiritual. Porém, a partir do mo- depois ao seu quarto, onde iniciava suas oraces e fazia um pe- mento em que se iniciou a apuração, Rosée passou a esperá-lo nessa sala e, julgando satisfazer-lhe a curiosidade, relatava o an- damento da contagem dos votos, novidades que ele recebia com frieza, pelo receio de torcer e de aferrar-se ao próprio sucesso. Para ele, o observar sucessivamente a atitude de sua irmã grande contraste. Da. Lucilia acompanhava as notícias com toda e de sua mãe, ao longo desses acontecimentos, mostrava-lhe um a serenidade, comprazida e alegre, mas discreta e, sobretudo, desapegada. Dr. Plinio percebia nela a intenção de ensinar-lhe se encontram a consciência reta e o serviço a Deus. Rosée, de que para o bom católico, acima das honras e prestígios terrenos, de, sentindo-se mais concernida neles do que seu irmão candi- seu lado, seguia os resultados da eleição com extrema vivacida-
dato.
Certo dia, ao sair rumo à igreja, Dr. Plinio encontrou-se com ela, que estava na saleta e lia O Estado de São Paulo com
especial atenção.
Bom dia, Rosée. Como vai você?
Ela sorriu e lhe fez uma profunda reverência, dizendo em
tom festivo:
- Senhor Deputado, meus parabéns!
Ele julgou tratar-se de um gracejo, mas ela exclamou:
- Só você para fazer isso! Não sabe que foi eleito! Hoje serão publicados os resultados definitivos, e eu acabo de ler no jornal que sua votação já passou do total necessário. É o primei- ro candidato paulista a atingir o limite! De maneira que você já é deputado.
hora!
Ah, muito bem! Mas não quero perder a Missa. Está na
E saiu imediatamente. Pouco depois a notícia seria con- firmada: de fato, os jornais noticiavam que ele havia sido eleito com vinte e quatro mil setecentos e oitenta votos, ultrapassando o dobro do que recebera o segundo colocado. Com apenas vinte
AMD 19
Legionario
56 Pee Demings, 1 de Main de 1933 Uma vitória Mariana Assim vill
Uma vitoria -Paralel @Leguan s
Mariana
Congregados marianos de São Paulo, reunidos para comemorar a eleição
de Dr. Plinio (em destaque)
como deputado, em maio de 1933
Leon Van Huffenetudio 6-grandes.Shinyau ongregado marino De Phany Com
P.P.D
Bancada Paulista
18
Quadro geral da vota-
ção nas eleições de
3 de Maio
(1 TURNO)

LE.C
ALCANTICA
PLINIO
14 DEPUTADOS
(Pela votação em 1. turno)
CHAPA UNICAS CARRA
CANDIDATOS
4
LEC.
20
ALCANTARA
PLINIO
CHAPA UNICA NORS
DEPUTADOS
Cardinal WERDEN
DEPUTADOS
Graficos estatisticos mostrando a vitori de Dr. Plinio mas eleições de 1933. Notteta publienda na primeira pagina de O Legionário, 12 de novembro de 1933

Pas
constituiram emm's or dedi- saru-
les sentade, o per vos so
Justa. A todos os que na erdem coners te bells os deveres divica, as minha congratula
ICOES NAS RECÇOES AN-
AS ELEICO NULLADAS
Seitura da saudação do ma Após a lealno, o dr. Prida Affonso de parecer sobre os Annulla-
retos eleições na
de de Juntas apuradores a esta sec- das pas correspo4.000 votos e, osobem a uma Barreto
opinava So, o dr. effectuação de nov Pavora velmente de secobes. Allegando elelcões
natos em apreço dos que os 4,000 situação indiv Influir sobre alletas que concorreram
Altend
o que res
candidatos de malo resolveram eleições de Regionou o dia
bros do 27 er. A
olveram 06 mem- Eleitoral, o
onso de Carvalho designe
11 de julho para a realização das novas leleições.
A PROCLAMAÇAO DOS DEPUTADOS ELEITOS
- da volatio al لماما
Reportando-se ao tot de malo, o mi- canda nas eleições d arvalho leu um resu- nistro
Affonso de juntas apurado
mo
dos trabalhos e verifica-se que o Por esse reumadas attingiu ... total de cedulas
aabelecendo-se, alto- 146.803 votos, estal, o quociente eleito de accordo com a lel, o de
11,341 votos.
Os candidatos eleitos por esse quocien-
le foram
5.885

Dr. Plinie Corrêa de
Pelo 2 turno, as ers: Jose com 178,471 VOL
Pinto do ar da Bilva Braga, co cinato Cesar Manoel de Azeve 177.160; Jos
Coram os drs. Plinio Corrêa de Olivel-ques, com 175.440.
ra. com 24.780 votos: José Alcantara
Recorte do jornal O Dia, de 22 de junho de 1933, indicando a quantidade de votos obtidos por Dr. Plinio
A repercusão do nosso jornal no extrangeiro
Un congregant diputat a les
Com-a les Corts espanyoles hi van ara molts diputats joves que procedeixen de les Congrega- cions Marianes, també hi ha anat suara a les Constituents de el jove la República Brasilenya
Count de la Congregació
à de São Paulo, Dr. Plini Correa de Oliveira, després d'obtenir una votació tan bri- llant que va doblar els vots del
quifen va tenir més dels catòlics, a més d'ésser el qui ha tingut la major votació individual en tot el Brasil.
En el banquet amb què molts personatges el volgueren aco- miadar, el dia 10 de novembre, el Dr. Correa de Oliveira va prometre que a l'Assemblea Constituent seria el que sempre
Corts Constituents del Brasil
s'ha honrat d'ésser. un catòlic d'acció. A més, el dia 12, vigília de la seva sortida cap a la Capital Federal, la Congregació Maria-
a Balllori Jofré
Dr. Plini Correa de Oliveira.
na de São Paulo li dedicà un homenatge, que va presidir l'excel·lentíssim Arquebisbe Metropolità i en el qual parlà el la Federació de les Director de Congregacions Marianes P. Ire- neu Cursino de Moura.
El jove diputat és el director Legionario,
del quinzenari
que reflexa amb preferència la vida mariana d'aquell pais i so- vint s'ocupa amb fidelitat del moviment catòlic de la nostra pàtria.
De cor felicitem al doctor Correa i a la Congregació bra- silenya.
Tambem no exterior repercutiu a vitória de Dr. Plinio,
como noticiou a revista católica de Barcelona Juventus, em dezembro de 1933
Capitulo 6
BRASIL
git
KERTECO COMUNICAC
CRICANOS EXPENS
R10,17/5/33.
Meu caro Dr.P11.0.
PLD 166 17 1946 19
246
ningun riumpho de seu nome,expressão le Antes de nais nada.porabens maito in- pelo catholica es 5.Paulo.
unt
causa cad
tina impossibil

que,förs
ata que eu sentino Alceu. Penao.pores, alidencial. Tal
datura do nor
dependencia de
the fol pro ter maior indepen
ca
to,posas
lamento Constituinte,o Pr.plinio será Saria Consti affirmaçes.
nossas maiore
uss das para calo,aqui lhe deixo al-
acção.
Sep tempo benção.
nhas melhores 1
4.Ct.
"f
A luz brilha nas trevas
Algumas corespondencias enviadas por personalidades eclesiasticas a Dr Pini felictando-o pela elede
236
Obran
MONS ANTONIO RAMALHO
Jehäte-
SABOTICARL de
J11.
VELURID TEBAL
e três anos, Plinio Corrêa de Oliveira era o deputado mais jovem e mais votado de todo o Brasil.
Estava obtida a primeira grande vitória nessa peleja que ele vinha conduzindo durante longos anos, em favor de seu ideal: "Era o resultado de uma luta que eu tinha começado a sós, mas que Nossa Senhora protegeu até chegar a esse extre- mo", 54 Entretanto, o maior e mais terrível dos combates deveria ser travado em seu próprio interior.
Entre a bênção e a maldição
"Pouco depois de eu ter conseguido arvorar a bandeira da humildade, fui eleito deputado. A batalha contra o orgulho se multiplicou por si mesma" 55
Assim se referia Dr. Plinio a essa fase de sua vida espiri- tual, na qual foi surpreendido pelas ondas de uma celebridade sem precedentes na História do Brasil. Com efeito, em sua nova
54) Conferência, 20/1/1989.
55) Conversa de Sábado à Noite, 22/1/1983.
323

as
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte 11
vastidão do Movimento Católico e do público em geral, tendo situação ele era ponto de convergência de todos os olhares na diante de si a perspectiva de uma carreira fulgurante. Facilmen-
te poderia deixar-se embriagar pela vaidade!

apóstolo
O seu propósito de ser despretencioso, assumido na leitura de A alma de todo apostolado, encontrava agora sua plena aplica- ção. Começava a luta contra a enorme tentação do amor-próprio, à qual ele se encontrava mais exposto do que nunca. "O livro de D. Chautard me serviu de guia e de muralha",56 recordaria anos depois, explicando o quanto foi auxiliado nesses dias pela convic- não visar com exclusividade o serviço da Igreja, mas, pelo con- ção haurida nos ensinamentos do abade trapista: se o trário, consentir no desejo de realização pessoal, prejudicará e enterrará a própria causa que imagina servir.57 E de tão rigoroso princípio Dr. Plinio tirava, para si mesmo, uma conclusão impla- cável: "A vitória dos católicos na Constituinte podia encerrar de modo espléndido o período do laicismo, quarenta anos depois de a Igreja ter sido separada do Estado. Ora, no que a mim tocava, essa vitória consistia em que eu não consentisse num só movimen- to de vaidade, por menor que fosse. Devia estar pronto a entregar meu cargo, a renunciar à minha carreira e a voltar a ser zero a qualquer momento, desde que a Causa Católica o exigisse" 58
Na verdade, ele bem sabia que, no fundo, da postura inte- rior naquela circunstância dependeria sua futura atitude perante a Lei de Deus e, portanto, o seu destino eterno. E formulava em termos terríveis a exigência na qual sua nova condição o coloca- va: "Eu recebia um enorme apostolado para fazer, e essa missão trazia consigo, em germe, a bênção e a maldição. Bênção se eu fosse desapegado, maldição se me apegasse à minha situação" 59
56) Santo do Dia de Sábado, 28/1/1989.
57) Eis uma das afirmações de D. Jean-Baptiste Chautard que pode ter inspirado a mencionada reflexão de Dr. Plinio: "Portanto, apenas o senso sobrenatural prático, mediante os múltiplos acontecimentos, circunstâncias e detalhes proporcionados pela vossa Providência, me tenha feito discernir que tal ação está verdadeiramente ligada à vossa vontade, meu dever consiste em não me subtrair a ela e também em não me comprazer nela. Devo empreendê-la e continuá-la, mas unicamente para fazer vossa vontade. Porque o amor--próprio lhe viciaria o valor e lhe diminuiria o mérito" (CHAUTARD, op. cit., p.270-271). 58) Santo do Dia, 22/6/1973.
59) Idem.
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
"Devia estar pronto a entregar meu cargo, a renunciar à minha carreira
e a voltar a ser zero a qualquer momento, desde que a Causa Católica o exigisse" Dr. Plinio em maio de 1933
Tais reflexões povoaram a sua mente nos meses que se passaram desde a eleição até reunir-se a Câmara, período que ele também aproveitou intensamente na leitura de obras doutri- nárias a respeito dos pontos de reivindicação da Liga Eleitoral Católica, preparando-se assim para as discussões parlamentares que imaginava travar chegada a hora dos debates.
325

Diploma
&
Correa
a Olivein
gente eleitoral dahi resultante, era de onze mil setentos e vinte e cines (para o primeiro turno; que os nomes votados na ord decrescente dos votos v bidos era o seguinte:

-PRIMEIRO TURNO-Plinio Correa de Oliveira (24.780) e quatro mil setecentos e oitenta votos; José de Alcantara Machado de Oliveira (12 doze mil seiscentos e quarenta e dois votos; Theotonio Monteiro de Barros Filho (11.777) mil setecentos setenta e sete votos; José Carlos de Macedo Soares (11.450) onze mil ericenta votos; Oscar Rodrigues Alves (10.116) dez mil cesto e desesis w de Barros Penteado (775) sete mil aitocentos setenta e cinco votos: W mil trastos e cincontsumotos; Jolo Domingues San renta e dois votos: Carlos de Moraes Andrade (6373)
Almeida
Zoran
cinco mil olto
noventa
Diploma de deputado conferido a Dr. Plinio, em junho de 1933
Cribunal Regional de Justin Eleitoral de S. Paulo.
Extracto da Acta Geral do pleito realisado a 3 de Maio de 1933, para deputados à Assemblea Nacional Constituinte.
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
Na reunião à Chapa Unica, firmeza e ousadia
Fora convocada a primeira reunião dos candidatos paulis- tas eleitos, a qual seria realizada com vistas a debater o progra- ma da Chapa Unica por São Paulo Unido. Com a incumbência de impor a aprovação das quatro reivindicações mínimas, Dr. Plinio também compareceu ao local determinado, em re- presentação da Liga Eleitoral Católica. Nessa ocasião ele teria oportunidade de mostrar o quanto estava disposto a proteger os direitos da Igreja contra o laicismo, enfrentando qualquer obs- táculo e declarando suas convicções religiosas em alta voz.
Ao abrir a sessão, Dr. Alcântara Machado, futuro chefe dos deputados de São Paulo, anunciou que seria submetido à deliberação o projeto a ser apresentado na Assembleia Cons- tituinte. Ali estavam os quatro pontos solicitados pela Liga, tal como Dr. Plinio o exigia, mas o enunciado de certo pormenor do programa, preconizando a separação entre a Igreja e o Es- tado, foi motivo para que o candidato mais jovem, sentado à ponta da mesa, tomasse a palavra e exprimisse o seu desacordo em nome da doutrina católica, numa atitude de firmeza e ou- sadia que surpreendeu a assistência. O líder paulista reagiu de imediato, com notável sagacidade, propondo outra fórmula de conteúdo menos categórico e oferecendo, assim, uma solução cujo acerto Dr. Plinio soube apreciar, dando sua aprovação ao
novo texto.
Era uma primeira vitória. Todos haviam percebido que a defesa dos interesses católicos estava agora a cargo de um ver- dadeiro batalhador, destemido e pronto a romper lanças pela Igreja, mas também cheio de argúcia, com o qual não convinha travar discussão. O Arcebispo D. Duarte, informado pelo pró- prio Dr. Plinio, ouviu estupefato a narração do acontecido e em seguida manifestou seu regozijo: a atuação daquele candidato prometia ser coroada de grande sucesso.
60) Nos dias 26 e 27 de maio de 1933, os candidatos da Chapa Única paulista eleitos reuniram-se no Instituto da Ordem dos Advogados, a fim de definir sua atuação na futura Constituinte.
327

328

Juventude: a sabedoria posta à prova
Ausente da festa e do banquete
Parte II
No dia 24 de junho desse ano de 1933 foializada a sole- ne outorga dos títulos aos novos deputados da Copa Unica, no Palácio do Tribunal de Justiça de São Paulo. Assão era muito festiva naquela noite: no salão ornamentado com flores, em meio aos aplausos e congratulações, cada homenageado avança- va para receber do presidente do Tribunal um belo certificado.
Porém o deputado mais votado não se encontrava ali. Dr. Plinio decidira dar preferência à reunião costumeira com os membros de seu pequeno Grupo, permanecendo na sede da Congregação Mariana. E o seu relato descreve o que ele experi- mentou nessa ocasião: "Eu estava na tranquilidade da biblioteca da Rua Imaculada Conceição, conversando sobre nossas doutri- nas, e sentia um enorme bem-estar por ver-me longe de tudo aquilo".61
Durante a conversa irrompeu na sala um congregado, o qual subira as escadas a toda pressa, e disse a Dr. Plinio:
Oh! Você está aqui?! Fui assistir à entrega de seu docu- mento e você não compareceu. Inclusive chamaram o seu nome! E a resposta deixou-o aturdido:
É verdade, mas que importância tem isso? Eu não se rei mais deputado ou menos por não haver recebido o diploma. Amanhã ou depois irei buscá-lo.
Passados alguns meses, o interventor federal em São Pau- lo, Dr. Armando de Sales Oliveira, oferecia um banquete a to- dos os deputados eleitos pela Chapa Única, num clube da ci- dade.62 Dr. Plinio pensou que bem valeria a pena aproveitar a
61) Conversa de Sábado à Noite, 26/8/1989. Praticando de modo eximio tal desprendimento, mais uma vez se manifestava em Dr. Plinio o dom de sabedoria em seu esplendor, de acordo com a explicação de São Roberto Belarmino: "Os acontecimentos propícios ou adversos, a riqueza ou a pobreza, a saúde ou a enfermidade, as honrarias ou os opróbrios, a vida ou a morte, não devem ser por si mesmos desejados ou evitados pelo sábio; mas se servirem à glória de Deus e à felicidade eterna, são coisas boas e desejáveis, se porém lhes forem contrários, são ruins e deles o sábio deve fugir com todas as suas forças" (SÃO ROBERTO BELARMINO. Elevação da mente a Deus pelos degraus das coisas criadas. Rio de Janeiro: Paulinas, 1955, p.38).
62) O banquete ocorreu no dia 7 de novembro de 1933, no Clube Comercial.
Capítulo 6
oportunidade para dar mostras de sua
e destoar de modo
independência ostensivo em relação ao ambien- no qual ele agora se te político encontrava por obediência à autoridade eclesiástica e ex- clusivamente para o serviço da Causa Católica.
A luz brilha nas trevas
Por coincidência, no dia do banquete ele amanhe- ceu com leve dor de garganta. Então enviou um telegrama a Dr. Armando, explicando em termos amáveis que não poderia comparecer, retido por certa in- disposição, mas agradecia a gen- tileza do convite e apresentava cumprimentos. Mais tarde ele soube como havia repercutido sua mensagem: ao início da re- cepção, um orador havia tomado a palavra para comunicar que o Deputado Plinio Corrêa de Oliveira não pudera comparecer por motivos de saúde, mas dirigia ao Senhor Interventor um te- legrama. Em seguida, havia-se procedido à leitura da missiva.
*

Dr. Armando de Sales Oliveira, interventor federal em São Paulo- Fotografia extraída da revista
Do sr. deputado Plinio Corrêa de Oliveira, recebeu o ar. dr Ar- o seguinte tels- mando de Balles Oliveira, inter-. ventor federal, gramma:
A Cigarra, novembro de 1934
O
"Ausento por motivo Imperioso, do banquete offerecido & bancada paulista desoulpo-me attenclosa mente, agradecendo a v. exa. delicado convite Pilalo Corrêa de Oliveira".
No dia seguinte, na seção Notas e informa- ções do jornal O Estado
Telegrama enviado por Dr. Plinio a Dr. Armando comunicando sua ausência no banquete em homenagem à bancada paulista. Publicado em
O Estado de São Paulo, 9 de novembro de 1933
de São Paulo constava o texto do telegrama por ele enviado a Dr. Ar- mando. De modo oficial e pomposo, os de- tentores do prestígio e do poder começavam
a reconhecer que o jo- vem paladino da Igreja devia ser respeitado.
329

as
330
Juventude: a sabedoria posta à prova
A estação de trem, duas vezes repleta
Parte 11
Sim, a humildade não era a única virtude que as ações de Dr. Plinio deixavam transparecer junto à sociedade que agora the dava tão relevante cidadania. Ainda haveria muitas demonstrações da segurança, da combatividade e da grandeza com as quais era capaz de proceder aquele que, doravante e apesar de sua jovem idade, representava a Santa Igreja entre os homens que decidiriam sobre os destinos da Nação. E uma dessas manifestações se deu no exato momento em que os deputados paulistas partiam rumo ao Rio de Janeiro, para a instalação da Assembleia Constituinte, A estação ferroviária se encontrava repleta de um público que acenava e aplaudia, enquanto se afastava o trem conduzin- do os eleitos da Chapa Unica rumo à capital federal. Todavia, a ausência do mais moço de novo se fazia notar, desta vez sem a menor satisfação ou desculpa de sua parte. Motivo? O ofere-
Dr. Plinio não embarcou junto com os demais integrantes da Chapa Única, preferindo aceitar um banquete oferecido
em sua honra pela Ação Universitária Católica Chegada dos deputados da bancada paulista ao Rio de Janeiro para a abertura da Constituinte, em novembro de 1933
63) No dia 8 de novembro de 1933, os deputados da Chapa Única partiam para o Rio de Janeiro, no Cruzeiro do Sul, para tomar parte nos trabalhos da Assembleia Constituinte.
Capitulo 6
A luz brilha nas trevas
cimento de um banquete em sua honra pela Ação Universitá- ria Católica de São Paulo, largamente anunciado nos jornais, ao qual ele não podia deixar de comparecer." Três dias depois ele embarcava com sua família na Estação do Norte, e os congrega dos marianos se despediam de seu lider com vibrante entusias mo. O número deles, pelo menos tão elevado quanto o da mul- tidão que ocupara as plataformas na partida anterior, revelava a dos católicos na lide que iria começar.
força
O aroma do prestígio, rejeitado

Ao instalar-se em sua cabine, Dr. Plinio teve a primeira amostra das solicitações à vaidade que se lhe abririam no Rio de Janeiro. O inspetor do trem se apresentou a fim de executar o serviço rotineiro e, percebendo estar diante do ilustre deputa- do, descobriu-se num gesto de reverência, utilizando fórmulas de especial respeito. Foi para ele o sinal precursor da nova exis- tência: a vida do homem público e diplomado, cercado de repu- tação e nimbado de glória, que se dirigia à capital federal para prosseguir uma carreira brilhante.

De imediato teve a preocupação de rejeitar com empenho vigoroso a taça do prestígio que se aproximava de seus lábios, e pensou: "Plinio, uma dura batalha o espera! Ou você se proíbe implacavelmente de pensar nisso, quando cenas semelhantes se repetirem, ou, se fizer concessão a um pouco desse aroma, você rolará ladeira abaixo e cairá num precipício. Ou está sempre dis- posto a desistir disso a qualquer instante se sua consciência o exi- gir, ou você se venderá".65 E assim concluía ele a narração desses momentos em que sentiu as baforadas da celebridade que o espe- rava: "Naquela noite em que me deitei na cama do trem noturno, muitos devem ter pensado: Lá vai o deputado!' Eu dizia: 'Aqui vai um homem abraçado à sua nova cruz, a qual consiste em vencer toda forma de desejo de prestígio; um batalhador que começa na arena a luta consigo mesmo, mais feroz do que as anteriores" 66

64) O banquete da Ação Universitária Católica em homenagem ao Deputado Plinio Corrêa de Oliveira realizou-se no dia 10 de novembro de 1933.

65) Santo do Dia de Sábado, 4/10/1980.

66) Idem.

Segundo ele próprio explicava, a grande dificuldade dessa Juta se encontrava em que o consentimento no gosto da notorie dade não seria um pecado mortal e, portanto, não lhe inspirava o horror e a repulsa que acompanham os atos pelos quais se per- lado, e era o mais paradoxal de tal situação, ele deveria fazer o de o estado de graça e se merece a inimizade de Deus. Por outro possível para adquirir fama, pois esta lhe era necessária como instrumento de apostolado, e sua consciência não lhe permitia fugir do lugar ao qual havia sido elevado por circunstâncias pro-
videnciais.

Na abertura da Assembleia, gesto de zelo filial

Dr. Plinio deixava sua vida cotidiana em São Paulo para instalar-se no Rio de Janeiro por longos meses, embora retor- nasse à capital paulista nos fins de semana, entre outras coisas, para não abandonar o incipiente grupo de jovens que o seguiam. Nos primeiros dias de sua permanência no Rio de Janeiro ele se hospedaria no Hotel Glória, o mais luxuoso e conceituado da cidade, acompanhado por seus pais e sua irmã. Já na hora do

almoço, o seu propósito de desapego começou a ser posto à pro- va. Ao entrar na sala de jantar em estilo neoclássico, onde uma orquestra tocava; ao ver aquelas mesas esplèndidas, ocupadas por comensais de excelente educação e servidas por garçons de categoria; ao ser recebido pelo maître, que compareceu imedia- tamente para oferecer-lhe seus serviços, ele olhava Da. Lucilia e pensava: "Eu, neste luxo, estaria disposto a ver minha mãe ama- pobreza, para não abandonar meus ideais? Sim! Nossa

nhã na
Senhora, dai-me forças!"67
Por fim era chegado o dia da solene inauguração da As- sembleia Constituinte.68 Ao desembarcar do automóvel com sua família no Palácio Tiradentes, sede do Congresso Nacional, Dr. Plinio viu-se logo cercado. Representantes dos jornais e da rádio estavam à sua espera, bem como numerosos parlamenta- res de diversos estados, a fim de conhecer, entrevistar e foto- grafar o deputado mais jovem e mais votado. Ele atendeu todos com amabilidade e entrou na sala de sessões. Foi então que se deu um episódio, simples na aparência, mas que marcaria a vida de Da. Lucilia e, em consequência, também a de seu filho.
RIO DE JANEIRO HOTEL GLORIA
Mesmo cercado pelo luxo do hotel, Dr. Plinio mantinha-se na inteira disposição de abandonar tudo aquilo, se fosse preciso, para servir aos seus ideais
Hotel Glória no Rio de Janeiro, na década de 1930, no qual Dr. Plinio hospedou-se com sua família
Assistentes da inauguração da Assembleia Constituinte.
Em destaque, da esquerda para direita: Dr. João Paulo, Da. Lucilia e Da. Rosée
67) Santo do Dia, 22/6/1973.
68) O dia 15 de novembro de 1933.

Pas

Sprache da Assembleia Come em 15 de novembro de 1933 Em destaque. Dr. Plinio
Desejando com muito empenho que sua mãe se encon- trasse confortavelmente instalada durante a longa cerimônia, ele se apressou em obter bons lugares para ela. Dr. João Paulo e Rosée, e acompanbou-os até a galeria de honra, reservada às familias dos deputados. Ora, devido à enorme concorrência de público, teve certa dificuldade em garantir os assentos, mas, ouvindo o toque das campainhas que anunciavam o início da solenidade, precisou separar-se de Da. Lucilia e foi para o lo- cal a ele destinado, na primeira fileira da bancada paulista. Ao chegar, em vez de sentar-se, voltou-se para trás a fim de verifi- car à distância se, de fato, ela se encontrava bem acomodada. Procurou-a com o olhar e, não a encontrando, saiu ao corredor central, dando as costas à presidência, e caminhou até divisar sua mãe: sorridente, ela fazia sinais com um lencinho branco. Ele respondeu com outro aceno e retornou ao seu lugar, sem dar maior importância a esse gesto tão corriqueiro que ele con- siderava como um dever de filho.
Capitulo 6
Na apoteos profundas reflexões
A luz brilho nas trevas
A inauguração da Constituinte se revestia de esplendor. Enfeitado e florido, o salão se encontrava numa leve penum- bra. percorrida sem cessar pelo jato dos holofotes, os quais fo- calizavam diversos pontos que, por sua vez, eram visados pelas câmeras. Os representantes paulistas, muito alinhados e elegan- tes, trajavam fraque e cartola, e vários deles ostentavam vistosas condecorações.
Cada deputado era convocado para subir à tribuna do pre- sidente da Assembleia, o famoso politico mineiro Antônio Car- los Ribeiro de Andrada Machado e Silva. O primeiro nome a

ser chamado foi o de Plinio Correa de Oliveira, o qual subiu os degraus do estrado em meio a uma tempestade de palmas e aclamações, ostentando na lapela de seu fraque o distintivo de congregado mariano. Após ser recebido e cumprimentado efusivamente pelo velho parlamentar, que ele descreveria como figura hierática, finissima e parecendo feita de marfim, Dr. Plinio voltou a sua bancada. Quais reflexões fez ele no exato momento de uma apoteose tão inaudita? Bem merecem ser conhecidas tais como ele as relatou mais tarde: "Eu pensava: Todos os moços do Brasil me in- vejam e desejariam estar em meu lugar. Porém, is- to para mim é vazio, sem graça nem importância. Eu quereria outra coisa!" Sim, eu estava com meu caminho escolhido, e dava graças a Deus por ter um ideal. Qual era ele? Nesse ano de 1933 eu via o mundo decair cada
presidente da Assembleia Constituinte
Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado,
688
335

as
336
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
vez mais, e previa para breve uma grande ra mundial, a qual, de fato, se deu seis anos depois. Tinha ceza de que o co- munismo se estenderia por toda a terra, e enta pensava reunir os poucos homens que pudesse, para lutar a fim de que o mundo
não caísse nessa catástrofe".69
Um dito inesquecível de Da. Lucilia
Após a cerimônia, a família jantou no Hotel Glória. Da. Lucilia, entretanto, pediu licença e foi recolher-se mais cedo que os demais, por sentir-se fatigada e um tanto indisposta.
Da. Lucilia possuía uma visão religiosa da vida, segundo a qual a noção do dever está acima das ebriedades da glória Da. Lucilia na sede de O Legionário, em maio de 1941
69) Conferência, 16/11/1986.
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
Após a refeição, enquanto seu pai e sua irmá recebiam visitantes numa das salas, Dr. Plinio subiu à procura de sua mãe.
Ela ocupava um dos melhores quartos do hotel, escolhi- do cuidadosamente por seu filho, que desejava dar à presença de Da. Lucilia o caráter de homenagem prestada, em gratidão por tudo quanto lhe devia. Ao entrar, ele a encontrou sentada numa chaise longue frente às janelas, absorta na contemplação do lindo panorama que dali se descortinava. O luar dourado se refletia nas águas muito próximas da praia do Flamengo, e duas altas palmeiras enquadravam a perspectiva, aumentando-lhe a
beleza.
Ajoelhando-se junto a ela, Dr. Plinio abraçou-a e pergun- tou-lhe sobre a indisposição que tivera, iniciando depois uma leve conversa a respeito da paisagem, de certos aspectos do ho- tel e dos fatos ocorridos naquele dia. Em seguida, de modo mui- to natural e tranquilo, ela disse:
Filhão, você não tem ideia do contentamento que deu à sua mãe hoje. É dos maiores prazeres que você me proporcio-
nou na vida.
- Mas o que aconteceu, mamãe?

E ela continuou, com mais ênfase:
- Eu tive muita alegria em presenciar sua posse como de- putado, mas o que mais me agradou não foi isso. Quando você nos deixou naquela galeria, eu lhe acompanhei com os olhos e pensei: "Bem, ele agora vai colher os louros de sua vitória e nos esquecerá por completo, o que será compreensível". Contudo, no momento em que você saiu de seu lugar e começou a me pro- curar com muito desvelo e afeto, para verificar se eu estava bem instalada, esse gesto de lembrar-se de sua mãe, naquela hora, in- dicava um feitio de alma e uma forma de carinho que, para mim, valem muito mais do que uma cadeira de deputado. Mas, mãezinha, tal seria! Era preciso que eu demons- trasse isso? A senhora não faz ideia de quanto a quero!
- Até agora estou cheia de alegria por ter recebido de sua parte essa manifestação de afeto filial. E nunca poderei me es- quecer disso.
337

Mas
Juventude: a sabedoria posta à prova
extremos de benquerença.
Parte II
Filho e mãe abraçaram-se mais uma vez e beijaram-se com Dr. Plinio também se lembraria até o fim de sua vida da- tras, ele percebia com nitidez qual era a tabela de valores que quele dito de Da. Lucilia. Nessa ocasião, como em tantas ou- sua mãe aplicava na consideração de todas as coisas, em plena consonância com ele mesmo. No fundo, tal reconhecimento do a qual o aspecto mais importante do comportamento de um ho- afeto filial correspondia a uma visão religiosa da vida, segundo
mem deve ser, acima das ebriedades da glória,
do dever.
a sua alta noção
Influências benéficas e infortúnios inesperados
Havendo chegado a este ponto da narração, torna-se indis- pensável ao leitor recordar as páginas iniciais da presente obra, em cuja leitura teve oportunidade de conhecer as influências be- néficas exercidas por diversas pessoas e instituições na formação de Dr. Plinio.
Embora nenhuma se tenha comparado à de Da. Lucilia, que o introduziu no seio da Igreja e o conduziu pelas vias da fidelidade à Lei de Deus, é preciso reconhecer que ele também tributava seu agradecimento a outras influências, por intermédio das quais a Providência lhe permitiu auferir grande proveito. Da primeira delas ele sempre guardará uma saudosa recordação: a ação desempenhada por sua governanta alemã, Fräulein Mathil- de Heldmann. Com suas normas rígidas e seu tão caracterísi- co método germânico, ela ensinou o pequeno Plinio a apreciar a decisão e a energia, a ter entusiasmo pela combatividade e a admirar a determinação inflexível que jamais se deixa dobrar. Desse modo, e sem sabê-lo ela preparou seu pupilo para pos- teriormente acolher o influxo, ainda mais benfazejo, de Santo Inácio de Loyola.
Com efeito, por meio da Companhia de Jesus, em cujo co- légio estudou, Plinio hauriu com encanto o espírito deste Santo, que se tornou para ele o modelo por excelência do militante ca- tólico, por suas certezas inabaláveis, sua aguda perspicácia e sua
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas

força de vontade. Assim, essas duas influências beneméritas se conjugavam em sua alma, e ambas tendiam a pôr em relevo um importante aspecto da personalidade do varão católico: a capa- cidade de se esforçar e de aplicar-se para obter a consecução dos fins a que se propôs. "Isso habituou-me à ideia de que o homem, em rigor, conquista tudo o que for preciso, inclusive no campo sobrenatural. Ele mesmo é a moeda com que compra de Deus a realização dos desígnios que este lhe inspirou, e deve sacrificar- -se por inteiro, morrendo se for preciso, mas depois recebendo
de Deus o prêmio".70

Essa atitude em relação às dificuldades e lutas da vida o acompanhou em todo o seu procedimento a partir da candida- tura, e com tal impostação de espírito ele considerava a dura tarefa posta diante de si, de representar a Religião nos debates da Constituinte. Apesar da jovem idade, dispunha-se a enfren- tar essas lides com plena tranquilidade e sem a menor hesitação, pois percebia com clareza que sua eleição para deputado federal representava uma via desejada pela Providência. Logo, o auxí- lio sobrenatural não poderia lhe faltar, uma vez que Deus não traça para alguém um caminho sem dar-lhe as condições para trilhá-lo. Assim, ainda que ele devesse atravessar circunstâncias árduas, julgava que elas não o atingiriam em profundidade.

Entretanto, nos passos iniciais no exercício de seu man- dato, além do implacável combate interior sustentado contra os assaltos do amor-próprio passou a se acumular sobre ele o peso dos infortúnios, que se abateram de modo inopinado e com par- ticularidades dolorosas, para as quais não se sentia preparado. As notícias mais inesperadas começaram a se suceder.

As diretrizes de D. Leme: primeira perplexidade

Entre os deputados eleitos pela Liga nos vários estados do Brasil, surgia a pergunta inevitável: quem seria o líder da banca- da católica? Sem sombra de dúvida, o mais conhecido como de- fensor da Igreja era Dr. Plinio, além de gozar de uma excelente

70) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992.

as

reputação como orador. Seria natural, portanto, que ele fosse o designado para tal liderança Entrementes,
todos eles receberam a convoca- ção para uma reunião presidida por Dr. Alceu Amoroso Lima. Assim, congregados eles no prédio da Coligação Ca tó- as normas de D. Leme. Em lica, Dr. Alceu transmitiu-lhes primeiro lugar, Sua Eminen- cia determinava que não existi- ria uma bancada de deputados católicos. Todos deveriam per- manecer dispersos na Assem- bleia, integrando as fileiras dos respectivos estados, razão pela qual também não haveria entre eles um líder. O chefe seria ele mesmo, Tristão, alheio à Câma- ra, que em nome do Senhor Cardeal lhes transmitiria os dese- comparecer ao local onde estavam todos os dias, terminada a jos do Episcopado brasileiro. Os deputados da Liga deveriam reunião dos constituintes no Palácio Tiradentes, a fim de rece-

Cardeal D. Sebastião Leme,
na década de 1930

berem instruções e palavras de ordem.
Para Dr. Plinio, sentado em meio aos outros, aquela nor- ma já constituiu uma decepção, pela perda de autonomia que acarretava a todos, com a consequente diminuição da eficácia no momento dos debates parlamentares, mas a ele competia apenas obedecer. A segunda diretriz, porém, iria causar-lhe ain- da maior perplexidade.
Dr. Alceu prosseguiu explicando que tudo estava combi- nado, nos bastidores, entre o Cardeal e o presidente da Repú- blica, e havia sido realizado um acordo de todos os partidos po- líticos com o Episcopado. Getúlio Vargas, que tinha ao seu lado a maioria na Assembleia Constituinte, assegurava que mandaria os seus partidários votarem a favor dos pontos solicitados pe- la Liga Eleitoral Católica, os quais seriam, de fato, inscritos na
Capitulo 6
Constituição. Mas a condição desse compromisso era que a Igreja não pedisse mais do que as reivindicações mínimas.
Então, D. Leme mani-
festava o firme desejo de que os deputados não fizessem ne- nhum discurso nem debates- sem a respeito das exigências católicas, pois, uma vez que a batalha já estava ganha, tais pronunciamentos se presta- riam somente a discussões inú- teis, podendo até prejudicar os interesses da Igreja e fazer fra- cassar o acordo. E acrescentou:
O Cardeal espera isso
A luz brilha nas trevas
Dr. Alceu Amoroso Lima, no início da década de 1930
da dedicação dos senhores. Se desejarem fazer discursos para provar que possuem dons oratórios, falem sobre outros temas, como política exterior, finanças ou agricultura, mas sobre as rei- vindicações não digam uma palavra! Além do mais, os senhores estão proibidos de contar a qualquer pessoa que receberam essa recomendação.
Tais diretrizes produziriam no espírito de Dr. Plinio um verdadeiro desconcerto. Eles haviam sido eleitos com a finali- dade de discursar e debater! "Eu tinha me equipado para defen- der a Causa Católica. E agora, os discursos com que eu sonha- va, as invectivas contra os adversários, os brados, as batalhas... Nada!"" Por outro lado, pensava que, diante de tal concessão do Governo, devida à colossal influência adquirida pela Igreja, os católicos não podiam perder ocasião tão incomparável: era o momento de exigir muito mais e de tomar iniciativas ousadas. Inclusive, via quantas possibilidades de atuação se abriam diante dele contando com o apoio dos colegas católicos de todos os es- tados, muitos deles sinceramente dedicados ao serviço da Igreja
71) Santo do Dia de Sábado, 14/9/1991.
(H
341

342
as
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
por exemplo, uma visita coletiva da Assembleia Constituinte ao e com os quais começava a fazer amizade. Poderiam promover, Cristo Redentor no alto do Corcovado, para oferecer a Ele a Constituição Nacional, uma vez promulgada. E mil outros em-
preendimentos semelhantes!
Mas ele percebeu também que as normas transmitidas por Dr. Alceu criavam para ele, em particular, una dificuldade

enorme e insolúvel.

A era dos reveses

Os eleitores paulistas que lhe haviam dado seu voto ti- nham-se unido a ele por razões de cunho religioso, à espera de maria uma atitude incompreensível: não faria um só discurso que lutasse para aprovar as emendas católicas. E agora ele to- acerca das reivindicações para cuja defesa fora eleito. É verdade que poderia tratar de outros assuntos relacionados com a Cons- tituição, mas então dividiria o seu público, uma vez que os ca- tó- licos podem ter opiniões as mais diversas a respeito de matérias sobre as quais a Igreja não se pronuncia. E, com isso, forçosa- mente ele prejudicaria sua futura reeleição, que julgava ser de

proveito para a Causa Católica.

Assim, entre os dois inconvenientes, o menor deles ainda seria o silêncio, mas ele se propôs a aproveitar todas as ocasiões que eventualmente se apresentassem para manifestar-se sobre temas que não desunissem o seu eleitorado.

Porém, à medida que passavam os dias e as semanas, che- gavam a seus ouvidos notícias dos boatos que começavam a cir- cular em São Paulo, inclusive nos meios católicos: ele não fazia discursos nem intervinha nos debates por ser muito jovem e tí- mido, com medo de falar em público. Houve até quem afirmasse que Dr. Plinio era tartamudo. Ele, que ao longo da campanha eleitoral fizera uso da palavra nas maiores igrejas de São Paulo, e era conhecido em todo o interior como grande orador! Logo percebeu tratar-se de um cerco estabelecido a fim de impedir sua reeleição. Era a primeira vez que notava a existência de uma ação premeditada e organizada contra ele.

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

A tudo isso se acrescia sua nova rotina, em extremo fati- gante. Ele passara a frequentar as reuniões da bancada paulista todas as manhãs, onde trabalhava pela aprovação das emendas católicas. Não deixava de participar às tardes das sessões na Câ- mara dos Deputados, numa atividade incessante, chegando a travar relações cordiais com parlamentares de todos os estados da federação. E, antes do entardecer, ainda era obrigado a com- parecer à sede da Coligação e ali permanecer por duas horas, instruções do Tristão de Ataíde. Chegada a noite,

recebendo

as

mantinha-se no seu quarto do Hotel Regina, onde se hospedou ao longo de todo o mandato, sem ser procurado por um con- gregado mariano sequer, nem convidado a discursar em alguma associação católica. Aos poucos, entrevia fazer-se em torno de si um estranho vazio, e percebia estar sendo objeto de um verda- deiro bloqueio de isolamento.

Sim, havia se iniciado para Dr. Plinio a era dos reveses, aos quais se somava uma terrível provação interior: "Eu começava a sentir algo de desapontamento, como se a Providência não fosse cumprir as perspectivas que Ela mesma tinha aberto diante de mim","2

No centenário do Venerável José de Anchieta

Entretanto, em meio às piores contrariedades ele jamais arrefecia em seu zelo, nem perdia a menor oportunidade de ob- ter um benefício para a Causa Católica. No mês de março da- quele ano de 1934 celebrava-se o quarto centenário do então Venerável José de Anchieta. Dr. Plinio viu a ocasião propícia para pronunciar uma alocução na Câmara, sobre matéria muito própria a incentivar o entusiasmo dos católicos, mas sem relação direta com o assunto proibido das reivindicações da Liga. Ofere- ceu-se, pois, para fazer uso da palavra

em honra do fundador de São Paulo e, recebida a licença, proferiu um rápido e brilhante discurso, recebido com calor pelos colegas e publicado depois nos cotidianos paulistas.
72) Idem.
(H
343

344
as
Juventude: a sabedoria posta à prova
ГА
S. PAULO - TERÇA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 199
Parte II
Commemorações de Anchieta
na Constituinte
O deputado Plinio Correa de Oliveira, quando discursava sobre o grande apostalo na seado de se da Constitulate Dr. Plinio proferiu um rápido e brilhante discurso,
glorificando o Santo jesuíta por sua devoção a Maria Santissima e indicando-o como figura máxima da Nação
A Gazeta de 20 de março de 1934 noticiando o discurso de Dr. Plinio na Constituinte, sobre o Venerável José de Anchieta
Tal elogio passaria para a História como testemunho do espírito profundamente religioso que movia todas as ações de Dr. Plinio, bem como da magnitude de vistas daquele que era a bandeira da Santa Igreja erguida na Assembleia Nacional Cons- tituinte. Em um ambiente de predominante materialismo, ele. sem sombra de respeito humano, glorificou o Santo jesuíta por ser acima de tudo devoto de Maria Santíssima, e o propôs como figura máxima da Nação que, de modo oficial, decidia seus pró- prios rumos, escolhendo entre a religiosidade e o laicismo:
"Deveria também eu procurar palavras novas para ce- lebrar aquele que na grandeza de suas virtudes e na força de seu gênio, parece uma bênção viva d'Aquela a quem, com tanto amor, ele cantou? Não, o louvor só é necessário quando o esque- cimento começa a cobrir com seu musgo uma memória gloriosa, ou quando a calúnia cobre de lama uma reputação imaculada. Nem o esquecimento nem a calúnia empanam o brilho da glória de Anchieta, que é hoje o sol que fulgura no zênite da História
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
brasileira. Seu vulto se ergue nas cabeceiras de nossa História, presidindo à formação da nacionalidade, com seu vigor de herói, e com sua virtude de Santo","
Terá havido alguém na Câmara que, ao escutar as palavras deste jovem cheio de fogo sobrenatural, compreendesse o quan- to era ele a personificação do chamado que, segundo afirmava, a Divina Providência fazia ao Brasil naquela quadra histórica? Será que pelo menos um entre seus colegas parlamentares vis- lumbrou o grau de esplendor a que a Nação poderia se elevar, se as almas de seus filhos se abrissem para esse apóstolo que assim
os conclamava?
"No momento presente, o Brasil atingiu, no seu roteiro his- tórico, uma culminância de onde se divisam ao mesmo tempo, sendas tortuosas que conduzem para vales sombrios e caminhos luminosos para novas escaladas. Convém, pois, que, nesta hora de tremendas responsabilidades, retemperemos a fibra na contem- plação reconhecida do maior vulto de

nosso passado, e que, des- viando nossos olhares dos abismos que nos solicitam, olhemos pa- ra o alto num gesto de confiança em Deus, antevendo, projetada em sete cores sobre o céu do futuro, a nossa Pátria engrandecida pela plena realização de sua missão histórica providencial".74

Não seria apenas através de discursos, porém, que Dr. Pli- nio romperia aquele silêncio a que as circunstâncias o forçavam. Ele espreitava outras ocasiões para manifestar-se enquanto de- fensor e paladino da catolicidade e, segundo suas recordações, desejava exercer alguma atuação ousada, "sensacional, própria a levantar o teto da Assembleia".75

A intervenção que marcou a história da Câmara

Zoroastro de Gouveia era um dos deputados comunistas da Constituinte, o qual tomou a palavra numa tarde em que o

73) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Assembleia Nacional Constituinte. 98a Sessão, em 19 de março de 1934. In: Opera Omnia. Reedição de escritos, pronunciamentos e obras. São Paulo: Retornarei, 2009, v.II, p.62.

74) Idem, p.64.

75) Palavrinha, 1/9/1983.

calor se fazia sentir de modo especial, e os parlamentares se dei- xavam abater pelo cansaço e pela modorra. Ora, prevendo uma boa oportunidade, Dr. Plinio decidiu acompanhar aquela dis-

sertação, que quase ninguém se aplicava em escutar.

cia aos católicos, negando-lhes a qualidade de bons patriotas por A certa altura de sua exposição, o orador fez uma referên- trabalharem, supostamente, às ordens do Vaticano. Era o mo- mento que Dr. Plinio esperava: levantando-se de um salto, deu um violento golpe na mesa e proclamou aos brados sua incon- formidade, declarando que acusá-los de traição

constituía uma injúria de Sua Excelência, desferida não apenas contra ele, mas também contra os colegas católicos e o povo brasileiro. Falava em termos tão inflamados e com tal indigna- ção, que todos na Câmara estavam estupefatos, enquanto o Deputado Zoroastro, espantado, tentava de- fender-se e provar que suas pala- vras haviam sido mal interpretadas

Acima: Deputado Zoroastro Gouveia nos tempos de seu mandato. Abaixo: aspecto de uma reunião da Assembleia Constituinte, em 1934

pelo nobre colega. Mas a voz tonitruante que o increpava não o

permitiu externar suas

desculpas.

ainda se ouviriam os ecos quase trinta anos depois. Em 1960 A tal ponto a intervenção foi impressionante, que dela Dr. Plinio visitava a Câmara dos Deputados em Brasília, quando um funcionário que ali se encontrava, veterano dos tempos da Constituinte de 1934, cumprimentou-o e disse:

- Dr. Plinio, até hoje todo mundo tem na memória a dis- cussão que o senhor teve com o Deputado Zoroastro. Apóstrofe como aquele, jamais ouvi. Foi um trovão na Câmara!
Perguntas dolorosas
Mas aquele lance havia sido somente uma vitória momen- tânea, em meio à avalanche das preocupações e adversidades que cercavam Dr. Plinio.
À medida que as emendas da Constituição eram votadas na Câmara dos Deputados, a Assembleia Constituinte também chegava ao fim de sua existência. Punham-se então para ele al- gumas questões, de cujas respostas dependeriam não apenas o seu futuro, mas sobretudo o porvir da Causa Católica no Brasil. Em primeiro lugar, ele se interrogava sobre o destino da Liga Eleitoral Católica: ela continuaria a existir uma vez promulga- da a Constituição? Haveria ainda deputados católicos? E ele es- taria na lista desses possíveis parlamentares? A negativa a tais perguntas poderia lhe acarretar a perda de seu prestígio pessoal junto à massa dos congregados marianos, comprometendo o de- senvolvimento que ele vinha dando ao Movimento Católico em geral.
Dr. Plinio percebia a providencialidade de sua brilhante carreira política, mas a meta no apostolado transcendia muito essa via, pois a vocação à qual era chamado não se realizaria nas faustosas poltronas de um parlamento. Desejava ele, isso sim, aproveitar o grande sucesso enquanto deputado para transfor- mar em realidade seu imenso plano: criar uma instituição que, através de uma eficaz ação sobre as almas, efetivasse a renova- ção religiosa do Brasil e do mundo. Afirmaria ele: "O que mais
347

ras
348
Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
toda a minha vida ao apostolado e à fundação da minha ordem me preocupava era que, tendo tomado a resolução de consagrar de cavalaria, se fosse me dedicar ao exercício de uma profissão se a esse apostolado, não teria condições de trabalhar para sus- não teria tempo para cumprir meu propósito. E me entregas- tentar-me. Como encontrar diante de mim um solução a esse
dilema?"76
Assim, estavam implicados, ao mesmo tempo, sua subsis- tência e o ideal ao qual ele devotara todo o seu esforço, com incalculáveis sacrifícios e renúncias. E colocava-se perante ele outra alternativa, aguda e dolorosa: "Terei a coragem de aceitar
tudo isso, inclusive o fracasso de meu apostolado?"
Eram esses terríveis problemas o objeto de suas cogitações.
Dr. Plinio percebia que sua missão não se cumpriria nas poltronas de um parlamento, pois sua meta de apostolado transcendia muito as vias políticas Dr. Plinio (em destaque), em 1934, com os membros da bancada paulista, por ocasião de um jantar solene no Hotel Copacabana, Rio de Janeiro
76) Santo do Dia de Sábado, 14/9/1991.
Capítulo 6
Perspectivas de miséria
A luz brilha nas trevas
Em breve, as dificuldades financeiras que se avolumavam sobre a família de Dr. Plinio, outrora abastada, chegaram a con- figurar uma situação em extremo preocupante. Péssimos negó- cios realizados por primos dele dilapidaram o patrimônio de Da. Gabriela,

com o consequente empobrecimento de seus fi- lhos. Esse infortúnio afetava de modo especial Da. Lucilia, pelo fato de ter sido ainda pouco favorecida na distribuição da herança feita pela própria mãe, ao que se somava a recente falência econômica em que incorrera seu marido. Dr. Plinio se via então na obrigação de manter seus pais, sendo para eles o único apoio. "Eu estava no ápice do meu período de deputado, quan- do vi o abismo da pobreza se abrir diante de mim","relatava ele e acrescentava que, cessado seu mandato, essa perspectiva se anunciaria de modo irremediável.

Ademais, ele percebia que alguns membros da Assembleia Constituinte iniciavam certos manejos no sentido de diminuir o mandato dos deputados de quatro anos para um só. Portanto, o tempo de que ele dispunha para procurar um bom emprego ou ascender a um grau mais elevado na política, se veria eliminado. Nesse caso, a pobreza que o ameaçava corria grave risco de se tornar a miséria mais catastrófica.

Era, mais uma vez, a grande alternativa: fazer carreira e enriquecer, ou manter-se fiel à Igreja e cair na penúria, parti- cularmente dolorosa em seu caso, porque nela estaria concer- nida Da. Lucilia. Além do mais, sua batalha interior contra a tentação da vaidade continuava incessante e meticulosa, pois ele bem sabia que, por menores que fossem as suas concessões nesse sentido, entraria em sua alma o apego. Em consequência, seria difícil ter as forças necessárias para enfrentar a hipótese da miséria.

E uma circunstância penosa veio amargurar ainda mais a rotina de Dr. Plinio nessa época em que o futuro se lhe apresen- tava tão sombrio e ameaçador.

77) Almoço, 8/11/1990.

****

349

350

as

Juventude: a sabedoria posta à prova

O tormento da nevralgia

Parte II

até então sua saúde havia sido excelente, e o seu sono, regular e Apenas perturbada por esporádicas gripes e resfriados, profundo, vantagens que o ajudavam a carregar o peso das preo- cupações. Entretanto, por certa coincidência permitida pelos designios da Divina Providência, precisamente nessa fase de ter- ríveis dissabores, um sério incômodo físico veio atacá-lo durante

as noites: uma nevralgia.

Todas as madrugadas ele era despertado com a sensação pavorosa de ter um prego fincado nos ossos, ao lado direito da face. Apesar do auxílio de um forte analgésico, aquela dor atroz se prolongava por duas ou três horas, impedindo-o de dormir e obrigando-o a permanecer sentado na cama, com a cabeça incli- nada sobre os joelhos e apoiada em dois travesseiros, à espera

de cessar o tormento e voltar o sono.

Nesses momentos vinham à sua memória todas as perspec- tivas que lhe davam tanta apreensão durante o dia. "Ninguém pode imaginar o que eram para mim essas horas da noite, sem blemas", comentaria anos mais tarde, explicando que ele con- poder dormir, com aquele 'prego' horroroso, pensando nos pro- siderava um dever enfrentar as preocupações e dizia a si mes- mo: "Aproveite agora que você está sentado aqui para pensar no abismo onde cairá, e já formar a sua sensibilidade para nele entrar, pois é assim que se deve lutar pela vida"." E quando o padecimento era especialmente agudo, andava em seu quarto de

um lado a outro para poder aguentar, ocorrendo-lhe uma vez de, ao dar conta de sí, estar sentado no chão, sob a mesa. O alí- vio só chegava ao nascer do sol, quando a luz começava a pene- trar pelas venezianas e os ruídos da rua já se faziam ouvir. A dor cessava e ele dormía por um curto intervalo, até o momento de levantar-se e saír às pressas, a fim de comparecer à reunião da bancada paulista e, depois, à sessão na Assembleia Constituinte.

Longos meses transcorreram sem que nenhum médico descobrisse qual era a causa de tão lancinante nevralgia noturna.

78) Santo do Dia de Sábado, 14/9/1991.

79) Almoço, 8/11/1990.

Capítulo 6

A luz brilha nas trevas

A suspeita de câncer no cérebro levou Dr. Plinio a fazer radio- grafias da cabeça e outros exames, sem que se chegasse a uma

conclusão.

No zênite da tragédia

"Eu estava vendo a minha vida estraçalhada. Era como uma flor que tivesse desabrochado de manhã, sob um lindo sol, e antes de anoitecer viesse uma borrasca tremenda que lhe ar- rancasse e dispersasse as pétalas. Esse era o meu futuro".

Assim se referia Dr. Plinio ao período de sua atuação co- mo deputado. Poucos anos antes ele tivera a enorme surpresa de encontrar o Movimento Católico, encerrando-se a primeira fase de sua terrível solidão. Foram dias em que as promessas can- tavam em seu interior e anunciavam-lhe grandes vitórias, cuja realização havia despontado com a glória de sua escolha para a Assembleia Constituinte. Agora, porém, a degringolada geral de sua situação indicava que esses dias terminariam de modo muito decepcionante, como se os impulsos da graça em sua alma hou- vessem sido meramente ilusórios.

Suas próprias palavras são o testemunho mais pungente do drama que vivia aquele jovem de vinte e quatro anos, iso- lado e perseguido, sofrendo um tremendo cerco, desejando, porém, realizar uma obra gigantesca, para cuja eliminação to- dos pareciam conspirar: "Eu via o vagalhão que vinha destruir tudo quanto eu havia esperado! Parecia que as estrelas do céu se jogavam sobre mim como se fossem pedras, e eu dizia: 'Não entendo nada. Não tenho força, relações nem meios para fazer face a esta horda de inimigos que avança com a intenção de es- magar a obra que eu estou construindo. Já prevejo a derrota e o esmagamento, mas lutarei até o fim! Essa luta, entretanto, será ela mesma um fim. Qual é, então, o sentido de minha vida?**

Como discernir a vontade de Deus a seu respeito? Eis sua maior perplexidade. Ele estava convencido de seus planos serem plenamente concordes com os desígnios da Providência, não se

80) Santo do Dia de Sábado, 14/9/1991. 81) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992.

arrependia do rumo que havia encetado em sua vida, e conti- nuava a acreditar nas promessas que a graça citara em sua nos acontecimentos. "Eu tinha certeza de que ossa Senhora alma. Mas percebia que algum fator contrário havia interferido to, por mais que

aplicasse força de vontade, não havia meio de desejava que as minhas obras fossem bem-sucedas. No entan- vencer, e tudo me escapava das mãos"," recordas Dr. Plinio. Despontava em sua consciência a dilacerane questão, pin- resíduos de amor-próprio, de orgulho, de algo que não noto, cometido algum pecado que ignoro? Existirão talvez em mim caro e resumo de todas as provações pelas quais sava: "Terei mas que pesa contra mim na balança de Deus? E, no fundo, segundo suas palavras, "era toda uma atitude perante a vida, que estava posta em dúvida: 'O que mais é preciso fazer para ter resultado nesta coisa tão complicada que se chama vida?"

E sua tragédia não sería completa se nela faltasse uma cir- cunstância, entre todas dolorosa: "Nossa Senhora me deu tan- ta devoção a Ela! Entretanto, parece que está muda diante de mim. Se eu fosse dizer que os meus inimigos me assaltam, não sería nada! A minha Mãe celeste me ignora!"s

Um livrinho comprado às pressas

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Rio de Janei- ro, se encontra próxima ao hotel onde Dr. Plinio se hospedava. Ali comungava todas as manhãs, porém num horário em que as Missas já haviam terminado, devido ao atraso que lhe causavam suas terríveis nevralgias. O vigário que o atendía, em extremo atencioso e amável, ministrava-lhe a Comunhão de boa vontade e compreendia, inclusive, a presteza com que ele se retirava logo após a ação de graças, a fim de não perder a reunião da bancada paulista. Dr. Plinio, muito grato em relação a tal manifestação de solicitude, cumprimentava-o sempre com especial gentileza.

352

82) Palavrinha, 11/2/1990.

83) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992.

84) Palavrinha, 11/2/1990.

85) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992.

Todas as manhãs, Dr. Plinio comungava naquela igreja onde era recebido com muita amabilidade pelo vigirio

Igreja do Sagrado Coracio de Jesus-Rio de Janeiro

Certa vez, quando ele chegou à igreja, esse sacerdote expli- cou-lhe que havia sido organizada na sacristia uma feira benefi- cente de livros piedosos, e convidava-o para visitá-la, bem como para adquirir alguma obra e assim ajudar a paróquia. Dr. Plinic viu na ocasião uma boa oportunidade de retribuir àquele padre a amabilidade com que o recebia a cada dia e, depois de ter co- mungado, foi efetivamente até a sacristia, disposto a comprar mais de um livro e sair às pressas. Embora nenhum dos que ali estavam expostos lhe atraísse o interesse de modo particular, não quis deixar de favorecer a quem devia sua Comunhão diá- ria. Hesitou um tanto e escolheu um muito fino e barato: O livro da confiança, de autoria do padre francês Thomas de Saint-Lau-
rent.

Em seguida entrou no taxi e dirigiu-se ao prédio da Cha- pa Única, onde ingressou com sua compra na mão. Encerrada a jornada, quando retornou ao seu quarto deixou o livro sobre um móvel e não teve grande empenho em começar a lê-lo. É preciso dizer que, pela apresentação da capa, parecia-lhe tratar-se de uma obra de piedade sentimental, ou seja, o contrário de seus gostos e propensões.

353

354

as

Juventude: a sabedoria posta à prova
"Voz de Cristo, voz misteriosa da graça..."
Parte II
Entretanto, certo dia decidiu abrir o livro, e os seus olhos caíram sobre as primeiras palavras, das quais ele ainda se recor-
daria muitas décadas depois, citando-as de memória:
"Voz de Cristo, voz misteriosa da graça que ressoais no si- lêncio dos corações, vós murmurais no fundo das nossas cons-
ciências palavras de doçura e de paz".86
"Meu filho, tenha confiança em Mim. Eu quero lhe dar
o que você não tem forças para obter. Reze a Mim, Eu sou sua Mãe"
Imagem de Nossa Senhora das Graças -
Casa Præsto Sum, dos Arautos do Evangelho, São Paulo
86) SAINT-LAURENT, Thomas. O livro da confiança. Campos dos Goytacazes: Boa Im-
prensa, [s.d.], p.9.
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
O que ele sentiu então? A tal ponto sua narração é ex- pressiva, e tanto revela qual foi a ação da graça em sua alma naquele momento, que é necessário conhecê-la como ele a pro- feriu: "Era uma tranquilidade que baixava sobre mim. Eu, que estava amargurado, desorientado e cheio de dúvidas, tive a im- pressão curiosa de uma atmosfera dulcissima e cheia de afeto penetrar em mim, afastando todos os medos e dizendo-me: "Voz de Cristo, voz misteriosa da graça... Vós murmurais em nossas consciências palavras de doçura e de paz. Repita, meu filho!" E algo me dava a certeza de que, realmente, aqueles fantasmas de preocupações e de perspectivas futuras desapareciam, e que Nosso Senhor e Nossa Senhora resolveriam bem os problemas que tanto me amarguravam".
Tocava-o não tanto o significado dos termos expostos no livro, quanto o efeito apaziguante produzido pela leitura em sua alma. Era uma espécie de invasão interior de quietude, um bálsamo que fazia cessar as dores, uma distensão suavíssima e maravilhosa. E ele também relataria o quanto essa consolação e essa esperança lhe pareciam vir, de forma misteriosa, do pró- prio afeto de Maria Santíssima: "Era como se Nossa Senhora me dissesse: 'Meu filho, tenha confiança em Mim. Eu quero lhe dar o que você não tem forças para obter. Reze a Mim, Eu sou sua Mãe", 88
Os fundamentos da confiança
Sentindo-se inundado pela consolação, Dr. Plinio leu até o fim O livro da confiança e depois voltou a percorrer-lhe as pá- ginas repetidas vezes, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, nos fins de semana. Entretanto, não conhecendo ainda o ensinamento da Teologia a respeito da graça mística, em certo momento surgiu em seu espírito a dúvida sobre a seriedade e o valor objetivo daquela emoção que o pervadia. Desejava saber qual era o fundamento de tais sentimentos, segundo a doutrina da Santa Igreja.
87) Santo do Dia de Sábado, 14/9/1991.
88) Almoço, 8/11/1990.

Em primeiro lugar, custava-lhe acreditar que Deus a beneficiasse, por julgar-se indigno de tão delicado tratam ga-se sobre a autenticidade daquilo que lhe era dito por melo De outra parte, sempre afeito ao hábito do raciocinio, interro de senaples, mas que ele não chegava

a explicar para si mes mo através de provas e conclusões Receando ser objeto de uma não, chegou inclusive a tentar coibir a impressio interior de suavidade que o acompanhava a cada trecho da leitura, porn, ao abrir o loro, ela era tão intensa que o desarmana em seu pro-
pósito
Ao mesmo tempo perguntava-se o motivo razoável pelo qual deveria ter confiança em que Nossa Senhora o ajudaria ama saída: "Confiar? Como? Eu esperava num ideal, mas... a nessa situação, uma vez que nada indicava o aparecimento de recer minha vida a Deas como vítima expiatória, a fim de que doença e o infortúnio se abateram sobre mim. Talvez deva de outras almas facam, na terra, o que não fui capaz de fazer Contudo, algo continuava a lhe dizer em seu intimo: "Você não tem o direito de pensar asim! Tem a obrigação de confiar que as velhas esperanças dos seus primeiros anos se realizarão!" Eele argumentava: "E verdade que eu sinto isso no fundo da alm mas tenho de ver a realidade de frente do que vale esse sentir, se não há raciocínios para prová-lo? -O homem não se move
por emoções, mas por explicações!
Além disso, atormentava-o a dúvida a respeito de suas necessidades materiais. Para ele não seria melhor e mais heroi- co evitar qualquer pedido de ajuda, como antes se propusera? E refletia: "Ela é minha Mãe e sabe que eu desejo a santifica- ção. Logo, eu confio em que Ela a dará. Mas não tenho a mes- ma certeza quanto aos meus negócios. Quem sabe se Ela quer sujeitar-me à pobreza ou, inclusive, que eu leve a vida de um mendigo, como aconteceu com muitos Santos? E esta nevralgia pavorosa? Quem sabe se Ela prefere que eu sofra desse modo
89) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992
90) Idem
91) Idem
92) Palavrinha, 11/2/1990
ras
ané o fim de minha vida? Também comitego uma série de histórias sobre Santos, a se respeito Nossa Senhora citá no dres an de exigir-me i Estere o direito de pedir que Ela me cure? Então, como não sei o que Ella determinars tampouco sei se receberei aquilo que estou pedindo Qual é o fundamento da
confiança?
E permaneceu medi- rando sobre esse problema Essolóval até que, ceno dia, ele compreendeu o send- do das graças que recebia ma leitura de O loro da con- fiança. Através de tall obra, a
Providência Divina lhe trazia De Plinio sentiu-se imundas de ma
elemento mais necessário
a vida espiritual naquela fa-
le Olhos de confiança Dr. Pino em meados de 195
se, o qual completava os principios que a formação da Frialen Mathilde e dos padres jesuitas haviam finado em seu espirito
Sim, era verdade! Se quisesse alcançar bons resultados num empreendimento santo, iniciado segundo a vontade de Deus e por inspiração de sua graça, deveria entregar-se por in- teiro Aquele mesmo que seria seu pagamento. Mas agora torna- va-se claro para Dr. Plinio que o sacrificio pessoal não bastava a insuficiência, os defeitos e as lacunas são inerentes à natureza humana e, por isso, era preciso rezar com insistência para ob- ter de Deus, por misericórdia e não por justo merecimento, a consecução do objetivo desejado.

Ora, desse reconhecimento da própria miséria resultava, por sua vez, a necessidade de confiar. "Eu entendi que as condições do atendimento da oração eram
93) Idem.
357

as
Juventude: a sabedoria posta à prova
BOLETIM ARIEL
Mensario Critico-Bibliographico
LETTRAS
ARTES
ABBE THOMAS DE ST.
SOEHOAS
Gastão Crute
LAURENTO LI- VRO DA CONFIANÇA - Traducção de M. P. 2a edição Rio, 1933.
Bellas palavras Livro confortador, de uma grande ter- nura e piedade christãs. sobre a confiança em Deus e as necessida- des espirituaes em lucta com as temporaes. O autor, além de um forte conhecedor da Biblia e dos textos dos doutores da Egre- ja, é tamben um grande conhecedor do co- ração humano, especialmente através das e perfeitas, honra revelações do confessionario. E a traduc- ção, das mais delicadas
o nosso patricio ou a nossa patricia que tão bem a conduziu.
Na leitura de O livro da confiança, Dr. Plinio recebeu fortes graças de consolação e compreendeu que não deveria se perturbar em nada diante das dificuldades
Anúncio de O livro da confiança na revista literária carioca O boletim de Ariel, fevereiro de 1933
Parte II
três: a entrega inteira de si, o pedido a Deus da- quilo que não se merece e, por último, a confian- ça de que oração seria atendida. Esse terceiro fator, que se acrescentou ao dinamismo da mi- nha vida espiritual, eu o aprendi cora O livro da confiança
com-
Assim ele preendeu o que dizia em sua alma essa "voz mis- teriosa da graça": Deus poderia fazê-lo percor- rer caminhos árduos, im- previstos e pontilhados de decepções, mas ele nada havia de temer e ja- mais deveria perturbar- -se. Desde que implo- rasse o auxílio de Maria Santíssima e mantivesse
intacta a sua confiança, tais dificuldades não comprometeriam a realização da grande finalidade de sua vida. "Quanto mais con- fiarmos tanto mais como que forçaremos a Providência a nos atender, e assim se afirma a onipotência da confiança".9
Por essa razão Dr. Plinio denominava O livro da confiança de "ponte admirável e abençoada, que me ajudou a passar por cima de muitos abismos".9% E chegava a equiparar esse auxílio aos benefícios que recebera com a leitura do Tratado da verda- deira devoção de São Luís Maria Grignion de Montfort, bem
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
como ao progresso espiritual que devia ao magnífico livro de D. Jean-Baptiste Chautard, A alma de todo apostolado.
Os ensinamentos deste último, agora harmonizados com a doutrina da confiança, iriam trazer-lhe mais uma vez um provei- to incalculável em certa circunstância que se apresentaria a ele de modo inopinado.

A maior vitória contra o amor-próprio
Afinal foi promulgada a nova Constituição, em sessão so- lene da Câmara dos Deputados." Como todos os representan- tes, Dr. Plinio deveria comparecer para assinar a Carta Magna da Nação, na qual figuravam as reivindicações católicas.
Trajando fraque e cartola segundo as exigências da banca- da paulista, ele se dirigia ao Palácio Tiradentes em táxi quando, ao deixar a Avenida Rio Branco e entrar na Rua da Assembleia, deparou-se com uma cena inesperada: ao longo da calçada de vários quarteirões, uma extensa fileira de soldados prestava con- tinência a cada autoridade que chegava. O oficial comandante
nyn
358
94) Santo do Dia de Sábado, 25/4/1992. 95) Conversa de Sábado à Noite, 2/5/1992. 96) Santo do Dia de Sábado, 13/5/1989.
Ao chegar ao palácio, Dr. Plinio havia vencido a última
e maior batalha do amor-próprio dessa fase de sua vida Palácio Tiradentes - Rio de Janeiro
97) A Constituição Nacional foi promulgada no dia 16 de julho de 1934.
359

360
Juventude: a sabedoria posta à prova
de apresentar armas.
Parte 11
da tropa logo percebeu tratar-se de um deputado e deu a ordem Profundamente sensível ao militarismo, Dr. Plinio sem- pre tivera verdadeiro entusiasmo pelos exércitos, pelas grandes plendor das paradas parecia-lhe em extremo apreciável e dig- batalhas e por tudo quanto lhe falasse da glória militar. O es- no de admiração, apenas inferior à sublimidade das cerimônias
Se tivesse cedido àquela tentação de orgulho, Dr. Plinio não possuiria depois a coragem necessária para enfrentar as humilhações que o aguardavam
Dr. Plinio num evento no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, em meados de 1933
Capitulo 6
as
A luz brilha nas trevas
eclesiásticas. Não é sem razão que o brinquedo predileto da sua infância consistia numa coleção de mais de mil soldadinhos de chumbo, e conhecidos são os anseios veementes de sua alma pe- la fundação de uma ordem de cavalaria.
No momento em que escutou a voz de comando e viu os fuzis que se erguiam para homenageá-lo enquanto o seu táxi transitava com vagar, configurou-se de repente diante dele o fausto da situação em que se encontrava e sentiu subir em si, pela primeira vez em sua vida, a delícia e a emoção de ser glori- ficado pelas pompas militares. Em seguida assaltou-o a tentação de encantar-se, de inebriar-se com aquele sentimento tão lison- jeiro, e veio à sua mente a ideia: sem abandonar o serviço da Igreja, poderia legitimamente continuar a carreira política a fim de receber com frequência essas honras, por serem as que mais fazem sentir a um homem sua grandeza.
Era a maior tentação de orgulho pela qual já passara.
Entretanto, neste instante lembrou-se de A alma de todo apostolado e do completo desapego em relação às vaidades e às honras do mundo, como condição indispensável

para um após- tolo exercer sobre as almas qualquer ação de verdadeira eficá- cia: "Quando me subiu aquele aroma de importância ao espí- rito, lembrei-me de D. Chautard. Foi o meu Anjo da Guarda que me fez recordar: 'Não! Tenho de fazer o contrário! Se for preciso sacrificar minha vida política a qualquer momento, eu a sacrificarei para viver pela Igreja Católica!"

De imediato fez uma oração a Maria Santíssima, desviou o olhar da fileira de soldados e reprimiu aquele movimento in- terior, assim como a complacência que este lhe trazia. Ao mes- mo tempo manteve em sua alma tal perfeição de equilíbrio que, apesar de não fixar suas vistas no espetáculo das tropas apre- sentando armas, continuava considerando a beleza daquilo que para si próprio não aceitava. Ao narrar tal episódio de sua vida, explicava: "Eu reputaria um defeito moral ainda mais grave ser insensível àquilo. Era preciso apreciar a cena e dizer: 'Essa taça é ótima, porém não para os meus lábios, porque eu renunciei a

98) Santo do Dia, 3/9/1988.

(

361

as

362

Juventude: a sabedoria posta à prova

Parte II

ela. Portanto, percorrerei a fileira de ponta a ponta admirando o pulchrum, mas fazendo abstração de que é para mim"" 99

Quando chegou ao Palácio Tiradentes, Dr. Plinio havia vencido a última batalha do amor-próprio desse período de sua vida. Posteriormente afirmou que, se na ocasio tivesse feito uma pequena concessão à vaidade, não possui depois a co- ragem necessária para enfrentar as humilhações e o aguarda-

vam.

E foi também por motivos ligados à despretensão que ele não guardou os telegramas recebidos naquele ca, da parte de D. Duarte e de todos os Bispos da província ecliástica de São Paulo. Os prelados o felicitavam pela excelente atuação desen- volvida ao longo da Constituinte, na qual haviam sido aprova- das, afinal, as reivindicações tão caras a todos os católicos brasi- leiros. Levado por sua vigilância em relação à vanglória, Dr. Pli- nio jamais publicaria essas missivas que, entretanto, poderiam

ter sido de muita valia para o seu apostolado.

Até o fim de seus dias manifestaria a gratidão que devo- tava ao benemérito abade de Sept-Fons, por haver escrito uma obra que o ajudara, de modo tão decisivo, a rejeitar a tentação e escolher o caminho da humildade. "Não sei dizer quanto eu devo à leitura desse livro! No dia em que eu entrar no Céu pela misericórdia de Nossa Senhora, uma das primeiras pessoas que vou procurar com o olhar será D. Chautard, para agradecer-lhe o grande livro que escreveu", 100 declarava.

Assim, os seus heroicos atos de desprendimento o prepa- ravam para circunstâncias ainda mais dolorosas que as sofridas

até então.

Fechamento da LEC e convite do Arcebispo

A ponto de encerrar seu mandato na Assembleia Consti- tuinte, Dr. Plinio se interrogava sobre o futuro da Causa da Re- ligião e, em meio a obstáculos e dificuldades, entrevia diante si alguns caminhos um tanto favoráveis à sua ação apostólica. Po-

99) Santo do Dia de Sábado, 4/10/1980.
100) Reunião, 24/2/1989.
Capítulo 6
A luz brilha nas trevas
deria aproveitar ainda a liderança de que gozava no Movimen- to Católico no Brasil, de modo especial sobre a multidão dos congregados marianos de São Paulo, para prosseguir sua lide no ambiente político e, mais uma vez, fazer-se eleger deputado?
Por outro lado, ele tinha o firme propósito de não se filiar a partido político algum, conservando-se na dedicação exclusiva aos interesses da Igreja. Tal filiação partidária comprometeria de modo irremediável, inclusive, essa mesma liderança que seu prestígio de idealista lhe outorgava, e implicaria numa mudança de sua imagem frente ao público católico em geral, o que ele de modo algum poderia aceitar. Portanto, a hipótese de prolongar a carreira parlamentar só poderia ser considerada se lhe fosse concedida a plena independência em relação a qualquer organi- zação de finalidade não religiosa.
Nessa situação, perguntava-se: qual seria o futuro da Liga Eleitoral Católica? Teria ela atuação nas próximas eleições das novas Câmaras, federal e estaduais, que já se anunciavam? Aci- ma de tudo, ele se encontrava à espera das diretrizes da autori- dade eclesiástica, e não desejava tomar nenhuma atitude a esse respeito sem ouvir a voz dos pastores. Passaram-se os meses sem que o Cardeal do Rio de Janeiro ou o Arcebispo de São Pau- lo fizessem pronunciamento algum sobre tais assuntos, até que, certo dia, D. Duarte convocou Dr. Plinio e transmitiu-lhe duas comunicações.
Em primeiro lugar, explicou-lhe que o Episcopado deter- minara a extinção da Liga, uma vez que ela já cumprira sua mis- são. A seguir, afirmou estar disposto a ajudá-lo a continuar a carreira política, favorecendo seu ingresso em algum dos dois partidos mais importantes do estado para, dessa forma, candida- tar-se nas próximas eleições. Com extremo respeito e reconheci- mento, mas com a firmeza de uma decisão inabalável, Dr. Plinio confiou a D. Duarte sua determinação de manter-se alheio a to- do compromisso partidário, a fim de não alterar sua posição de militância em favor da Igreja.
363

as
364
Juventude: a sabedoria posta à prova
As vicissitudes da segunda candidatura
Parte II
por numerosos congregados marianos, incentivando-o a candi- Pouco depois, Dr. Plinio foi procurado sucessivamente datar-se nas eleições seguintes, movimento que ele interpretou como sinal de possibilidade de sucesso. Assim, tendo recusado o insistente convite dos partidos políticos mais influentes de São Paulo, que também solicitavam sua colaboração nas respectivas chapas, resolveu, afinal, lançar sua candidatura independente e extrapartidária, para deputado estadual. A sua deliberação de manter-se na dedicação exclusiva aos interesses da Santa Igre- ja transparece nas linhas da circular por ele publicada naque- les dias, explicando as razões que o levavam a retomar as lides parlamentares: “Há certas honras ou certas cruzes que não recusam. E eis-me novamente a campo, para, em uma atitude caracteristicamente apolítica, iniciar uma nova cruzada a serviço da Causa Católica, só da Causa Católica, e de toda a Causa Ca-
tólica", 101
e nu-

Grande foi o entusiasmo na Mocidade Católica, cujos membros mais destacados apoiaram Dr. Plinio por meio da pu- blicação de um manifesto em favor de sua candidatura, 102 merosos párocos do interior garantiram-lhe o apoio. Porém, pa- ra sua surpresa, alguns de seus amigos, como Tristão de Ataíde e, sobretudo, a quase totalidade dos Bispos do Estado de São Paulo, mantiveram-se num incompreensível silêncio a respeito de sua campanha eleitoral. De qualquer modo, tal era o prestí- gio de Dr. Plinio nos ambientes católicos em geral, tanto na ca- pital do estado quanto no interior, que as melhores esperanças pareciam justificadas.

101) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. Circular do Dr. Plinio Corrêa de Oliveira. In: O Estado de São Paulo. São Paulo. Ano XL. N.19.927 (6 out., 1934); p. 14. A circular foi publicada também na Folha da Manhã (cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. O Sr. Pli- nio Corrêa de Oliveira e o eleitorado católico. In: Folha da Manhã. São Paulo. Ano X. N.3.129 [6 out., 1934]; p.5).

102) Cf. A CANDIDATURA DO SR. PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA à Constituinte Estadual apresentada por um grupo de católicos de São Paulo. In: Folha da Noite. São Paulo. Ano XIV. N.4.229 (4 out., 1934); p.1.

Capítulo 6

a

É preciso mencionar delicada generosidade de Da. Lucilia nessa oca- sião. Havendo falecido Da. Gabriela, sua mãe, ela tivera de se mudar com o marido e o filho para uma pequena casa na Rua Mar- quês de Itu, no Bairro de Higienópolis. Ora, justo naqueles dias recebera ela de uma de suas tias vultosa doação, a fim de mobiliar a nova residência, cujas condições deixavam muito a desejar. Pois bem, em- penhada em favorecer a candidatura de Dr. Plinio e sempre disposta a todos os sacrifícios em favor dos interesses católicos repre- sentados por ele, sem he- sitação ofereceu-lhe toda essa quantia para cobrir os gastos da candidatura.

Entretanto, em meio

A luz brilha nas trevas

Os heroicos atos de desprendimento de Dr. Plinio o preparavam para dolorosas circunstâncias futuras Dr. Plinio no Rio de Janeiro, durante seu mandato de deputado, em 1934

à campanha eleitoral um curioso episódio veio al- terar situação tão promis- sora. Certo dia, o vigário da Paróquia Santa Cecília, Pe. Paulo de Tarso Campos, compareceu à casa de Dr. Plinio e lhe disse, com indignação, que um dos Vigários-Gerais da arqui- diocese acabara de enviar uma carta circular a todos os sacerdo- tes de São Paulo, pedindo-lhes, a título pessoal, que favoreces- sem a candidatura do médico Tarcísio Leopoldo e Silva, membro do Partido Republicano Paulista, por ser ele irmão do Arcebispo

e em consideração a este último. E o Pe. Paulo convidava Dr. Plinio a ir com ele ao Palácio Arquiepiscopal e interpor uma veemente recla- mação junto a D. Duarte pela sabotagem de que era objeto: substituir, para fins de apoio

na eleição, o

católico por um candidato que em nada favorecia a Causa da Igreja. Ele, porém, recusou-
-se a tomar qualquer atitude
verdadeiro líder
reivindicatória,
pelas
razões
de veneração e reverência que mais tarde explicaria: "Eu tinha um grande respeito pessoal a D. Duarte e, além do mais, pre- feria sofrer uma derrocada em minha posição, a pressionar, ainda que fosse com a ponta do dedo, a pessoa sagrada de meu liares, quando alguém fizesse alguma menção pouco elogiosa a Arcebispo". 103 E ele tomaria a mesma atitude junto a seus fami-
Pe. Paulo de Tarso, vigário da Paróquia Santa Cecília
respeito do procedimento do Arcebispo.
No dia das eleições 104 Dr. Plinio reuniu-se com os congre- gados marianos que haviam colaborado com ele na campanha, e explicou-lhes sua situação: tanto do ponto de vista de sua car reira política quanto em relação a seus recursos pessoais, o lance era decisivo e a eventual derrota teria consequências definitivas, mas ele se encontrava nas mãos de Nossa Senhora, plenamente
confiante na sua proteção.
Iniciada a apuração, os resultados revelaram que Dr. Pli- nio havia sido o mais votado dos candidatos independentes, mas o número de votos não era suficiente para a eleição. Ao mesmo tempo, começaram a circular na cidade informações concluden- tes sobre irregularidades ocorridas na abertura das urnas, bem
103) Santo do Dia de Sábado, 11/2/1989.
104) As eleições foram realizadas no dia 14 de outubro de 1934.

como declarações de eleitores, provando que em alguns bairros a contagem dos votos havia sido fraudada.
De qualquer modo, as vias da política estavam agora fe- chadas em definitivo para Dr. Plinio, e suas últimas economias haviam sido aplicadas nas despesas da eleição. A nevralgia no- turna, por sua vez, não dava sinais de diminuir em sua frequên-
cia nem em sua intensidade. Para ele o panorama se tornava ainda mais sombrio.
Confiança, inocência e profetismo
"Eram tais os tormentos, que eu só os aguentava len- do O livro da confiança. Havia nascido em mim uma verdadei- ra doutrina da confiança e um modo de viver essa virtude, que me levavam a esperar a solução dos problemas, contra todos os vagalhões",105 recordava Dr. Plinio. Com efeito, muito se acres- centara à sua vida espiritual com as graças recebidas na leitura e meditação do livro do Pe. Thomas de Saint-Laurent, e esse contributo providencial agora o sustentava em meio a tantos in- fortúnios. "Era a única coisa que tornava axiológica a situação
na qual eu me encontrava",10% afirmou.
A confiança tornar-se-ia a característica de seu estado de alma a partir desse período de grandes fracassos e amargas de- cepções, os quais, de fato, sempre seriam coroados por alguma solução, contra toda expectativa. As nevralgias cessaram pouco depois das eleições, de modo inexplicável, e, apesar de sua der- rota eleitoral, as condições financeiras permitiram a Dr. Plinio

105) MNF, 23/3/1989. 106) Chá, 23/4/1991. O termo axiologia fazia parte dos temas de estudo de Dr. Plinio, le- vantados por ele em algumas conversas de caráter teológico e filosófico, as quais se integraram em sua rotina semanal a partir da década de 1950, e se prolongariam até o fim de seus dias. Segundo o conceito por ele definido, a axiologia na alma humana, em especial naqueles a quem Deus chama para uma alta vocação, é a convicção profunda, à maneira de um eixo, em torno da qual gravitam as demais certezas, e que leva a pessoa a acreditar instintivamente no seguinte princípio superior: a ordem das coisas, de si, é essencialmente boa, e os acontecimentos devem tender a um desenlace favorável à virtude e ao bem. Tal "principio axiológico" não é aplicado apenas ao desenvolvimento dos fatos ocorridos na Igreja e na sociedade em geral, mas sobretudo à própria situação pessoal, com suas provações e dificuldades exteriores e interiores.

e seus pais a mudança para uma nova casa na Rua Itacolomi, outras investidas da perseguição e das adversidades, todavia a pequena, mas digna e confortável. Sobre ele ainda desabariam graça da serenidade e da paz de espírito jamais deixariam de as- sisti-lo.
Mais tarde a "doutrina da confiança" se
enriqueceria em
sua alma, e ele compreenderia que as provas de uma via de apa- rentes contradições são particularmente apropriadas àqueles a quem Deus chama para alguma missão especial e, acima de tudo, àqueles aos quais se confere o carisma profético: "O que esmaga o homem que possui uma vocação profética é sentir sua vida transcorrer de modo oposto ao que a graça dizia em sua alma, desmentindo as promessas recebidas. Essa tortura inenar- rável é o preço do profetismo, e deve ser recebida com toda a serenidade" 107
Dessa forma, tendo-lhe sido dada uma missão tão inco- mum, deveria confiar, mais do que ninguém, na realização dos designios de Nossa Senhora a seu respeito, os quais lhe eram muito claros: "Eu não tinha dúvida nenhuma de que Ela deseja- va de mim que eu formasse uma ordem de cavalaria. Portanto, eu deveria crer que, apesar de todos os obstáculos, teria os re- cursos necessários para fundá-la. Desde que vivesse no estado de graça, não cometesse pecado e minha alma fosse progredin- do na virtude, Nossa Senhora faria por meu intermédio aquilo que eu percebia ser a determinação d'Ela. Então compreendi a confiança: consistia em saber interpretar os sinais e manifes- tações da vontade d'Ela. O livro da confiança tomou para mim todo o seu sentido", 108
Por outro lado, após fazer a descoberta da confiança, ele verificaria que a certeza do triunfo sobre todos os dramas, des- mentidos e decepções, produzida em sua alma por essa virtude, era irmã da alegria que a inocência lhe fazia experimentar desde a primeira infância. Uma havia florescido da outra e, assim, am- bas eram mantidas por graças semelhantes, que se confundiam
107) Almoço, 8/4/1984.
108) Palavrinha, 11/2/1990.

na mesma sensibilidade, como ele explicava: "O sentir em mim a inocência abria-me o caminho para compreender que, por cima de todos os óbices, o que a inocência prometera se realizaria. Ela continuava a progredir, robustecida e acrescida, não mais na vida cômoda

e deleitável de um menino a quem tudo favore- cia, mas num ambiente de tempestade. E as incontáveis graças sensíveis que na infância eu recebia, na idade madura foram se transformando. Aquilo que em mim resistia à tentação contra a confiança era uma continuidade do alcandor primitivo, que de modo sucessivo havia tornado o menino inocente em homem de oração, de pensamento e de reflexão, de ação e de luta".

Com efeito, o rumo traçado pela Divina Providência nas vias de Dr. Plinio, e por ele seguido com indefectivel fidelidade, formava agora um imenso arco-íris entre a inocência e a con- fiança, no qual as graças do amanhecer de sua vida eram for- talecidas pelo possante contributo recebido aos vinte e quatro anos, para o qual concorrera de modo especial um pequeno li- vro adquirido às pressas numa sacristia no Rio de Janeiro. Um importante período de sua existência se encerrava sob o signo da confiança sobrenatural, indispensável acréscimo ao edificio de suas virtudes e ao cabedal de suas experiências.

Antes de iniciar a narração de suas próximas lides, porém, torna-se necessário lançar mais um olhar sobre a etapa que ora chega ao seu fim, e dela auferir uma visão de conjunto.

A irradiação do "lumen Christi"

O viajante que percorre a Cidade Eterna e vai aproximan- do-se da imponente massa do Coliseu, pouco antes de chegar tem sua atenção atraída por um dos muros que ladeiam a praça. Ali se encontram quatro enormes mapas em relevo, cujos con- tornos mostram, em fases sucessivas, a expansão das fronteiras do Império Romano. Aqueles traços impressionam o peregrino atento, o qual não deixa de admirar a civilização que assim sou- be se impor sobre tantas raças e povos, alcançando a condição de senhora do mundo.

109) MNF, 28/3/1991.

Porém, Deus, verdadeiro Senhor da História, tia planos sapienciais para toda aquela ampla extensão conquistada. Não há dúvida: o desígnio divino fez com que o crescimen daquele Católica, verdadeira Mãe e Senhora, ela sim, das nações e dos império servisse para nele se difundir com facilidade Religião

povos

De fato, as estradas romanas foram pistas rápidas de após- tolos e missionários, e o mapa do Cristianismo coincidiu durante pela força das legiões. Porém, é justamente neste ponto de nos- muito tempo, em suas linhas gerais, com os limites custodiados sa cogitação que surge a pergunta inevitável: de que forma se va os costumes e as instituições dominantes? O que motivava a iniciou a difusão de uma crença que de tantos modos contraria- propagação dessa Fé, cuja singular novidade a levou aos extre- mos da perseguição? Já sabemos que ela se irradiou através da pregação da Boa-nova. Mas era só a palavra o que convertía as

multidões?

Se ela fosse o elemento essencial, dir-se-ia que a divulga- ção do Evangelho por via escrita teria sido suficiente. Não. De- cididamente, a mera palavra não tem força para produzir tais

Mapas do Império Romano na Via dei Fiori Imperiali, Roma.
Ao lado: mapa indicando
o Império Romano em sua plena expansão

Quis a Providência que os vastos limites do Império Romano servissem para difundir com facilidade o Cristianismo Detalhe do Triunfo de Emilius Paulus, por Carle Vernet- Museu Metropolitano de Arte, Nova York

frutos de entusiasmo, entrega e radical mudança de vida. Lo- go, o que moveu aquela civilização a se converter não foi a pura doutrina. O que foi, então?

"Brilhe vossa luz diante dos homens!" (Mt 5, 16), havia proclamado o Divino Mestre muito antes de ordenar: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho" (Mc 16, 15). Em sua in- falível vontade, Ele acendera na face de seus discípulos uma luz, a própria luz d'Ele, o inefável, indescritível e evidente lu- men Christi. Foi essa luz imponderável que deu autoridade à palavra, tornando-a viva e eficaz. Foi o seu fulgor que atraiu o mundo antigo, converteu multidões, deslumbrou os eleitos, e fez os mártires resplandecerem em miríades como exemplos sublimes, no momento em que eram trucidados e dilacerados. Foi igualmente essa luz que ofuscou e afugentou os fantasmas da idolatria, extasiou os bárbaros e lançou-os aos pés do cruci- fixo, antes de armar os braços de seus descendentes e transfor- má-los em cruzados.

Dan Kamminga (CC BY 2.0

371

372

Juventude: a sabedoria posta à prova

Uma luz oferecida ao Brasil

Parte II

Dr. Plinio, narrada ao longo das presentes páginas, e é por es- Algo análogo pode-se dizer da atuação apostólica de foram mencionados nesta narração os diversos dons com que a se prisma que ele deve ser entendido e admirado. Muitas vezes Divina Providência o cumulou, de modo particular o profetismo

e o discernimento dos espíritos, bem como sua

impressionan-

te eloquência, manifestada em tantas ocasiões quantos discur- sos pronunciou e conversas conduziu. Entretanto, ao fazer uma análise cuidadosa dos episódios dessa quadra de sua vida, perce- be-se que, além desses importantíssimos instrumentos a ele con- cedidos para o cumprimento de sua missão, outras dádivas ain- da mais profundas e significativas, porém impossíveis de serem enumeradas em sua totalidade, existiam em sua alma, as quais poderíamos caracterizar em seu conjunto como reluzimentos

sobrenaturais da inocência.

Sim, a graça batismal brilhava nele de modo místico e ab- solutamente incomum, num conjunto de luzes variadas e cons- tantes, que se refletiam inclusive em seus escritos, mas, sobretu- do, tornavam seus gestos atraentes, suas palavras arrebatadoras, seu porte imponente e sua presença cativante. E a receptividade maior ou menor das pessoas a esse fascínio dependia do grau de recusa que tivessem às solicitações do espírito revolucioná- rio. Era, portanto, uma enorme superioridade, feita para convi- dar a si os que a aceitassem e com ela quisessem colaborar, mas também própria a causar um grande choque com a mentalidade reinante no mundo. E por isso muitos rejeitavam essa luz e a ela se fechavam, enquanto outros a aplaudiam com ardor.

Ora, ele percebia fazer parte de sua missão oferecer ao Brasil, e depois ao mundo inteiro, o encanto desses reluzimentos que Nosso Senhor Jesus Cristo depositara em sua alma e irradia- va através de seu apostolado. Sabia que devia manifestar-se de modo contínuo e

infatigável, mesmo sem obter resultados, até determinado momento em que intercorreria uma ação do Céu, e tal luminosidade seria aceita de forma triunfal e apoteótica.
Capítulo e
A luz brilha nas trevas
O surto do Movimento Católico em São Paulo foi um sin- toma inicial dessa intervenção da Providência, com especiais graças para o Brasil. Com efeito, um importante filão de moços marianos se abriu para a luz de Dr. Plinio, a qual começou, a partir daí, a difundir-se pelo País inteiro. Mas é preciso conside- rar que ele foi o primeiro a se surpreender com tanto êxito, uma vez que contava com o resultado oposto: o apagamento, o ano- nimato e a renúncia a toda e qualquer possibilidade de projeção social, como ele mesmo narrou: "Quando rompi com o mundo e passei a agir enquanto congregado mariano, pensei que me li- quidaria, mas aconteceu o contrário: iniciou-se uma espécie de irradiação em torno de minha pessoa" 110
Por fim, a sua estrepitosa vitória nas eleições para a Assembleia Constituinte veio confirmar que, de fato, essa irra- diação já se difundia em torno dele. E os congregados marianos do estado percebiam, de modo difuso, que o sucesso eleitoral de Dr. Plinio significava uma verdadeira consagração da lide- rança que os arrastava e da luminosidade que eles tanto admi- ravam. Assim, o principal aspecto da epopeia de 1934 não está nas habilidades oratórias que ele apresentou durante sua cam- panha, nem na inteligência com que soube vencer os obstáculos e contornar as dificuldades enquanto deputado. A essência do acontecido naqueles dias é o esplendor dessa luz sobrenatural que dele começava a projetar-se pelas vastidões da nação que o havia elegido.
Nessa fase a tal ponto chegou o entusiasmo da Mocidade Católica a seu respeito, que nem sequer foi afetado pelo fracas- so de sua candidatura extrapartidária, como ele explicava: "In- clusive depois de eu ser derrotado como candidato a deputado, na segunda eleição, essa irradiação de minha pessoa não se alte- rou em nada"."
Entretanto, muito diferentes foram os efeitos desse triun- fo clamoroso da luminosidade nos ambientes frequentados por Dr. Plinio antes de seu ingresso no Movimento Mariano.
110) Conversa de Sábado à Noite, 28/7/1990. 111) Idem.
373

Juventude: a sabedoria posta à prova
Parte II
A atitude da alta sociedade paulista foi inicialmente de desapon- católicas, contra tudo o que se poderia esperar. Em seguida ve- tamento, por ver tal valor florescer nos arraiais das associações rificou-se um grande pasmo, sucedido por ladino oportunismo:
era preciso tirar proveito daquele sucesso.
Ao mesmo tempo, pouco depois de ser eleito ele notou que nos mencionados círculos sociais começava a se generalizar uma singular reação. A maneira da defesa do polvo agredido, que ejeta à sua volta uma tinta escura, era espalhada por alguns a escuridão sobre o fato de sua vitória, na tentativa de sufocar
aquela luz.
"As trevas não conseguiram dominá-la"
Essa é a verdadeira história de Dr. Plinio, enquanto jovem líder mariano e parlamentar católico. Ele apareceu aos olhos de uma nação, não como aquele que iniciava uma brilhantíssi- ma carreira pessoal e mundana, mas como o portador de uma imensa luz, instrumento colocado por Deus em suas mãos para o cumprimento de sua missão junto à opinião pública.

E qual era essa missão, objeto de seu sonho? Acender nos corações o amor a Nossa Senhora e à Santa Igreja Católica Apostólica Romana, levar a sociedade temporal a uma catolici- dade perfeita e propiciar assim a vinda de graças que renovas- sem a face da terra. Diante desse altíssimo desejo ele queimou relações, prestígio e riqueza. Em vista desse anseio ele foi in- compreendido, perseguido, caluniado e traído. Por causa desse ideal ele foi coberto pela tinta escura da inveja, do esquecimen- to e da campanha de silêncio.
Mas qual a importância dessa rejeição da parte dos ho- mens, se ele se manteve fiel à sua própria luz e, vendo-a despre- zada, depositou-a no coração de Deus? O Autor destas páginas tem plena certeza: dia virá em que a humanidade inteira verá o fulgor dessa luz, e reconhecerá a glória de Plinio Corrêa de Oliveira. "A luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram dominá-la" (Jo 1,5). ÷
Dia virá em que a humanidade inteira verá o fulgor dessa luz, e reconhecerá a glória de Plinio Corrêa de Oliveira
Dr. Plinio por ocasião de um evento no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, em meados de 1933

CRONOLOGIA DOS FATOS DA VIDA DE PLINIO CORREA DE OLIVEIRA CONTIDOS NESTE VOLUME
1919
20 de fevereiro-Plinio é matriculado no Colégio São Luís, em São Paulo, e registrado sob o no 109.
1921
21 de junho-Plinio ingressa na Congregação Mariana de Nos- sa Senhora do Bom Conselho, no Colégio São Luís.
1923
13 de dezembro - Ao completar quinze anos, Plinio atinge a maioridade social.
1924
Abril
Plinio é eleito consultor da Congregação Mariana Nossa Senhora do Bom Conselho, do Colégio São Luís. Maio-Falência da Cutelaria Santana, propriedade de Dr. João Paulo Corrêa de Oliveira.
2 de junho - Dr. João Paulo vende oito prédios que possuía (juntamente com Da. Lucilia) nas ruas Santa Ifigênia e General Osório, no centro de São Paulo.
5 de julho
- Início da revolução militar em São Paulo, chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes.
Dezembro - Plinio obtém prêmios e menções honrosas em Re- ligião e Latim, no Colégio São Luís.

1925
Fevereiro-Plinio é matriculado no Liceu Paulistano, dirigido pelo Prof. Camilo Vanzolini, onde estudará durante um ano, em preparação para o exame vestibular prévio a seu ingresso na Faculdade de Direito.
18 de fevereiro - Constituída na França, pelo General Noël- -Marie-Joseph-Édouard de Curières de Castelnau, a Fédération Nationale Catholique.
- Santa Teresinha do Menino Jesus é canonizada 17 de maio pelo Papa Pio XI.
Dezembro - Em Ribeirão Preto, Plinio presta exames no Giná-

sio Otoniel Mota.
11 de dezembro - O Papa Pio XI estabelece a festa de Cristo Rei, a ser celebrada no último domingo de outubro.
25 de março
1926
Plinio é aprovado no exame vestibular, prévio a seu ingresso na Faculdade de Direito.
30 de março
Plinio é matriculado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.
27 de abril-Plinio é inscrito no quadro de funcionários da Se- cretaria da Agricultura, como extranumerário da Dire- toria de Viação (futura Secretaria de Viação).
15 de novembro
Washington Luís Pereira de Sousa é eleito presidente da República do Brasil.
23 de fevereiro
1927
Casamento de Rosée Corrêa de Oliveira, ir- má de Plinio, com Antônio de Castro Magalhães.
-
30 de março Plinio faz sua matrícula para o segundo ano da Faculdade de Direito.
1928
Faculdade de Direito.
Cronolingis
26 de março - Plinio faz sua matrícula para o terceiro ano da Junho-José Ribeiro dos Santos (Reizinho), primo de Plinio,
se afasta definitivamente dele.
Julho (data provável)- Plinio passa a frequentar o Cinema Ro-
ma.
6 de setembro (data provável)- Atravessando de bonde a Pra- ça do Patriarca, Plinio se depara com uma faixa, no ex- terior da Igreja de Santo Antônio, anunciando o Con- gresso da Mocidade Católica.
9 de setembro - Plinio participa da solene inauguração do Con- gresso da Mocidade Católica, na Igreja de São Bento. - Encerramento do Congresso da Mocidade
16 de setembro Católica.
23 de setembro - Plinio se inscreve na Congregação Mariana da Legião de São Pedro, da Paróquia Santa Cecília. Outubro - Plinio discute com um tio sobre a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.
1929
Janeiro - Plinio se inscreve na Linha de Tiro da Faculdade de Direito.
Fevereiro - Iniciam-se para Plinio seis meses de terrível aridez espiritual.
23 de março
Plinio faz sua matrícula para o quarto ano da Faculdade de Direito.
29 de março - Na Sexta-Feira Santa, durante o rito de adoração da Santa Cruz, Plinio formula interiormente um "sim" categórico ao convite de Nosso Senhor Jesus Cristo pa- ra consagrar-se ao serviço da Igreja.

Abril-Plinio inicia seus exercícios militares na Linha de Tiro. 7 de abril - Plinio é recebido como membro pleno da Congre-
gação Mariana de Santa Cecília.
Maio Da. Lucilia viaja a Cambará, para uma temporada na fazenda onde residiam Rosée e seu esposo.
14 de maio-É fundada no Rio de Janeiro a Ação Universitária
Católica (AUC).
16 de maio - O Diário de São Paulo noticia que a Federação das Congregações Marianas resolveu adotar um distin- tivo. Plinio passa a utilizar o distintivo que ostentará por
toda a vida.
Desde Cambará, Da. Lucilia escreve uma carta a Plinio, na qual manifesta apreensão pela situação espiritual dele. 19 de maio (data provável) - Plinio recebe o Sacramento da Confirmação.
Junho (data provável) -Na Igreja de São Francisco, durante a Consagração, na Missa, Plinio recebe uma enorme con- solação, em meio à difícil prova que enfrenta.
7 de junho - D. Domingos de Silos Schelhorn é sagrado abade do Mosteiro de São Bento, cargo que ocupará até seu falecimento, em 1948.
29 de junho -Fundação da Academia Jackson de Figueiredo pelos congregados marianos de Santa Cecília.
19 de julho - Falecimento de Reizinho.
21 de agosto A fim de ser aprovado enquanto membro da Academia Jackson de Figueiredo, Plinio profere seu primeiro discurso, exaltando a figura de Maria Antonie- ta, rainha da França.
29 de agosto
Plinio funda a Ação Universitária Católica em São Paulo.
Cronologia
12 de setembro - Reunião de congregados marianos da Facul- dade de Direito, para tratar sobre a próxima eleição presidencial do Centro Acadêmico Onze de Agosto.
22 de setembro-Plinio é nomeado redator-chefe do mensário O Legionário, cargo que ocupará até dezembro desse mesmo ano. O Legionário publica o primeiro artigo de Plinio, intitulado Uma universidade católica.
9 de novembro - Eleições para o diretório acadêmico da Facul- dade de Direito.
10 de novembro - Segundo artigo de Plinio em O Legionário, intitulado O Vaticano e o Kremlin.
1930
19 de fevereiro - Plinio é empossado como diretor da Acade- mia Jackson de Figueiredo.
26 de março - Plinio faz sua matrícula para o quinto ano da Faculdade de Direito.
29 de junho-Plinio é nomeado representante da AUC junto à Federação das Congregações Marianas.
Outubro-No jornal O AUC é publicado o artigo As Congrega- ções Marianas, da autoria de Plinio.
24 de outubro O Presidente Washington Luís é deposto e preso.
3 de novembro - Getúlio Vargas assume a Presidência da Re- pública.
11 de dezembro - Formatura e Missa no pátio da Faculdade de Direito de São Paulo, celebrada pelo Vigário-Geral da arquidiocese, Mons. Gastão Liberal Pinto, e promovida por Plinio.

382
1931
7 de março - Dr. Plinio é eleito primeiro-secretário da Federação Mariana.
Junho (data provável) - Carta de Dr. Plinio a seu amigo José Pedro Galvão de Souza, com previsões sobre o futuro da Igreja e do mundo.
1932
Junho - Dr. Plinio é acometido pela maior gripe de sua vida. 9 de julho - Eclode a Revolução Constitucionalista em São Paulo, visando derrubar o governo provisório de Getú lio Vargas.
Setembro (data provável)
- Dr. Plinio se submete à cirurgia de extração das amígdalas.
4 de outubro - Fim da Revolução Constitucionalista.
13 de novembro - É oficialmente fundada em São Paulo a Jun- ta Estadual da Liga Eleitoral Católica (LEC), da qual Dr. Plinio é secretário-geral.
1933
Fevereiro - Na qualidade de secretário-geral da LEC, Dr. Pli- nio discursa em Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratin- guetá e Aparecida.
12 de abril - É publicada a lista dos candidatos a deputado de- signados pela Chapa Única por São Paulo Unido, entre os quais figura Dr. Plinio.
26 de maio
3 de maio-Eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. - Reunião dos candidatos da Chapa Única paulis- ta, no prédio do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, a fim de definir sua atuação na futura Consti- tuinte. No dia seguinte, nova reunião é convocada.
Cronologia
21 de junho-O Tribunal Regional da Justiça Eleitoral de São Paulo proclama Plinio Corrêa de Oliveira como o mais votado dos candidatos eleitos.
24 de junho-Outorga dos diplomas aos novos deputados em sessão solene no Palácio do Tribunal de Justiça de São Paulo. Dr. Plinio não comparece ao ato.
7 de novembro - Armando de Sales Oliveira, interventor fede- ral paulista, oferece um banquete aos deputados eleitos no Clube Comercial. Dr. Plinio não comparece.
8 de novembro-Partida oficial dos deputados da Chapa Única para o Rio de Janeiro.
10 de novembro - Banquete de despedida oferecido pela AUC de São Paulo ao Deputado Plinio Corrêa de Oliveira, na Confeitaria Elite.
12 de novembro - A Federação das Congregações Marianas promove homenagem ao Deputado Plinio Corrêa de Oliveira no salão da Cúria Metropolitana.
13 de novembro - Dr. Plinio parte para o Rio de Janeiro, em companhia de sua família.
1934
5 de janeiro-Falecimento de Da. Gabriela Ribeiro dos Santos, avó de Dr. Plinio.
19 de março - Dr. Plinio discursa na 98a Sessão da Assembleia Nacional Constituinte, em homenagem a José de An- chieta, fundador da cidade de São Paulo.
Abril (data provável) - Dr. Plinio e Da. Lucilia abandonam o palacete Ribeiro dos Santos, na Alameda Barão de Li- meira, e mudam sua residência para a Rua Marquês de Itu, n. 124.
16 de julho - Em sessão solene da Câmara dos Deputados é promulgada a nova Constituição do Brasil.
383

4 de outubro - A Mocidade Católica de São Paulo publica um manifesto apresentando a candidatura de Dr. Plinio

ra deputado estadual.
pa-
6 de outubro - Dr. Plinio publica uma circular sobre sua candi- datura em jornais de São Paulo.
14 de outubro - Novas eleições gerais destinadas à constituição do Parlamento, das Assembleias Constituintes dos esta- dos e da Câmara Municipal do Distrito Federal. Dr. Plinio concorre como candidato independente e extrapar- tidário a deputado estadual.

DECLARAÇÃO

Conformando-se com os decretos do Sumo Pontífice Urbano VIII, de 13 de março de 1625 e de 5 de junho de 1631, o Autor desta obra declara não querer antecipar o juízo da Santa Igreja no emprego de palavras ou na apre- ciação dos fatos edificantes que nela são narrados. Em sua intenção, os títulos elogiosos não têm outro sentido senão o ordinário, e em tudo se submete, com filial amor, às decisões da Santa Igreja.

Esta obra contém numerosas citações extraídas do registro de exposições orais de Dr. Plinio, cujo arquivo completo está em posse do Autor. Preci- samente por tratar-se de uma obra dedicada à pessoa e à vida de Dr. Plinio, tais citações são referenciadas sem mencionar seu nome, mas apenas o tipo de exposição e a data em que foi pronunciada.

De modo a facilitar a leitura, algumas dessas transcrições sofreram pe- quenos ajustes para a linguagem escrita sem prévia revisão de Dr. Plinio; sempre, porém, mantendo com fidelidade seu sentido original.

Os diversos diálogos compilados reúnem indistintamente o registro de ex- posições orais de Dr. Plinio e as lembranças do Autor. Por isso, não apre- sentam indicação de fonte.

Os termos Revolução e Contra-Revolução, quando escritos com iniciais maiúsculas e sem referência a algum episódio histórico determinado, são utilizados no sentido que lhes dá Dr. Plinio em seu livro Revolução e Con- tra-Revolução, conforme explicado com detalhes ao longo desta obra. Embora o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa inclua na grafia de hifenização a palavra contrarrevolução e suas derivadas, optou-se por manter a escrita antiga, contra-revolução, da qual procede a sigla RCR, também muito usada por Dr. Plinio, tomada do título do livro Revolução e Contra-Revolução, a fim de haver coerência entre ambas as formas.

Nas citações de textos como cartas, artigos ou livros publicados, a grafia foi adaptada ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

❖ As ilustrações que não apresentam crédito são de autoria desconhecida ou de uso inteiramente livre.

Na presente obra são narrados certos fatos de caráter reservado da vida de Dr. Plinio, dos quais o Autor é testemunha, quer por tê-los presenciado, quer por ter recebido a confidência dos lábios de Dr. Plinio. A este respeito o Autor aqui declara que assim o faz usando de uma faculdade a ele con- cedida pelo próprio Dr. Plinio, ao dizer-lhe repetidas vezes que só revelas- se tais fatos após transcorridos dez anos de sua morte.

Para comunicar graças
recebidas:
E-mail: memorial.dr.plinio@gmail.com
Tel: (11) 2256-9396

Este segundo volume,
Juventude: a sabedoria posta à prova, da obra

O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plinio Corrêa de Oliveira, de autoria de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP,
terminou de ser impresso no dia 15 de junho do Ano do Senhor de 2016, XI aniversário da ordenação presbiteral
do Autor
LAUS DEO VIRGINIQUE MATRI